

**ÉLIDA CRISTINA DE CARVALHO
CASTILHO**

**(RE)PENSANDO SUBJETIVIDADES
MARGINALIZADAS *NO E PELO*
DISCURSO LITERÁRIO DE
GEOVANI MARTINS**

**TRÊS LAGOAS – MS
2022**

**ÉLIDA CRISTINA DE CARVALHO
CASTILHO**

**(RE)PENSANDO SUBJETIVIDADES
MARGINALIZADAS *NO E PELO*
DISCURSO LITERÁRIO DE
GEOVANI MARTINS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento**

**TRÊS LAGOAS – MS
2022**

BANCA EXAMINADORA

**Presidente e orientadora: Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza
Nascimento**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Ângela D. Stübe

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC (Titular)

Prof. Dr. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Titular)

Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Titular)

Profa. Dra. Silvelena Cosmo Dias

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Titular)

Prof. Dra. Fabiana Poças Biondo Araújo

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Suplente Externo)

TRÊS LAGOAS – MS

2022

*À minha família...
meu esposo Ricardo,
meu querido e amado filho, Heitor,
e, também, às minhas companheirinhas (de patinhas) de estudos,
Neginha e Ana*

AGRADECIMENTOS

Sempre, e, em primeiro lugar, a Deus... o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei (Salmo 91: 2).

Aos alunos-leitores, participantes desta pesquisa, com quem tive o grato prazer de ministrar aulas no primeiro ano da turma, de Literatura e Espanhol, e que sempre se mostraram muito mais que alunos, amigos, dispostos a transformar e serem transformados pela educação.

De forma especial à aluna Ingrid Vitória, pela disponibilidade e gentileza para me auxiliar no “contato” com os alunos, ¡muchas gracias!

À toda a comunidade escolar do Instituto Federal de Educação do Estado de São Paulo, *Campus Avaré*, de modo especial, o diretor geral do *campus*, o professor Dr. Sebastião Francelino Cruz.

Ao meu grande amigo, o professor Me. Jean Roveri, quem gentilmente cedeu sua aula para aplicação da atividade com o grupo de alunos, meu companheiro de congressos, de sonhos de uma educação melhor, amigo de/para vida.

À minha querida professora orientadora Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, pela amizade que consolidamos durante todo o processo de construção da dissertação de Mestrado e, agora, da Tese, na certeza de que suas contribuições valorosas à esta pesquisa, não só me permitiram a admirá-la ainda mais, como acadêmica, mas, e, principalmente, como pessoa, amiga, sempre tão paciente, dedicada e gentil.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação. Aos professores que compuseram a banca de defesa: sempre minha admiração acadêmica.

Ao meu esposo, José Ricardo Castilho, pelo incondicional apoio em todos os momentos, sobretudo, os de minhas ausências. Isso é paciência, isso é amor!

Ao meu querido e amado filho, Heitor, pequeno em estatura, gigante no/pelo coração.
Te amooooooooo!

Aos meus pais José e Rosineide e minhas irmãs Elaine e Elen, pelas palavras e mensagens de incentivo e apoio, sobretudo, na compreensão de minhas ausências do convívio familiar.

Ao Programa de Pós-Graduação da UFMS.

Enfim, a todos aqueles que buscam uma sociedade mais justo e plural, em que as possibilidades de outros modos de ver, (com)viver e (re)pensar o outro, sejam pautas em todos os lugares: na escola, em casa, nos plenários do governo... na Literatura, para que outros ângulos e discursos possam significar e ser significados, como me possibilitou/tocou a obra *O Sol na Cabeça*, do carioca Geovani Martins.

A todos, minha sincera gratidão!

*Eu também não acredito que a literatura
possa nos ensinar a viver,
mas as pessoas que têm dúvidas sobre como viver
tendem a recorrer à literatura...*

Judith Butler (s/p)

*A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.
Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.
TUDO NOSSO!*

Sérgio Vaz (*Manifesto da Antropofagia periférica*)

*[...] É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada,
Atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de
energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra
Depois de quinze minutos estar de frente pra um condomínio,
Com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e
Então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis.
É tudo muito próximo e muito distante.
E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros.*

Geovani Martins (*Espiral*)

CARVALHO CASTILHO, Élica Cristina de. *(Re)Pensando subjetividades marginalizadas no e pelo discurso literário de Geovani Martins*. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2022. 198p. (Tese de Doutorado).

Esta pesquisa tem por objetivo discutir como a linguagem do texto literário do escritor Marginal Geovani Martins, em seu primeiro livro de contos, *O Sol na Cabeça* (2018), constrói discursos sobre personagens em cenas cotidianas da favela e como um grupo de alunos-leitores interpretam essas construções discursivas. O texto literário, enquanto construção social (FOUCAULT, 2016a), é capaz de produzir e, sobretudo, reproduzir discursos sobre representações identitárias, que, a depender do sujeito enunciador, pode reafirmar expressões de uma lógica vertical das relações de poder. A partir do pressuposto de que o texto de Geovani Martins, em *O Sol na Cabeça*, perpassado por discursos da alteridade, possibilita outros modos de significar e ser significado da/na construção identitária dos personagens, em face das marcas históricas de representações, formulamos a hipótese de que o olhar desse discurso de alteridade não é apropriado pelo grupo de alunos-leitores, pelo fato deles interpretarem o texto sobre/dos sujeitos/personagens marginalizados, enquanto não constituído histórico e ideologicamente pelo outro, ou seja; compreendem pela lógica da legibilidade (HAROCHE, 1992). Os objetivos específicos são: i) discutir como são construídas as representações de si – dos jovens personagens e do outro/morador do *asfalto*; ii) analisar como um grupo de alunos significa, pelo olhar do outro e pelo olhar de si, as representações subjetivas dos personagens da obra e, iii) compreender/interpretar as formações discursivas nos dizeres da obra e nas produções dos alunos, que incidem sobre a constituição identitária de personagens/sujeitos marginalizados e os possíveis efeitos de sentido dessas representações. Como perguntas de pesquisa, perpassamos por: a) Como se vê e é visto, nas produções literárias Marginais contemporâneas, os personagens marginalizados e que discursos atravessam o seu dizer? b) Quais estratégias linguístico-discursivas utilizam, tanto na linguagem da obra quanto nas produções escritas dos alunos, para interpretar como é construída a constituição identitária dos personagens, em face das marcas clássicas de representações? c) De que modo as representações identitárias dos sujeitos/personagens marginalizados, materializadas nas produções escritas dos alunos, desloca sentidos para o processo de subjetivação desses alunos-leitores? O aporte teórico parte da Linguística Aplicada, ancorada na perspectiva dos estudos da crítica discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2003, 2007, 2010), que no e pelos estudos do discurso, na articulação entre o pensamento de Foucault, Derrida e Lacan, fornece subsídios para compreendermos as noções de linguagem, subjetividade e discurso que permitem a sustentação da temática da tese. Construído em dois momentos diferentes mas, que se imbricam, o *corpus* constitui-se do conjunto de enunciados dos treze contos de Geovani Martins, na obra *O Sol na Cabeça* e pelas leituras/interpretações escritas desses contos por alunos-leitores, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio Integrado ao curso de Mecatrônica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, *campus* Avaré. Enquanto resultado, notamos que a construção identitária dos personagens, são assinaladas, na obra, por discursos de alteridade, que (re)conhecem na coletividade das situações narradas/vivenciadas, as singularidades na diferença. Embora, nem todos os alunos-leitores tenham interpretado esses discursos, àqueles que, de certa forma, aproximaram-se deles, demonstram que, ainda, há muito o que se percorrer, mas os passos estão sendo dados.

Palavras-chave: 1. Análise do Discurso; 2. Texto Literário; 3. Personagens Marginalizados; 4. Subjetividades; 5. Escrita de alunos.

CARVALHO CASTILHO, Élida Cristina de. *(Re)Pensando subjetividades marginadas en y por discurso literario de Geovani Martins*. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2022. 198p. (Tese de Doutorado).

Esta investigación tiene como objetivo discutir cómo el lenguaje del texto literario del escritor Marginal Geovani Martins, en su primer libro de cuentos, *O Sol na Cabeça* (2018), construye discursos sobre personajes en escenas cotidianas de la favela y cómo un grupo de los estudiantes-lectores interpretan estas construcciones discursivas. El texto literario, como construcción social (FOUCAULT, 2016a), es capaz de producir y, sobre todo, reproducir discursos sobre representaciones identitarias que, dependiendo del sujeto enunciante, pueden reafirmar expresiones de una lógica vertical de relaciones de poder. A partir del supuesto de que el texto de Geovani Martins, en *O Sol na Cabeça*, permeado por discursos de alteridad, habilita otras formas de significar y ser significados por/en la construcción identitaria de los personajes, frente a las marcas históricas de las representaciones, formulamos la hipótesis de que la visión de este discurso de la alteridad no es apropiada por el grupo de estudiantes-lectores, porque interpretan el texto sobre/de sujetos/personajes marginados, mientras no constituidos histórica e ideológicamente por el otro, es decir; entienden a través de la lógica de la legibilidad (HAROCHE, 1992). Los objetivos específicos son: i) discutir cómo se construyen las representaciones del yo – de los personajes jóvenes y del otro/habitante del asfalto; ii) analizar cómo un grupo de estudiantes entiende, a través de los ojos del otro y de sí mismos, las representaciones subjetivas de los personajes de la obra y, iii) comprender/interpretar las formaciones discursivas en las palabras de la obra y en las producciones de los estudiantes, que inciden en la constitución identitaria de personajes/sujetos marginados y los posibles efectos de sentido de esas representaciones. Como preguntas de investigación transitamos por: a) ¿Cómo son vistos y vistos los personajes marginados en las producciones literarias marginales contemporáneas y qué discursos atraviesan su decir? b) ¿Qué estrategias lingüístico-discursivas utilizan, tanto en el lenguaje de la obra como en las producciones escritas de los estudiantes, para interpretar cómo se construye la constitución identitaria de los personajes, frente a las marcas clásicas de las representaciones? c) ¿Cómo las representaciones identitarias de sujetos/personajes marginados, materializadas en las producciones escritas de los estudiantes, trasladan significados al proceso de subjetivación de estos estudiantes-lectores? El aporte teórico parte de la Lingüística Aplicada, anclado en la perspectiva de los estudios de crítica discursivo-deconstructiva (CORACINI, 2003, 2007, 2010), que en y a través de los estudios del discurso, en la articulación entre el pensamiento de Foucault, Derrida y Lacan, brinda subsidios para comprender las nociones de lenguaje, subjetividad y discurso que permitan sustentar el tema de la tesis. Construido en dos momentos diferentes pero superpuestos, el corpus está compuesto por el conjunto de declaraciones de los trece cuentos de Geovani Martins, en la obra *O Sol na Cabeça* y por las lecturas/interpretaciones escritas de estos cuentos por estudiantes-lectores de tercer año. Estudiantes de Enseñanza Media Integrada a la carrera de Mecatrónica en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Estado de São Paulo, *campus Avaré*. Como resultado, notamos que la construcción identitaria de los personajes está marcada, en la obra, por discursos de alteridad, que (re)conocen en la colectividad de situaciones narradas/vivenciadas, las singularidades en la diferencia. Si bien no todos los estudiantes-lectores han interpretado estos discursos, quienes, de alguna manera, se acercaron a ellos, demuestran que aún queda mucho por recorrer, pero se están dando pasos.

Palavras-chave: 1. Análisis del Discurso; 2. Texto Literario; 3. Personajes Marginados; 4. Subjetividades; 5. Escrita de alumnos.

ORIENTAÇÃO PARA A SEQUÊNCIA DISCURSIVA: *CORPUS* DOS ALUNOS

Para orientar o modo como o *corpus* formado pelas produções escritas dos alunos aparece e é constituído na tese, apresentamos, no final de cada recorte, entre parênteses, o nome do conto lido/interpretado pelo aluno. A letra A, após cada nome do conto, refere-se a aluno-leitor e os números que acompanham essas letras, de 1 a 27, fazem referência ao número de alunos-leitores que participaram da pesquisa, considerando a ordem com que os contos aparecem na obra.

Exemplificamos na sequência:

Rolézim.....(*Rolézim*, A1) (*Rolézim*, A2)

Espiral.....(*Espiral*, A3) (*Espiral*, A4)

Roleta-russa.....(*Roleta-russa*, A5) (*Roleta-russa*, A6)

O caso da borboleta.....(*O caso da borboleta*, A7) (*O caso da borboleta*, A8)

A história do Periquito e do Macaco..... (*A história do Periquito e do Macaco*, A9) (*A história do Periquito e do Macaco*, A10) (*A história do Periquito e do Macaco*, A11)

Primeiro dia.....(*Primeiro dia*, A12) (*Primeiro dia*, A13)

Rabisco.....(*Rabisco*, A14) (*Rabisco*, A15)

A viagem.....(*A viagem*, A16)

Estação Padre Miguel.....(*Estação Padre Miguel*, A17)
(*Estação Padre Miguel*, A18)

O cego.....(*O cego*, A19) (*O cego*, A20)

O mistério da vila.....(*O mistério da vila*, A21) (*O mistério da vila*, A22)

Sextou.....(*Sextou*, A23) (*Sextou*, A24)

Travessia.....(*Travessia*, A25) (*Travessia*, A26) (*Travessia*, A27)

FIGURA

FIGURA 1: Capa e contracapa do livro *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins.....37

ANEXOS

ANEXO A: Conto <i>Rolézim</i>	171
ANEXO B: Geovani Martins nas/pelas lentes das mídias.....	178
ANEXO C: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	179
ANEXO D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	181
ANEXO E: Slides utilizados no momento de interação virtual: A Literatura Contemporânea Brasileira: um olhar sobre a Literatura Marginal.....	183
ANEXO F: <i>Print</i> do momento de interação virtual.....	187
ANEXO G: Instrumento para constituição de <i>corpus</i>	188

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DOS SENTIDOS ..39	
1.1. As condições de produção na constituição de sentidos: <i>O Sol na Cabeça</i> , de Geovani Martins.....	39
1.2. As condições de produção na constituição de sentidos: o grupo de alunos-leitores.....	58
2. O TEXTO LITERÁRIO NO/PELO OLHAR DISCURSIVO	67
2.1. Literatura e(é) discurso: discurso e(é) poder.....	67
2.2. A emergência de outras vozes na literatura Brasileira: os efeitos de sentido de sentir-se <i>Marginal</i>	75
3. PERSPECTIVA DISCURSIVO-DESCONSTRUTIVA: linguagem, discurso e subjetividade	92
3.1. A perspectiva discursivo-desconstrutiva: <i>um</i> gesto de leitura.....	92
3.2. Sujeitos e subjetividades na/pela abordagem discursivo-desconstrutiva: os (per)curtos de um sujeito de/pela linguagem.....	96
3.3. As condições de uma investigação discursivo-literária.....	101
3.4. O dispositivo analítico da perspectiva discursivo-desconstrutiva: a constituição e interpretação do <i>corpus</i>	106
4. DO OBJETO NARRATIVO AO OBJETO DISCURSIVO: O olhar de si e do outro na constituição do sujeito-personagem marginalizado: um gesto de leitura	118
4.1. Subjetividades marginalizadas <i>na</i> obra: <i>o olhar de si e do outro</i>	118
4.2. Subjetividades marginalizadas <i>sobre</i> a obra: <i>o olhar sobre o outro e sobre si</i>	137
(IN)CONCLUSÕES.....	157

REFERÊNCIAS.....	163
ANEXOS.....	171
MEMORIAL DESCRITIVO.....	189

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, abordamos sobre as construções identitárias de personagens marginalizados no e pelo discurso literário. Com foco no fator discursivo, que entende a língua(gem) em funcionamento, operando efeitos de sentido, não visamos determinar unidades de leitura para a temática abordada que, cada vez, possui representatividade e lugares de fala, mas “na arena de “embates” de significados de nossa linguagem” (PINTO & FABRÍCIO, 2013, p.17, grifos das autoras), refletir sobre o papel das práticas discursivas na criação, manutenção e, sobretudo, na transformação de processos de exclusão no e pelo discurso (literário).

Antes, porém, trago¹, um pouco dos caminhos incertos e/ou tortuosos que me instigaram a transpor de um lugar fixo, seja profissionalmente – a exoneração de um concurso público em que me *via totalmente realizada* (estado de completude, hoje reconheço que não é bem assim! Agradeço as leituras da professora Coracini²), para (re)começar em outro desafio, na qual, eu acreditava não estar preparada – docente efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Paulo, na rede pública federal, seja, na vida pessoal e acadêmica, viajar longos 600 km, semanalmente, “deixar” família e, agora, mais que nunca, retornar à Academia.

Passada a ansiedade e os medos iniciais diante do novo cargo, comecei minha trajetória no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, *campus* Avaré, como professora de Educação básica, Técnica e Tecnológica

¹O uso da primeira pessoa em alguns momentos da tese, sobretudo, na introdução e nas explanações sobre procedimentos teórico-metodológicos para constituição e interpretação do *corpus*, item 3.4., encontra respaldo no papel do pesquisador nos estudos de natureza discursiva e interpretativa, devido, sobretudo, à natureza constitutiva do sujeito, ou seja, sua singularidade e subjetividade. Cito Dias (2016, p. 17-18): “O analista, imerso em uma temporalidade histórica, social e ideológica, está mergulhado “no desejo de representar a totalidade” de sua pesquisa, mas, no mesmo instante, “mostra-se a falta; no desejo de dar tudo a ver [...]; vemos o que pensamos não ver e não vemos o que cremos ver”. Assim, concordamos que o que para nós se “apresenta como real não passa de interpretação ou representação que torna visível o que é invisível e invisibiliza o que parece visível” (CORACINI, 2005, p. 27)”.

Uma nota sobre as notas de rodapé: ao longo desta tese, são apresentadas um número considerável de notas de rodapé, justifico-as, na heterogeneidade constitutiva e mostrada no meu dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998), que ao recorrer à tantas glosas, atesta, “a realidade enunciativa do não-UM do sentido”. “Essas formas marcadas que mostram o lugar do outro de forma unívoca”, de acordo com Authier-Revuz (1998, p. 36), possibilita que o sujeito possa interagir com seus interlocutores por meio do que a autora define como sendo a heterogeneidade mostrada da palavra, um trabalho interpretativo que manifesta, ainda de acordo como pensamento teórico metaenunciativo de Authier-Revuz (1998, p. 30, grifos da autora) “este *esforço* que o enunciador deverá fazer para tratar – suprimir ou acolher, segundo o caso – estes *outros sentidos* que não *dormem*, mas *existem*, não *abolidos* pelo contexto, em um ponto X do dizer”.

² Principal referência da perspectiva discursivo-desconstrutiva, teoria que respalda esta tese. Referências das obras, na parte de Referências.

(EBTT), na vaga de língua portuguesa e espanhol³. Não demorou muito para eu perceber, a certeza da escolha (mais uma vez a completude, atravessando-me inconscientemente), sobretudo, pelo ambiente de trabalho e as condições oferecidas para toda a comunidade escolar, diferentes, até então, das instituições em que já tinha trabalhado, como carga horária compatível com hora/aula; atendimento ao aluno em horários diferenciados, grupos de pesquisa, participação estudantil em projetos de ensino, de pesquisa e extensão, acompanhamento escolar, supervisionado por equipe multiprofissional, com pedagogos, assistente social, psicóloga, dentre outros diferenciais.

A valorização e o estímulo à capacitação profissional docente, também, (é) foi um diferencial, para esse meu estado de certezas e motivações profissionais. Formado, em sua maioria, por mestre e doutores, (re)pensei a época (tantas vezes, estressante) do Mestrado – olhares tortos de amigos de profissão, de direção que, algumas vezes, questionavam: *Mestrado, pra quê???* E, percebi que ali, a indagação, poderia e era outra: *Doutorado, por que não?* Assim que, com estudos, estudos, estudos, provas, entrevistas, projeto... estava matriculada no Doutorado e disposta a (per)seguir uma velha paixão: unir dois “amores” acadêmicos e profissionais – os estudos discursivos e o texto literário.

Meu interesse, na Academia (e não só nela, também, na minha profissão, nas minhas relações sociais, na minha maneira de *ler o mundo*) por temáticas que buscam compreender outras formas de inteligibilidade e sentido para a constituição de sujeitos, na relação com a linguagem e com o discurso, teve origem, de maneira mais fundamentada, no meu projeto de mestrado⁴, no interesse, à época, de investigar a relação histórico-cultural que permeava os discursos de alunos sul-mato-grossenses de língua espanhola, em contextos de aprendizagem de vulnerabilidade social, em face da singularidade de representações discursivas negativas quanto à aprendizagem do idioma no estado que, pela singularidade fronteiriça, tende a significar a aprendizagem do idioma (re)negando-a, sempre que possível.

No mestrado, o contato com as teorias discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2003, 2007, 2010, 2010a), proporcionaram-se indagações, desestabilizações pessoais e

³Desde 2016, ano de ingresso no serviço público federal, trabalho no *campus* Avaré. Após meu período de afastamento para capacitação *strictu sensu*, a pedido particular de remoção, comecei a trabalhar no *campus* Catanduva, cidade mais próxima de minha residência familiar.

⁴*Olhar discursivo sobre língua e sujeito: alunos de língua espanhola do Mato Grosso do Sul*, defendida na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, no ano de 2016.

profissionais acerca do “mundo social e pedagogicamente estabilizado, regulado” do qual minha postura tanto docente quanto cidadã pertenciam, uma vez que, me deixaram entrever que a relação com a linguagem tem uma dimensão que escapa ao controle, à intenção...

Além de minha formação e atuação profissional⁵, a escolha, nesta tese, de um texto literário decorre, também, de minha relação afetiva com textos de literatura, sobretudo, de escritores contemporâneos e o modo como suas linguagens, entre a oralidade e a escrita, narram e produzem discursos sobre questões atuais (e nem tanto). Assim que, quando, em meados de março de 2018, em uma de minhas pesquisas pela Internet sobre obras literárias contemporâneas, para o preparo de aulas, deparei-me com a notícia da chegada, naquele mês, de um novo fenômeno literário⁶ e ao ler sobre as temáticas, condições de enunciação que compunham a obra e o primeiro conto, *Rolézim*, disponível na íntegra no site da editora responsável pela obra, tratei “logo” de adquiri-la, esperando, para isso, quase dois meses para tê-la em mãos⁷.

De imediato, a leitura dos contos provocou-me muitos momentos de reflexão sobre a força discursiva e problematizadora como cada conto tratava os temas, os conflitos envolvendo os jovens (personagens) de periferias e, por essa visão crítica das relações socializadas e, sobretudo, pela crítica “nas relações de si para consigo” (de mim para comigo), ao passar por meu corpo (FOUCAULT, 2010), constituiu-se meu *corpus*. Investigar como essa obra, também, possibilitaria momentos de reflexão sobre o discurso literário e sobre os sujeitos/personagens marginalizados, em sala de aula, passou a constituir-me um questionamento e, diante dessa inquietação, analisar como um grupo de alunos interpretariam as construções discursivas sobre os personagens marginalizados na/pela obra, outro momento enunciativo de constituição e interpretação do *corpus*.

⁵ No *campus* Avaré, o componente curricular de Língua Portuguesa e Literatura “divide-se” em Gramática e Redação e Literatura, sendo 02h/a para cada “frente” e, coube a mim, ministrar, a meu pedido, essas aulas, na maioria das turmas do Ensino Médio. No Ensino Superior, curso de Letras Português/Espanhol os componentes curriculares de Teoria Literária e Crítica Literária, também, foram as principais disciplinas de meu plano individual de trabalho docente (PIT).

⁶ A questão dessa adjetivação e de outros aspectos relacionados “à cadeia editorial autorizada à enunciá-la” (LINHARES, 2020), são discutidos no capítulo 01, das condições de produção da obra.

⁷ Sucesso editorial, vendeu só na primeira semana mais de 2000 cópias. Martins é nova aposta do mercado editorial brasileiro. Jornal Correio Brasiliense, Brasília, 10 de mar. de 2018. Seção Diversão e Arte. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/10/interna_diversao_arte.665082/geovani-martins-o-sol-na-cabeca.shtml> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

Na academia, os estudos sobre discursos e subjetividades, nas mais diversas áreas do conhecimento, constituem hoje, um importante mecanismo para se pensar os sujeitos contemporâneos, sobretudo, em suas diferenças. Cada vez mais distantes das concepções de sujeito que se confundem com homem, ser humano, indivíduo, por uma visão racional e ontológica, essas pesquisas, principalmente, as que se filiam à perspectiva discursiva, questionam essa posição de origem, de detenção do saber, da verdade e do poder, dos sujeitos, entendidos como sujeitos de/pela linguagem (CORACINI, 2005) e da história e que, por isso, não é origem em si mesmo.

O texto literário, enquanto construção social (FOUCAULT, 2016a), é capaz de produzir e, sobretudo, reproduzir discursos sobre representações identitárias, que, a depender do sujeito enunciador, pode reafirmar expressões de uma lógica vertical das nossas relações de poder. A partir do pressuposto de que o texto de Geovani Martins, em *O Sol na Cabeça*, perpassado por discursos da alteridade, possibilita outros modos de significar e ser significado da/na construção identitária dos personagens, em face de marcas clássicas de representações, formulamos a hipótese de que o olhar desse discurso de alteridade não é apropriado pelo grupo de alunos-leitores, pelo fato deles interpretarem o texto sobre/dos sujeitos/personagens marginalizados, enquanto não constituído histórico e ideologicamente pelo outro, ou seja; compreendem pela lógica da legibilidade (HAROCHE, 1992).

Os objetivos específicos são: i) discutir como são construídas as representações de si – dos jovens personagens e do outro/morador do *asfalto*; ii) analisar como um grupo de alunos significa, pelo olhar do outro e pelo olhar de si, as representações subjetivas dos personagens da obra e, iii) compreender/interpretar as formações discursivas nos dizeres da obra e nas produções dos alunos, que incidem sobre a constituição identitária de personagens/sujeitos marginalizados e os possíveis efeitos de sentido dessas formações. Como perguntas de pesquisa, perpassamos por: a) Como se vê e é visto, nas produções literárias Marginais contemporâneas, os personagens marginalizados e que discursos atravessam o seu dizer? b) Quais estratégias linguístico-discursivas utilizam, tanto na linguagem da obra quanto nas produções escritas dos alunos, para interpretar como é construída a constituição identitária dos personagens, em face das marcas clássicas de representações? c) De que modo as representações identitárias dos sujeitos/personagens marginalizados, materializadas nas produções escritas dos alunos, desloca sentidos para o processo de subjetivação desses alunos-leitores?

Marginalizados são, nesta tese, entendidos, em sentido amplo, conforme Dalcastagnè (2007, p. 20), em consonância com a cientista política Melissa Williams⁸, “como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério”. Também compreende o sentido que o termo *marginal*, caracteriza e intitula, a autodenominada *literatura Marginal⁹ contemporânea* que, segundo Patrocínio (2016, p. 149), diz-se de “um número expressivo de autores que utilizam o termo marginal como signo identitário e buscam expressar o cotidiano de territórios periféricos a partir de uma escrita fortemente marcada por um teor testemunhal e pela estética realista”.

Termos como “excluídos, personagens obscuros, vidas infames” (FOUCAULT [1977], 2003) e “vidas precárias” (BUTLER, 2006), também são utilizados para indicar os personagens e as condições de vulnerabilidade desses sujeitos, “deixados pelo caminho pelo sistema econômico, político, cultural, social, religioso, étnico, ideológico etc” (LÉVINAS [1961], 2002, p. 58).

Assim, mais que “deixar vazar aqueles discursos para que falem por si” (FOUCAULT, 2003, s/p), ou seja, buscar entender como o processo de construção discursivo-subjetivo da obra (inter)ferir ou não na leitura dos alunos que, supostamente, constrói discursos sobre esses personagens (in)fames da história (FOUCAULT, 2003), em modos de objetivação sócio-histórica, *ocorpus*, tomado em dois momentos enunciativos que se atravessam, é constituído pelo conjunto de enunciados dos treze contos da obra *O Sol na Cabeça* e as interpretações escritas desses contos, por um grupo de vinte e sete alunos-leitores, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de um Instituição Pública Federal paulista, coletadas por meio da leitura e interpretação desses contos.

No *corpus* formado pela obra, a análise foi feita a partir da leitura dos treze contos pela pesquisadora. De início, identifiquei as principais temáticas da obra que de

⁸ Para uma discussão do conceito, ver WILLIAMS, M. *Voice, trust, and memory. marginalized groups and the failings of liberal representation*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

⁹ Nesta tese, grafamos, sempre, com maiúscula o termo Marginal para referirmos aos textos literários produzidos por escritores que utilizam o termo marginal como signo identitário e buscam expressar o cotidiano de territórios periférico. Propondo um lugar discursivo próprio de identidade na alteridade, optamos, nesta tese, pela utilização do termo “literatura Marginal” (FERRÉZ, 2001, 2005; PATROCÍNIO, 2013), como corresponde a outras denominações como “periférica”, “marginal-periférica” (PATROCÍNIO, 2016, NASCIMENTO, 2006), “literatura suburbana”, “literatura das quebradas”, “litera-rua”, “literatura divergente” (NASCIMENTO, 2019). Maior discussão sobre o assunto foi abordada no capítulo 2.

modo geral, centram-se em: preconceitos, exclusões e racismo estrutural; consumo de drogas, falta de apoio do poder público, invisibilidades sociais e “enfrentamentos” com a polícia. Na sequência, levando em consideração as condições de emergência da obra – autoria e territorialidade Marginais, analisei como os discursos, no/por esse *lócus* enunciativo, contribuem para a construção identitário-discursiva dos personagens, em face desses temas, não no nível da descrição, mas e, sobretudo, no nível da inscrição discursiva, ou seja, nas regularidades enunciativas que apontam para formações discursivas que, sobremaneira, questionam representações identitárias de sujeitos e culturas periféricas.

Após a identificação das principais temáticas da obra, que giram em torno das aventuras e desventuras de crianças e jovens, moradores de comunidades que, no trânsito de suas vidas, enfrentam, em sua realidade cotidiana, violências, de muitas ordens, selecionei treze (13) recortes para análise, apresentados e numerados, por sua regularidade e dispersão, de acordo com a discussão sobre preconceitos, exclusões e racismo estrutural; consumo de drogas, falta de apoio do poder público, invisibilidades sociais e “enfrentamentos” com a polícia e que ecoa no imbricamento do olhar de si e do outro, na construção de subjetividades.

Na constituição do *corpus* formado pelas produções escritas dos alunos, dada a necessidade do ensino remoto, em todo o mundo, em decorrência da epidemia de COVID-19¹⁰, que se disseminou em proporção de contágio muito grandes, nos primeiros meses de 2020, a exposição da obra, as características centrais da literatura Marginal, bem como os procedimentos de elucidação dos objetivos da pesquisa e dos termos obrigatórios de consentimento e assentimento, foram todos realizados, em formato virtual, via plataforma institucional Moodle, no encontro síncrono, na aula de Língua Portuguesa e Literatura, no dia 20 de agosto de 2020¹¹, gentilmente, cedida pelo professor da turma, o Me. Jean Roveri.

Conforme o plano de trabalho docente, os alunos estavam estudando sobre a importância e principais legados da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922. A partir, dessa contextualização, abordou-se o quanto essa irrupção temática, estilística e cultural de nossas artes, ainda, mantém grande ligação com aquilo que consideramos moderno hoje e passível de ressignificações e transformações, enquanto bem simbólico

¹⁰As aulas presenciais, além de outras importantes medidas sanitárias de distanciamento social, foram, por força de emergência de saúde, suspensas em todo o território nacional.

¹¹*Print* do momento de interação virtual, ANEXO F, página 187.

e cultural. Diante dessa contextualização, foi realizada uma breve exposição das particularidades do projeto ético e estético da literatura Marginal contemporânea¹², para que pudessem compreender, mesmo que de maneira breve, como essa rubrica significa suas produções, seus discursos, suas vozes e outros enquadramentos para os temas que narram.

Terminado o encontro síncrono, os contos e a folha/instrumento de constituição de *corpus*¹³ foram enviados aos alunos e, incentivados pelo enunciado: *Após a leitura individual e/ou coletiva do conto selecionado, rediga um breve texto sobre suas interpretações e reflexões sobre a construção identitária dos personagens principais do conto lido*, os alunos, produziram suas interpretações escritas sobre os contos lidos.

Como o encerramento do bimestre se aproximava, o professor sugeriu que essa atividade ficasse como uma das atividades avaliativas que comporiam a nota do bimestre. Entretanto, vale ressaltar que, embora o professor tornasse a entrega da atividade para o cômputo final da nota bimestral, os alunos não eram obrigados a participar da pesquisa; aqueles que quisessem contribuir avisariam ao professor, no momento da “entrega” (virtual) da atividade, além de assinar, eletronicamente, os termos de assentimento e consentimento. Dos trinta alunos presentes à aula, apenas três alunos não entregaram a atividade e nem assinaram eletronicamente os termos.

Optamos por não utilizar um procedimento mais criterioso de seleção, dada à faixa etária dos informantes de pesquisa – adolescentes, que tendem a ser bem sucintos e evasivos, quando não se sentem à vontade e/ou obrigados diante de alguma situação.

Depois de 15 dias, as atividades foram entregues ao professor, via sala de aula virtual do grupo e encaminhadas, em formato ZIP, à pesquisadora. Por meio do sistema SUAP – Sistema Unificado de Administração Pública que compartilha, cria e permite a leitura de documentos, processos, dentre outros procedimentos de toda comunidade IFSP foram enviados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento, para cada aluno da turma, através da matrícula SUAP, que após a leitura e ciência do aluno/responsável foram reenviados com assinatura digital¹⁴.

Para dar conta do funcionamento discursivo sobre como a linguagem do texto literário do escritor Marginal Geovani Martins, nos contos reunidos na obra, constrói discursos sobre personagens em cenas cotidianas da favela e como um grupo de alunos-

¹²Slides utilizados no momento de interação virtual: A Literatura Contemporânea Brasileira: um olhar sobre a Literatura Marginal. ANEXO E, página 183.

¹³ Conforme se pode visualizar no ANEXO G, página 188.

¹⁴ Exemplos desses documentos encontram-se nos Anexos C e D, páginas 179 e 181.

leitores interpretam essas construções discursivas, a análise é pautada em excertos escolhidos da materialidade linguística, observadas, no nível do intradiscorso, do texto e das produções dos alunos, e que apontam para propriedades discursivas no interdiscorso. Com o objetivo de saber como os elementos linguístico-discursivos da/pela obra, opera efeitos de sentido, sobretudo, de discursos de alteridade, sobre a construção identitária dos sujeitos/personagens nos discursos produzidos.

A análise empreendida encontra respaldo teórico-metodológico na perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2007, 2010) que, no âmbito dos estudos do discurso, articula no pensamento de Michel Foucault, Jacques Derrida e Jacques Lacan, problematizações do pensamento logocêntrico-cartesiano, sobretudo, no que diz respeito, à linguagem, aos discursos e às subjetividades. Sendo uma análise discursiva e interpretativa, permite-nos compreender e problematizar os possíveis efeitos de sentido que emergem dos recortes selecionados, “que não se localizam em quem o pretende produzir nem em quem o já tem produzido; [...] se materializa entre esses dois momentos” (SILVA & ARAÚJO, 2017, p. 22).

As contribuições filosóficas, para além da compreensão ontológica do ser, propostas por Lévinas (1997; 2002) e Butler (2006), também aqui se fazem presentes, bem como os estudos de crítica da literatura Marginal contemporânea brasileira (DALCASTAGNÉ, 2017; PATROCÍNIO, 2013; FERRÉZ, 2005, NASCIMENTO, 2006, 2019), importantes constructos teóricos que, na análise das condições de funcionamento dessas práticas discursivas (FOUCAULT, 1987), somaram-se aos nossos gestos de leitura.

O livro de Geovani Martins, lançado em março de 2018, pela editora Companhia das Letras, foi a obra de projeção do autor para o grande público nacional. Ganhou grande visibilidade, em decorrência de diversos fatores¹⁵, sobretudo, por retratar, em seus treze contos, conforme, assina a orelha do livro, o escritor Antonio Prata (2018) “a infância e adolescência de moradores das favelas cariocas como jamais foram retratados”. Morador da favela da Rocinha, tendo nascido em Bangu e também morado no Vidigal, já era figura conhecida da programação e oficinas da FLUP – Feira Literária

¹⁵ A questão da visibilidade da obra, sobretudo, editorial e midiática, foi melhor discutida no capítulo 1, mais, especificamente, no item 1.1 sobre as condições de produção da obra e “as mudanças empíricas observadas, nas duas últimas décadas, acerca dos produtos e projetos com a marca da periferia” (NASCIMENTO, 2019, p. 15).

das Periferias (CUNHA, 2019) e, por passagens na, também, prestigiada FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty¹⁶.

O Sol na Cabeça vendeu, só na primeira semana, 2000 exemplares¹⁷. Junto com os escritores Bianca Santana e João Paulo Cuenca, representou o Brasil na Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha, em 2018¹⁸ e, segundo o site do jornal *El País Brasil*, em setembro de 2019, já ultrapassava a marca de mais de 50.000 livros vendidos. Em agosto de 2021, no site *Amazon.com*, a obra, de avaliação 5 estrelas, ocupava a posição de número 107 em Contos Literatura e Ficção, totalizando mais de 479 obras comercializadas¹⁹.

Além do sucesso editorial, a obra, também é marcada por um sucesso de crítica, principalmente, acerca das condições de produção que influem, significativamente, no discurso produzido. Embora, essa mesma crítica não se comporte de maneira uníssona, ao opinar sobre o porquê da repercussão do livro e suas relações com o mercado editorial (CUNHA, 2019; LINHARES, 2020), conforme, discutimos no capítulo dois, os aspectos relacionados à produção do texto de Martins é matéria relevante quanto à crítica à diversificação do discurso literário porque, sendo ator dos espaços retratados, vivencia situações de marginalidade que contribuem para os efeitos de sentido que a experiência de outro ângulo pode proporcionar na gradativa (trans)formação desse espaço periférico.

A escolha do título, sob o respaldo teórico-discursivo que nos ancoramos, opera sentidos não só alusivos ao clima quente da cidade do Rio de Janeiro, seja pela presença do calor insuportável que conduz e parece influenciar as ações dos personagens, como

¹⁶ Em 2015, Geovani Martins participou, como convidado, para apresentar a revista Setor X, produção realizada conjuntamente com amigos entre as comunidades da Rocinha, Mangueiras e Complexo do Alemão. A partir deste momento, decide se dedicar mais rigorosamente ao trabalho da escrita, pensando em estar preparado para mostrar seus textos em caso de uma nova oportunidade como a da Flip. “Na época, eu não tinha um trabalho pronto para mostrar, não tinha nem mesmo um projeto em andamento, e isso me fez sair de Paraty com a determinação de que, quando aparecesse outra oportunidade, estaria preparado” (CUNHA, 2019, p. 11).

¹⁷ Geovani Martins é nova aposta do mercado editorial brasileiro. *Jornal Correio Brasiliense*, Brasília, 10 de mar. de 2018. Seção Diversão e Arte. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/10/interna_diversao_arte.665082/geovani-martins-o-sol-na-cabeça.shtml> Acesso em: 15 de fev. de 2021.

¹⁸ Segundo o Ministério da Cultura, “a indicação de novos autores premiados, com obras traduzidas no exterior, e que incluam em seus trabalhos a diversidade da cultura brasileira são alguns dos critérios levados em consideração para a seleção dos escritores”. Disponível em: <<http://pnc.cultura.gov.br/2018/10/17/minc-leva-escritores-a-feira-do-livro-de-frankfurt-na-alemanha/>>. Acesso em: 22 de set. de 2021

¹⁹ Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Sol-na-Cabe%C3%A7a-Contos/dp/8535930523>> Acesso em: 26 de ago. de 2021.

nos parágrafos iniciais de *Rolézim*, cartão de visita da obra e que narra o desenrolar da narrativa, desde a favela até a praia na Zona Sul, do personagem-narrador com os amigos Vitim, Poca Telha, Tico e Teco: “Acordei tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo. Não dava nem mais pra ver as infiltração na sala, tava tudo seco. Só ficou as mancha: a santa, a pistola e o dinossauro. Já tava dado que o dia ia ser daqueles que tu anda na rua e vê o céu todo embaçado, tudo se mexendo que nem alucinação” (MARTINS, 2018, p. 09), como, também, ao fato de trazer à luz, reflexões, outras reluzentes visões acerca das temáticas/cenas (re)conhecidas no dia-a-dia desses jovens de periferia, tantas vezes, à sombra de discursos de preconceitos e exclusões.

Atualmente, as produções dos autores da literatura Marginal, denominação que “passou a ser utilizada para designar a literatura produzida por escritores que se sentem marginalizados pela sociedade e trazem para o campo literário temas, termos, personagens e linguajares igualmente marginais” (NASCIMENTO, 2019, p. 21), oportunizam novas experiências literárias, sociais e subjetivas sobre as temáticas periféricas que (d)enunciam. O deslocamento da condição de objeto de escrita para a de sujeito do discurso, pelo fato do sujeito da enunciação ser o mesmo do objeto (PATROCÍNIO, 2013), é um importante pressuposto para a constituição de um outro discurso e ressignificação dos espaços e dos sujeitos para a produção de sentido da “*arte ou cultura da periferia*” (NASCIMENTO, 2019, grifos da autora).

Sob um posicionamento ético, de alteridade (LÉVINAS, 2002), o discurso literário produzido por Martins (re)conhece no coletivo, em situações vivenciadas na coletividade da favela, as diversidades no (re)conhecimento de que as pessoas são diferentes entre si. Essa alteridade como prática discursiva e não conceito, na construção do seu texto, permite que discursos e subjetividades sobre os personagens marginalizados, da obra, possam ser (re)pensados, não na busca por (mais) uma identidade absoluta, verdadeira, mas, observando outras formas de construção de subjetividades, possíveis na alteridade.

Em *O Sol na Cabeça*, a matéria histórico-social e a denúncia dos problemas sociais enfrentados, cotidianamente, pelos jovens personagens, são os temas centrais dessa obra, rubricada por uma literatura que há quase vinte anos se desdobra em diferentes textos e práticas (NASCIMENTO, 2019). Atualmente, a literatura produzida nas periferias, cada vez mais, vem sendo melhor debatida e (re)lida nos meios

editoriais²⁰ e acadêmicos²¹, com instigantes novidades empíricas. Embora ainda careça de ocupar mais espaços (d)e discussão, hoje, há uma maior visibilidade e produção de obras literárias, adultos e infantil, sobre temas relacionados à diversidade, sobretudo, a racial e, na Academia, os trabalhos desenvolvidos pela antropóloga Érica Peçanha do Nascimento, são considerados pioneiros sobre este objeto de estudo.

Embora, na última década, o número de trabalhos que se ocuparam, especificamente, da produção contemporânea associada às ideias de literatura marginal ou periférica tenha sido expressivo, se comparado aos anos anteriores à publicação de *Cidade de Deus*, em 1997, de Paulo Lins e *Capão Pecado*, de Ferréz, em 2000, considerados, consoante os trabalhos de Patrocínio (2013) e Nascimento (2006), marcos para se pensar essa produção literária, as produções acadêmicas, para a pesquisadora:

[...] ainda não dão conta da diversidade de textos forjados no contexto dessa produção, e produz-se uma recorrência de autores e obras estudados, sendo os mais frequentes: Ferréz, Allan da Rosa, Sacolinha, Sérgio Vaz, Alessandro Buzo e, entre as mulheres, Elizandra Souza. Além disso, os trabalhos estão basicamente centrados na produção de São Paulo e pouco abordam a produção de autoria feminina, assim como a representação e atuação das mulheres, nesse contexto (NASCIMENTO, 2019, p. 35).

Publicada em março de 2018, a obra de Martins, como objeto de investigação em níveis de titulação acadêmica, ainda carece de norteamientos e/ou “precedentes que possam ser usados como alicerce” (CUNHA, 2019, p. 19), conforme apontou uns dos

²⁰ Pequenas editoras (Editora Malê) e grandes companhias de editoração brasileiras, vem lançando selos próprios e publicando os textos desses novos/outros autores. Em maio de 2020, por exemplo, a editora Cia das Letras, líder do mercado nacional, dado aos acontecimentos devido às manifestações mundiais de combate ao racismo, intitulado #BlackLivesMatter, #vidasnegrasimportam, em português, disponibilizou e, principalmente, *visibilizou* aos seus leitores, dando destaque na página inicial de seu site e em seu blog, uma lista com 40 livros antirracistas. Em nota, a companhia reforçou a importância, seja na ficção ou no ensaio, da literatura como uma excelente ferramenta de estudo para que se possa estruturar esses questionamentos, contribuir para o debate e construir uma bagagem intelectual que fortaleça o entendimento e a imprescindível luta contra o racismo. “Assim, neste post trazemos quarenta livros que tratam de raça através de experiências reais, análises históricas ou narrativas sobre amor, amizade e resistência. Sendo 18 títulos de ficção, 19 de não-ficção e 3 de música e poesia”. Disponível em: <<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/40-livros-antirracistas>>. Acesso em 10 de jun. de 2020. Em dezembro de 2020, o livro *Pequeno Manual Antirracista*, da professora e filósofa Djamila Ribeiro foi líder de vendas na Amazon. No site da Companhia das Letras também foi o livro nacional mais vendido, com 28.215 exemplares. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2020/20/0>> Acesso em: 17 de março de 2021.

²¹CARVALHO CASTILHO, Élida Cristina de; LIMA, Danuza; PROCKNOV, Rafaela; RODRIGUES, Sandra Salavandro; MARINHO, Márcio Vidal. Mesa redonda 3: Vozes periféricas na literatura brasileira. In: *III Jornada de Letras do IFSP Campus Avaré e II Congresso Nacional de Ensino-aprendizagem de Línguas*. Avaré, de 23 a 25 de setembro de 2020 [evento online]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=87DVb-Gun6w&t=539s>>. Acesso em: 18 de março de 2021.

trabalhos pioneiros²²sobre a obra, a dissertação de Cunha (2019) e, também as consultas, nas principais plataformas de catálogos de teses e dissertações²³. Até o momento, cinco trabalhos foram realizados, duas teses e três dissertações.

O primeiro trabalho acadêmico em que a obra é um dos objetos de investigação é a tese de Akemi Magalhães Moura Aoki, defendida na PUCRJ, em abril de 2019. Intitulada *A criança-soldado: narrativas literárias de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Brasil*, são contemplados, no trabalho, pontos convergentes e divergentes entre as narrativas sobre crianças-soldado em diversos textos literários, no conto *No prelúdio da vitória* (1969), de Eugénia Neto, nas novelas *As aventuras de Ngunga* (1972), de Pepetela, *Cinco dias depois da independência* (1977), de Manuel Rui; no romance de Ungulani Ba Ka Khosa, *Os sobreviventes da noite* (2008), no livro infanto-juvenil *Comandante Hussi* (2006), de Jorge Araújo e Pedro Sousa Pereira e nas obras *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins e *O Sol na Cabeça* (2018), de Geovani Martins.

No mesmo mês, ano e departamento, Literatura, Cultura e Contemporaneidade, foi defendida a primeira dissertação em que o *corpus* constituiu-se, exclusivamente, da obra de Martins, *O Sol na Cabeça e os campos de força da bios*, de autoria de Vanessa Augusta Cortez dos Santos Cunha. O trabalho investigou como as imagens dos contos retratam o cotidiano do Rio de Janeiro, analisando a dinâmica social da cidade, a partir da existência de um biopoder. O modo como a autora apresenta algumas questões sobre a historicidade e construção linguística da obra serviram de referência para essa tese.

O espaço urbano periférico pelas páginas de *O Sol na Cabeça* também foi tema da dissertação de Leandro Souza Borges Silva, UESC – Ilhéus/ BA, *Narrativas de si na cidade: o espaço urbano periférico em Amara Moira e Geovani Martins*, defendida no ano de 2020 e que analisou de que maneira o espaço urbano é representado em narrativas vivenciais, enfocando as obras *E se eu fosse puta* (2016), de Amara Moira e os contos *Rolézim* e *Espiral*, presentes em *O sol na cabeça*. Ao estabelecer relações entre espaço biográfico e cidade, Silva defendeu como a democratização dos espaços, privilegiam o diálogo com alteridades periféricas e perspectivas sexualmente dissidentes. Também centrada no espaço narrativo e seus significados está o trabalho de

²² Pioneiro, conforme ressaltamos, considerando níveis de titulação acadêmica – mestrado ou doutorado, não levando em consideração algumas dezenas de artigos, comunicações orais em congressos, sobre a obra.

²³ Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Domínio Público, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD) e Google Scholar.

Evandro Batista Siqueira, UFMG, de 2021, intitulado *Sujeitos em trânsito: figurações do espaço urbano em O Sol na Cabeça, de Geovani Martins*, de Evandro Batista Siqueira, UFMG, em que o pesquisador analisou os deslocamentos no espaço narrativo e seus significados referentes à identidade territorial.

A tese de Vera Regina Vargas Dupont, *Novo Realismo: contos sobre crianças no contexto contemporâneo*, UNIOESTE, 2020, também trouxe os contos de Geovani Martins como um dos objetos de investigação²⁴, com o intuito de perceber, com abordagens históricas e sociológicas, em perspectiva comparada ao texto literário, como personagens crianças se relacionam em diferentes espaços sociais. Enquanto resultado, as análises demonstraram que as narrativas criam um universo próprio e ficcional para provocar reflexões sobre a infância nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros.

O estado atual dos conhecimentos produzidos sobre a obra, ainda carentes, sobretudo, de tempo de investigação, levou-nos a rastrear, nos conhecimentos já produzidos com outros textos/discursos literários, trabalhos, cujas temáticas e autoria apresentam algum sentido de marginalidade²⁵. Como ferramenta indexadora, utilizamos as palavras-chave da tese, 1. *Análise do Discurso*; 2. *Texto Literário*; 3. *Personagens Marginalizados*; 4. *Subjetividades*; 5. *Escrita de alunos* com o objetivo de historicizar contribuições para o desenvolvimento da pesquisa e, também, as possíveis lacunas que cumprem ratificar a importância deste trabalho para outros discursos. Vale ressaltar que, interessou-nos, apenas, na revisão da literatura, os trabalhos, cujas palavras-chave atendiam a pelo menos um dos seguintes critérios investigativos: 1) o objeto de pesquisa ser um texto literário e/ou 2) o objeto pesquisado tratar de situações de marginalidade e/ou exclusão com relação à aspectos identitários, independente do objeto investigativo.

Para a primeira palavra-chave, *Análise do Discurso*, no Portal Domínio Público²⁶, levando em consideração os critérios ora apresentados, não encontramos nenhum trabalho no filtro por título e, no por palavra-chave. Os resultados obtidos, localizados, sobretudo, nos objetivos investigados da área da Literatura, diziam respeito à análises *sobre* textos/discursos literários, com pesquisas acerca de questões estéticas

²⁴ Foram selecionados trinta contos produzidos nas duas primeiras décadas do século XXI, de quatro autores pouco conhecidos no campo literário brasileiro: Geovani Martins (2018), Otávio Linhares (2017), Rodrigo Ciriaco (2008) e Allan da Rosa (2016).

²⁵ Conforme entendimento do termo exposto na página 19.

²⁶ Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaPeriodicoForm.do>>. Acessos entre os dias 22 de agosto a 17 de setembro de 2020. Como o acervo dessa plataforma é muito extenso e diversificado, refinamos, nossa busca, para trabalhos em forma *de textos*, banco de Teses e Dissertações, filtrando somente as *Teses*.

e/ou análise de algum elemento da narrativa. No Banco Digital de Teses e Dissertações da CAPES²⁷, encontramos 64 teses cujos objetos de pesquisa eram textos literários. A base teórica pecheutiana e da Análise Crítica do Discurso foram as correntes teóricas que mais se destacaram²⁸ e os (poucos) autores/obras analisadas se concentraram, em sua maioria, em Machado de Assis e Lima Barreto²⁹.

Com *Texto literário*, no Portal Domínio Público, encontramos diversos trabalhos, o que demonstra como essa construção textual é objeto importante de investigação em diferentes áreas na Academia. Entretanto, nenhum deles, atenderam aos nossos critérios de indexação, uma vez que, em sua maioria, as pesquisas tematizam sobre estudos referentes à leitura e recepção (de conteúdo) de textos, formação de leitores, educação literária, traduções de obras e uso do texto literário em aulas de língua estrangeira. Por isso, substituímos a palavra-chave *texto literário* pela expressão *discurso literário*, modo pelo qual, na esteira do pensamento de Foucault (1987, p. 43), entendemos, todo texto literário, uma materialidade linguística produtora de discursividades, “um conjunto de enunciados, sob uma dada formação discursiva”.

Dessa nova busca, as teses de Correia (2006, PUCSP) e de Rego (2009, UNESP) foram as que mais se aproximaram de nossos critérios de revisão literária, por analisarem como discursos hegemônicos do poder constituíram a identidade linguística e a heterogeneidade discursiva, nas obras, *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo e em três romances do escritor português António Lobo Antunes, intituladas, respectivamente, *A presença da identidade linguística do Brasil(eiro) no discurso literário do século XIX* e *O quebra-cabeça sobre escombros: o discurso literário e o autoritário em António Lobo Antunes*.

²⁷Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br/>>. A base de dados desse site também é muito grande, por arquivar em seus registros a maioria dos trabalhos acadêmicos defendidos na pós-graduação brasileira num período de mais de 50 anos, por esse motivo, optamos delimitar o período da busca para os últimos dez anos. Acesso em: 18 de set. de 2020.

²⁸Das 826 teses desenvolvidas nas regiões Sudeste e Sul (USP, UFMG, UNICAMP, UNESP E UFRGS), 264 teses são de base pecheutiana e 202 trazem o linguista Norman Fairclough como principal teórico. Ressaltando que, esse total, é de todas as teses defendidas e não de trabalhos cujo objeto investigativo são textos literários.

²⁹As teses *O papel do interdiscurso, da cenografia e do ethos na constituição do discurso literário de Machado de Assis*, de Flávio Sabino Pinto, PUCSP, 2013 e *A paratopia do estigma: identidade e relato de si no discurso Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Ramon Silva Chaves, 2018, são alguns exemplos.

Segundo Érica Nascimento (2019, p. 33-34), entre os anos de 2004 e 2016, 53 dissertações e teses, defendidas no Brasil³⁰, se ocuparam especificamente da produção associada às ideias de literatura Marginal ou periférica. Para alcançar esse número, a pesquisadora utilizou-se diferentes palavras-chave, como “literatura marginal”, “literatura marginal-periférica”, “literatura periférica”, “literatura da periferia”, “literatura e periferia” e “saraus de periferia”. Um dado, porém, desses trabalhos, chamou a atenção da pesquisadora: o fato da maioria deles se concentrarem na área de Letras, com preponderância na análise de textos em prosa, segundo crítica de Nascimento (2019, p. 32), “uma tendência acadêmica”, que “deixa de alcançar a própria especificidade do fenômeno: a produção dos saraus, que encontra, especialmente, na poesia a organização e expressão do eu lírico periférico” (NASCIMENTO, 2019, p. 36).

Com *Personagens Marginalizados*, no portal Domínio Público, não encontramos resultados que atendessem aos nossos critérios³¹, assim que, substituímos, também, essa palavra-chave por *Literatura Marginal*, *Literatura Periférica* e/ou *Literatura Marginal-Periférica*, com o intuito de aproximar ao sentido de marginalidade, enquanto, produção literária oriunda das periferias, “como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 20).

Na substituição que fizemos por *Literatura Marginal*, *Literatura Periférica* e/ou *Literatura Marginal-Periférica*, denominações abordadas no capítulo 2, encontramos quatro trabalhos que, em comum, traziam investigações sobre essa rubrica literária, a partir do pensamento e obras de Ferréz, nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva (São Paulo, 1975), músico e contista paulista e um dos mais importantes idealizadores desse projeto literário (PATROCÍNIO, 2013). Destacamos a dissertação de Botton (2019), *Realismo e violência em romances da literatura marginal-periférica brasileira: a representação da favela*, defendida no programa de pós-graduação em Teoria da Literatura, na PUCRS, que além da análise do romance *Capão Pecado* (2000), de Ferréz, também analisa mais três obras que, segundo o pesquisador, representam a favela *Pedaços da fome* (1963) e *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo e

³⁰ Com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Ler: NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano. In: DALCASTAGNÈ, Regina. TENNINA, Lúcia. *Literatura e periferias*. Porto Alegre/RS: Zouk, 2019. (p. 15-38)

³¹ Diferente observação ocorre quando inserimos para busca somente a palavra *personagens*, com aspas, em que encontra-se o número expressivo de 10.835 trabalhos, 2.264, só em nível de Doutorado.

Graduado em marginalidade (2009), de Sacolinha, com objetivo de entender, por meio da análise dessas quatro obras, como a favela é representada, considerando, assim, a violência e o novo realismo presente nessas ficções.

Com análises “muito mais éticas que estéticas” (PATROCÍNIO, 2013, p. 18), se comparados com o sentido que o termo marginal significou (significa) na historiografia literária, esses trabalhos, defendidos nas áreas de Letras, Filosofia e Sociologia, propuseram uma apreciação crítica desses textos, a partir de uma reavaliação de critérios tradicionais de valorização, sobretudo, nas questões de (outras) representatividade(s), de transformação e ressignificação desses espaços periféricos.

Ao também substituir a palavra-chave *personagens marginalizados* por *Literatura Marginal*, na BDTD, encontramos vinte teses, dentre os quais, as teses de Érica Peçanha do Nascimento (USP, 2011), Laeticia s Jensen Eble (UNB, 2016) e Lucas Amaral de Oliveira (USP, 2018), que, em parcerias investigativas em grupos de pesquisas dos quais fazem parte, apresentam, na atualidade, importantes estudos sobre literatura periférica, literatura e exclusão. Autores como Ferréz, Sérgio Vaz, Sacolinha, Michel Yakini, Elizandra Souza, entre alguns outros povoaram os estudos realizados desses trabalhos. Com temáticas que buscam entender como esse movimento surgido nas/das periferias podem promover muitas das mudanças sociais e culturais (NASCIMENTO, 2006), as pesquisas discutem, em comum, como a construção de um lugar próprio de representação, confere novas dimensões aos sujeitos/personagens, garantindo a diversidade e contribuindo para a participação social do sujeito e uma sociedade mais democrática (EBLE, 2016).

Enfim, para encerrar o percurso sobre os estudos de *personagens marginais* nas pesquisas acadêmicas, de forma especial de/sobre as construções discursivas literárias de jovens marginalizados, não poderíamos deixar de registrar os estudos realizados com a obra *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, escritor modernista e um dos primeiros, em nossa literatura, a retratar o realismo de jovens marginalizados. Com aguda reflexão sobre os tantos Brasis que compõem o nosso país, a obra, assim como muitas outras do autor, apresenta um fazer literário político, de uma literatura como denúncia social. Com representações da pluralidade cultural na luta ao lado dos excluídos – meninos de rua, a obra “dá” voz a esses meninos, vítimas de uma sociedade opressora e hipócrita, colocando-os no centro. Com coragem e persistência, o autor abre

caminho para uma temática³² bem importante e contemporânea, de reconhecimento das injustiças e desigualdades sociais desses personagens, assim como também pretende os projetos literários atuais da literatura Marginal a que os contos de Geovani Martins se inscrevem.

Com Foucault (1995, p. 235), buscamos, analisar, como os contos de Geovani Martins, possibilitam, pelo discurso por ele construído, promover outras subjetividades e (auto)críticas sobre os temas e, sobretudo, os personagens que giram em torno da favela. Atualmente, um grande número de trabalhos, nas mais diversas áreas³³, vem se debruçando sobre a temática da subjetividade, o que sinaliza uma preocupação em buscar entender, conhecer e reconhecer que o processo de construção da subjetividade pode contribuir para a recusa de uma teoria individualista que consiste num ser individual, conhecido pela sua existência única e indivisível.

Conceito estabilizado da área da Psicologia é, dessa área, a grande maioria dos estudos que, embora, com diálogos bem destacados, na área da Educação, História, Psicossociologia e Antropologia Social, corrobora para pensarmos acerca da homogeneidade e logocentrismo, ainda, presentes, nesses estudos. Nos Estudos Linguísticos³⁴, principalmente, os que discutem e analisam práticas discursivas, em muitos trabalhos, a temática das práticas discursivo-identitárias é fator de centralidade, sobretudo, ao relacionar os usos linguísticos com identidades, poder e subjetivação (FABRÍCIO & PINTO, 2013, p. 11). Os trabalhos realizados pelo Grupo de Trabalho Práticas Identitárias na Linguística Aplicada³⁵, por exemplo, têm oferecido muitas reflexões sobre essa relação entre linguagem e sociedade e como as práticas discursivas

³² A temática do reconhecimento das injustiças e desigualdades sociais desses personagens são tratadas na maioria dos 27 trabalhos que tem a obra como objeto de investigação. Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=%22capit%C3%A3es+de+areia%22&type=AllFields>> Acesso em: 30 de set. de 2020.

³³Na BDTD, encontramos 640 teses com a questão da subjetividade como assunto/palavra-chave.

³⁴ Ao refinar a busca pela utilização do termo no filtro assunto *análise do discurso*, encontramos 32 trabalhos, grande parte deles desenvolvidos na UNICAMP, sob a orientação das professoras Maria José de Faria Coracini e Eni Pulcinelli Orlandi, além dos professores Sírio Possenti e Monica Zoppi-Fontana.

³⁵Com suporte na psicanálise, na filosofia e nas diferentes subáreas da LA, os estudos, buscam entender, a relação entre subjetividade e práticas de linguagem. Aprovado no XV Encontro Nacional da Anpoll, em 1999. Segundo dados do Relatório de Trabalho 2016-2018, o GT conta com um site que visa não apenas ao reforço das relações entre universidades e membros afiliados, solidificando os propósitos do grupo, como também à visibilidade de suas atividades e produção intelectual. O endereço é: <http://www.letras.uftj.br/linguisticaaplicada/gtidentidade/>. Além disso, está abrigado no site da ANPOLL: <http://anpoll.org.br/gt/praticas-identitarias-na-linguistica-aplicada/>. No plano de trabalho 2018-2020, as discussões centraram-se em torno da temática da *Decolonialidade em estudos da linguagem: raça, classe, gênero, sexualidade e outras intersecções*. Disponível em: <<https://anpoll.org.br/gt/praticas-identitarias-na-linguistica-aplicada/relatorios-de-atividade/>>. Acesso em: 11 de dez. de 2020.

contribuem para criar, manter e ou transformar os processos subjetivos, sobretudo, dos sujeitos sociais que impactam sobre suas identidades a experiência da marginalidade.

As pesquisas sobre a orientação das professoras Maria José de Faria Coracini (UNICAMP) e Eni Pulcinelli Orlandi (por muito tempo, também docente da UNICAMP, atualmente, é professora visitante da UNEMAT) e, posteriormente, dos pesquisadores da área, por elas orientados, também, são referenciais sobre os estudos sobre sujeito e linguagem. Os desenvolvidos pela professora Maria do Rosário Gregolin, na UNESP/Araraquara, estudiosa dos modos de produção de subjetivação, pela perspectiva foucaultiana, também, são bem significativos, todas, em favor da compreensão de linguagem como ação intersubjetiva. Tendo como objeto de investigação, *corpus* constituído por textos/discursos literários, a partir de situações de marginalidade e/ou exclusão, nenhum trabalho foi encontrado, o que contribui para a relevância social e científica desta tese.

A partir do pressuposto da inseparabilidade entre o sujeito e seu discurso, entre o sujeito e a presença do Outro e que elegemos como uma das palavras-chave, desta tese, *Escrita de alunos*, que na significação de escuta discursiva, busca “ouvir” e interpretar o aluno, ao compreender, principalmente, sua voz social. Atualmente, uma quantidade considerável de trabalhos envolvendo o “dizer” de alunos, em diversas situações de comunicação, foram (e estão sendo) desenvolvidos, em diferentes áreas do conhecimento. Em estudos de Linguística Aplicada, trabalhos que relacionam os usos linguísticos com identidades, em contextos ou não de vulnerabilidade e exclusão, são uma das principais temáticas dos estudos realizados pelo, já citado, Grupo de Trabalho Práticas Identitárias na Linguística Aplicada, Integrante da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL.

Dentre tantos, destacamos³⁶ pela proximidade teórica e analítica o trabalho de Luiza Alves (2010), *Escrita e Marginalidade: o (des)velamento do discurso de alunos do nível de ensino médio*, defendido na Universidade de Taubaté e que pelo movimento de aproximação entre desconstrução e psicanálise, analisou as representações que alunos de nível de Ensino Médio fazem sobre pobreza, marginalidade, sobre seus colegas e sobre si. Em síntese, os resultados demonstraram que as representações discursivas dos alunos são bem heterogêneas, afetadas, por um lado, por uma memória discursiva, segundo a qual se associa pobreza e marginalidade com criminalidade,

³⁶Além da proximidade teórica e, resguardando diferenças, temática, a presença como membro da banca examinadora, da professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, orientadora, nessa tese.

envolvimento e uso de entorpecentes e; por outro lado, quando se refere a colegas/amigos.

Passa-se, por fim, à base de dados bibliográfica do *Google Scholar*³⁷ — Google Acadêmico em português — que diferentemente dos critérios de busca até então realizados – pelas nossas palavras-chave, optamos, por pesquisar pelo título, com aspas, do nosso objeto material de investigação, o livro *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins. Por meio desse filtro, encontramos 66 resultados, que, após leitura cuidadosa dos artigos, resultaram em 54 estudos diretamente relacionados à obra.

Dentre eles, nosso artigo, Carvalho Castilho e Nascimento (2019) intitulado *Sujeito e subjetividades no e pelo discurso literário* publicado³⁸ e apresentado no simpósio 157, sob coordenação da professora Maria José de Faria Coracini, no VII SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, realizado em Porto de Galinhas, Pernambuco, no ano de 2019, resultado da comunicação oral apresentada neste congresso e que tratou de discutir, pelo conto de abertura, *Rolézim*, como se constitui discursivamente a autorrepresentação dos seus personagens principais, a fim de entender como essas representações permitem registrar (re)leituras de poder e resistência (FOUCAULT, 2008).

Embora, os artigos encontrados apresentem análises e discussões com enfoques variados, a questão do espaço favela como representação e análises dos contos *Rolézim* e *Espiral*³⁹ foram as questões que mais se sobressaíram nas produções. Pelo viés discursivo, que explora o papel dos elementos linguísticos na produção de sentidos, nenhum trabalho, foi encontrado, o que ressalta o interesse acadêmico, desta tese, na produção de conhecimentos sobre a (diversificação) do discurso literário, sobretudo, daquele produzido do outro lado do asfalto.

No Congresso Internacional da ABRALIC, importante evento promovido pela sociedade científica Associação Brasileira de Literatura Comparada, que congrega

³⁷Ferramenta de pesquisa do Google que permite pesquisar em trabalhos acadêmicos, literatura escolar, jornais de universidades e artigos variados. Lançado em Novembro de 2004 passou a oferecer buscas em língua Portuguesa em 10 de janeiro de 2006. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?start=60&q=%22o+sol+na+cabe%C3%A7a%22&hl=pt-BR&as_sdt=0.5&as_ylo=2016. Acessos entre os dias 17 e 22 de ago. de 2020.

³⁸ Anais do VII SIMEMP: Estudos de linguagem em perspectiva: caminhos da interculturalidade / Organização Renata Barbosa Vicente, Cristina Lopomo Defendi. Pernambuco: UFRPE, 2020. 7661 p. ISBN 978-85-7946-353-2. *Sujeito e subjetividades no e pelo discurso literário*. p. 5690-5697. Disponível em: http://sites-mitte.com.br/anais/simelp/busca_2.htm?query=elida+cristina+de+carvalho+Castilho Acesso em: 11 de dez. de 2020.

³⁹ O trabalho desenvolvido por Leandro Souza Borges Silva, UESC – Ilhéus/ BA, 2020, já citado, nesta introdução, também trabalhou somente com esses dois contos.

pesquisadores, professores e estudantes de pós-graduação em Letras do Brasil e do exterior, alguns debates, sobretudo, nos últimos dez anos, vêm sendo realizados sobre o papel social, ético e estilístico das produções em literatura Marginal/Periférica e o movimento dos cânones⁴⁰. Em 2019, por exemplo, dos 101 simpósios, 3 abordavam em sua temática geral, algum debate em torno da alteridade literária dessa rubrica: o simpósio 1⁴¹ – *A contemporânea literatura brasileira: poéticas do século XXI em debate*, o simpósio 13 – *Cânone e Visibilidade: o que precisa ser (re)visto na Literatura?* e o simpósio 47 – *Leitores e Leituras na contemporaneidade*. Na edição de 2020, nenhum debate “específico” e, na de 2021⁴², a apresentação de alguns pôsteres e simpósios que, de maneira geral, trabalharam a produção *de margem*, enquanto deslocamento de temáticas centrais e, não, necessariamente, relacionadas às produções advindas de autores oriundos das periferias das grandes cidades.

Nos Programas de Pós-Graduação em Letras/Literatura/Linguística, os caminhos percorridos e ainda a percorrer para uma maior discussão sobre a produção literária e discursiva desses autores e obras, cada dia, parecem, andar alguns, tímidos, passos. Como já sinalizado, são nos PPGs, alocados nos departamentos de Sociologia, Filosofia e Antropologia Social a maioria dos trabalhos desenvolvidos com textos literários de autoria Marginais.

Nos PPGs em Letras/Literatura espalhados pelo Brasil, seis se destacam em trazer em suas linhas de pesquisas, trabalhos que se dedicam a investigar a produção literária de e sobre grupos minoritários na contemporaneidade. São eles o PPG da UFes, com a linha de pesquisa em Estudos Literários, *Literatura: Alteridade e Sociedade*, o PPG da UFRJ, *Comparatismo e Diálogos Interculturais* e que conta, em seu corpo docente com alguns dos principais nomes da pesquisa a produção literária na contemporaneidade e também *Literatura, Cultura e Contemporaneidade*, da mesma

⁴⁰ Como por exemplos a mesa redonda *A noção de marginal na Literatura Brasileira Contemporânea: representações, leitores e linguagens*, mediado por Benito Rodriguez (UFPR) e apresentado pelos professores Fernando Villarraga-Eslava (UFSM) e Tania Pellegrini. (UFSCAR) e o trabalho apresentado pelo professor Dr. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (PUC-Rio), *O que há de positivo em ser marginal?*, ambos durante o XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros – Ética, Estética, de 18 a 22 de julho de 2011, na UFPR – Curitiba, Brasil. Disponível em: <<https://www.abralic.org.br/eventos/>> Acesso em: 14 de dez. de 2020.

⁴¹ Com trabalhos/artigos intitulados *Literatura periférica* por outra representação marginal, de Mércia Lima Amorim (UNEB); *Os novos marginais: poesia e slam* no Rio de Janeiro, de Fabiana Bazilio Farias (UNIGRANRIO) e *Literatura e Educação não formal: uma análise do trabalho do escritor Sacolinha*, de Laeticia Jensen Eble (UnB), respectivamente. Disponível em: <<https://www.abralic.org.br/>>. Acesso em: 30 de nov. de 2020.

⁴² ABRALIC 2021: Diálogos Transdisciplinares: Literatura, Ciências Humanas, Cultura e Tecnologia – Disponível em: <<https://abralic.org.br/congresso/#lgx-header>> Acesso em: 18 de set. de 2021.

instituição, e o PPG da Unb, na linha de pesquisa *Representações na literatura contemporânea*, liderado, pela já citada e referência desses estudos em nosso país, a professora Regina Dalcastagnè. Na USP, alguns programas da Faculdade de Educação e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas também desenvolvem pesquisas e produção acadêmica sobre o assunto, com destaque para o PPG em Antropologia Social, na linha de pesquisa *Poder e Diferença*⁴³.

Enquanto bem simbólico de produção, circulação e (des)construção de subjetividades estigmatizadas, os trabalhos que envolvem textos da literatura Marginal, possibilitam que personagens e discursos, tantas vezes, secundários e silenciados, possam ser colocados em protagonismo. Nessa perspectiva, é que a primeira e maior contribuição, de uma análise discursiva no e pelo discurso de Geovani Martins, é “explorar o universo do discurso” (MAINGUENEAU, 2009, p. 39), as condições de produção e de interpretação dessa enunciação, buscando, analisar, como esse universo, narrado e subjetivado a partir e sobre sujeitos à margem, simboliza nos sujeitos as marcas das formações discursivas que organizam o seu dizer, o seu querer-dizer. Isso, permite, que outras histórias sejam contadas, importantes reflexões sejam problematizadas e outras possíveis relações entre discurso e identidade, discurso e (outra) história sejam (re)pensados.

Passo, enfim, ao resumo do trajeto que o leitor, desta tese, fará a partir de agora. Dividida em quatro capítulos, no primeiro deles, *As condições de produção na constituição dos sentidos*, é apresentado as condições de produção que apontam para um todo que contextualiza os discursos no espaço e no tempo. Nesse contexto, apresenta-se os principais aspectos estilísticos e discursivos do fazer literário de Geovani Martins, mais, especificamente, da obra *O Sol na Cabeça*. Finalizamos o capítulo, com as condições de produção na constituição de sentidos sobre o grupo de alunos participantes, apresentando um breve perfil desse grupo e das condições político-pedagógicas do curso e da instituição onde esse curso é ofertado

No segundo capítulo, *O Texto literário no/pelo olhar discursivo* é a relação entre literatura e(é) discurso; discurso e(é) poder que é discutida, principalmente, ao mobilizar o conceito de *discurso* para o texto literário, entendendo aquele como um construção de relações de poder, na busca por compreender como acontecem no discurso literário da autodenominada literatura Marginal as manifestações de verdades,

⁴³Os trabalhos de mestrado e doutorado de Érica Peçanha do Nascimento foram desenvolvidos nesse programa.

saberes, poderes e *contrapoderes*, mobilizados nos efeitos de sentido que o termo, a rubrica *Marginal* apresenta, hoje, na contemporaneidade.

Na sequência, em *Perspectiva discursivo-desconstrutiva: linguagem, discurso e subjetividade* é o arcabouço teórico em face do assentamento teórico transdisciplinar da perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2003, 2007, 2010, 2010a) que é apresentado, em um entrelaçamento da linguagem, dos sentidos e da desconstrução. Passando pelas noções de discurso e subjetividade, também discutimos acerca das condições de uma investigação discursivo-literária, que nas convergências e divergências da leitura interpretativa de e sobre um texto/discurso literário, busca, por meio de um gesto transdisciplinar e crítico, ressignificar os gestos de leitura de e sobre personagens/sujeitos marginalizados, “questionando, [com isso], o centro, para valorizar as margens” (CORACINI, 2003). Neste capítulo, ainda, abordamos o dispositivo analítico da perspectiva discursivo-desconstrutiva para a constituição e interpretação do *corpus*.

O quarto capítulo é destinado aos resultados de análise. Dividido, em duas partes, na primeira seção, apresentamos as discussões construídas sobre os processos de subjetivação dos personagens, a partir dos treze contos da obra. Na segunda, destinada à análise das produções escritas dos alunos, apresentamos como um grupo de alunos-leitores significa, pelo olhar do outro e pelo olhar de si, as representações subjetivas dos personagens e os possíveis efeitos de sentido de desconstrução sobre representações identitárias no modo como cada um se vê e vê o outro.

Na sequência, apresentamos algumas (in)conclusões da pesquisa, no momento em que procuramos sintetizar e demonstrar como no e pelo discurso literário de Geovani Martins, na relação linguagem, discurso e subjetividade, algumas significações sobre representações identitárias podem ser (re)pensadas. Em *um gesto de leitura* que, por se tratar de analisar textos é, como diz Derrida (2005, p. 07), “sempre imperceptível, dissimulado, o pano envolvendo o pano”. Para finalizar, encontram-se as referências, os anexos e o memorial descritivo.

FIGURA 01: Capa e contracapa do livro *O Sol na Cabeça*⁴⁴



⁴⁴ Disponível: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14481>> Acesso em: 12 de janeiro de 2021.



O sol carioca esquenta a prosa destes treze contos que retratam a infância e a adolescência de moradores de favelas como jamais foram retratados. O prazer dos banhos de mar, as brincadeiras de rua, a adrenalina da pichação, as paqueras e o barato do baseado são modulados tanto pela violência da polícia* e do tráfico quanto pela discriminação racial indisfarçável no olhar da classe média amedrontada. Com a estreia de Geovani Martins, a literatura brasileira encontra a voz de seu novo realismo.

“Geovani pula da oralidade mais rasgada para o português canônico como quem respira. Uma nova língua brasileira chega à literatura com força inédita.” — **João Moreira Salles**

“Fiquei chapado.” — **Chico Buarque**

ISBN 978-85-359-3052-8



9 788535 930528

CAPÍTULO 1

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, apresentamos a contextualização da pesquisa, ou seja, as condições de produção do *corpus*, para localizar os discursos em seu contexto. Dessa forma, buscamos entender o que é dito, quem o diz, por que o diz, para quem diz, como diz, de que ponto histórico, cultural e social diz e com quais objetivos (SILVA & ARAÚJO, 2017, p. 24). Constituído de dois momentos enunciativos diferentes, mas que se imbricam no jogo de representações que o olhar de si e do outro perpassa o dizer, o *corpus* constitui-se dos treze contos da obra *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins e as produções interpretativas escritas, desses contos, por um grupo de vinte e sete alunos. No item 1.1 *As condições de produção na constituição de sentidos: O Sol na Cabeça, de Geovani Martins* apresentamos, a partir do estudo das condições históricas de possibilidades, com e por Foucault (1995), alguns dos caminhos percorridos pelo autor para a construção da obra e as propostas de discursividades que sua autoria Marginal produz pelo seu dizer literário. Também, discutimos acerca de algumas produções literárias que apresenta(ra)m algum estado de marginalidade, ao longo da historiografia literária, comparando-as com os principais aspectos estilísticos e discursivos de uma produção vivida e sentida (EVARISTO, 2020; FERRÉZ, 2005), no processo de funcionamento das produções oriundas dos grandes centros periféricos, na atualidade. As condições de produção na constituição de sentidos sobre o grupo de alunos-leitores participantes da pesquisa também são descritas, item 1.2., que apresenta um breve perfil sobre esse grupo e as condições político-pedagógicas do curso e da instituição onde ele é ofertado.

1.1. As condições de produção na constituição de sentidos: *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins

Para compreendemos a obra de Geovani Martins, é importante entender por quem ela é feita, para quem é feita e por quê é feita. Tais considerações nos permitem observar e, problematizar, nas condições de emergência da obra, como os discursos, no/por esse *locus* enunciativo, contribuem para a construção identitário-discursiva dos

personagens, não somente no nível da descrição, mas, sobretudo, questionando com/por Foucault (2003, p. 264) “que importa quem fala?”

Obra de estreia do escritor, morador da favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, para o grande público nacional, *O Sol na Cabeça* é composta por treze contos que, segundo Prata (2018)⁴⁵ “retratam a infância e adolescência de moradores das favelas cariocas como jamais foram retratados”:

O sol carioca esquentava a prosa destes treze contos que retratam a infância e a adolescência de moradores de favelas como jamais foram retratados. O prazer dos banhos de mar, as brincadeiras de rua, a adrenalina da pichação, as paqueras e o barato do baseado são modulados tanto pela violência da polícia e do tráfico quanto pela discriminação racial indistigível no olhar da classe média amedrontada. Com a estreia de Geovani Martins, a literatura brasileira encontra a voz de seu novo realismo.

Publicada em março de 2018, pela editora Companhia das Letras⁴⁶, grupo editorial com sede em São Paulo, líder do mercado nacional, vendeu na primeira semana mais de 2000 cópias⁴⁷, recebendo o “selo” de “novo fenômeno literário”, tanto pela potência escritora e realismo imaginativo ímpar, quanto pela tiragem, considerada bem alta para padrões editoriais brasileiros. Em setembro de 2019, segundo o jornal *El País Brasil*, os contos do filho de uma cozinheira e de um jogador de futebol amador, ex-atendente de lanchonete, barraca de praia e “homem-placa”, já contabilizava mais de 50.000 exemplares vendidos em todo o mundo⁴⁸, com traduções para o inglês, o espanhol, o alemão e, mais, recentemente, para o francês. Em agosto de 2021, no site *Amazon.com*, ocupava a posição de número 107 em Contos Literatura e Ficção, avaliação 5 estrelas, totalizando mais de 479 livros vendidos⁴⁹.

⁴⁵Trecho retirado da contracapa do livro *O sol na cabeça* (2018), escrito por Antônio Prata (São Paulo, 1977), escritor, cronista, colunista e roteirista brasileiro. Foi ele quem “recomendou” à editora Companhia das Letras os textos do novato escritor Geovani Martins, depois de conhecê-lo durante a FLIP – Feira Literária Internacional de Paraty, em 2017. (LINHARES, 2020, p. 523)

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/sobre.php>> Acesso em: 25 de jun. de 2020.

⁴⁷Martins é nova aposta do mercado editorial brasileiro. Jornal Correio Brasiliense, Brasília, 10 de mar. de 2018. Seção Diversão e Arte. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/10/interna_diversao_arte.665082/geovani-martins-o-sol-na-cabeça.shtml> Acesso em: 15 de fev. de 2021.

⁴⁸ No exterior o livro, o livro foi publicado por algumas das maiores editoras do mundo: Farrar, Straus & Giroux (EUA), Faber & Faber (Reino Unido), Suhrkamp (Alemanha) e Mondadori (Itália). Em inglês, *The sun on my head*, foi lançado pela editora Farrar, Straus and Giroux, em junho de 2019. Em espanhol, *El Sol en la Cabeza* foi publicado em setembro de 2019 pela editora Alfaguara e a versão em alemão foi publicada em abril de 2019. Na França, lançado pela prestigiosa editora Gallimard, *Le soleil sur ma tête*, a publicação saiu em outubro de 2019.

⁴⁹Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Sol-na-Cabe%C3%A7a-Contos/dp/8535930523>> Acesso em: 26 de ago. de 2021.

À parte, portanto, desse sucesso editorial, os contos reunidos na obra, sem dúvidas, também, merecem destaque por seu sucesso de crítica e consolidação do projeto literário do autor que, desde as participações em oficinas literárias, sobretudo, na FLUP⁵⁰, já procurava produzir textos literários sob uma outra perspectiva daquilo que se propunha a narrar, daquilo que outras narrativas se propunham a narrar. Dono de uma estrutura narrativa que contempla um realismo imaginativo, que não imita mimeticamente a realidade, mas provoca significações por meio de provocações de afeto (SCHOLLHAMMER, 2009)⁵¹, convoca o leitor a ouvir/ler cenas sociais, por uma outra percepção, somada a um estilo literário que mantém o suspense, sobretudo, nos finais abertos. A linguagem, dinâmica, com uma mistura entre o formal e o oral, é outra potência escritora de Geovani Martins, recheada de gírias, de construções linguístico-identitárias que deixa resvalar a constituição heterogênea a qual pertence a linguagem da obra, instaurada por um arquivo histórico que veicula a língua(gem), como marca identitária, de pertencimento, de marcação subjetiva e não apenas como puro instrumento de comunicação.

Nascido em Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1991, estudou até a oitava série. Morou nas favelas da Rocinha e Barreira do Vasco, antes de ir para o Vidigal, sequência de mudanças geográficas e geopolíticas que, segundo Cunha (2019, p. 12) “parece ter lhe possibilitado a abertura para outras percepções acerca dos modos de vida, costumes e os ritmos do morro que se antes lhe eram estranhos”⁵², como o próprio autor narra, em uma passagem do conto *Espiral* (p. 18), “as pessoas costumam dizer que morar numa favela de Zona Sul é privilégio, se compararmos a outras favelas na Zona Norte, Oeste, Baixada [...] O que pouco se fala é que, diferente das outras favelas, o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo”. Alfabetizado pela avó, desde pequeno, levava revistas em quadrinhos para a rua e contava as histórias que havia decorado a partir das leituras da avó para os amigos. Leitor assíduo, leu sempre e muito, primeiro *best sellers*, depois autores canônicos como Machado, Drummond e Guimarães Rosa,

⁵⁰Desde 2012, a Flup – Festa Literária das Periferias acontece na cidade do Rio de Janeiro; é uma festa literária internacional cuja principal característica é acontecer em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários, na cidade carioca. Disponível em: < <https://www.flup.net.br/sobre-a-flup>>. Acesso em: 04 de jan. de 2021

⁵¹ “Novo Realismo”. Ler: SCHOLLHAMMER, Karl. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

⁵²MARTINS, Geovani. “Geovani Martins: como a favela me fez escritor”. Revista *Época*, 06/03/2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escritor.html>> Acesso em: 20 de set. de 2020.

suas grandes referências e influências. De Machado de Assis, traz às suas obras as sensações e emoções que, segundo ele, a obra machadiana é capaz de despertar em que o lê, o conto *Espiral*, pode ser um exemplo; de Drummond, o gosto pela sonoridade, a fluidez poética, a potência da escrita (conto *O Caso da Borboleta*, por exemplo) e de Rosa, a aprendizagem de que “a palavra não foi feita para enfeitar, mas para dizer”⁵³, *Rolézim*, pode ser tomado como um exemplo.

A grande aposta em sua vocação escritora veio quando participava de uma oficina literária, na Biblioteca Parque da Rocinha, em 2014, com o poeta Carlito Azevedo. Nesta oficina, os alunos participantes, dentre eles, Geovani Martins, tinham que escrever um conto a partir da notícia da morte de um cinegrafista, Santiago Andrade, atingido por um rojão, quando registrava o confronto entre manifestantes e policiais durante protesto contra o aumento da passagem de ônibus, no Centro do Rio⁵⁴. Os participantes escolheram como foco narrativo a polícia, ou os manifestantes ou o cinegrafista morto, Geovani Martins, imaginou o rojão:

Ele escolheu um ângulo inesperado. Geovani é aquele craque que, em vez de ser só ótimo em uma jogada conhecida, descobre uma inesperada. O rojão era o único elemento da cena que não vinha com psicologia pronta. [...] Já era sintomático que o Geovani pegasse algo psicologicamente tão denso e problemático. Tinha uma forma de olhar para o mundo e escutar tudo que era dito. Não sabia quanto tempo ia levar, mas sabia que uma hora ia acontecer [de ele ser descoberto] (AZEVEDO, 2018)⁵⁵.

Não demorou muito e, no ano seguinte, 2015, participou, pela primeira vez, na FLIP⁵⁶, a Festa Literária Internacional de Paraty, apresentando, junto com autores das comunidades da Rocinha, Manguinhos e Complexo do Alemão, na mesa *Falando alemão*, a revista *Setor X*. Em entrevista, o autor disse que foi, a partir, dessa participação, que decidiu dedicar-se, mais rigorosamente, ao trabalho da escrita: “Na

⁵³ MARTINS, Geovani. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/morador-de-favela-no-rio-geovani-martins-desponta-como-escritor.shtml>> Acesso em: 23 de fev. de 2021.

⁵⁴“Cinegrafista atingido por rojão em protesto no Rio tem morte cerebral” Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/cinegrafista-atingido-por-rojao-em-protesto-no-rio-tem-morte-cerebral.html>> Acesso em: 23 de fev. de 2021.

⁵⁵ Poeta e instrutor Carlito Azevedo em entrevista ao jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/morador-de-favela-no-rio-geovani-martins-desponta-como-escritor.shtml>> Acesso em: 23 de fev. de 2021.

⁵⁶Festa Literária Internacional de Paraty, criada em 2003 para promover em Paraty, cidade distante das capitais, uma experiência de encontro permeada pelas artes. Pioneira em ocupar os espaços públicos com cultura, a Flip é um momento importante para o debate de ideias e um ponto de encontro de toda a diversidade, onde o encontro da literatura com as ruas resulta em uma experiência singular a céu aberto. Cada edição presta homenagem a um escritor brasileiro. É considerada um dos principais festivais literários do Brasil e da América Latina. No ano de 2020, a Festa foi realizada em formato virtual. Disponível em: < <https://www.flip.org.br/historico/>> Acesso em: 23 de jan. de 2021.

época, eu não tinha um trabalho pronto para mostrar, não tinha nem mesmo um projeto em andamento, e isso me fez sair de Paraty com a determinação de que, quando aparecesse outra oportunidade, estaria preparado”.⁵⁷

Para tanto, recorreu à mãe, Dona Neide, que o incentivou no projeto da escrita de um livro, proporcionando que o filho ficasse um tempo sem trabalhar, para escrever, segundo Martins, o livro que “vai mudar minha vida”⁵⁸. A ideia de escrever um romance, inicialmente, não se sustentou e, a narrativa longa deu lugar à escrita de contos. “Inscreveu-se e foi vencedor em um concurso de minicontos, promovido pela Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, com o conto *Primeiro dia*, que, posteriormente, integraria o conjunto de narrativas curtas da obra *O Sol na Cabeça*”, conforme dados apresentados no trabalho de Cunha (2019).

Continuou participando, ativamente, das oficinas da FLUP e, em 2017, foi convidado, novamente, para participar da FLIP, agora, como participante do programa principal do evento, dedicado, naquele ano, ao escritor Lima Barreto, marcado, pela presença maior de mulheres e negros, após as críticas à falta de diversidade das edições anteriores. Participou da mesa 15, *Atravessar o sol*, mediada pelo professor Pedro Meira Monteiro, professor de literatura brasileira em Princeton e do americano Colson Whitehead, vencedor do Pulitzer, com um romance histórico sobre escravizados que construíram sua rota de fuga, *The underground railroad: os caminhos para a liberdade* (2016).

Segundo crítica à época, notas da imprensa e comentários de especialistas, a participação de Martins, não foi mediada a ponto de estabelecer um diálogo entre os escritores, principalmente, por parte de quem mais deveria fazê-lo: o mediador, o professor Pedro Meira Monteiro. Questionado, por um comentário da plateia, sobre o fato de que, talvez, seria incensado, apenas por morar em favela, Geovani Martins rebateu “Quem vai responder isso são os leitores”⁵⁹. Neste mesmo evento, conheceu o escritor Antonio Prata, filho dos também escritores Mário Prata e Marta Goés, colunista

⁵⁷MARTINS, Geovani. “Geovani Martins: como a favela me fez escritor”. Revista Época, 06/03/2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escriptor.html>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

⁵⁸MARTINS, Geovani. “Geovani Martins: como a favela me fez escritor”. Revista Época, 06/03/2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escriptor.html>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

⁵⁹ FLIP: ‘Quem vai responder isso são os leitores’ rebate Geovani Martins, ao ouvir que seria incensado apenas por morar em favela. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/flip-quem-vai-responder-isso-sao-os-leitores-rebate-geovani-martins-ao-ouvir-que-seria-incensado-apenas-por-morar-em-favela-22929843>> Acesso em: 19 de dez. de 2020.

da *Folha de S. Paulo*, roteirista e autor de literatura. Capital simbólico e social literário brasileiro (LINHARES, 2020), o prestigiado escritor, recomendou os textos do jovem autor à Companhia das Letras, que no ano seguinte, publicou a coletânea dos treze contos que aqui analisamos.

O sucesso da obra foi imediato, conforme já assinalamos, com números surpreendentes de editoração que, além da dimensão desse sucesso no formato livro, também teve seus direitos vendidos, no mesmo ano de publicação, para o cinema, com adaptação que será dirigida por Karim Aïnouz, “premiado cineasta brasileiro, conhecido por rodar longas, curtas-metragens e documentários, com temáticas minoritárias, de forte viés político e que, ao mesmo tempo, são retratados com enorme sensibilidade. Como por exemplo, o longa-metragem *Praia do Futuro* (2014) e o documentário *Zentralflughafen THF* (2018)” (CUNHA, 2019, p. 11).

O *marketing* editorial dado à obra, ao mesmo tempo, que possibilitou a visibilidade de *O Sol na Cabeça* e seu autor ao grande público, nacional e internacionalmente, também causou críticas à forma de *gourmetização* da favela causado pelo “estrondo editorial causado com a chegada do livro no mercado editorial”, segundo o colunista Eder Alex⁶⁰. Assinadas as orelhas pelo então padrinho/parceiro Antonio Prata, a obra, segundo Linhares (2020), contou com uma cadeia editorial autorizada a enuncia-la⁶¹, principalmente, pela recomendação, de vozes prestigiadas na cena literária brasileira, como do próprio Antonio Prata e de nomes como João Moreira Salles e do escritor e compositor Chico Buarque, que assim descreveu a leitura dos contos, “Fiquei chapado”⁶². Personalidades importantes como, Caetano Veloso⁶³ e o

⁶⁰ALEX, Eder. “O sol na cabeça: um fenômeno pouco fenomenal”. Escotilha, 26/03/2018. Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/o-sol-na-cabeça-geovani-martins-companhia-das-letras-resenha/>. Acesso em: 21/02/2019.

⁶¹Em seu artigo, a partir da aproximação entre teoria da enunciação e o processo de produção e editoração do livro, Linhares (2020) analisa a encenação desses e de outros agentes envolvidos na cadeia editorial da obra, observando, principalmente, como o autor, apesar de não ser à época conhecido pelo grande público-leitor, fora publicado na/pela maior editora brasileira e o que essa promoção/divulgação e difusão de sua escrita mobiliza no/sobre o amplo capital simbólico na/da cadeia editorial.

⁶²“Geovani pula da oralidade mais rasgada para o português canônico como quem respira. Uma nova língua brasileira chega à literatura com força inédita” (João Moreira Salles). Para melhor compreensão dos efeitos discursivos dos comentários de João Moreira Salles e de Chico Buarque, além da análise de outros agentes envolvidos na cadeia editorial da obra, ler o artigo de LINHARES, Vinicius. Capa, Orelhas e quarta capa como espaços enunciativos de promoção de obras literárias. Referência completa na parte de Referências deste trabalho.

⁶³VELOSO, Caetano. Facebook, 11/04/2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FalaCaetano/posts/voc%C3%AA-na-cabe%C3%A7a-geovani-martins-j%C3%A1-faz-umas-semanas-nem-sei-se-voc%C3%AA-gostou-do-tre/1422733707831057/>>. Acesso em: 20 de set. de 2019.

apresentador Pedro Bial⁶⁴, em entrevista realizada com Geovani Martins, em seu programa, também são “selos”, segundo, os colunistas Eder Alex e Marcos Pasche⁶⁵, que corroboraram para o impacto gerado pelo livro à primeira vista:

Ainda em sua crítica, Marcos Pasche faz uma consideração oportuna ao contexto que concerne este trabalho de pesquisa, bem como ao mercado editorial, assim como também é pertinente por se tratar de um questionamento à formação de um mercado de consumo voltado para o que a favela produz em um processo que o colunista chama de *gourmetização* da favela. O ensaísta questiona o sucesso do livro de Geovani Martins a partir de sua localidade, já que ainda na infância se mudou para a comunidade do Vidigal, deixando a Zona Oeste. Ele indaga o fato de que nos últimos anos, favelas como o Vidigal e a Rocinha ganharam repercussão na mídia com a realização de eventos culturais e de entretenimento, se tornando ponto no roteiro tanto de moradores da cidade, quanto de turistas. Segundo Pasche, é uma etiqueta privilegiada de “favelado” que o Vidigal carrega, e levanta a questão sobre se Geovani teria feito o mesmo sucesso caso tivesse permanecido em Bangu (CUNHA, 2019, p. 14).

Longe de serem singelos e despretensiosos, os predicados elogiosos ao autor e à obra: “extraordinário, um jovem autor sendo oficialmente apresentado à comunidade leitora, cultivador da *boa literatura*, um perito no manejo da língua, um autor embriagante [...] o novo fenômeno literário brasileiro vendido para 9 países” (LINHARES, 2020, p. 523, grifos do autor), atuam, conforme, vimos nas críticas dos ensaístas, anteriormente, e na conclusão de Linhares:

[...] no sentido de promover e divulgar um produto, enquanto se apagam as distintas relações de poder e produção envolvidas tanto na cadeia editorial, quanto na cadeia enunciativa encenada e feita circular na capa, nas orelhas e na quarta capa do livro *O Sol na Cabeça* (LINHARES, 2020, p. 529).

Embora, como sugerido pelos críticos citados, esse enquadramento midiático e editorial tenha produzido e reproduzido alguns apagamentos e, sobretudo, enquadramentos de discursos da/sobre a obra, a visibilidade (im)posta aos contos, também pôde desempenhar um papel importante de apresentação, para o grande

⁶⁴ “Em entrevista realizada em seu programa, Pedro Bial se refere ao conto *Rolézim* e menciona o fato de que “Chico Buarque falou que é um conto aparentado com a música Caravanas”¹⁵, ao que Geovani Martins responde que, na ocasião em que ouviu o álbum recém-lançado do músico, enviou uma mensagem ao editor do seu livro, Ricardo Teperman, que dizia: “Coé, Ricardo, você viu que o Chico fez uma versão do rolézim?”. “As Caravanas” de Chico Buarque e o “Rolézim” de Geovani Martins são uma crônica da cidade do Rio de Janeiro no que se refere à circulação dos indivíduos e a aparente intranquilidade da população da Zona Sul, representada tanto na música quanto no conto, com a presença desses corpos” (CUNHA, 2019, p. 16).

⁶⁵PASCHE, Marcos. Narrativas do nosso subsolo. Jornal Rascunho, maio de 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/narrativas-do-nosso-subsolo/>. Acesso em: 21 de fev. de 2019.

público, de outros discursos, outras vozes e outros enquadramentos, sobre e a partir dessas vidas ditas e vividas, sentidas, como precárias (BUTLER, 2006), excluídas (FOUCAULT, 2003), marginalizadas, por um “Querido sistema”, como nos lembra Ferréz (2000, p. 11), na abertura do romance *Capão Pecado*, em que “você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa.” Uma vez que, o conhecimento e, principalmente, o reconhecimento cultural, racial e social, das produções advindas das periferias, é um dos seus principais objetivos, para que o modo como as temáticas e referências abordadas, por essas produções, possam ser (re)pensadas.

Como não poderia deixar de trazer ao abordar as temáticas e referências que narram, os contos de *O Sol na Cabeça*, filiam-se, ao que a crítica literária, comumente, classifica como realista. Exemplos de textos e autores sob essa categoria “clássica” (SCHOLLHAMMER, 2009), temos aos montes em nossa literatura, seja em seu caráter fundador e histórico, com Machado de Assis, influência literária de Geovani Martins, seja com nomes de nosso Modernismo de 1930, do hiper-realismo de 70 e/ou em produções contemporâneas⁶⁶.

Diferentemente, portanto, dos contornos realistas histórico/clássico e do realismo exacerbado das primeiras produções da literatura Marginal, do final da década de 1990 e início dos anos 2000 (HOLLANDA, 2014), os contos, dessa obra, não objetivam representar com precisão e nitidez, os detalhes de um processo histórico-social específico, “de modo distanciado, sem intervenção opinativa e julgamento moral por parte do autor” (MENDES, 2015, p. 61 *apud* BOTTON, 2019, p. 54). O contorno sanguinolento e/ou sensacionalista das lentes das tevês e ou noticiários de jornais como se viu no hiper-realismo de 70 e nas primeiras produções Marginais, também não são matérias centrais, uma vez que, é interesse literário do autor⁶⁷ e do “Novo Realismo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 54), propor um olhar realista que trabalhe muito mais com a experiência e a imaginação, na *apresentação* e promoção de reflexões, que em sua *representação* (grifos nossos).

⁶⁶ Vale lembrar o estudo realizado por Vera Regina Vargas Dupont, *Novo Realismo: contos sobre crianças no contexto brasileiro contemporâneo* que analisou contos contemporâneos da literatura brasileira sob o viés do Novo Realismo, definido por Schollhammer (2009), com o intuito de perceber como as personagens crianças se relacionam em diferentes espaços sociais, em que foram selecionados trinta contos, produzidos nas duas primeiras décadas do século XXI, de quatro autores pouco conhecidos no campo literário brasileiro: Geovani Martins (2018), Otávio Linhares (2017), Rodrigo Ciriaco (2008) e Allan da Rosa (2016).

⁶⁷ MARTINS, Geovani. “Geovani Martins: como a favela me fez escritor”. Geovani Martins em entrevista. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escritor.html>. Acesso em: 25 de jan. de 2021.

Voltado para uma realidade social, enquanto tentativa estética de possibilidade de mudança e de transformação, no Novo Realismo, o ponto de observação e criação não são fixados em uma referencialidade. Observados, sob um ponto de vista, a partir de um determinado local, o que fica em pauta, não é o exame da relação do texto com o autor, com a realidade concreta e observável, mas como os *efeitos de realidade*, com a maneira, como realidade e ficção se misturam, na construção discursiva do texto e, com isso, deixa emergir em seu deixar, sua subjetividade, “a maneira com que o texto aponta para a figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos aparentemente” (FOUCAULT, 1992).

As histórias presentes na obra nasceram da observação atenta do autor, em demonstrar, no e pelo seu texto, “as periferias como ‘algo em movimento’ e não estagná-las em um olhar aprisionador de ‘favela’, como se as periferias não fossem um lugar de criação e consumo cultural, assim como qualquer outro lugar” (CUNHA, 2019, p. 13, grifos da autora). Nessa direção e, em consonância com Schollhammer (2009, p. 53-54), o que encontramos, nesses novos autores, é a vontade de (de)marcar pontos de vista marginais ou periféricos que, ao contrário, de um realismo tradicional e ingênuo, em busca da ilusão de realidade e/ou de uma representação, “querem provocar efeitos de realidade por outros meios”.

Ponto importante de observação, as condições de produção da obra de Martins, materializam discursos e estabelecem efeitos de discursividades, determinadas pelas condições de existência e resistência de sua condição Marginal que, preenchem, em sua enunciação literária, “mais que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém” (FOUCAULT, 1992). Com “uma certa ligação com o que [eles] nomeiam, mas não inteiramente sob a forma de designação”, como acrescenta o filósofo, a autoria, mais que a indicação de um discurso verdadeiro, carrega, outras funções, principalmente, as que certas/outras ocorrências de um conjunto de discursos são possíveis. Nessa presença-ausência (DERRIDA, 2005), o autor, convencido, segundo Foucault (1992, 2002), pela sociedade em dado momento histórico, organizada, enfim, o já-dito, inevitavelmente modificado, produzindo a ilusão de originalidade.

O papel de sujeito-enunciador de Martins, também morador de comunidades, no lugar, portanto, de colocá-lo, como origem, verdade do dizer, sobre os jovens personagens moradores de favelas, protagonistas de seus contos, possibilita, segundo Foucault (2003), que essa condição, possa fazê-lo, encontrar-se com o poder, sobretudo,

do poder, da tradição literária que, comumente, colocou-os como objetos (BOSI, 2002) de um discurso, coadjuvante e cheio de marcas de uma historicidade, única e preconceituosa.

A representatividade literária e cultural desses personagens, quando narrados, foi reduzida, segundo Foucault (2003) “ao que foi dito um dia e que improváveis encontros conservaram até nós” [...] “por sua natureza, sem tradição; rupturas, apagamento, esquecimentos, cancelamentos, reparações”, principalmente, porque foram narrados sob o ponto de vista do “sujeito dominante no discurso sobre o pobre e o excluído da sociedade brasileira” (HOLLANDA, 2014, p. 26): o escritor branco, de classe média, autorreferente, heterossexual (DALCASTAGNÈ, 2012). Desse modo, não são difíceis de encontrar, na historiografia literária nacional, narrativas que, ao (re)afirmar o lugar de fala de seus enunciadores, contribuíram (e ainda contribuem), para reforçar um regime discursivo-literário/social de exclusão e *marginalização*, por imprimir a essas narrativas, um olhar “de fora”, “de vidas efetivamente riscadas e perdidas nas palavras” (FOUCAULT, 2003).

A protagonista escrava Isaura, da obra homônima de Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura* (1872), é ilustrativa desse olhar discursivo “de fora”, burguês e seus sistemas de valores e poder(es). Carregada de descrições definidas e valorizadas pela classe (narrativa) dominante, o enquadramento discursivo de sua marginalidade, precariedade – a condição de escrava – só é permitida ao protagonismo, estabelecida as amarras com a necessidade discursiva étnico-racial dominante – a condição de escrava branca, pois, só assim “ela poderia se alçar à condição socialmente aceitável, de protagonista de um amor romântico possível com um homem branco” (SCHMIDT, 2017, p. 37). A desumanização de sua raça, não só julga e decide sobre a vida da protagonista, como reforça o preconceito internalizado e a ótica racista que há tempos tem presença em solo nacional⁶⁸:

⁶⁸A condição de desumanização, imagens de exclusão e preconceitos também são encontrados no espaço social e na representação dos personagens na obra *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, referência narrativa canônica sobre personagens à margem. Ao narrar ambiente e personagens marginalizados à época, resguardando seus interesses de uma literatura realista-naturalista, a obra categorizou negativamente, pelo olhar do sujeito-enunciador, uma relação muito próxima, não só de deterioração de espaço físico e das personagens, mas também de apagamentos político-sociais que “atraíram sobre o indivíduo o mais obscuro, sobre sua vida medíocre, sobre seus erros afinal bastante comuns o olhar do poder” (FOUCAULT, 2003). Embora, a obra possa, sob alguns aspectos, para alguns críticos “ser lida como um gesto de empatia pelo outro e de insubmissão de classe, sempre necessária em um país com tamanhas desigualdades” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 298), o fato de apresentar um enunciador não vivido e/ou experimentado em sua narração, traz à tona questões de representação, reprodução sobre sujeitos/espacos urbanos periféricos-literários e não de apresentação.

[...] circularam em solo nacional inúmeros pensamentos preconceituosos e autoritários oriundos de intelectuais como Miguel Reale, Gustavo Barroso e Oliveira Vianna. Este último, a rigor, formulou a ideia de que o aperfeiçoamento social do país seria possível graças a um processo de branqueamento (VIANNA, 1956). Com menos negros, o Brasil seria mais forte. Com tabelas e estudos investigativos amparados na concepção de ciência de seu tempo, o autor procurou demonstrar que a mestiçagem deveria caminhar no sentido da diminuição do coeficiente de negritude do país, para que a nação fosse politicamente fortalecida (CALEGARI, 2013, p. 26-27).

Mesmo que muitas narrativas canônicas incluíram personagens à margem em suas histórias, entendidos, vale lembrar, como sujeitos da história literária e social marcados pela história da sociedade, como aqueles cuja diferença está sempre reduzida à desigualdade, a valoração negativa da cultura dominante (LOBO, 2008), por excelência, esses personagens emergiam de lugares histórico-político-discursivo, exclusivamente, do sujeito enunciador (DALCASTAGNÈ, 2012; 2018). Comparados, pelas relações de poder-saber, aos valores e discursos imbricados da norma (brancos, classe média etc) como referência, um modelo ideal a ser seguido, essas produções literárias produziam e reproduziam um saber, segundo Foucault (1999, p. 88) “que determina[va] se o indivíduo se conduz ou não como deve, conforme ou não à regra, se progride ou não [...] Ele se ordena em torno da norma, em termos do que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer”.

Esse esquadramento do corpo humano e social dos personagens marginalizados, com a centralidade nos espaços marginais-periféricos, ou seja, com produções literárias de representação da favela, conforme apontou o estudo de Botton (2019, p. 36), também não é diferente na implantação de discursos e valores que se valem da norma como referência para medir o sujeito/personagem marginalizado, na atualidade. Muitas obras sobre a representação da favela na literatura, ainda, apresentam visões de fora, de posições discursivas de um sujeito enunciador da cultura dominante, mas, também, é consenso, que, cada vez mais, escritos de autores que têm origem nesses mesmos espaços marginalizados estão entrando na ordem do discurso. Em sua dissertação, o pesquisador apresentou as seguintes obras, como referenciais, até aquele momento, das produções literárias sobre a representação da favela:

Memórias de um sargento de milícias, Manuel Antônio de Almeida (1854)
O cortiço, Aluísio Azevedo (1890)
A alma encantadora das ruas, João do Rio (1908)
Desabrigo, Antônio Fraga (1945)
Clara dos Anjos, Lima Barreto (1948)

Quarto de despejo, Carolina Maria de Jesus (1960)
Malagueta, Perus e Bacanaço, João Antônio (1963)
Feliz ano novo, Rubem Fonseca (1975)
Cidade de Deus, Paulo Lins (1997)
Estação Carandiru, Dráuzio Varela (1999)
Capão pecado, Ferréz (2000)
Inferno, Patrícia Melo (2001)
Becos da memória, Conceição Evaristo (2006)
Elite da tropa, Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel (2006)

As condições de produção da obra, como já dito, têm origem no mesmo espaço ficcional dos personagens dos contos que, sob essa condição autoral, confere à enunciação, conforme destaca Foucault (2003), fragmentos de discursos de uma realidade da qual fazem parte. Tal característica, entretanto, não atua, consoante Schollhammer (2009), e a concepção daquilo que ele denomina Novo Realismo, como uma projeção e/ou reflexo do mundo, um projeto confessional de um eu ególatra e monofônico (AMARAL & RODRIGUES, 2014, p. 87), que simplifica e/ou empobrece os prazeres e mistérios que envolvem a escrita, a leitura e os enredos (FERNANDES, 2012), mas como uma maneira de diminuir a distância do olhar, sobretudo, a partir de efeitos de (outras) realidade(s).

Na contemporaneidade, essa discussão entre ficção e realidade e sua relação para além da literatura, tem possibilitado uma maior ampliação do conceito de ficção, “como construção discursiva” (RESENDE, 2014, p. 22), que permite às dimensões sociais narradas, de modo especial, nos contos, aqui, em análise, sob e a partir do ponto de observação de Martins, não apenas fornecer matéria-prima para sua criação literária, mas, sobretudo, atuar no espaço geopolítico em que essa produção acontece. Contribuindo para colocar em xeque, conforme o pensamento desconstrutor de Derrida (2005, p. 12, grifos do autor), “o *escrito* e o *verdadeiro*”, a ausência e presença de significantes, que “fala[m] muito mais do que supomos dizer” (LACAN, 2008), muito mais que Martins pode observar.

O espaço ficcional da obra é circundante à favela, em suas ruas, casas e vielas e, nas poucas vezes, em que as histórias não acontecem nesse espaço social e geográfico, são seus moradores quem levam seus tramas e conflitos sociais e pessoais para o ambiente em que estão. Preocupado em narrar, que “é lembrar e, ao mesmo tempo, esquecer algumas lembranças que se sobrepõem a outras, talvez pelo grau de importância que a elas é atribuído ou pelos recalques que ficaram gravados no inconsciente” (CORACINI, 2010a, p. 41), a vida em movimento das pessoas da

periferia e a própria periferia, como algo em movimento, Geovani Martins, sob esse pano de fundo narrativo, busca ir muito além dele, não apresentando, reproduzindo contos de favela, de uma realidade mimética, de uma manchete estereotipada de jornais, mas de autoria, discursividades (FOUCAULT, 2001), que para além de narrativas que consideram apenas uma individualidade, uma natureza humana (ARENDRT, 2010), tornam possíveis outros discursos sobre esse espaço e as pessoas que ali (sobre)vivem.

Ao dar aos jovens narradores e personagens das histórias a responsabilidade de desempenhar as ações de cada enredo, os “acontecimentos” discursivos, Martins, não só cria um universo ficcional para provocar reflexões sobre a infância nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros (DUPONT, 2020), como também, amplia e busca descontinuar, na série histórica e natural dos textos literários com crianças marginalizadas, suas vozes, “deixando vazar aqueles discursos para que falem por si” (FOUCAULT, 2003).

Muito além de um veneno ou de um remédio (DERRIDA, 2005), a escolha desse foco narrativo, o modo como ele apresenta, na cadeia de significados, as possibilidades de manifestações de efeitos de verdade, pela voz desses jovens, possibilita que algumas construções sociais sobre como eles significam o olhar dos outros sobre eles, sejam (re)pensadas, sobretudo, àqueles olhares, que, nas marcas clássicas de representações sociais, os associam à criminalização, à violência e a (pré)conceitos.

Por isso, é que as condições de produção da obra, singulares no projeto ético e estilístico (e discursivo) da literatura Marginal (FERRÉZ, 2005), são uma questão importante para a desconstrução dessas “verdades”, entendida, não como uma voz, uma forma de (outra) manifestação de verdade, mas, porque, como nos propõe Foucault (2009, p. 30), “na subjetividade e que vão muito além das relações, digamos, imediatamente, utilitárias do conhecimento, da aleturgia, a manifestação da verdade faz muito mais que permitir conhecer”.

Materializada no e pelo discurso, a noção de sujeito enquanto subjetividade, efeito de uma produção, tanto para Foucault, quanto para Lacan, salvo suas posições teóricas, são construções de e pela linguagem e que, por conta disso, “deve servir de revelador da transformação do sujeito e das relações que ele mantém com a verdade” (FOUCAULT, 2009, p. 34).

Assim, muito mais que “um comportamento e do saber dos homens” e/ou “uma simples tomada de consciência” (FOUCAULT, 2009, p. 31), o que uma análise dos processos de constituição de subjetividades no e por meio de um texto literário visa é,

antes de tudo, identificar, no e por esses discursos produzidos, como os efeitos do dizer, significam e deixam significar, os sujeitos e subjetividades narrados, que nos diferentes modos de subjetivação, que se dão na dispersão e na heterogeneidade das palavras, dos discursos produzidos e dos sentidos outros advindos da memória linguística, das interdiscursividades, traz no “novo”, o antigo e o sentido outro; na (in)certeza de que, conforme nos autoriza Derrida (2005, p. 45-46), de que na leitura de qualquer texto, sempre haverá “a dissimulação, o pano envolvendo o pano, o remédio e o veneno”.

Como toda narrativa ficcional *O Sol na Cabeça*, também, estrutura-se sobre os cinco elementos narrativos (MOISÉS, 2006) que, por sua composição, dão ao gênero literário escolhido pelo autor – o conto, o suporte necessário para sua organização. Cheio de uma atmosfera de suspense, mistério e introspeção, um “resumo implacável de uma certa condição humana” ou mesmo um “símbolo candente de uma ordem social ou histórica”, conforme Júlio Cortázar (*apud* FERNANDES, 2012, p. 170), esse gênero, vem, nas últimas décadas, se destacando, não só no cenário nacional, com uma considerável utilização nas mais variadas formas e temáticas, narrando, no compêndio da literatura brasileira, sobretudo, do século XXI, “situações típicas do homem contemporâneo – como, por exemplo, a violência ou mesmo a penúria, a miséria brasileira – de forma aguda, veemente”(FERNANDES, 2012, p. 175)⁶⁹.

Na obra, o conjunto de pequenas narrativas ficcionais que a integram tem como principal temática, as aventuras e desventuras de crianças e jovens, moradores de comunidades que, no trânsito de suas vidas, enfrentam, em sua realidade cotidiana, violências, de muitas ordens. A presença constante do tráfico, as relações familiares, as lutas e desejos também fazem parte das histórias que, “a partir da renovada perspectiva temática sobre o morro – a favela – efetuada pelo escritor” (PIMENTEL, 2020, p. 252), busca, “abandonar a visão estereotipada do favelado que por muito tempo esteve presente na literatura brasileira”.

⁶⁹ Fernandes (2012, p. 175), ao elencar as vertentes atuais do conto brasileira, as classificam em cinco principais temáticas: 1) a da violência ou brutalidade no espaço público e urbano; 2) a das relações privadas, na família ou no trabalho, em que aparecem indivíduos com valores degradados, com perversões e não raro em situações também de extrema violência, física ou psicológica; 3) a das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro; 4) a dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista; 5) a das obras metaficcionais ou de inspiração pós-moderna. Vale ressaltar, como o próprio crítico enfatiza, às vezes num mesmo autor e/ou numa mesma obra, coexistem duas ou mais dessas vertentes.

Dono de um habilidade contista, Geovani Martins, já nos primeiros parágrafos dos contos, situa o leitor aos conflitos nucleares de cada história, que de modo geral, centram-se em: preconceitos, exclusões e racismo estrutural; consumo de drogas, falta de apoio do poder público, invisibilidades sociais e “enfrentamentos” com a polícia, ou seja, por subjetividades marcadas pelo idealismo, pelo psicologismo e por condições (essencialistas) humanas (ARENDR, 2010), que transforma o morador da periferia em suspeito automático em um ponto de ônibus ou no calçadão da orla, dentre outros. Os finais abertos, também são um exemplo da potência escritora de Martins, sobretudo, por possibilitar ao leitor que imagine, pense e repense, diante da possibilidade de um “outro” final, outras formas de subjetivação, tanto de si quanto as que projetamos nos personagens da obra.

Essa perspectiva de um outro olhar discursivo, de propor uma experiência de si, que possibilita considerar o outro como um componente indissociável do sujeito em permanente processo de configuração identitária, não deve ser confundida, como já dito, com um impulso narcisista e/ou a valorização de um eu ególatra (AMARAL & RODRIGUES, 2014), que no instinto de subjetividade, a que Almeida (2014, p. 100), crítica, pode “supostamente apaga[r] o substrato político na literatura brasileira contemporânea”.

Pelo contrário, pois ao abandonar a condição de objeto de escrita e alçar a condição de sujeito do próprio discurso (PATROCÍNIO, 2013), o sujeito enunciativo, da literatura Marginal, propõe outra percepção para os fatos, outro foco que vai além do narrativo, pois engloba também um projeto discursivo, estruturado em dispersões, descontinuidades que apontam para o diferente, para o singular, como resistência, sobretudo, ao poder que as regularidades (regras, convenções da historiografia clássica) instauram. O questionamento sobre a “presença” enunciativa, nas obras dessa rubrica, são muito mais que presenças físicas, pois, dimensionam, na presença-ausência daquele que escreve, ausência que garante a sobrevida do texto que se dá a ler (DERRIDA, 2005).

A linguagem oral, sonora, é outra característica pulsante que perpassa vários contos, sendo, por muitos críticos e leitores (CUNHA, 2019), um dos atributos mais marcantes das narrativas⁷⁰. Povoada de gírias, a utilização desses signos linguísticos,

⁷⁰ Júlia Sanches, tradutora da obra para o inglês, revelou sua dificuldade em encontrar uma tradução aproximada o suficiente da linguagem urbana presente no livro. Para ela, o processo foi agonizante e, neste caminho, foram escritas 36 versões do livro entre partes completas e incompletas. A tradutora

marca, pela escrita de Martins, signos identitários, uma vez que, contribui para a desconstrução subjetiva, preconceituosa e estigmatizada sobre a identidade linguística desses jovens, já que, ao utilizar esse recurso estilístico, o autor provoca também uma discussão social, que vai muito além de um foco linguístico e positivista, dando à utilização, dessas marcas de oralidade, uma dimensão política, um descentramento da linguagem literária (PIMENTEL, 2020) que coloca em discussão a questão da alteridade.

Conto de abertura da obra, *Rolézim*, narrado em primeira pessoa pela voz que do garoto de comunidade, com suas gírias, trejeitos e a genialidade da língua falada (CUNHA, 2019), de quem “pula da oralidade mais rasgada para o português canônico como quem respira” (SALLES, 2018, s/p)⁷¹ narra a relação do personagem com o distanciamento social e geográfico que resulta na brutal desigualdade e exclusão do jovem favelado, sobretudo, no instante em que ele deixa de ser invisível para os frequentadores das praias da zona Sul, na capital carioca, e com os desmandos da polícia.

Nessa história, temos um bom exemplo, segundo Gonçalves (2018)⁷² “da sensação produzida pela temperatura elevada na cidade do Rio de Janeiro, pois um simples passeio de cinco jovens provoca paranoias sociais indisfarçáveis e o clima esquenta em outros sentidos”. O clímax acontece na volta para casa, quando ele e seus amigos, depois de um dia inteiro escoltados pelos olhares dos policiais e/ou dos playboys segurando a mochila contra o corpo, topam com uma abordagem policial em outros “menó” e, como sempre, dado o racismo institucional que os colocam como suspeito automático em muitas situações⁷³, também são abordados/revistados. Diante das (im)possibilidades quanto às suas *identidades*, marcadas, pelo olhar dos policiais,

decidiu por não situar o livro em nenhum contexto urbano que se assemelhasse aos Estados Unidos, conservando o seu lugar de origem ao optar por manter algumas palavras e expressões em português que pudessem ser compreensíveis dentro do contexto ou que não alterassem o sentido das frases. No entanto, Julia Sanches informa que não se preocupou em explicar nada aos leitores, assim como, para ela, faz Geovani Martins no decorrer dos contos (CUNHA, 2019, p. 17).

⁷¹ João Moreira Salles, documentarista e produtor de cinema brasileiro, na contracapa do livro.

⁷² Por Evanilton Gonçalves, Blog da Companhia: “Com O sol na cabeça, Geovani Martins se revela uma das vozes mais promissoras da literatura brasileira contemporânea”. Disponível em: <<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Com-O-sol-na-cabeça-Geovani-Martins-se-revela-uma-das-vozes-mais-promissoras-da-literatura-brasileira-contemporanea>> Acesso em: 29 de junho de 2019.

⁷³ Segundo fala de Jacqueline Sinhoretto, em comunicação pessoal, na palestra: Juventude, controle do crime e racismo institucional, no evento *Jovens, racialização e criminalização*, promovido em formato digital pelo CES/Coimbra em 21 de junho de 2021, o preconceito estrutural e uma orientação racial de possíveis contraventores, influenciados pela corporalidade, de como se vestem, agem e falam, classe, territórios em que circulam são dados da seletividade policial como fenômeno sociológico e marcação de desigualdades sociais.

como *passagem* para o destino final – a delegacia, decide “sair voado”, mesmo sabendo que o “flagrante está na mente”, já que a única coisa que pensava era em como explicar, “pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada”.

O preconceito velado com os moradores da periferia, (re)velado nas práticas discursivas e não-discursivas, como a abordagem policial, narrada no conto *Rolézim*, também, é questionado no segundo conto, *Espiral*, narrado em primeira pessoa e que tem como fio condutor os desdobramentos da perseguição social e preconceituosa, quando o narrador está em espaços fora da favela. Trazendo o outro lado do medo que se estabelece entre perseguido e perseguidor, vítima e ladrão, o (dis)curso do conto é centrado na apresentação desse outro ângulo da realidade social que envolve muitos dos jovens de periferia, “cansado” de ser o motivo, a ameaça, o medo das pessoas: “Tudo começou do jeito que eu mais detestava: quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa e, quando via, era eu o motivo, a ameaça” (MARTINS, 2018, p. 17). Na apresentação da obra, no *Blog da Companhia*, Gonçalves (2018), assim resume a narrativa de *Espiral*, “uma das mais perturbadoras do livro”: “Além de tipificar a fragilidade das relações humanas em meio aos contrastes sociais, com ironia o personagem-narrador demonstra que os muros metafóricos ou concretos não conseguem evitar os choques da realidade”.

No tenso *Roleta-russa* que, dentre as significações que a expressão vocabular empregada no título apresenta, mantém uma regularidade e suspense com o “jogo” tradicional com uma arma de fogo, nos efeitos do dizer do conto, significa, também, o jogo da curiosidade, das angústias juvenis do personagem Paulo, para ser aceito em seu grupo social e, sobretudo, em mexer, às escondidas, na arma de trabalho do pai, segurança em um posto de combustível.

No conto *O caso da borboleta*, a prosa poética de Martins é evidenciada. Narra, pela perspectiva de Breno, um garoto de 9 anos, seu desejo de “voar” na vida e os desdobramentos que um velho ditado de sua vó “Ninguém nasce borboleta”, causa no menino, no momento em que ele se depara com a queda da borboleta em uma panela com óleo na cozinha de sua casa. Introspectivo e visando a “prender” o leitor para além do caso da borboleta, constrói sentidos que simbolizam as reflexões de obstáculos e possibilidades de transformações, sociais, identitárias, biológicas, imaginadas pelo garoto.

Os constantes enfrentamentos com o poder do Estado, simbolizado pela ação e desmandos policiais, quando a UPP invadiu o morro do narrador-personagem é o pano

de fundo narrativo do conto *A história do Periquito e do Macaco* que narra, de dentro, a efetividade da ação do Estado que, ao inibir a violência na cidade, parece causar mais violência, ainda, “sufocando, invadindo casa e esculachando morador por qualquer bagulho” (p. 37). Numa prosa cruel e cheia de fúria, o narrador expõe sua peculiar visão sobre os novos conflitos que surgem, a partir do novo cenário.

Essa temática do encontro conflitante entre morador e policial, sobretudo, quando os agentes são narrados nas cenas, em atos de corrupção e seletividade penal (SINHORETTO, 2021), também, povoam os enredos dos contos *O Rabisco* e *Sextou*. *O Rabisco* conta a história de Fernando, ex-pichador, agora pai, na luta contra seus impulsos e que, em uma noite, ao não resistir “a arte proibida” (p. 53) é “confundido” com um ladrão e alvejado pela polícia “pra quem veste a capa da justiça nesse tipo de situação, o pichador e o ladrão têm quase sempre o mesmo valor e o mesmo destino” (p. 53).

Sextou, penúltimo conto da obra, conta os conflitos e humilhações do narrador-personagem para conseguir e se manter em subempregos para ajudar em casa e comprar algumas coisas para si. Marcado por um discurso elaborado por palavras com sensações de revolta que o tomam diante das injustiças sociais, culmina em uma sexta-feira de pagamento em que ele vai a um morro comprar droga e, na estação de trem, é abordado, humilhado e roubado pelo grupo de policiais.

Fora do ambiente geográfico da favela, estão os contos *Primeiro dia* e *A Viagem*. Em *Primeiro dia*, temos a história de André, garoto de 11 anos, em seu primeiro dia de aula em um novo ciclo/escola. Narrado em tom adolescente, são os medos das intimidações dos meninos mais velhos, a ansiedade e a rivalidade entre estudantes/pessoas de escolas/mundos diferentes, que povoam o imaginário desse pré-adolescente. *A Viagem* tem como cenário narrativo a cidade litorânea de Arraial do Cabo, ao sul do estado do Rio. É o personagem Rafa, universitário, quem narra a história da viagem e das “viagens”, reflexões e experiências com drogas dele e de um grupo de amigos, durante as festas de final de ano, em “uma narrativa alucinante, composta pelo delírio, pela intensidade” (GONÇALVES, 2018) em que o clima de paquera e de festividade dão lugar, pouco a pouco, ao ciúme, à confusão e a situações inusitadas

O nono conto, *Estação Padre Miguel* narra o ambiente pesado da compra, consumo de drogas e leis do tráfico, no espaço geopolítico da estação de trem e que, também, funciona como uma fronteira social. As invisibilidades sociais, identitárias das

peças, os rostos dos usuários de crack, são algumas das reflexões da história “tudo um único monte de viciado”, além dos questionamentos sobre os perigos do consumo e do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro, “combustível da cidade” (MARTINS, 2018, p. 75).

Dono de uma escrita caracterizada por um realismo imaginativo, com fatos “duros” aliados à reflexão para além do (d)escrito, Geovani Martins, em *O Cego*, apresenta-nos a história, desde a infância até a velhice, do Seu Matias, cego de nascença, “Vivendo dos trocados que lhe davam as pessoas comovidas ou incomodadas com seu discurso” (MARTINS, 2018, p. 88). A vida miserável e solitário do idoso que, a cada experiência em contar a sua história, sentia sua vida cada vez mais dolorida e insuportável. É, no final do conto, em companhia de Desenho, “um garoto que todos garantiam que seria bandido” (MARTINS, 2018, p. 88), o único momento de liberdade e prazer da sua vida, em que os dois fumam todo o dinheiro conseguido por Matias, “num papo angustiante em que não se olha no olho” (p. 89).

Nas ruas dos becos, como um espaço de lazer e descobertas que o autor, pelos olhos de três crianças, Ruan, Thaís e Matheus, apresenta ao leitor o conto *O mistério da vila* que constrói sobre a temática dos preconceitos institucionalizados, a relação da sociedade com as diversidades religiosas. Narra a história de Dona Iara, mãe de santo, “macumbeira para os preconceituosos” e que, mesmo diante de tanta intolerância religiosa, em segredo, sempre nos *mistérios da noite*, ajudava a todos que, diante de problemas que suas crenças não conseguiam resolver, recorrem a ela, sempre sem comentar, contar para ninguém, sem revelar os segredos de tantas famílias.

Com o conto *Travessia*, Geovani Martins “fecha” a obra contando a história do dia em que Beto, “soldado do morro”, garoto tranquilo, “num momento de vacilo”, atira em um viciado e é, obrigado, pelas leis internas da favela, paralela à legalidade estatal, arcar com as consequências do seu ato – atravessar todo o morro para desovar o corpo no lixão. Quando, finalmente, consegue fazer essa travessia, é julgado, novamente, e obrigado a abandonar o morro, partir para outro lugar, outra casa, distante do convívio de sua mãe, de seus amigos e de suas lembranças, em uma das travessias mais sofridas para ele.

Passemos, então, atravessados pelas condições de produção da obra, a percorrer os caminhos que atravessam as condições de produção na constituição dos sentidos sobre a obra, trazendo, na sequência, o perfil dos alunos participantes da pesquisa, um grupo de vinte e sete estudantes, regularmente matriculados no terceiro e último ano do

Ensino Médio integrado ao curso técnico de Mecatrônica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo (IFSP), *campus* Avaré.

1.2. As condições de produção na constituição de sentidos: o grupo de alunos-leitores

O objetivo principal das linhas que se seguem é problematizar sobre como as condições de produção que envolvem o grupo de alunos contribuem, baseadas em Foucault (1995), para se estabelecer diferenças entre os discursos produzidos.

Conforme relatado na seção anterior, localizar os discursos em seu contexto e interpretar o que é dito, por que diz, para quem diz, como diz e com quais objetivos constitui processo de leitura que nos permite perceber como, em se tratando de discurso, não há uma verdade⁷⁴, mas produções de sentido determinadas no tempo e no espaço por quem os produziu.

Desse modo, contextualizar como as produções escritas dos alunos sobre a interpretação dos contos da obra, escrevem a construção identitária dos sujeitos/personagens marginalizados, mais que um instrumento de constituição de *corpus* é uma escolha teórico-metodológica, que encontra respaldo em Foucault (2004) e Lacan (1998), no sentido de que é também pela escrita que nos *inscrevemos*, (des)velando modos de subjetivação, identificação imaginária, constituindo a imagem que se faz de si e do eu, o Outro, de representações sócio-históricas. Nesse sentido, ao interpretar os contos e, assim, produzir seu texto, os alunos não deixam de resvalar em sua escrita, fragmentos dos discursos que compõem o seu dizer.

É possível considerar, ao tratar das condições de produção em que os textos dos alunos foram produzidos, que o momento sócio-histórico político-pedagógico, ou seja, o contexto mediato (ORLANDI, 2004, p. 30), em que essas produções se deram, apesar de propagar o conhecimento em um sentido mais amplo, para melhor compreender a si e ao mundo⁷⁵, ainda, mantém, nos textos produzidos, rastros de uma memória discursiva com fortes ligações com um conhecimento formal e racionalista. Destarte que, (re)conhecer que estamos tratando, no sentido estrito, imediato (ORLANDI, 2004, p.

⁷⁴ Entendida, em sentido amplo, como verdade universal, única, absoluta.

⁷⁵ Projeto Político Pedagógico do Curso do Técnico em Mecatrônica Integrado ao Ensino Médio do IFSP – *Campus* Avaré. Disponível em: <https://avr.ifsp.edu.br/images/pdf/tecnico_mecatronica/PPC_MECA_Integrado_IFSP_Avare%CC%81_19_12_2013_Final.pdf> Acesso em: 31 de março de 2020.

20), de adolescentes, estudantes de um curso técnico do eixo tecnológico de Controle e Processos Industriais; em situação global de pandemia; retornando às atividades escolares, em uma modalidade de ensino nova; quase concluintes do Ensino Médio; estudantes de uma instituição de ensino prestigiada e conhecida na cidade⁷⁶; em contato pela primeira vez com a obra... contribui para apontar como, nesse “todo” discursivo, estão contextualizados o dizer/a interpretação como produção de sentido.

A leitura e interpretação escrita dos contos da obra *O Sol na Cabeça* que constituíram um dos momentos do *corpus* se deram em um contexto pandêmico⁷⁷, em que, as repercussões produzidas, não aconteceram, apenas, na ordem biomédica e epidemiológica, mas, em escala global, também, em impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos, sem precedentes na história recente das epidemias. No ambiente escolar e nas relações com esse ambiente os impactos, também, foram significativos.

Medidas sanitárias como o distanciamento social foi um dos primeiros protocolos a ser adotado para a tentativa de não circulação do vírus. Em decorrência disso, decretos oficiais, sobretudo, estaduais e municipais, suspenderam, em grande parte do território nacional, as aulas presenciais e, quando possível, a adoção do ensino remoto, em caráter excepcional, emergencial⁷⁸. No *campus* Avaré, as aulas presenciais foram suspensas em 16 de março de 2020, retornando de maneira remota, somente em 27 de julho do mesmo ano, o que fez com que as leituras e produções dos textos dos alunos-participantes, para a constituição do *corpus* de pesquisa, também tivessem que ser adaptadas a esse novo/outro formato de ensinar e aprender (e fazer pesquisa!).

⁷⁶ Recorrentes investimentos vindos de emendas parlamentares contribuem para constantes ampliações tanto na infraestrutura do campus quanto aos aspectos pedagógicos e de acesso e permanência discente. A interlocução da gestão do *campus* com entidades de órgãos públicos e privados, também proporcionam bastantes investimentos e visibilidade da instituição no entorno regional. Atualmente, é a escola pública com o melhor desempenho na avaliação externa ENEM, em terceiro lugar na cidade, ficando atrás, somente, de duas escolas particulares.

⁷⁷ De uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos, o coronavírus (SARS-CoV-2), identificado em Wuhan na China, em dezembro de 2019, causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Fonte: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 26 de março de 2021.

⁷⁸ Diferentemente do EaD, o ensino remotopreconiza a transmissão em tempo real das aulas. A ideia é que professor e alunos de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial, ou seja, uma “adaptação virtual” de um ensino tradicional. Reportagens, pesquisas, editoriais, estudos acadêmicos, conversas informais foram enfáticos em descrever o quanto essa modalidade emergencial de ensino, na grande maioria do país, não teve êxito, em que o acesso à Internet, por exemplo, foi apenas a ponta de um iceberg das tantas desigualdades presentes no Brasil.

Os alunos-leitores participantes são estudantes do terceiro ano do curso técnico em Mecatrônica Integrado ao Ensino Médio do IFSP – *Campus Avaré*. Com mais de 40 mil alunos matriculados nas 36 unidades distribuídas pelo estado de São Paulo, a rede federal IFSP, caracterizada como instituição de educação superior, básica e profissional, instituída, em 29 de dezembro de 2008, Lei nº 11.892, tem como Missão:

Ofertar educação profissional, científica e tecnológica orientada por uma práxis educativa que efetive a formação integral e contribua para a inclusão social, o desenvolvimento regional, a produção e a socialização do conhecimento. [...] Visão: Ser referência em educação profissional, científica e tecnológica, na formação de professores e na produção e socialização do conhecimento.⁷⁹

Vinculada à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC), por meio da lei nº 11.892 de 29/12/2008, a Rede Federal de Educação foi criada em 1910, com o nome de Escola de Aprendizes e Artífices de São Paulo. Os primeiros cursos oferecidos foram os de tornearia mecânica e eletricidade, além das oficinas de carpintaria e artes decorativas. Após algumas estruturas administrativas e funcionais, principalmente, nos anos de 1937 e 1942, recebeu outras denominações⁸⁰, mas ainda visando à oferta de cursos técnicos e pedagógicos.

Após os anos de intervenção militar, já no segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso, a instituição tornou-se um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), o que possibilitou também o oferecimento de cursos de graduação. Em 29 de dezembro de 2008, pela Lei nº 11.892, o CEFET-SP transformou-se no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), denominação que se mantém até hoje.

Na atualidade, além de ofertar cursos técnicos e superiores, nos seus 34 *campus* e 3 núcleos avançados, o IFSP, contribui para o enriquecimento da cultura, do empreendedorismo e cooperativismo e para o desenvolvimento socioeconômico da região de influência onde cada instituição se encontra. Atua também na pesquisa

⁷⁹ Segundo Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2019-2023, documento que define a missão da Instituição e as estratégias para atingir as metas e objetivos, abrangendo um período de cinco anos. Disponível em: <<https://www.ifsp.edu.br/o-que-e-rss/85-assuntos/desenvolvimento-institucional/176-pdi>> Acesso em: 31 de março de 2020.

⁸⁰ No percurso histórico do IFSP, várias foram as suas caracterizações Escolas de Artífices, Liceu Industrial, Escola Industrial, Escola Técnica, Escola Técnica Federal e CEFET. Em todas elas, a oferta de trabalhadores qualificados para o mercado sempre foi uma característica fundamental.

aplicada destinada à elevação do potencial das atividades produtivas locais e na democratização do conhecimento à comunidade em todas as suas representações⁸¹.

Nessa direção, o IFSP objetiva levar em conta o fato de que “o desenvolvimento humano é um processo de construção contínua e que se estende ao longo da vida dos indivíduos e das sociedades de forma indissociável” (PPC/MECA, 2013, p. 8), compreendendo “o sujeito como um ser sócio-histórico, ou seja, resultado de um conjunto de relações sociais historicamente determinadas, em constante construção e transformação”. Logo, a instituição de ensino assume, também, a responsabilidade de promover o pleno desenvolvimento dos estudantes cidadãos, com o intuito de uma formação integradora e crítica. Por esse motivo, os princípios norteadores visam a promover uma formação não apenas técnica, meramente profissional, “mas contribui para a iniciação na ciência, nas tecnologias, nas artes e na promoção de instrumentos que levem à reflexão sobre o mundo” (PPC/MECA, 2013, p. 8):

O IFSP, *campus* Avaré, localizado na Estância Turística de Avaré, distante 274,6km da capital, São Paulo, foi implantado em 2010, com o apoio da prefeitura local e do Ministério da Educação, o qual realizava, à época, o plano de expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica - fase II⁸². O *campus* funciona, atualmente, em uma área superior a 29 mil m² e dispõe de salas de aulas convencionais, laboratórios, biblioteca, sala de professores, coordenações, áreas de apoio pedagógico, área de alimentação, ginásio poliesportivo e espaço multifuncional para eventos⁸³.

Atende, aproximadamente, 2500 alunos, matriculados nos cursos de: Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Lazer, Mecatrônica e Agroindústria, para quem terminou o 9º ano; Cursos Técnicos Concomitantes / Subsequentes ao Ensino Médio em Mecânica e Eventos, para quem está no Ensino Médio ou já terminou; Cursos Superiores Tecnológicos em Agronegócio e Gastronomia; Bacharelado em Engenharia

⁸¹ Todas essas informações foram retiradas do Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Mecatrônica Integrado ao Ensino Médio do IFSP, *Campus* Avaré, na parte referente ao Histórico Institucional. Disponível em:

https://avr.ifsp.edu.br/images/pdf/tecnico_mecatronica/PPC_MECA_Integrado_IFSP_Avare%CC%81_19_12_2013_Final.pdf> Acesso em: 28 de março de 2021.

⁸²“Ampliar a presença da rede federal de educação profissional em todo o Brasil é o objetivo do Plano de Expansão da Rede Federal”: “Em sua segunda fase, iniciada em 2007, a Setec/MEC estabelece como meta a criação, em quatro anos, de mais 150 novas instituições federais de educação tecnológica no marco do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica. As instituições foram distribuídas nos 26 estados e no Distrito Federal, contemplando 150 municípios diferentes escolhidos pelo próprio MEC e mediante manifestação de interesse por parte das prefeituras municipais”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-aco/es/expansao-da-rede-federal>> Acesso em: 25 de março de 2021.

⁸³ Disponível em: <https://avr.ifsp.edu.br/campus-avare>> Acesso em: 28 de março de 2021.

de Biosistemas; Licenciaturas em Ciências Biológicas e Letras – Português e Espanhol; Curso PROEJA FIC - Auxiliar de Hospedagem, Educação de Jovens e Adultos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Avaré e diversos Cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC.

O *campus*, conta, também, com o apoio de uma equipe multiprofissional e de ação interdisciplinar, a Coordenadoria Sociopedagógica, composta por Assistente Social, Pedagogo(a), Técnico(a) em Assuntos Educacionais e Psicólogo(a), profissionais que realizam acompanhamento permanente aos docentes e discentes, por meio de programas e projetos, objetivando garantir o acesso e permanência do estudante ao ensino público, gratuito e de qualidade⁸⁴. Dentre as ações desenvolvidas, destacam-se políticas e ações institucionais como o atendimento especializado aos estudantes com necessidades educativas específicas (definitivas e/ou temporárias) fomentando práticas e recursos didáticos específicos; a inserção do NAPNE (Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas), articulando o processo de inclusão; o Programa de Assistência Estudantil (programa de auxílio financeiro destinado aos alunos em situação de vulnerabilidade social comprovada⁸⁵, para fins de manutenção de sua vida escolar), projetos, palestras e ações de formação continuada e o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas), coordenadoria responsável por promover de forma efetiva a diversidade étnico e racial existentes.

Como docente do quadro efetivo da rede, desde junho de 2016, asseguro que esse papel de compreender a educação para além da sala de aula é uma característica socioeducativa presente e coerente no *campus* onde trabalho – Avaré, que conta com essa equipe multiprofissional, além de corpo docente, em sua maioria, em regime de dedicação exclusiva – RDE, assegurando aos alunos não somente um maior contato e período de desenvolvimentos pedagógicos, educacionais e sociais, com carga horária para preparação de aulas, horas de acompanhamento, recuperação paralela⁸⁶, mas também o apoio à ações de pesquisa e extensão, com fomento para participação em grupos de pesquisas, bolsas de ensino, bolsas de iniciação científica, feiras estudantis, congressos etc.

⁸⁴ Disponível em: <<https://avr.ifsp.edu.br/sociopedagogico>> Acesso em: 28 de março de 2021.

⁸⁵ O critério para obtenção do auxílio é exclusivamente socioeconômico, de acordo com as seguintes modalidades: alimentação, transporte, saúde, moradia estudantil, apoio a estudantes pais, esporte, cultura, inclusão digital, apoio didático-pedagógico e apoio a estudantes PNEE. Disponível em: <<https://avr.ifsp.edu.br/sociopedagogico>> Acesso em: 28 de março de 2021.

⁸⁶ Todos os docentes do quadro efetivo e/ou em contrato temporário (substitutos) têm que ofertar em seus PIT - Plano Individual de Trabalho Docente (Resolução nº 109 de 4 de novembro de 2015), Atividades de Apoio ao Ensino, como Atendimento ao Aluno (AAA) e Recuperação Paralela; no mínimo 02h/a.

Implantado pela primeira vez, no ano de 2014, o Curso Técnico de Mecatrônica integrado ao Ensino Médio do *campus* Avaré, oferece, anualmente, 40 vagas, em regime de estudo integral⁸⁷ e estabelece como critério de acesso processo seletivo realizado por meio de edital publicado pelo IFSP (análise do histórico escolar ou provas) e/ou por meio de transferência, obedecendo ao previsto na organização didática do IFSP. Distribuída em 3 anos, a carga horária do curso tem total mínimo de 3.600 horas, sendo 2.400 horas 2.400 horas referentes a base nacional comum e 1.200 horas referentes a parte específica.

Segundo o projeto pedagógico do curso⁸⁸ o técnico em Mecatrônica (p. 22):

[...] está habilitado para atuar no projeto, execução e instalação de máquinas e equipamentos automatizados e sistemas robotizados, realiza manutenção, medições e testes dessas máquinas, equipamentos e sistemas conforme especificações técnicas, programa e opera essas máquinas, observando as normas de segurança. O egresso atua em indústrias, preferencialmente as de processos de fabricação contínuos, bem como as de petroquímica, alimentos e de energia; laboratórios de controle de qualidade, de manutenção e pesquisa; empresas integradoras e prestadoras de serviço. Também atua na gestão da qualidade e produtividade, ciente das questões éticas e ambientais, de sustentabilidade e viabilidade técnico-econômica envolvidas nos processos industriais.

O movimento histórico crescente de expansão das oportunidades de formação profissional gratuita, em especial, em sua modalidade integrada ao Ensino Médio⁸⁹, nos finais da década de 2010, sobretudo, pelo projeto de expansão das redes federais fomentaram as discussões para a implantação dessa modalidade de ensino no *campus*. De acordo como PPC/MECA, a justificativa para a escolha do curso se deu por dois principais motivos: pela disponibilidade de corpo docente qualificado⁹⁰ e suficiente, à

⁸⁷ De segunda à sexta-feira, das 8h às 17h. Às quartas-feiras, com saída às 14h, dia de reuniões gerais dos professores.

⁸⁸ Disponível em: https://avr.ifsp.edu.br/images/pdf/tecnico_mecatronica/PPC_MECA_Integrado_IFSP_Avare%CC%81_19_12_2013_Final.pdf. Acesso em: 30 de março de 2020.

⁸⁹ Nas palavras de Fernando Haddad, então Ministro da Educação e um dos responsáveis pelo projeto da atual Rede Federal: “O Ideb dos institutos, hoje, é a meta do país para 2022. A rede federal de educação profissional já está no primeiro mundo”. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15458:plano-de-metaspretende-atender-as-demandas-da-educacao-profissional&catid=209&Itemid=86 Acesso em março de 2013.

⁹⁰ Atualmente o IFSP/Avaré conta com um corpo docente de 73 professores EBTT efetivos e 45 técnicos administrativos (TAEs), totalizando uma equipe de 117 servidores. Dados da Plataforma Nilo Peçanha mostram que 96% dos docentes são mestres de doutores (35 doutores, 34 mestres e 3 especialistas). Fonte: Projeto Político Pedagógico 2020/2024. Disponível em: <https://avr.ifsp.edu.br/images/pdf/documentosinstitucionais/PPP%20AVR%20-%202020-2024.pdf> Acesso em: 19 de fev. de 2021.

época, nas áreas de conhecimentos técnicos na área de indústria e pelas expectativas de demandas profissionais, bem atraentes, desse eixo tecnológico, que ocupava a sexta posição, dentre as *Perspectivas Estruturais do Mercado de Trabalho da Indústria Brasileira 2012*⁹¹. Os estudos baseados na demanda local⁹², também contribuíram para que, em audiência pública, realizada na cidade com representantes do comércio, indústria, instituições de ensino e população em geral, o curso fosse escolhido e implantado.

Na sala do terceiro ano do Curso Técnico em Mecatrônica integrado ao Ensino Médio, no ano de 2020, estavam matriculados quarenta e dois alunos. Trinta participaram da aula, dos quais vinte e sete decidiram participar da pesquisa. Nos documentos oficiais do *campus* não há dados/informações que caracterizam, de modo específico, o perfil socioeconômico, faixa etária, caracterização racial de cada turma/modalidade de ensino ofertados.

Algumas caracterizações que constam no PDI-IFSP são referentes a todos os cursos regulares ofertados no *campus* Avaré, no ano base de 2019. De acordo com esse documento, 89,58% dos alunos atendidos, nos cursos regulares, manifestaram-se, em relação à caracterização racial, como sendo 68,22% brancos, 23,53% pardos, 6,32% pretos, 1,47% amarelos e 0,46% indígenas. Já em relação à renda familiar, apenas 42,49% dos alunos declararam essas informações, dessas, com, aproximadamente, 90% pertencentes à classes socioeconômicas D (de 1 a 3 salários mínimos).

A escolha dessa série/curso para a realização da pesquisa se deu nas possibilidades de interpretações e significações que esse grupo de alunos-leitores, em fase final de escolarização básica, estudantes de um curso técnico do Eixo Controle e Processos Industriais poderiam produzir interpretações sobre sujeitos/personagens marginalizados em um texto literário. O fato de eu ter sido professora de literatura da turma, no primeiro ano do curso, além da disponibilidade de carga horária para a realização da atividade e participação da turma às aulas síncronas, contribuíram para a

⁹¹ Pesquisa realizada pelo sistema FIRJAN e supervisão técnica da Fundação Getúlio Vargas – FGV. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/22943324-Perspectivas-estruturais-do-mercado-de-trabalho-na-industria-brasileira-2020.html> >. Acesso em: 20 de fev. de 2020.

⁹² O IFSP *Campus* Avaré ocupa uma posição geográfica estratégica na região, com muitos municípios limítrofes que não dispõem de nenhuma instituição pública que ofereça o curso técnico em mecatrônica. Dessa forma, pressupõe-se que o público alvo seja não apenas as indústrias do município, mas também a dos municípios adjacentes, tais como, Cerqueira César, Arandu, Pratânia, Borebi, Lençóis Paulista, Iaras, Itaí, Paranapanema e Itatinga que, conjuntamente, apresentam demanda de mão de obra qualificada para o setor agroindustrial. Fonte: Projeto Político Pedagógico do curso técnico integrado ao Ensino Médio em Mecatrônica do IFSP – *Campus* Avaré.

eleição. Cabe ressaltar que havia menos de um mês que as aulas, nesse formato virtual, uma novidade para os estudantes e professores, tinham começado. A baixa participação e frequência dos estudantes, sobremaneira, dos outros cursos ofertados pela instituição, por diversos motivos⁹³, cujos fatores não podemos precisar, corroboraram, dada a frequência de grande parte dessa turma, principalmente, nos momentos de interação virtual, para sua predileção.

Participativos, a grande maioria dos alunos, realizava algum curso/oficina/projeto de extensão ofertado pelo *campus*, como complementação de uma formação integral. Considerado de bom para muito bom⁹⁴, o rendimento da turma, especificamente, nas aulas de Literatura, no primeiro ano, embora o senso comum os julgasse pela inclinação às Exatas, na grande maioria das vezes, sempre foi de interesse às discussões/leituras/atividades propostas, como leitura e discussão/interpretação de obras, elaboração e participação de seminários, realização de dramatizações/releituras de obras, apresentando uma postura crítico-literário, nos momentos de discussão. Em alguns alunos, também, era possível observar hábitos de leitura, para além dos sugeridos/discutidos em sala de aula, sobretudo, de títulos da literatura internacional, considerados *best sellers*, à época.

Em comunicação oral, durante o encontro virtual entre alunos e a pesquisadora para exposição do projeto e da “aula”/momento de apresentação da obra, foi perguntado se eles conheciam a obra/autor/características das produções oriundas dos grandes centros periféricos urbanos nacionais.No chat, alguns alunos responderam que não. A consideramos a publicação “recente” da obra,2018, o pouco contato com a temática e produções na escola e/ou situações para além dela, contribuem para indicar como alguns dos fatores do pouco conhecimento sobre ela.

Na cidade de Avaré, há mais de 25 anos algumas famílias moram às margens da linha férrea, conhecida como Favela da Biquinha. Em buscas nos dois principais jornais locais *O Victoriano* e *A Bigorna* sobre notícias desse agrupamento social, encontramos duas matérias, datadas de 2017 e 2016. No jornal *O Victoriano* a condição de precariedade e marginalização é o destaque dado, ressaltando, a possibilidade e o “alerta de um possível nascimento de uma nova favela na cidade, também às margens da linha

⁹³ Pesquisas e dados publicados na mídia, indicaram, dentre os fatores de maior dificuldade de acompanhamento das aulas remotas, a desmotivação, insegurança e vergonha dos alunos nas aulas virtuais, além, principalmente, da falta de aparelhos e acesso à Internet para acompanhar as aulas.

⁹⁴ Informações de cunho pessoal e profissional da pesquisadora, como já dito, docente da turma no primeiro ano, ministrando aulas de Literatura e, para uma parte da turma, também de língua espanhola.

férrea”. Enfatizando “o problema social para várias administrações municipais” uma vez que a imagem narrada desse espaço são, no texto da notícia de “Moradias precárias, carência de serviços básicos como saneamento, abastecimento de água potável, eletricidade, falta de segurança e, conseqüentemente, violência e criminalidade”.⁹⁵

Essa imagem de precariedade e preconceito também foi manchete em outro jornal local, *Jornal A Bigorna* que, trouxe a fala, em 2016, do vereador Tucão, em plenária, ao discursar sobre um projeto de lei que discorria sobre multas a serem cobradas à SABESP para melhorar a qualidade dos serviços prestados na cidade, em que ele afirmou (grifos nossos): “*Avaré não é favela*, para ser tratada da forma como sendo pela Sabesp. “*Somos um povo civilizado e em desenvolvimento*. Exigimos respeito desta Companhia!”⁹⁶

Para a produção dos textos que constituíram o *corpus* das interpretações escritas dos alunos, em duplas e/ou individualmente, os alunos-participantes da pesquisa, em folha identificada e utilizada para esse fim – *Instrumento de constituição de corpus*⁹⁷, incentivados pelo enunciado: *Após a leitura individual e/ou coletiva do conto selecionado, rediga um breve texto sobre suas interpretações e reflexões sobre a construção identitária dos personagens principais do conto lido*, produziram um breve texto, sobre a construção identitária dos personagens principais, a partir da leitura do conto lido/escolhido. Após 15 dias, entregaram, via email, as produções ao professor responsável da turma que, por sua vez, encaminhou a mim.

No capítulo 3, item 3.4 voltamos a tratar, de maneira mais detalhada, a constituição e, sobretudo, interpretação desse *corpus* constituído das produções escritas dos alunos, a partir do dispositivo analítico da perspectiva dos estudos discursivos. Sigamos, então, para o capítulo dois *O texto literário no/pelo olhar discursivo* em que se discute o conceito de *discurso* para o texto literário, buscando, compreender como acontecem no discurso literário da intitulada literatura Marginal as manifestações verdades, saberes, poderes e contrapoderes, mobilizados nos efeitos de sentido de sentir-se *Marginal*, na contemporaneidade.

⁹⁵Disponível em: <<https://www.ovictoriano.com.br/page/noticia/invasao-as-margens-da-linha-ferrea-pode-virar-favela>> Acesso em: 29 de set. de 2021.

⁹⁶ Disponível em: <<https://www.jornalabigorna.com.br/page/noticia/tucao-diz-que-sabesp-trata-avare-como-favela->>> Acesso em: 29 de set. de 2021.

⁹⁷ ANEXO G, página 188.

CAPÍTULO 2

O TEXTO LITERÁRIO NO/PELO OLHAR DISCURSIVO

Discutir alguns conceitos sobre literatura, texto literário e discurso, sobretudo, o discurso literário para o projeto desta tese nos parecem essenciais. Não que a intenção seja trazer verdades absolutas sobre conceitos tão complexos, mas, bem contrário a isso, por acreditarmos ser importante traçarmos nossa posição teórica ao pensar e, propor a repensar, o texto literário contemporâneo, da literatura Marginal, sobre o olhar da perspectiva discursivo-desconstrutiva da linguagem e seus mecanismos de compreensão para além das palavras. Com isso, o que aqui se visa é problematizar o pensamento logocêntrico-cartesiano que coloca o sujeito e a consciência como “presenças”, desestabilizando esse controle do dizer, do fazer, do escrever e do interpretar e, sobretudo, de estabelecer aos conceitos acima citados uma definição que seja universalizante para todos. Longe de binarismos e/ou definições estanques sobre o que é esse ou aquele conceito, o que pretendemos discutir é como eles são produzidos, historicizados e, (re)pensados a partir da noção de *discurso*, um conjunto de enunciados sob uma dada formação discursiva, uma construção de relações de poder (FOUCAULT, 2016) e que envolve, também, o não-dito, o pré-construído. Para finalizar o capítulo, buscamos compreender como acontecem no discurso literário da autodenominada literatura Marginal as manifestações de verdades, saberes, poderes e *contrapoderes* nos efeitos de sentido de sentir-se *Marginal*, na contemporaneidade.

2.1. Literatura e(é)discurso: discurso e(é) poder

Discutir o texto literário sob o prisma interpretativo da perspectiva discursivo-desconstrutiva e propor uma relação entre literatura e discurso, discurso e poder é o tema central desta seção. Mas, o que é, então, propor esse olhar interpretativo de um texto literário, ao analisar o processo de tensão constante da linguagem, pelo viés discursivo, a partir da relação da linguagem com sua historicidade, o seu sentido *para*?

Em resumo, quando compreendemos literatura como discurso, entendemos que o texto literário é uma construção social (FOUCAULT, 2016), um campo de saberes articulados entre si, constituídos historicamente e em meio à disputa de poder. “Discurso é poder e poder é desejo de poder” (SATHLER, 2012. p. 48). Por esse

motivo, não pode ser visto como fechado, sem relação com seu contexto de enunciação e de subjetivação de si e do outro, uma vez que, concebido, via linguagem, o discurso, seja o literário, seja qualquer outro, é inapreensível em sua totalidade, pois movimentar-se para além ou aquém do dito/escrito (LACAN, 2008), “pensa mais do que pensa” (LÉVINAS, 2002, p. 85).

Assim, quando atribuímos a importância de pensar a literatura como discurso, literatura e(é) discurso, em que o *e* une e anuncia imbricamentos, enlaçamentos (DERRIDA, 2005) e não uma polarização, sentido único de uma argumentação a favor de uma retórica universal que implica um discurso verdadeiro e absoluto na relação literatura/discurso, “como reflexo ou expressão de algo” (FOUCAULT, 2011, p. 220), entendemos o discurso literário como uma singular produção de sentido, com técnicas e (im)posições sob uma dada formação discursiva, que vai muito além de uma composição e produção estética, uma função (re)veladora de língua(gem) que traduz pensamentos, já que por/com Foucault (2016, p. 42), os discursos:

[...] não são apenas uma espécie de película transparente através da qual se veem as coisas, não são simplesmente o espelho daquilo que é e daquilo que se pensa. O discurso tem sua consistência própria, sua espessura, sua densidade, seu funcionamento. As leis do discurso existem como as leis econômicas. Um discurso existe como um monumento, como uma técnica, como um sistema de relações sociais, etc.

Dessa forma, o primeiro ponto a se observar, é considerar os sistemas de relações sociais, as práticas sociais, os pontos de escuta para além da verbalização escrita das leis que acompanham o discurso, “os perigos da palavra” (FOUCAULT, 2002, p. 09). Tal procedimento, não implica, necessariamente, em fundar objetividades, funções para o discurso literário do autor Geovani Martins, em *O Sol na Cabeça*, mas, interpretá-lo, como nos propõe Lévinas (2002, p. 96), de uma forma “ética”, ampliando sua dimensão interpretativa, uma vez que, “o discurso é uma construção fundante de subjetividades e de sentidos múltiplos. A possibilidade de sua existência está na relação com o outro, no laço, na prática social” (DIAS, 2016, p. 38).

Nesse sentido, ao ampliar a dimensão interpretativa do texto literário, tratando-o como discurso, com Foucault (1987, 2002), Derrida (2011) e Lacan (2008, 1998), propomos outros sentidos, para além das interpretações das teorias literárias clássicas e hermenêuticas, sobretudo, no que concerne à primazia da presença dos sujeitos e dos sentidos e a busca de racionalidade e controle do dizer. A análise parte do

acontecimento (FOUCAULT, 2006), de condições específicas de tempo e espaço, nas diversas formas de subjetividade que constituem tanto o sujeito produtor do discurso literário quanto o sujeito leitor e não sobre o conteúdo, de sentido único, constituído por uma visão mimética, de imitação/representação da “realidade” vivida nos morros.

Por “acontecimento discursivo”, entendemos, conforme Foucault (2006, p. 339), “de fazer surgir uma singularidade [...] ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas”. Assim, dentro dessa trama histórica observamos não as formas de pensamento, sobre e a partir dos textos oriundos das periferias, mas os tipos de mentalidades (FOUCAULT, 1987, p. 155), os acasos da luta que permitem não só trazer à luz as histórias/discursos sobre personagens infames, mas e, principalmente, investigar as lógicas que sustenta(ra)m os discursos e as práticas discursivas e não-discursivas mais variadas sobre esses sujeitos/personagens no decorrer da historiografia literária. Sobre esse caráter singular e interpretativo do acontecimento, trazemos Coracini (2010a, p. 24):

O acontecimento espera sempre uma interpretação, ou melhor, ele já é interpretação, já carrega, embrionariamente, consigo uma pluralidade de sentidos que se atualizarão conforme a formação discursiva em que se inscreve o ouvinte ou o leitor. Entretanto, embora a formação discursiva oriente e interpretação e, evidentemente, a escrita, haverá sempre fragmentos da história pessoal, atravessada por outros discursos, que farão a diferença, singularizando cada interpretação, cada produção de sentido, quer nos gestos de leitura, quer nos gestos de produção escrita (CORACINI, 2010a, p. 24).

Nessa inscrição radicalmente histórica das coisas ditas e não-ditas, por sujeitos de determinadas verdades (FOUCAULT, 1987), os discursos, lugar de produção de sentidos, nunca se fecham na materialidade das palavras e das coisas, mas, é por essa materialidade das coisas ditas, não só pelos elementos disponíveis, mas de acontecimentos reais e sucessivos e que não se pode analisá-lo fora do tempo em que se desenvolveu (FOUCAULT, 1987, p. 226) que ele é construído e, também, pode ser ressignificado, desconstruído (DERRIDA, 2011):

[...] é a própria linguagem que desconstrói a linguagem. Para que haja desconstrução, é preciso estar dentro do edifício, analisar suas partes, saber como foi construído. Para desconstruir, é preciso conhecer o sistema, a estrutura que monta o edifício logocêntrico cujos efeitos se manifestam pela e na linguagem (DIAS, 2016, p. 39).

Por essas considerações, ao conceber os contos de Geovani Martins como discurso, não se busca interpretar/analisar o que eles dizem, como um ente metafísico e absoluto de existência, resistência e expressões culturais e sociais de uma população à margem de uma sociedade/de uma literatura, mas, como eles dizem, como significam e quais os funcionamentos da linguagem que permitem compreender os efeitos de sentido possíveis, para que se possa (re)pensar subjetividades marginalizadas, tanto dentro quanto fora das páginas literárias.

Mas, “o que é essa estranha instituição chamada literatura e que permite tudo dizer?” (DERRIDA, 2014, p. 50) Quais as (in)definições para ela? Como caracterizar um texto (em) literário? Com Foucault (2016a, p. 77), compreendemos que tanto essas perguntas quanto seus desdobramentos são questionamentos que já não cabem mais na modernidade. Aliás, para o filósofo, desde o desaparecimento da retórica, a literatura passou a ter como “função” a linguagem duplicada, “encarregada de contar uma história e de dizer o que uma bela linguagem devia ser” (FOUCAULT, 2016a, p. 90). Assim, uma definição sobre o que é literatura já não é matéria importante, uma vez que em seu lugar, o melhor seria distingui-la da comum relação entre literatura, linguagem e obra, formulando-a, por exemplo, no que Foucault (2016, p. 79, grifos meus) chamou, “de algum modo um *terceiro termo*, o vértice de um triângulo, pelo qual passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem”.

Ao considerá-la, portanto, como um terceiro termo e propor uma análise relacional deste com a linguagem e a obra, Foucault inaugura uma maneira diferente de observar a literatura, essa “transgressora da Palavra” (FOUCAULT, 2016a, p. 86, maiúscula do autor), a grande “estrangeira”, um “belo perigo”. Fora de definições pré-estabelecidas, de binarismos e/ou regimes de verdades que a consideram como um “inefável, um encantamento, um indizível, um texto que imita e representa a realidade”, para ele, ela é um “simulacro” (FOUCAULT, 2016a, p. 81), um discurso que não percorre a reta da linguagem e/ou dos sentidos, mas os caminhos tortuosos, cheios de furos e de espaçamentos que constituem todos os saberes, os poderes e todos os discursos produzidos pela linguagem humana. O “espaço”, segundo Derrida (2014, p. 49, grifos do autor), “que não é somente o de uma *ficção instituída*, mas também o de uma *instituição fictícia*, a qual, em princípio, permite *dizer tudo*”.

Assim, ao contestar “esse ponto fixo, essa origem ‘sem comunicação com o exterior’, que seria a instância criadora” [...] renuncia-se “ao fantasma da obra *em si*, em dupla acepção: a) a de obra autônoma, b) a de obra enquanto consciência criadora”

(MAINGUENEAU, 2009, p. 17, grifos do autor), questionando o sujeito cartesiano e desestabilizando sua presença e consciência (FOUCAULT, 1987; DERRIDA, 1991, 2005). Uma vez que não se trata de observar/analisar, o discurso, nessa tese o discurso literário, enquanto verdade transcendental, acima dos discursos, mas como *um* discurso literário “que se constrói e opera a partir de princípios e postulados e desloca-se segundo a linearidade de uma ordem de razões” (DERRIDA, 1991, p. 37).

Essas razões operam na noção de discurso, considerada por Foucault (2002), um lugar de luta permanente. Não somente no sentido literal do termo, mas, sobretudo, nos métodos capilares de sustentação de um sistema produtivo, como o literário, por exemplo:

Quem exerce o poder, o faz para que o outro aja, pense, sinta, analise e se posicione a favor de seus interesses. O poder não age diretamente sobre o outro, mas sobre a ação do outro. Dessa forma, encontramos uma concepção na qual nada é dado pronto, de forma natural. O poder que é exercido, sempre no presente e na ação, cria e recria realidades, objetos e corpos, e aí encontra os contra-poderes, as resistências que, novamente, criam e recriam novos corpos e novas subjetividades que tentam escapar ao controle exercido sobre eles (SATHER, 2012, p. 42).

Deslizando no mesmo eixo material do poder – a linguagem, “língua e discurso são indivisos” (BARTHES, 2000, p. 31), o discurso literário, assim como toda produção de sentido, mesmo que proferida na intimidade mais profunda do sujeito, transporta-se para onde não se é esperado, “para onde o inaudível do discurso se movimenta para além ou aquém em sua totalidade” (DA ROSA et.al. 2015, p. 263).

Assim, escrever literatura é também “fixar outro modo de ser do discurso” (FOUCAULT, 2016a, p. 17), outro gesto de produção que contribui para a construção de um campo de batalha contra a hegemonia do sentido, contra a hegemonia dos poderes, porque não se trata apenas de olhar para o texto, mas também de olhar para o gesto que o produz, os certos usos do literário que esse “belo perigo” (FOUCAULT, 2016, p. 75), essa escrita que é sempre ação, engajamento (SARTRE, 2004), se compromete a dizer e, sobretudo, a querer-dizer. Já que com Barthes (2000, p. 19, grifos do autor) também aqui acreditamos que “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens”. Também citando Dalcastagnè (2017, p. 11, grifos meus):

Em tempos de rupturas democráticas e de recrudescimento dos discursos fascistas – que se estabelecem contra os direitos dos trabalhadores, mas

também das mulheres, dos negros, dos índios, dos moradores de periferia, da população LGBT, contra sua inserção social e contra suas formas de expressão – refletir sobre as possibilidades da literatura é um gesto mais do que urgente. *Não porque se acredite ingenuamente que a literatura possa, por si mesma, promover a transformação da sociedade e da política, mas porque ela contribui, com sua força expressiva e com a legitimidade simbólica de que ainda desfruta, para construir o universo de discursos em que ocorrem nossos embates e nos quais fazemos nossas escolhas.*

Nessas possibilidades de escolhas, o campo literário é um produtor, reproduzidor, construtor e desconstrutor de discursividades e subjetividades que, nas práticas sociais e históricas, há muito tempo vem estabelecendo com outros elementos da sociedade relações já postas pelos saberes e pelas instituições, que lhe dão uma determinada *positividade*⁹⁸. Certamente, que os discursos mudam a cada época, mas é importante observar como a questão do poder, que está em todo lugar e se baseia em saberes e discursos (FOUCAULT, 1995), acontecem nos discursos literários, nas condutas e contracondutas de produção, circulação e interpretação literária.

O texto de Geovani Martins, como observado no primeiro capítulo sobre as condições de produção, mantém com os sistemas regulatórios e tradicionais de produção literária condutas/contracondutas que se estabelecem(eram) com os jogos de linguagem e saber-poder atribuídos aos textos literários. Manifestando singularidades e diferenças, afetado pela alteridade e posição social que ocupa, o modo como o autor escreve seu texto e, inevitavelmente, deixa emergir a “inscrição de si, em si e no outro” (CORACINI, 2010^a, p. 29), nessa escrit(ur)a, permite, entretanto, que algumas implicações sobre o dizer e fazer literários, possam ser colocadas em suspenso, não só sobre as marcas clássicas de representações sociais, fundamentalistas, simplificadoras e causais dos sujeitos/personagens marginalizados, como, também, de legibilidade (HAROCHE, 1992; CORACINI, 2010), “leitura e interpretação” de um texto, “que segue um certo gênero, obedecendo às convenções, leis, normas social e tacitamente estabelecidas, com um começo, meio e fim, claros e coesos, de modo a seguir o raciocínio lógico do autor [...] suas ideias e suas intenções” (CORACINI, 2010, p. 31).

Narrando a favela e os personagens em movimento, Martins, para cada voz narrativa, constrói e articula várias vozes discursivas, possibilitando que outras formas de subjetivação e interpretação leitora/discursiva no e por esses jovens possam ser (re)pensadas. Uma vez que, ao desconstruir personagens marginalizados *prêt-à-porter*

⁹⁸ Em itálico, para ressaltar nossa posição teórico-metodológica que busca, dentre os principais objetivos, desconstruir positivities, binarismos e/ou discursos condizentes com uma postura ontológica e imutável dos pensamentos e dos sujeitos.

(MARIANI, 2006; ANDRADE & AMARANTE, 2015)⁹⁹, vistos e consumidos por um olhar de fora, como condicionados e condicionantes de uma subjetividade marcada por uma historicidade de preconceitos e exclusões, Martins, a partir de um outro prisma, trazendo à tona variantes históricas, opera, nos modos de existência desses discursos, pensar como eles circulam, como apropriam e são apropriados com valor de verdade e, principalmente, como as rupturas das/nas coisas ditas acontecem.

Ao resgatar no/pelos ditos do dizer, os sentidos entrecruzados de uma memória discursiva inscrita em práticas sociais, esse texto literário, pela voz dos jovens personagens, não funciona como “um papel de intérprete de coisas aparentemente escondidas, camufladas, esquecidas [...], que quiseram ocultar” (FOUCAULT, 2016, p. 69) mas, de “fazer aparecer o que está muito imediatamente presente e ao mesmo tempo invisível” [...], “[e] que nosso olhar atravessa para ver outra coisa”. Atravessa, por exemplo, para buscar a hegemonia da palavra soberana, do sentido único das instituições de poder e que na transparência dos textos e discursos literários naturalizados sobre personagens/sujeitos marginalizados, veem nos e pelos textos que trazem na enunciação literária esses personagens, redes de memórias associadas à criminalidade, ao olhar e cultura do criminoso e/ou, sob a concepção de estética linguística, como uma produção menor, “com ares de rascunho” (CANDIDO, 1967), enfim, como uma (re)produção que obedece à estruturas *a priori*, que já estão aí.

No discurso literário, como em todo e qualquer discurso, a materialidade da língua é lugar de materialidades do poder, de discursos de poder. Emboscado em todo e qualquer discurso, presente em todos os lados (FOUCAULT, 1995), estende-se “como uma água que escorre por toda parte” (BARTHES, 2000, p. 34). Inscrito na pele, nos corpos e na história, os efeitos de sentido do poder, segundo Foucault (1995), indicam, a todo instante, como devemos agir e nos comportar, às vezes nos “culpar”, para que o exercício do poder, as manifestações de verdades sejam sustentadas:

⁹⁹Expressão advinda da moda (LIPOVETSKY, 2005) que no século XX, significou uma verdadeira “revolução democrática”, uma vez que se ofereceu como modelo alternativo à moda tradicional. No sentido empregado para adjetivar o sujeito contemporâneo, as pesquisadoras Andrade e Amarante (2015), salientam que é uma anexação propositadamente provocadora que está intrinsecamente articulada às mudanças sociais, culturais e econômicas da sociedade que, na contemporaneidade, remete a alguns efeitos de sentido que perpassam os ideais de que os sujeitos se identifica (ou não) com diversos elementos que constituem uma tendência na moda, transformando-a, por assim dizer, em escolhas heterogêneas, múltiplas e, de certo modo, “pessoais” (ANDRADE; AMARANTE, 2015, p. 74-75). No caso em questão, os personagens dos contos, são, pelo modo como são consumidos, subjetivados, pela sociedade, de modo geral, com uma identificação já estabelecida, “ready to wear”, “pronto para usar”.

[...] presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-los. (BARTHES, 2000, p. 11)

Inscrito e tomando posição em outro(s) discurso(s) e (contra)podere(s), o discurso literário nos contos de Geovani Martins, “aterroriza” (DERRIDA, 2005, p. 62) os discursos de verdade (im)postos pela historiografia clássica literária, principalmente, pelo fato de que o espaço narrativo de sua obra realiza, com o poder e com a resistência, dentro e fora das páginas literárias, outros diagnósticos, outras e possíveis análises, que muito contribuem para melhor entender que a vida continua fora do papel.

O fato do sujeito discursivo ser o mesmo do objeto do discurso (PATROCÍNIO, 2013) contribui para que outras possibilidades interpretativas possam ser ouvidas fora do “poder da arrogância” (BARTHES, 2000, 11). Isso, associado ao privilégio da literatura em fazer com que as pessoas sejam capazes de “ouvir a língua fora do poder” (SARTRE, 2004, p. 16), de teimar com os dizeres e sentidos, “transportar os interditos”, “uma instituição que tende a extrapolar [déborder] a instituição” (DERRIDA, 2014, p. 49).

Essas outras possibilidades, sempre no plural, contudo, não quer dizer que o discurso literário de Geovani Martins e/ou dos autores sob a assinatura da literatura Marginal, sejam os únicos a desvendar verdades, saberes e poderes dos sujeitos/personagens marginalizados, das transformações da favelas e conhecimento, reconhecimento sobre os sujeitos/personagens marginalizados. Pelo contrário, uma vez que ao promoverem outras significações, buscam, pelo espaçamento da letra, pelo conjunto de elementos que envolvem e atravessam os sujeitos em processos situados, compreender e fazer compreender que os efeitos de sentido dos discursos não operam um *regressus ad infinitum*, são assim porque obedecem a uma estrutura estruturante, uma (hegemônica) manifestação de poder, ele tem muitos fios, capazes, segundo Derrida (2005, p. 62), de possibilitar diferentes sensações, sentidos, possibilidades:

A potência do discurso tem a mesma relação com a disposição da alma que a disposição das drogas com a natureza do corpo. Da mesma forma que algumas drogas evacuam do corpo alguns humores, cada uma o seu, e umas estancam a doença, outras a vida; do mesmo modo alguns discursos afligem, outros revigoram; uns aterrorizam, outros anima os auditores; outros, por uma má persuasão, drogam a alma e a enfeitiçam (DERRIDA, 2005, p. 62)

Por essa pressuposição é que, trazemos, na sequência, para discussão, os efeitos de sentido que o ser e sentir-se marginal/Marginal, estabeleceram com os discursos, os saberes e poderes, ao longo da historiografia literária. Observando, na e pela historicidade que esse vocábulo e os verbos a ele atribuído, carregam, o modo como os sentidos se fazem ouvir, ora mais ou menos, dependendo daquele que os pronunciam ou os escrevem.

Com isso, buscando, chamar atenção para a importância de interrogar e problematizar as relações de poder desse adjetivo e dos verbos que o acompanha(ra)m, entendido, na autodenominação atual, como um efeito de contrapoder no e pelo discurso literário, que além de buscar promover obras com valores éticos e representativos de uma coletividade marginalizada, “se apropriaram, de certos significados do termo para desenvolverem uma consciência comum que busca dar respostas conjuntas a problemas específicos do campo literário dessa época” (BRAGA, 2000 *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 18).

Adentremos, nessa discussão de “compreender como se tinha construído o conjunto” (DERRIDA, 1998, p. 24), o *sermarginal* no campo literário para o *sentir-se marginal*, na contemporaneidade, com o objetivo de que, cada vez mais, possamos compreender como os discursos podem possibilitar arrombamentos (FOUCAULT, 2016a, p. 83), potencialidades discursivas e posicionamentos sociais de outras e, tão importantes, vozes.

2.2. A emergência de outras vozes na literatura Brasileira: os efeitos de sentido de sentir-se *Marginal*

Neste tópico, pretendemos traçar um perfil discursivo-literário dos efeitos de sentido atribuídos ao vocábulo marginal na literatura Brasileira (ou assim classificada), não somente revisitando-o, a partir das concepções da tradição/cânone literários, mas, sobretudo, percorrendo, na/por essa história, os significados que o termo e o verbo a ele associado, evocam hoje.

Entretanto, a exemplo de Foucault (1992, p. 89), não pretendemos “contar uma obra de história” sobre os documentos oficiais/discursos que fabricaram identidades e presenças do termo nas/sobre produções de vozes marginalizadas – negros, moradores de periferias, homossexuais, etc., mas apresentar um acervo reflexivo que resulta, na contemporaneidade, na/pela emergência literário-social das vozes da autodenominada

literatura Marginal/Periférica/Subalterna¹⁰⁰, para se narrar velhas/outras histórias, velhos/outros discursos e, sempre, atuais, problematizações.

Desse modo, o que aqui se visa, ainda recuperando o filósofo, é entender quais e como os discursos sustenta(ra)m as práticas mais variadas sobre os efeitos de sentido de ser e sentir-se *Marginal*, na literatura, sobretudo, quando, a partir da emergência que outras vozes discursivo-literárias, na contemporaneidade, passaram a compor o que Foucault (1992, p. 89), chamou de uma “antologia de existências”, uma (outra) forma de subjetivação na e por esses textos/discursos, na e por “estas vidas, por que não ir escutá-las lá onde falam por si próprias” (FOUCAULT, 1992, p. 99).

É sabido que a “vida *literária* dos homens infames”¹⁰¹, os invisíveis da história (não só literária) longe de “um mosaico, composto por várias perceptivas, vista de ângulos diferentes” (DALCASTAGNÈ, 2018), quando narrados, eram (são) na maioria das vezes, “objetos de escrita” (BOSI, 2002), “protagonistas empíricos e coadjuvantes teóricos” (NEVES, 2016, p. 214). Sem notoriedade, “porque ninguém as consideram relevantes para serem trazidas à luz. Nunca tiveram importância nos acontecimentos históricos [...] Apenas algumas vidas em meio a uma multidão de outras, igualmente infelizes, sem nenhum valor”. (LOBO, 2008, p. 17).

Narrados pela elite de “fama” – homens brancos, de classe média, heterossexual¹⁰², esses, sim, notórios, [...] dotados das grandezas como tal estabelecidas e reconhecidas — as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio” (FOUCAULT, 1992, p. 97), muitas dessas produções, têm servido, para silenciar/ocultar as diversidades cultural, econômica e, sobretudo, social, que assolam nosso país.

¹⁰⁰ Para melhor discussão dos termos: Ler PATROCÍNIO, 2016. *Subalterno, periférico e marginal: os novos sujeitos da enunciação no cenário cultural brasileiro*. Referência completa nesta tese. Neste trabalho, optamos pelo termo literatura Marginal para nos referirmos às produções literárias contemporâneas, produzidas por autores vinculados a bairros periféricos dos grandes centros urbanos do Brasil. Maiores explicações sobre essa diferença nominal serão abordadas mais adiante, ainda nesta mesma seção.

¹⁰¹ Fazendo referência às ideias contidas no texto *A vida dos homens infames*, de Michel Foucault, 2003, em que o pensador “mostra seu interesse pelos homens sem fama, desconhecidos, que se tornam, em algum momento, famosos pelas atrocidades cometidas a julgar a moral do seu tempo. Esses homens que tinham que suplicar o perdão ao rei, confessando o seu crime, por meio de cartas, viam seu destino ser forjado pelas autoridades que, por sua vez, formulavam seu julgamentos nas famosas *lettres de cachet*: o poder é responsável pela construção da identidades daqueles que não têm voz nem vez” (CORACINI, 2005a, p. 25).

¹⁰² DALCASTAGNÈ, Regina. Quem é o sobre o que escreve o escritor brasileiro contemporâneo? *Revista CULT*, São Paulo, Edição 231, 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>> Acesso em: 26 de out. de 2019.

É, na/pela descontinuidade dessas “lendas douradas” (FOUCAULT, 1992, p. 90), ao problematizar “àqueles milhões de existências que estão destinadas a não deixar rastro” (FOUCAULT, 1992, p. 97-98), que partimos, nessa seção, a explorar, sobre como a emergência de outras vozes no discurso literário, faladas por si próprias, rubricadas sob a nomenclatura de *Marginais*, puderam e, ainda, podem contribuir para a (des)construção de outras subjetivações sobre os referentes de que narram.

Para isso, analisando, nos efeitos de sentido de ser e, principalmente, de se sentir *Marginal*, hoje, como essa agenda constrói e, sobretudo, desconstrói, enquanto dimensão social, política e ética, trajetórias e subjetividades de e sobre a identidade das populações marginalizadas (FOUCAULT, 2016, p. 213), tomadas a partir dos já-ditos sobre essa caracterização, ainda de acordo com Foucault (2002, p. 26), “do novo [que] não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Assegurando-lhes, com essa historicização, que os discursos e, conseqüentemente, as práticas que os sustentam, falem por si mesmos.

Tal como outras esferas de produção de discurso, o discurso literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão de saberes e poderes (DALCASTAGNÈ, 2007) que, via de regra, sempre incluiu outros, *os mesmos*, sejam eles as personagens, os autores, os espaços, os meios de circulação e os de recepção e estudos críticos (DALCASTAGNÈ, 2018, s/p). Mesmo que algumas narrativas canônicas incluíssem o personagem negro ou mestiço de negros, estrangeiros, capoeiras, escravos, indígenas em suas histórias, esses, por excelência, emergiam de lugares histórico-político-discursivo, exclusivamente, do sujeito enunciador, composto, quase sempre, em correspondência ao poder econômico de sua época, como exemplo, as obras *A escrava Isaura*, de Bernardo de Guimarães, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo e *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo.

Ainda que “simpáticos” (HOLLANDA, 2014, p. 26) às temáticas da fome e da miséria, do antirracismo, das desigualdades sociais e da violência urbana, essas narrativas, não se deslocavam de discursos colonialistas de aniquilação e silenciamento do outro, contribuindo para a reafirmação de expressões de uma lógica vertical da estrutura das relações de poder.

Nesta tese, há o entendimento de que existe uma diferença discursivo-literária e social entre *literatura marginal*, com minúscula, e *literatura Marginal*, com inicial maiúscula. Grafada, por nós, com maiúscula, faz referência às produções literárias advindas das periferias, das margens de localização geopolítica, principalmente,

produzidas no final da década de 1990, promulgadoras de um discurso próprio de resistência e que sustentam importantes produções catalisadoras de discussões sobre questões pessoais e coletivas (NASCIMENTO, 2006). Com minúsculas, literatura marginal, entendemos os movimentos tradicionais de e sobre marginalização na/da literatura no decorrer de nossa historiografia literária, que rotulavam como *marginalas* produções que não eram enquadradas no *corpus* artístico tradicional de linguagem e temáticas, “fora dos padrões”, dos sujeitos dominantes do discurso.

Estabelecendo vínculos identitários unitários, sempre, no nível do visível, esse modo de ver/narrar personagens marginalizados, na historiografia literária, estavam ancorados em filosofias da representação sociais em que a noção de causalidade é fator fundamental e simplificador. Por isso, o modo como esses personagens, em face de marcas clássicas de representações, eram narrados, fundamentavam-se na razão, a partir de teorias sociais e valores pejorativos de marginalização, internalizadas e amplamente aceitas pela sociedade. Ligadas ao signo, à cultura, à circulação dos discursos (CORACINI, 2015, p. 140), as representações sociais e discursivas desses sujeitos/personagens marginalizados eram construídas como uma representação mimética, ou seja, por semelhança.

Embora, essa visão classificatória, edificada em causalidades sociais, biológicas, cristãs, sígnicas, de representação mental¹⁰³ dentre outras, deu lugar, no século XX, às regularidades históricas, em que “a representação pode se dar como pura representação” (FOUCAULT, 1999, p. 21), muitas dessas marcas de representação social e discursiva, continua(ra)m a marcar as formas de representação identitárias de personagens marginalizados, em associações e agenciamentos, onde certos dizeres são admitidos, outros desconsiderados, sempre, em consonância com os interesses daqueles que ocupa(va)m lugares de poder.

É, pois, essa representação em sua totalidade, repetição e/ou presentificação que Foucault (1999) critica, uma vez que, para o filósofo, as formas de pensar a representação, devem estar ancoradas em uma relação entre o visível e o invisível, em que a representação não equivale à realidade, mas como outra apresentação, uma re-apresentação da realidade que resultaria numa nova construção (FOUCAULT, 1999), ou seja, a linguagem constrói a realidade, e não a descreve.

¹⁰³ Para maior discussão de alguns conceitos de representação, ler: CORACINI, 2015. Representações de professor: entre o passado e o presente. Referência completa na parte de referências.

Desse modo, quando afirmamos que o texto de Geovani Martins, perpassado por discursos da alteridade, possibilita outros modos de significar e ser significado da/na construção identitária dos personagens, em face das marcas clássicas de representações, questionamos essas formas de ser e estar (ser colocado) no mundo, que as teorias de representações sociais e, grande parte, dos textos literários, narraram os sujeitos/personagens marginalizados, a partir, dessa visão de representação mimética de que questionou Foucault (1999).

Entendida, nesta tese, como o modo como cada um se vê e vê o outro (CORACINI, 2015), a representação e, desse modo, a representação identitária é sempre construída pelo outro, pelas representações que vêm do outro (DERRIDA, 1996; LACAN, 1998; FOUCAULT, 1999), “que vê, julga, define, afirma características que podem evidentemente mudar, com o tempo, mas que podem também deixar marcas profundas no sujeito” (CORACINI, 2015, p. 141).

Quando falamos, na atualidade, sobre as “*possibilidades* da nova escrita literária no Brasil” (RESENDE, 2014, p. 09, grifos da autora), experimentamos, segundo a autora, uma “radicalidade pluralista” (p. 12), ou seja, uma mistura de gêneros e sentimentos, que vão desde a consciência das dificuldades que continuamos vivendo até um desejo de intervir nos destinos do país. Essa multiplicidade da produção artística contemporânea, não só do Brasil, mas em todo o mundo, sugere que não coloquemos mais em rótulos, generalizações e/ou “escolas” os textos literários.

Contudo, isso, não desabona, sob nosso gesto de leitura, a importância, nas produções literárias, das rubricas *Negra*, *Queer* e/ou *Marginal*que, aqui, problematizamos, ao contrário, pois, muito mais que reduzir, homogeneizar e/ou delimitar o campo discursivo, essas produções, contribuem, para evocar sentidos com, ainda, mais força expressiva e discursiva, potencializando dizeres que constituem-se em importantes elementos identificadores de temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. Revelando, sem revelar, como sugere Derrida (2011), a história de palimpsesto de toda palavra, da linguagem: “os sentidos vão se modificando, vão se e(in)screvendo sobre outros, anteriores, que jamais se apagam, permanecendo no silêncio das marcas, traços, rastros desse passado” (CORACINI, 2010, p. 30).

Referindo-se à sua forma histórica, o termo *Marginal*, nesta tese, é observado a partir de sua função teórico-política, com significações de uma representatividade sugerida, de singularidades, tomado como “acontecimento” (FOUCAULT, 2006, p. 339; CORACINI, 2010) e, não como simples caracterização. Ao problematizar o

passado, para seguir as trilhas no/do presente, questionamos as condições de uma historicidade literária sobre literatura marginal e personagens marginalizados, desnaturalizando, sobretudo, as marcas que o termo carregou (e ainda carrega) de uma visão ontológica, biológica e/ou de condicionamento do capital neoliberal.

Ao propormos um olhar/entendimento do outro/Outro *Marginal* na acontecimentalização do surgimento da literatura Marginal brasileira (FERRÉZ, 2005; PATROCÍNIO, 2013), não só apresentamos os deslocamentos de significados que o termo adquiriu, na contemporaneidade, como também, problematizamos, as muitas histórias sobre/de personagens marginalizados do/no Brasil e os espaços urbanos periféricos-literários nacionais, não, “apresentando/representando” uma/outra “verdade”, mas colocando em ação, questionamentos literários, políticos, geográficos e sociais, que “só quem está na borda consegue ver” (EVARISTO, 2020, informação verbal)¹⁰⁴.

No Rio de Janeiro, por exemplo, a ocupação do espaço público por coletivos de arte e cultura marginais/periféricas acontecem, sobretudo, nas denominadas Rodas Culturais¹⁰⁵, logradouros públicos, com participação aberta a todo e qualquer artista e de forma gratuita¹⁰⁶. Nesse espaço, geográfico, cultural, simbólico e performático, as tensões, repreensões e, acima de tudo, obstáculos político-administrativos e de violências, sejam elas físicas e, principalmente, “subjativas”, “sistêmicas e simbólicas” (ŽIŽEK, 2014), são frequentes, “além de todo um percurso burocrático a ser cumprido, como o acesso a declarações e certidões de órgãos públicos, é necessário que não haja *irregularidades aos olhos da polícia* que porventura fiscalize o local” (ALVES, 2016a, s/p. grifos nossos).

¹⁰⁴ Fala da escritora Conceição Evaristo, na palestra de abertura do Seminário “A Escrivência de Conceição Evaristo”, iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte, realizado nos dias 11 e 12 de novembro de 2020, na página do Itaú Social no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gisQ0mWUvU0>> Acesso em: 11 de novembro de 2020.

¹⁰⁵ O coletivo *Circuito Carioca de Ritmo e Poesia* (CCRP) é um dos coletivos que organizam rodas espelhadas pela cidade. Encontro de artistas, como grafiteiros, MCs, poetas, fotógrafos, cantores, performers... Segundo informações do projeto “Arte de rua e resistência”, coordenado pela professora Rôssi Alves (UFF), há em torno de 120 rodas culturais que ocorrem diariamente, na cidade do Rio de Janeiro, com participação aberta a todo e qualquer artista e de forma gratuita. Mais informações: Projeto “Arte de rua e resistência”. Disponível em: <<https://www.artederuaeresistencia.com.br/oprojeto>> Acesso em: 28 de março de 2021

¹⁰⁶ Como já dissemos, a FLUP também é outro espaço catalisador e disseminador dessas produções e, onde, muitos nomes da literatura marginal-periférica foram palco de estreia, inclusive, Geovani Martins.

Em uma postagem no Facebook¹⁰⁷, Don Allan Marola, organizador da Roda Cultural do Méier, assim escreve:

Paralisação de "Rodas Culturais" por haverem usuários de drogas em espaços que ocupamos por serem públicos é foda! Não é nosso dever cuidar de quem fuma ou de quem bebe. Nosso dever é com a cultura. Nosso dever é passar informação. Nosso dever é tornar um espaço que era abandonado em um lugar agradável e comum a todos. Nosso dever é tornar conhecidos artistas que nunca tiveram a oportunidade de mostrar o que sabem, exibir seu talento para que um possível contato profissional possa acontecer. O que fazemos nada mais é do que promover uma network com os novos talentos e velhos admiradores da arte e produtores (ALVES, 2016a, s/p.).

Seja no exemplo acima, seja em outras esferas de participação e/ou produção social, o fato é que a definição de marginalidade literária e/ou social, centro e margem nas notas da historiografia literária (SCHMIDT, 2017, p. 29), bem como os efeitos de sentido de ser e sentir-se *marginal*, tanto na literatura, quanto no imaginário social, sustentam discursos e práticas das mais variadas formas.

As violências, sentidas e “subjetivas” e as “simbólicas” e “sistêmicas” (ŽIŽEK, 2014, p. 17), acompanham o espaço dessas produções, uma vez que, elas não ocorrem somente na ordem do visível, do subjetivo, mas, e, sobretudo, como argumenta o filósofo esloveno e, também, podemos observar, na postagem de Marolla, no “não visível”, na violência “simbólica” que está “encarnada na linguagem e em suas formas [...] na imposição de um certo universo de sentidos” e a “sistêmica, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK, 2014, p. 17-18).

Quer observados pelo olhar da antropologia, quer pelo da sociologia ou da literatura, as definições e/ou características de ser marginal e/ou pertencer a um grupo marginal sofreram, ao longo do tempo, muitas modificações e ambivalências. Segundo Neves (2016, p. 214-215), “açougueiros, operários da indústria têxtil, prostitutas, usurários, judeus, ciganos, leprosos e criminosos” já foram, por exemplo, considerados grupos que sofreram com algum tipo de estigma, de marginalidade. Hoje, como podemos observar, alguns foram “incluídos” na sociedade, “mas sobre outros ainda pairam as sombras desse passado que hoje se manifesta, principalmente através do preconceito e/ou no apagamento, silenciamento de suas vozes, como parte do discurso oficial, da construção da história” (NEVES, 2016, p. 215).

¹⁰⁷ Postagem realizada em maio de 2015. Página de divulgação de todos os eventos e notícias. Disponível em: <https://goo.gl/Sk3vrw>. Acesso em: 18 de dez. de 2020.

Segundo o dicionário online de sinônimos¹⁰⁸, marginal é um termo de denotação e conotação social e, sobretudo, jurídica, na maioria das suas definições, de sentidos negativos e de importância secundária:

Pessoa que não respeita as leis da sociedade: 1 delinquente, fora da lei, bandido, criminoso, malfeitor, salteador, pistoleiro, assaltante, bandoleiro, cangaceiro, facinora, malandro.

Que fica à margem: 2 periférico, limítrofe.

Que fica nas margens de um rio: 3 ribeirão, justafluvial, ripícola, ripário.

Cuja importância é secundária: 4 secundário, acessório, complementar, suplementar.

Assim, o que observamos é que, seja em relação à lei ou em relação à sociedade ou à posição geográfica, os sentidos, em amplo imaginário social, são alicerçados em uma parametrização ainda muito ligada ao que não é centro, ao crime ou à violência. Na literatura, esses sentidos foram e são mais diversificados mas, sem dúvidas, também mantêm com essas discursividades (re)produzidas pelas classes dominantes do poder uma forte ligação que na relação língua-discurso, na exterioridade do dizer, significam inferioridades e marginalização¹⁰⁹.

Na “tradição” de produção e crítica literárias, por exemplo, o sentido, único, de ser marginal, sempre evocou significações de uma adjetivação que atuava como sinalizador de inferioridade, de um elemento contrário ao centro e às leis da sociedade literária. Utilizado para rotular as produções entendidas como “fora dos padrões”, fora dos modelos estéticos “clássicos” da letra literária (CANDIDO *et. al.*, 1967), em linhas gerais, o que não era pertencente ao seu “tempo/escola”, os textos, classificados, pelo crivo de uma crítica conferida por uma classe dominante e/ou pela imprensa¹¹⁰, em geral, autenticavam à essas produções a chancela do esquecimento, silenciamento e/ou isolamento.

Na historiografia literária canônica, por exemplo, os casos mais notórios dessa rubrica de inferioridade dada ao selo marginal, são o poeta Cruz e Souza (1861-1898) e o romancista Lima Barreto (1881-1922). Filho de ex-escravos, o autor de “Vozes veladas, veludas vozes”, por possuir uma obra marcada pela musicalidade, subjetivismo, individualismo, pessimismo, misticismo e espiritualidade, temas bem

¹⁰⁸ Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/marginal/>> Acesso em: 25 de nov. de 2020.

¹⁰⁹ No sentido pejorativo.

¹¹⁰ Vale salientar que na historiografia literária o termo marginal é uma autenticação/rotulação utilizada pela crítica e, não, por seus autores, como acontece na literatura Marginal atual. Mais detalhes, ainda nesta seção.

diversos dos modelos estéticos e temáticos dominantes realistas e naturalistas da época, foi, rotulado, segundo esses padrões, de marginal.

Também foi a partir de critérios hierarquizantes de conjunto de textos não centrais que as produções de Lima Barreto receberam o estigma de ser um autor de linguagem e temáticas marginais. Com “voz literária com ares de rascunho” (CANDIDO, 1987, p. 44), “gosto pela imagem pouco frequentes no estilo desse inimigo de enfeites e amenidades” (CANDIDO, 1987, p. 41), Barreto, sem dúvidas, é um dos autores mais lembrados quando se vem à tona o tema da literatura marginal atrelada à essa concepção tradicional de padrões estéticos e temáticos. Por trazer “questões do poveiro”, um método de elaboração que consistia em “anotações à margem” (BARRETO, 1956, p. 32 *apud* PATROCÍNIO, 2013, p. 25), e a forma cotidiana como caracterizava seus personagens protagonistas, inspirados em seres reais, como prostitutas, funcionários públicos, o rótulo de marginal também lhe foi implacável. Atualmente, muito se tem lembrado e revisitado sua obra, deslocando-a para um lugar discursivo de efeitos simbólicos e sociais bem diferentes dos originalmente propostos por essa crítica hierarquizante.

Na década de 1950/1960, o termo passou a ser empregado com o sentido de representar uma coletividade, um grupo de autores e, não mais casos isolados, como os citados anteriormente. Contudo, a representação significativa dada ao termo era relacionada à temática desse coletivo de autores, que viam na miséria e na marginalidade, inspirações (e não contestação) para escrever seus textos. Assim, ser marginal, nos efeitos de sentido das discursividades, dessa época, era escrever *sobre* marginalidade, *sobre* condições sociais de temas emblemáticos de uma realidade social marcada pela desigualdade. Esses autores, entretanto, representantes de classes sociais privilegiadas, não viviam e sentiam essas realidades, apenas, observavam-nas, expressando, por essa condição enunciativa, o que Cesar (1993, p. 115 *apud* PATROCÍNIO, 2013, p. 31), chamou de “olhar solidário” [...] “em outras palavras, alimentando-se da miséria do outro, mas não lançando um olhar crítico frente à matéria narrada”.

Assim sendo, apesar de narrarem outras temáticas, para além das metanarrativas urbanas de uma classe média autorreferente e dar visibilidade as tantas desigualdades sociais que assolavam e ainda assolam o nosso país, os autores, dessa literatura marginal, em nada a problematizavam e/ou propunham reflexões críticas e encorajamento de outras práticas discursivas e não-discursivas. Constituída por uma

literatura de contos-reportagens, crônicas de costumes e/ou desabafo panfletário, essas obras, produzidas por autores radicados no ciclo econômico do poder, têm nessa condição de produção enunciativa, sua principal crítica, por não possuírem, legitimidade literária, “apropriando-se de uma fala que não lhes pertence[ia], da qual se tornariam representantes sem autorização ou reconhecimento” (GONZAGA, 1981, p. 51 *apud* SILVA, 2013, p. 282).

Com o intuito de “arrancar o leitor de suas frescuras e introduzi-lo a este mundo “mais real” (CÉSAR, 1993, p. 115, grifos da autora *apud* PATROCÍNIO, 2013, p. 31), sem uma aproximação reflexiva mais contundente e de compreensão das relações de poder e desigualdades, essas obras, “culpavam e chocavam, se necessário” (CÉSAR, 1993, p. 115 *apud* PATROCÍNIO, 2013, p. 31), mas não podiam experimentar um outro relato sobre os marginalizados, propor uma outra forma de subjetivação que não aqueles que as lentes, a tela televisa ou as manchetes jornalísticas, enfim, a sociedade estava habituada. A esse grupo, podemos citar, como exemplo, os nomes dos escritores Dalton Trevisan e Rubem Fonseca, esse último, autor da obra *Feliz Ano Novo* (1975), por exemplo.

Na sequência, nas décadas de 1960/1970, o termo passou a ser considerado com o efeito de sentido “de se colocar, ou ser colocado, antes de tudo, em uma posição antagônica a algo” (PATROCÍNIO, 2013, p. 25), no caso, o regime militar. Em virtude da resistência cultural que se firmava e alastrava no meio artístico devido as imposições desse contexto, o termo, em sentido amplo, é tomado como “sinônimo de rebeldia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 32), de resistência aos horrores e censuras do período ditatorial. A falta de sintonia com os movimentos da poesia concreta, da poesia práxis ou da poesia processo, em evidência à época, também fizeram com que as produções de alguns autores, dessa época, fossem crivadas, na/pela memória de “fora dos padrões”, com o selo da marginalidade. Em sua maioria, poetas, a marginalidade desses autores, “é tomada não como saída alternativa, mas no sentido de ameaça ao sistema” (HOLLANDA, 1980, p. 68 *apud* PATROCÍNIO, 2013, p. 32):

Com referência à representação da “categoria marginal” que passa a ser consagrada para designar essa nova poesia, é curioso observar que, ao contrário dos pós-tropicalistas, nenhum dos poetas marginais atribuiu-se tal função, chegando mesmo a ironiza-la. A classificação marginal é adotada por analistas e assim mesmo com certo temor e hesitação. Fala-se mais frequentemente ‘ditos marginais’, ‘chamados marginais’ evitando-se uma postura afirmativa do termo. (HOLLANDA, 1981, p. 98-99 *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 13).

Também chamada de Geração Mimeógrafo, essa produção literária tinha como principal característica o papel contestador da sociedade vigente, “manifestando” sua rebeldia, principalmente, por meio da poesia, mimeografando suas produções, vendendo-as nas portas de estabelecimentos e atirando-as dos altos dos prédios. A poeta Ana Cristina Cesar, autora da obra *A teus pés*¹¹¹, pertence a essa geração. Nas observações de Nascimento (2006, p. 14), citando Pereira (1981):

A literatura produzida por esses poetas buscava subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto vigentes, desvinculando-se das produções tidas como “engajadas”, “intelectualizadas” ou “populistas”. Os textos eram marcados pelo tom irônico, pelo uso da linguagem coloquial e do palavrão; e versavam sobre sexo, tóxicos e, principalmente, cotidiano das classes privilegiadas. Os livros produzidos nas cooperativas ligadas aos próprios grupos tinham, intencionalmente, características gráficas precárias: eram impressos em papel de qualidade inferior e apresentavam borrões e falhas nas impressões.

Como podemos observar, a expressão marginal começa, nessa década, a ampliar-se no campo das produções literárias e, os autores, mesmo que ainda classificados pela crítica como marginais, passam, mesmo que, modestamente, a familiarizar-se com o termo e com o efeito de sentido de resistências (social, política, editorial) que ele possibilita significar. Desse coletivo de autores, destacam-se João Antônio (1937-1996) e Plínio Marcos (1935-1999), conhecidos e reconhecidos, segundo a crítica e, os próprios autores da autodenominada literatura Marginal contemporânea, por serem um dos primeiros a retratarem os marginais (ENEDIDO, 2009), os proletariados e os problemas sociais do submundo urbano do Rio de Janeiro.

Em fala, no evento “450 Anos de Paulicéia Desvairada”, realizado no CEU Pera Marmelo, localizado no bairro Jaraguá, Zona Oeste de São Paulo, no dia vinte de julho de 2004, Ferréz (2004 *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 15, grifos nossos), ao ser questionado sobre a origem e utilização do termo Marginal, cita, além de sua localização geopolítica, a influência e o vanguardismo dos dois autores:

¹¹¹ A obra foi selecionada como uma das leituras obrigatórias para o processo seletivo do vestibular da UNICAMP, no ano de 2020. Além dela, outras publicações que, representam a manifestação literária das chamadas outras vozes também estão entre as selecionadas para o referido processo seletivo, a saber: Racionais Mc’s, *Sobrevivendo no inferno*, Júlia Lopes de Almeida, *A falência* e Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2019/05/23/unicamp-divulga-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o-vestibular-2021>. Acesso em: 25 de março de 2020.

Quando eu lancei o *Capão Pecado* me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda...e eu não era nada, só era do hip hop. *Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo marginal*. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era literatura marginal.

Também, durante a Mostra Artística do Fórum Cultural Mundial, realizado no SESC Consolação, em trinta de junho de 2004, ao falar sobre o projeto de literatura Marginal na revista *Caros Amigos* e a apropriação do termo, Ferréz, mais uma vez alude aos precursores: “[...] A história da literatura marginal começou assim, eu nem bolei nada, só peguei a referência do Plínio Marcos e do João Antônio”.

Consoante Patrocínio (2013), foi no final da década de 1990/2000, mais precisamente, em 1997, com a publicação de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins e de *Capão Pecado*, de Ferréz, em 2000, que a produção literária de resistência às adversidades sociais, culturais e, sobretudo, identitárias, sobre a população marginalizada, historicamente silenciada na produção literária (e não só!), começou a abrir caminhos para um novo gesto de interpretação sobre ser e se sentir *Marginal*, a começar, pela visibilidade que essas produções alcançaram para além do morro¹¹².

Para Schollhammer (2009, p. 103), algumas publicações, desse período, de fato iniciaram uma “tentativa de transgredir as fronteiras do gênero rígidas entre ficção e não ficção”, na proposição de outras matrizes e novos valores sobre e a partir de outros sujeitos em cena. Entretanto, segundo o pesquisador, muitas delas¹¹³, refletiram muito mais uma sede de realidade de biografias históricas, de reportagens jornalísticas e pseudoliterárias, que uma inovação literária, um “acontecimento”, conforme sentido dado de singularidade, irrupção, proposto por Foucault (2006). A exploração, principalmente, por parte da mídia¹¹⁴, dos mercados editoriais e filmicos, contribuíram,

¹¹² Publicado pela editora Companhia das Letras e roteirizado para o cinema, o filme *Cidade de Deus*, quando lançado, em agosto de 2002, alcançou a marca de 1 milhão de espectadores nos cinemas brasileiros. Segundo notas de Filme B divulgadas em 2004, o público total foi de 3 307 746 espectadores. Disponível em: <<http://www.filmeb.com.br/>>. Acesso em 17 de dez. de 2020. A primeira edição da revista *Caros Amigos/Literatura Marginal* teve tiragem de trinta mil exemplares, dos quais foram vendidos quinze mil, segundo dados fornecidos por Ferréz (NASCIMENTO, 2006, p. 27).

¹¹³ Exemplos: *Estação Carandiru* (2000), de Dráuzio Varela; *Memórias de um sobrevivente* (2001), best seller de Luiz Alberto Mendes; o livro do jornalista Caco Barcellos, *Abusado* (2003), sobre o traficante Marcinho VP; a biografia de um traficante da classe média carioca, *Meu nome não é Johnny* (2004), de Guilherme Fiuza e a autobiografia da garota de programa Bruna Surfistinha, *O doce veneno do escorpião* (2005).

¹¹⁴ Em seu texto sobre Literatura Marginal, Schollhammer (2009, p. 99-100) traz como um exemplo dessa exploração midiática o programa *Central da Periferia*, apresentado por Regina Casé, na Rede Globo, aos domingos. Sucesso de audiência, no site do programa na Internet, o antropólogo Hermano Vianna

para versões espetaculares no trato com esses conteúdos e, sobremaneira, no “sucesso comercial dessa crueldade digerível” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 100).

Mesmo que muitas das produções dessa época giraram em torno de um realismo indicial (SCHOLLHAMMER, 2009), na função teórico-política do que Foucault (2006, p. 339) chamou de acontecimentalização e, na crítica proposta por Patrocínio (2013), também, consideramos que o acontecimento literário e social das publicações das obras *Cidade de Deus* (1997) e *Capão Pecado*(2000) foram marcos fundamentais para os desdobramentos discursivo-literários que a rubrica *Marginal* evoca hoje, sobretudo, por contribuir para fazer surgir uma singularidade, um acontecimento “sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas”(FOUCAULT, 2006, p. 339), acerca dos significados que essa rubrica (des)constrói, na contemporaneidade.

Embora essa irrupção discursivo-literária tenha sido inaugurada à revelia¹¹⁵, o fato é que seus desdobramentos propuseram novos discursos e significações à autointitulada literatura Marginal que, nas aproximações e distanciamentos com os sentidos ora evocados, possibilitaram que novas luzes fossem lançadas às manifestações culturais que esses autores, leitores e espaços detém hoje.

Salvo a concepção canônica de categorização de marginalidade que considerava um texto marginal, por meio exclusivo de uma observação de filiação estética, os textos produzidos na contemporaneidade, constituem-se sob essa nova agenda, em verdadeiros manifestos antropofágicos¹¹⁶, com efeitos de sentido que, ao mesmo tempo, que congregam significados já (re)conhecidos, como por exemplo, o discurso político e de denúncia dos poetas da década de 60/70, recategorizam e acrescentam outros, “um novo movimento que agrega a literatura produzida por escritores oriundos das periferias brasileiras e que se volta para a afirmação cultural das manifestações artísticas dos sujeitos marginais” (NASCIMENTO, 2006, p. 30).

apresenta a plataforma do programa com as seguintes palavras: “Não tenho dúvida nenhuma: a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país. A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo. Antes, os políticos diziam: “Vamos levar cultura para a favela.” Agora é diferente: a favela responde: “Qualé, mané?! O que não falta aqui é cultura! Olha só o que o mundo tem a aprender com a gente!”

¹¹⁵ Segundo Silva (2019, p. 27 *apud* SILVA, 2013, p. 590-591), o escritor Paulo Lins não aceita o rótulo de representante da literatura marginal: “O meu livro nada tem de marginal, a não ser o tema” (LINS, 2004). Em trechos da entrevista publicada pelo sociólogo, ele afirma que se filia mais a Dostoiévski ou José Lins do Rego e que nunca leu Carolina Maria de Jesus.

¹¹⁶ Referência simbólica e discursiva do texto publicado por Sérgio Vaz, em 2007, Manifesto da Antropofagia Periférica.

Para o romancista, contista, poeta, ativista e empreendedor paulistano Ferréz (2001), nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva (São Paulo, 1975), uma das vozes mais atuantes e “fundadoras” da literatura Marginal contemporânea¹¹⁷, as obras assinaladas com essa rubrica são, “*sempre é bom frisar*, uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” (FERRÉZ, 2005, p. 11, grifos nossos).

Advindas das periferias, as artes da literatura Marginal, cheias de significados e efeitos de sentido, sobretudo, enquanto dimensão social, política e ética, de trajetórias e subjetividades de e sobre a identidade das populações marginalizadas, têm, na e pela concepção de “autoria”, de inscrição de si, em si e no outro e, naquilo que o próprio Foucault (1992), denominou “figura jurídica do autor”, a constatação de que “a origem do discurso, da percepção de que o local de enunciação é o mesmo do objeto” (PATROCÍNIO, 2013, p. 13).

Em situação de linguagem, o escritor Marginal, assim como todo falante, estende, como propõe Sartre (2004, p. 14, grifos do autor), ao abordar sobre o engajamento social dos escritores de prosa literária, sua ação sobre o mundo, desvendando-o a ele mesmo e aos outros, para (se possível) *mudá-los*. Isso, entretanto, não significa que o projeto da literatura Marginal, seja de dispor sobre seus referentes principais um olhar fixo, mimético e concreto, mas, contrário a isso, propor, nos e sobre os efeitos de realidade, outro ponto de vista, interpretando seu tempo por meio de uma consciência crítica e que busca reflexões de seus leitores, afirmando diferenças, demarcando territorialidades, sejam elas espaciais e sociais.

Assim sendo, essa nova forma de fazer e experimentar a literatura, de fazer e experimentar os sentidos de ser marginal, nessa nova agenda produzida por autores identificados com pautas semelhantes de atuação e reivindicação, alcança hoje, um posicionamento político-ideológico que, para além dos sentidos evocados, possibilitam uma discussão muito mais ampla de produção, circulação e crítica desses textos, que servem, indubitavelmente, para repensar valores, discursos e preconceitos, tanto nas páginas literárias, quanto nas da vida social.

¹¹⁷ Foi Ferréz quem nos anos 2001, 2002 e 2004 organizou os volumes emblemáticos da Revista Caros Amigos – Literatura Marginal. É ele também o autor de *Capão Pecado* (2000), obra que, segundo Patrocínio (2013), é uma das fundadoras desse projeto ético e político da Literatura Marginal.

As primeiras obras do projeto ético e literário da literatura Marginal contemporânea, buscaram, segundo Schollhammer (2009, p. 100, grifos do autor), por meio de uma correspondência neorrealista, narrar os detalhes de uma experiência vivida; com uma “linguagem em texto e imagem que incorpora a crueza da realidade periférica, numa representação midiática pasteurizada que dilui qualquer problema de conteúdo e do *como* dar visibilidade a esse tipo de questão”. Tais estéticas tinham por objetivo “pessoalizar, aproximar [...] colocar o leitor definitivamente *dentro* da narrativa” (RESENDE, 2014, p. 17, grifos da autora), “sem recorrer a falsas colorações heroicas ou vitimizadas” (HOLLANDA, 2014, p. 28). São exemplos, as obras *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, de 1997, *Carandiru*, do médico Dráuzio Varela, de 1999 e *Cidade Partida*, de Zuenir Ventura, de 1994, responsáveis, segundo Hollanda (2014), por “iniciar esse processo de aproximação entre a favela e o asfalto”, impulsionadas, sobretudo, pela curiosidade da classe média sobre o outro lado¹¹⁸, sobre “o perigo e a miséria ou os dois”.

Referência de um cotidiano periférico, a obra *Cidade de Deus* (1997), para além do neorrealismo pujante, em formato narrativo-descritivo de ação é, como vimos salientando, um marco na existência social e discursiva da literatura Marginal brasileira, principalmente, por trazer para a cena literária¹¹⁹, a experiência singular de observação narratária de uma experiência vivida, atrelada a um posicionamento político e social sobre essa realidade ficcional. Mesmo não aceitando o termo marginal à sua obra¹²⁰, “Foi Ferréz quem começou com essa onda de literatura marginal, eu nunca tinha ouvido falar nisso, do jeito que está sendo apresentado atualmente” (LINS, 2004 *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 24), o acontecimento social e discursivo da publicação e visibilidade da obra de Lins, marcou um lugar de relativa abertura da voz da periferia para o mundo, em um contexto específico, “imprevisto nos nossos círculos literários”, consoante Hollanda (2014, p. 29, grifos nossos), em que:

¹¹⁸ O tema da violência urbana é levado ao topo das produções literárias, principalmente, após os massacres em 1993, da Candelária e de Vigário Geral, em que crianças foram mortas a tiros por policiais. Tornando-se enredo exótico de mídia e comercialização editorial, as obras traziam algumas imagens exacerbadas de um realismo sanguinolento, mais palatável para o leitor urbano branco e de classe média e que identificava ali as representações com as quais estava habituado.

¹¹⁹ Não poderíamos deixar de citar nessa percepção de experiências vividas a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960 que além de falar sobre o seu universo pessoal e os seus dramas cotidianos, também teve importante impacto social porque chamou a atenção para a questão das favelas, até então um problema ainda embrionário na sociedade brasileira, sendo assim, considerada por muitos críticos como uma precursora da Literatura Marginal, da voz de quem não tem palavra.

¹²⁰ Paulo Lins em uma fala no evento Mostra Artística do Fórum Cultural Mundial, em 2004.

[...] o pobre tem voz e pode até escrever, e mais ainda: escrever um livro de sucesso de público e de crítica. Pela primeira vez, e a partir da convivência estreita com as comunidades da periferia, incluindo-se aí bandidos e traficantes, temos uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora *com as cores da experiência vivida*.

Também a obra *Capão Pecado* (2000), de Ferréz e, posteriormente, a organização e publicação das edições sobre Literatura Marginal na revista *Caros Amigos*, nos anos de 2001, 2002 e 2004, pelo mesmo escritor, marcou a noção da literatura Marginal como expressão literária das periferias. A organização da coletânea desses “textos que abordavam, predominantemente, problemas (como a violência e as carências) e experiências sociais vinculadas ao espaço da periferia” (NASCIMENTO, 2006, p. 17), trouxeram à tona, efeitos de (outra) realidade, sobre os espaços e sujeitos marginais.

Essa nova forma de fazer e experimentar a literatura, “no território contestado da literatura brasileira” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 13), coloca em jogo, com a presença de novas vozes, “não autorizadas” [...] “a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo”, com movimentos que, para além de (a)firmar inserções no espaço literário, buscam, principalmente, (des)estabelecer com as relações verticais de poder, “o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala”.

Pois, muito mais que uma inserção no espaço literário, o que os autores dessa rubrica reivindicam é, segundo Patrocínio (2013, p. 17-19), “a utilização da literatura enquanto veículo de um discurso que almeja uma representatividade política para um grupo silenciado [...], “resultantes de um esforço em produzir uma imagem própria sobre a vivência marginalizada”. Deste modo, os efeitos de sentido de ser marginal hoje, não representa uma produção que tem por intuito principal mimetizar realidades e/ou desnudar aos “desconhecidos” dessas realidades, suas injustiças, mas, sim, pela força simbólica que o termo carrega, de oposição ao centro, expressar, por meio da arte literária, os significados que esses discursos podem ter, na possibilidade literária, atual, de dizer sobre si e sobre o mundo.

Assim, esse “novo conceito ético e estético e não apenas político” (RESENDE, 2014, p. 10), da literatura Marginal e de seus autores, “além de procurarem uma escrita de denúncia, de resistência, de compromisso com a transformação social, honrando suas raízes no hip hop, buscam também um lugar na série literária”, com o intuito de romper “a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura

enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de autoafirmação” (PATROCÍNIO, 2013, p. 12), uma vez que, segundo Ferréz (2005, p. 9), nessas produções, “Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto.”

Sejam ocupando as ruas paulistas, os bares e/ou saraus da Cooperifa, Literatura no Brasil e IdaSul e/ou organizando e participando das Rodas Culturais, da FLUP, nas batalhas de MCs, no Rio de Janeiro, o fato é que, a literatura Marginal, entre imposições, proposições e existências, resistências, nos efeitos de sentido de ser marginal, hoje, propõem, na construção desse novo cenário cultural e político, não só uma forma direta de problematizar, “o lugar tradicionalmente ocupado pelo intelectual que falava para e por estes sujeitos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 22), mas também, a possibilidade de apresentar “uma discursividade nova e interessante” (HOLLANDA, (2014, p. 34, inclusão nossa):

Enquanto fenômeno social, expressão de guetos, escrita do “outro”, denúncia, a literatura marginal é toda aplausos. Enquanto objeto de estudos e teses de sociologia, antropologia, história e mesmo geografia social [e no nosso caso, linguística], estamos diante da criação de uma discursividade nova e interessante.

Isso porque, ao “problematizar as situações naturalizadas pelo hábito e que, por isso mesmo, parecem inquestionáveis” (CORACINI, 2003, p. 18), é possível que, possamos compreender que os sentidos de ser e, sobretudo, de se sentir marginal, hoje, contribui, não só para ampliar o alcance e legitimidade dessas vozes e escritas, mas, e, principalmente, de promover deslocamentos e, portanto, (re)(s)significações, na prática discursiva da escuta, na maneira como esses textos, permitem que possamos (re)ler e (re)interpretar esses sujeitos marginalizados, essas vozes sociais.

CAPÍTULO 3

PERSPECTIVA DISCURSIVO-DESCONSTRUTIVA:

linguagem, discurso e subjetividade

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico que fundamenta esta tese: a perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2003, 2007, 2010) que, no âmbito dos estudos da linguagem, articula o pensamento de Michel Foucault, de Jacques Lacan e de Jacques Derrida. Apesar de conflitantes e divergentes, esses pilares teóricos, não deixam de apontar certos (du)elos (DA ROSA et. al. (2015), sobretudo, para a compreensão das noções de linguagem, discurso e subjetividade, noções essas, que sustentam a temática dessa tese. Sob essa ótica, observamos que, ao falar ou ao escrever algo, tomamos posições e, ainda que inconscientemente, o dizer aponta para representações, imagens de si e do outro. Para abordar, então, esses conceitos, primeiro, apresentamos, de forma breve, uma análise teórico-reflexiva sobre os gestos de leitura e ressignificações propiciadas pelo surgimento, nas teorias linguísticas, dos estudos discursivos. Na sequência, é apresentado os (per)cursos de um sujeito de/pela linguagem da perspectiva discursivo-desconstrutiva e os questionamentos acerca do sujeito cartesiano, logocêntrico, assim como o de sujeito psicologizado, centrado em seu próprio eu, consciente e passível de controlar a si e ao outro (CORACINI, 2010). Entrelaçando as noções de discurso, subjetividades e desconstrução, discutimos as condições de uma análise discursivo-literária e, finalizamos, abordando a constituição e interpretação do *corpus* da pesquisa, dentro do dispositivo analítico da perspectiva discursivo-desconstrutiva, bem como são apresentados os excertos para análise.

3.1. A perspectiva discursivo-desconstrutiva: *um gesto de leitura*

O gesto de leitura, nessa seção, tem por objetivo apresentar noções pertinentes à “con-fusão teórica” (CORACINI, 2010, p. 24) denominada discursivo-desconstrutiva, “tecida com fios de teorias do discurso, de uma certa psicanálise lacaniana (e freudiana) e da desconstrução derrideana” (CORACINI, 2010, p. 17).

Antes, porém, de adentrarmos pelos labirintos dessa perspectiva, convém retornarmos, mesmo que brevemente, às contribuições que os estudos discursivos na área da linguagem, através da Análise do(e) Discurso de linha francesa¹²¹, “inaugurada¹²², em 1969, por Michel Pêcheux, redimensionou aos estudos da linguagem, em pleno império estruturalista, “ao construir um aparato automático para analisar discursos, com o intuito de evidenciar os efeitos de sentido provenientes da materialidade linguística” (CORACINI, 2010, p. 22).

Diz Malidier (2014, p. 20 *apud* ORLANDI, 2014, p. 09), que depois do Estruturalismo, o surgimento da AD foi um dos acontecimentos teóricos¹²³, nos estudos da linguagem, mais importantes na França, principalmente, porque, na contramão das ideias dominante, utilizou “a arma científica da linguística para oferecer meios novos para abordagem política”, sobretudo, na relação da linguagem com a exterioridade.

No Brasil, a trajetória da AD passou (e continua passando) por uma diversidade de enfoques e objetos de estudo¹²⁴ e, ainda hoje, seu alargamento teórico é bastante frutífero¹²⁵, “claramente político-ideológico, no início, hoje, vai se voltando para outros

¹²¹Esse percurso histórico e teórico da AD, iniciada, na França, já foi desenvolvido, de maneira detalhada, em nossa pesquisa de mestrado no capítulo 1, 1.2. Das contribuições da Análise do Discurso: estrutura ou acontecimento? Ver: CARVALHO CASTILHO, Élica Cristina de. *Olhar discursivo sobre língua e sujeito: alunos de língua espanhola do Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado, UFMS, 2016, 120 p. Também os trabalhos de Denise Malidier em “A Inquietação do discurso: (Re) Ler Michel Pêcheux hoje” e de Eni Orlandi “Análise do Discurso: princípios e procedimentos” são leituras obrigatórias para se entender de maneira detalhada o percurso de construção teórica por que passou a Análise de Discurso em torno da atuação fundadora de Michel Pêcheux e alguns de seus contemporâneos. Referência completa na parte de Referências, neste trabalho.

¹²²Segundo a linguista e contemporânea teórica de Michel Pêcheux, Denise Malidier, em seu texto *Elementos para uma história da análise do discurso na França* (ORLANDI, 2014), publicado originalmente em *Cahiers de Linguistique Sociale*, nº 17, há uma dupla fundação da AD e dois textos assinalam o momento inaugural da disciplina: o discurso de encerramento pronunciado por Jean Dubois no Colóquio de Lexicologia Política de Saint Cloud (abril, 1968) e o livro *Análise Automática do discurso*, de Michel Pêcheux (1969). Nesse artigo ela apresenta os principais horizontes comuns e incomuns dos dois autores.

¹²³Segundo Rocha & Deusdará (2005, p. 308, grifos dos autores), a AD, “não pretendeu instituir uma “nova linguística”, mas consolidar uma alternativa de análise, mesmo que marginal, à perspectiva “tradicional” [...] “uma possibilidade outra, originada de um olhar diferenciado que se lança sobre as práticas languageiras”.

¹²⁴Conforme diz Orlandi (2007), estabelecer uma introdução para os estudos discursivos praticados, aqui, não é algo fácil, uma vez que, “haverá sempre, por mais estabelecida que já seja a disciplina, muitas maneiras de apresentá-la e sempre a partir de perspectivas.”

¹²⁵Basta levarmos em consideração os tantos trabalhos desenvolvidos no Brasil sob o escopo dos diferentes estudos do discurso e que trouxeram novas posturas e objeto aos estudos da linguagem a partir da segunda metade do século XX, com fundamentos diferentes, em quadros teóricos diversos (BARROS, 2015). Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem-terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a AD brasileira ou “Escola Brasileira de Análise de Discurso”, como enunciou Eni Orlandi (2004, p.37), amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem. Segundo a pesquisadora (2014, p. 10, grifos nossos), depois da morte de Michel Pêcheux, “os estudos discursivos tomaram mais facilmente,

discursos, sobretudo, para o dizer contextualizado contemporâneo” (CORACINI, 2010, p. 22-23).

Essa multiplicidade de variedades científicas no campo discursivo brasileiro, contribui para ampliar ainda mais o quadro teórico da disciplina e as (possíveis) interpretações das questões que envolvem as práticas de funcionamento da linguagem, em que os efeitos na relação crítica com o conjunto de saberes discursivos fortalecem, substancialmente, o caráter transdisciplinar que a teoria resulta na contemporaneidade (CORACINI, 2010a).

Nesta tese, por exemplo, a dimensão dada ao estudo sobre linguagem e sujeito, produção de sentido e subjetividade, nas teorias que articulam discurso, linguística e psicanálise, é bastante importante. Isso porque, nosso objetivo central é analisar como os contos produzidos por Geovani Martins que, passam, inexoravelmente, pela subjetividade, alinham-se ao jogo das formações discursivas em que o autor se (in)escreve e permitem que outros gestos de leitura sobre a construção identitária de personagens marginalizados possam ser repensadas.

De acordo com Mariani & Magalhães (2013, p. 101), um estudo discursivo sobre linguagem e sujeito inclui “uma passagem pelo conhecimento produzido pela psicanálise de Sigmund Freud e pela releitura que Jacques Lacan faz dele”, principalmente, pela “a compreensão da noção de sujeito dividido, da noção de língua como sujeita a falhas, de discurso como efeito de sentido e da noção do real como o impossível de tudo dizer” (MARIANI & MAGALHÃES, 2013, p. 101).

Esse desnudamento do sujeito, via linguagem, discursivamente (CORACINI, 2007), permite olhar os sujeitos em suas movimentações e interpretações no tempo-espaço. Nesse sentido, ele pode assumir várias posições no discurso, manifestar suas subjetividades, permitidas e reconhecidas das formações discursivas da qual está inscrito. Vale ressaltar, entretanto, que:

Uma FD não é uma forma isolada de discurso ou uma categoria de limites de discursos. Ao contrário, o intradiscurso e o interdiscurso que a compõem promovem um movimento constante do discurso na relação consigo mesmo e com os demais discursos. Mas o discurso não é uma organização de dizeres aleatórios; o discurso se desenvolve em determinadas regras que o delineiam. Estas regras constituem o que Foucault (2002 [1971]) denominou “A Ordem do Discurso”, tema de sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970 (SATHLER, 2012, p. 48).

a direção das teorias do sujeito”, com um recuo, segundo ela, das dimensões do político e da ideologia nos trabalhos e, derivando, em sua maioria, “para estudos sobre linguagem e sujeito, aliando no campo da enunciação, a linguística e a psicanálise.”

Nessa noção de sujeito enquanto efeito de uma produção, subjetividade, a questão da linguagem e do sentido, também, são constructos conceituais importantes, principalmente, por compreender que o sentido não está somente na língua, cheia de intenções, de significados escondidos, materializadas por sujeitos conscientes do seu dizer, mas nas múltiplas possibilidades de significação que toda língua(gem) assume quando colocada em funcionamento, quando instaurada na ordem do discurso.

Na visão discursivo-desconstrutiva, as noções de linguagem, sujeito e saberes, na e pela articulação¹²⁶ entre o pensamento de Lacan, Foucault e Derrida, estão ancoradas em uma perspectiva analítica de atravessamentos, em que a composição heterogênea da linguagem, permite que, em sentidos diversos, certezas e sentidos naturalizados, sob a aparente homogeneidade dos discursos, aqui, de modo especial, de personagens marginalizados, possam ser questionados.

Para esses três pensadores desconstrutores, assim denominados, segundo Da Rosa; Rondelli & Peixoto (2015, p. 254), já que propuseram, “cada um em sua medida e em sentidos diversos, a problematização do pensamento logocêntrico-cartesiano, vigente na modernidade”, a linguagem não é um instrumento de mediação (transparente) entre homem e realidade; ela é opaca. Enquanto fenômeno político e social, produzida por sujeitos do inconsciente, “inseridos nas/pelas relações sociais, desde o nascimento” (CORACINI, 2005, p. 23), é no mundo das significações que a linguagem e, em consequência, os sujeitos são constituídos e, irremediavelmente, (res)significados.

Nessa tese, também compreendemos que a escrit(ur)a de Geovani Martins e as interpretações escritas dos alunos-leitores não são transparentes, em que o sentido está atrelado às palavras que representam o pensamento ou a realidade sobre sujeitos/personagens marginalizados, mas como produtora/manifestação de subjetividades, “inscrição de si para o outro (*ex-scripta*) e do outro para si, do outro em si (*in-scripta*)”, conforme assinala Coracini (2010, p. 24).

Assumindo posições, tanto o autor quanto os alunos-leitores (per)seguem, nos fios discursivos do dizer e sobre o dizer, leituras e interpretações que implicam, segundo Coracini (2005), “na inscrição de si para modificar o outro, o texto.” Desse modo, a análise da linguagem, nesta investigação, não deve ser confundida com intenção, com

¹²⁶Como consideram Da Rosa et. al. (2015, p. 254), essa articulação não consiste em uma ancoragem pacífica, já que, na tensa interdisciplinaridade dessa perspectiva, sempre “trabalhamos no constante jogo de forças que marca tal discussão, considerando tanto os elos como os duelos como constitutivos desse olhar”.

alguma transparência metalinguística do dizer, em uma tentativa (impossível) de investigar o Real da língua, mas, pela visão lacaniana, observar, como a língua, estruturada no inconsciente, permite que a rede constituída de fragmentos de nossa linguagem, possa melhor “compreender como um ‘conjunto’ se tinha construído” (DERRIDA, 1998, p. 24, grifos do autor), aqui, como os discursos sobre personagens marginalizados foram/são sustentados.

Segundo Lacan (2007), a condição do ser falante está estruturada no nó borromeano, nos três círculos representativos do Imaginário, Simbólico e Real. Nesse enodamento, cada um dos círculos se relaciona com os outros dois em um modo de alteridade que, embora articulados, distinguem-se em suas funções. O Real é da ordem do impossível, inapreensível, irrepresentável, é dizer, daquilo que não pode ser representado através de significantes, simbolizado, ao qual o sujeito não tem acesso. Cito Dias (2016, p. 27-28):

Entendido como o desejo, o real escapa à materialização. Uma vez materializado, deixa de ser desejo e cede lugar a outras reformulações do *objeto a*. Dessa forma, a cadeia de significantes não se esgota, já que o desejo - elemento do real -, sempre estará além da capacidade de ser representado no sistema simbólico

O Simbólico é o equívoco, a representação baseada na linguagem, o inconsciente se manifestando. E o Imaginário, as imagens de si que, numa relação especular, estabelece sentido ao Simbólico, aos significantes; é o efeito de escritura do Simbólico (LACAN, 2007).

Discutir, enfim, como dentro dos estudos linguísticos, sujeito e subjetividades foram significados e, sobretudo, ressignificados, ao longo da histórica, é o tema da próxima seção que, na/pela perspectiva discursivo-desconstrutiva, estabelece com a noção de sujeito como efeito, sujeito-construção (FOUCAULT, 1999), uma relação irremediável, para sua constituição, do outro/Outro (CORACINI, 2007).

3.2. Sujeito e Subjetividade na/pela perspectiva discursivo-desconstrutiva: os (per)curtos de um sujeito de/pela linguagem

Nessa seção, visamos à discussão sobre algumas questões que envolvem as noções de sujeito e subjetividade, nos estudos da linguagem, apresentando, para isso, os principais momentos teóricos, no campo das teorias linguísticas, que fizeram (ou não)

emergir dentro de seus embasamentos epistemológicos, as noções de sujeito e subjetividade, até chegar na noção de sujeito de/pela linguagem (CORACINI, 2007), efeito de sentido, via discurso.

Historicamente, as noções de sujeito e subjetividade, sempre, carregaram, dentro dos estudos linguísticos, sobretudo, os positivistas, posições controversas. Centradas na razão e na busca de uma verdade (universal), subjetividade e/como verdade, essas correntes teóricas viam na presença do sujeito e, conseqüentemente, das suas posições subjetivas, na linguagem, uma desestabilização das formas de representação da verdade, do real, entendido, aqui, de acordo com a epistemologia clássica, isto é, positivista, cartesiana, como correspondente a um estado de coisas existentes (BRANDÃO, 1998, p. 37).

Assim, o que importava, era sempre normalizar o sujeito, visto como um elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder, no auge do Estruturalismo, por exemplo, à uma língua objetivada, padronizada. Considerando o signo como parte de uma estrutura maior e, sobretudo, completa, nessa concepção, o papel do sujeito não era questionado, haja vista que a completude língua, do signo como mediadores de uma realidade e sentidos pré-existentes, consideravam-no “como puro instrumento de comunicação, em que o sujeito e, portanto, a subjetividade – não teria lugar” (CORACINI, 2005, p. 20).

No *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006), por exemplo, o papel do sujeito e as relações sociais que constituem a língua(gem), segundo nos foi “contado” por seus discípulos/alunos, não era, pelo menos, no momento, “preocupação” do genebrino. Como sabemos, a língua e sua cientificidade, sua regularidade sistêmica ocupou papel central, enquanto, a fala, a dimensão social da língua, lugar onde o sujeito podia se manifestar, um segundo plano¹²⁷. Embora propusessem uma combinação de traços característicos do Estruturalismo com Funcionalismo e dos atos comunicativos, na Escola Linguística de Praga (WEEDWOOD, 2002), outro marco importante dentro das teorias linguísticas, a preocupação com o sujeito e a subjetividade na linguagem também não era central.

É, pois, com Benveniste e sua teoria da enunciação (2006), que o questionamento sobre o papel dos sujeitos, nos estudos linguísticos, passou a ter uma

¹²⁷Atualmente, estudos críticos, a partir dos manuscritos de Saussure, como os de Depecker (2013), apontam outros caminhos para o lugar do sujeito na teoria linguística de Saussure. Ler: DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

posição “mais” privilegiada, todavia, ainda bem centrada, somente, em um “eu” que fala. Por meio do estudo dos pronomes, o francês traz aos estudos linguísticos a noção de subjetividade, entendida, por sua concepção, como sendo “a capacidade do locutor de se propor como sujeito de seu discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 286), apresentar a marca de subjetividade – o *eu*, no ato da comunicação.

Apesar de mobilizar as noções de subjetividade e de discurso, pela ótica de Benveniste, o sujeito ainda é um ser de racionalidade, “*em presença e no presente*” (DA ROSA et. al. 2015, p. 261, grifos das autoras). As outras pessoas do discurso, o *tu*, por exemplo, também protagonista no ato enunciativo, seria uma não-pessoa, portanto, não constituído de subjetividade. Assim, pelo fato de “analisar o próprio ato de produzir um enunciado e não o texto do enunciado” (BRANDÃO, 1998, p. 38) e, também pela posição secundária dada à alteridade, às pessoas do discurso, a questão da subjetividade levantada por Benveniste, “resguardando seu caráter fundador” (BRANDÃO, 1998, p. 39), ainda é muito restritiva, principalmente, se observarmos, que o linguista não expande a noção de subjetividade para fora do eu, para além da noção de consciência e da subjetividade como a capacidade do locutor de se *propor como sujeito do seu discurso*¹²⁸.

Foi ao questionar o lugar e intencionalidade do sujeito, no discurso, que, por sua vez, não devia ser confundido com indivíduo, que Pêcheux (1969), no centro do movimento de maio de 68, na França, e das novas interrogações que surgiram no âmbito das ciências humanas, trouxe para o centro do novo cenário, o sujeito, “não mais como um dado *a priori*, mas constituído no discurso [em que] sentido e sujeito se constituem num processo simultâneo por meio da figura da interpelação ideológica” (BRANDÃO, 1998, p. 40, inclusão nossa).¹²⁹

Embora a figura da interpelação ideológica seja a base forte dos estudos iniciados e praticados por Pêcheux, vale ressaltar, conforme assinalam Mariani & Magalhães (2013, p. 103), a releitura que ele fez, a propósito do funcionamento do inconsciente, a partir de uma frase de Lacan: ‘Em suma, só existe causa para o que falha (manca) [claudica]’” (LACAN, 2008 [1964], p. 27), “Só há causa daquilo que falha”, no artigo no qual Pêcheux retifica alguns aspectos de seu livro *Les vérités de la Palice*.

¹²⁸ Grifos nossos, para enfatizar e, sobretudo, contrapor à noção de sujeito e subjetividade que, nesta tese, nos ancoramos, onde o sujeito não é proposto, nascido, mas constituído pelas relações sociais, pelos discursos e, jamais, dono de um dizer, do “seu” dizer, um dizer adâmico, original.

¹²⁹ Ainda hoje, na AD iniciada por Pêcheux e praticada por seus adeptos, o sujeito é entendido como sendo um produto histórico, que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder.

Essa proximidade com a psicanálise de Lacan (1998) em destituir o sujeito do domínio de seu dizer, na perspectiva discursivo-desconstrutiva, desenvolvida por Coracini (2003, 2007 e 2010) e outros autores do campo da linguística aplicada no Brasil, é noção fundamental do modo como essa perspectiva concebe a noção de sujeito, como “efeito de linguagem” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 186), “constituído na e pela linguagem, sujeito do inconsciente, múltiplo e cindido, incapaz de (auto)controlar os efeitos de sentido do seu dizer” (CORACINI, 2007, p.11). Assim, as suas formas de constituição, “não se dão no interior de uma fala ‘homogênea’, mas na diversidade de uma fala ‘heterogênea’ que é consequência de um sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente” (BRANDÃO, 1998, p. 43, grifos da autora).

Esses conflitos subjetivos e, portanto, conflitos dentro do discurso, provocaram, pelo novo enunciado de Lacan (1998, p. 521), “penso onde não sou, logo sou onde não penso”, Lacan (1998), um desmonte ao *cogito* de Descartes, “penso, logo existo”, sobremaneira, por colocar em suspensão, a presença consciente do sujeito e a harmoniosa transmissão de sua mensagem/discurso. Entendido e articulado, a partir dessa visada psicanalítica, como um discurso que “não se reduz a um dizer explícito, pois ele é permanentemente atravessado pelo seu avesso que é a pontuação do inconsciente” (BRANDÃO, 1998, p. 43), o discurso, nessa concepção, sempre será inaudível, sempre no caminho, no lá e cá, na (inde)cisão (CORACINI, 2005).

Também chamado de “sujeito lacaniano” (DA ROSA et. al., 2013, p. 268), nessa perspectiva, ele é furo do discurso e não causa em si mesmo. Estruturado como uma linguagem, é no inconsciente, “que a verdade fala” (LACAN, 1998, p. 882) e, por ser concebida por um funcionamento metonímico e metafórico, não quer dizer que tudo que está falado e/ou escrito, está dito (DERRIDA, 1998), já que tudo é passível de ter outros sentidos, outros discursos e outras significações, no/pelo espaçamento da letra, justamente, o lugar, onde, segundo Da Rosa (2013, p. 270), “o sujeito se manifesta [...] adia os sentidos dos que tal palavra queria dizer.”

Essa descentralização do sujeito, como origem e detentor do saber, da verdade e do poder, também, é questionada por Foucault (1987, 2002). Sem remeter “à função unificante de *um* sujeito”, pois, para ele, trata-se de “posições sujeito” (FOUCAULT, 1987, p. 61, grifos do autor), o sujeito foucaultiano é constituído pelas identificações com determinadas formações discursivas, construído num processo de subjetivação, pela dispersão e pela multiplicidade de vozes, que resultam dessas formações:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 1987, p. 43, grifos do autor)

Assim, para Foucault (1987, p. 140), “as coisas não têm o mesmo modo de existência, o mesmo sistema de relações com o que as cerca, os mesmos esquemas de uso, as mesmas possibilidades de transformação depois de terem sido ditas”, isso porque os dizeres vem de outros lugares e uma formação discursiva pode agregar diferentes saberes, a ponto de gerar conflitos e tensões, marcando seu caráter heterogêneo e contraditório inerente.

Para articular as congruências entre o sujeito foucaultiano e o sujeito efeito de linguagem, da perspectiva lacaniana, citamos Dias (2016, p. 23), que à respeito da articulação entre a constituição do sujeito nesses pensadores de teorias d(t)ensas¹³⁰, escreveu:

Apesar das diferentes posições assumidas pelo sujeito no discurso, é preciso levar em conta que o saber não é constituído pelo sujeito. Ele não tem controle sobre o seu dizer de forma que o sujeito não se esquiva à ordem do discurso do saber ao qual ele pertence. Dessa forma, o sujeito deixa resvalar, via linguagem, a sua constituição heterogênea, que é escamoteada pela inscrição em um arquivo, via interdiscurso, que confere ao seu dizer a ilusão de homogeneidade. Seus enunciados não lhe pertencem, são instaurados por um arquivo histórico; sua fala veicula representações de seu percurso histórico, de experiências vividas.

Como nosso foco, nesta pesquisa, é a maneira como, nas formas do texto/discurso, dos treze contos de *O Sol na Cabeça*, estão construídos os processos de subjetivação dos personagens e as interpretações, a partir da leitura dos contos, que um grupo de alunos-leitores faz dessas construções identitárias, acreditamos que essas noções de sujeito, constituídas na multiplicidade, na heterogeneidade, fragmentada e dispersa, tanto quanto a linguagem que “atravessa nossos corpos antes de qualquer cogitação” (HENRY, 1990 *apud* MARIANI, 2003, p. 55), podem emergir no *corpus*, na medida que, ao assumir diferentes posições, os sujeitos, tanto no discurso produzido pela obra, quanto no discurso produzido pelos alunos, via linguagem, constituem-se na e pela voz do outro/Outro¹³¹.

¹³⁰ Importa-nos dizer que em seu trabalho de tese, a pesquisadora articulou a constituição do sujeito pelas teorias de Foucault, Lacan e Authier-Revuz.

¹³¹De acordo com a psicanálise lacaniana, um dos pilares da perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2007); “o sujeito que é atravessado pelo inconsciente - estruturado como uma linguagem

3.3. As condições de uma investigação discursivo-literária

As observações que trazemos, nesse subtópico, pretendem assinalar o importante papel que, nessa tese, tem os procedimentos teóricos-metodológicos da perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2003, 2007, 2010), na interpretação de um texto literário, entendido, como já salientado, como discurso, como um conjunto de modos de dizer, proceder e pensar (enunciados).

Para, portanto, realizarmos as leituras e interpretações dos contos de Geovani Martins, enquanto prática discursiva, vinculamos a escrit(ur)a dos contos e as interpretações e escrit(ur)a sobre eles deles, por um grupo de alunos-leitores, a um determinado momento histórico-social que, inscreve, insere e orienta o modo como cada um deles vê, lê e interpreta esse mundo narrado, ou seja, produz sentidos, “inteiramente impregnado por sua subjetividade, que se constitui no/do exterior, por sua historicidade [...] pelas relações sociais que nos inserem” (CORACINI, 2005, p. 23).

Assim que, ao tomar o texto literário como discurso literário, percorre-se caminhos diferentes do texto e seu contexto, além das formas de interpretação vigentes, trazendo para debate a superação de fronteiras disciplinares. Contudo, conforme ressalta Maingueneau (2009, p. 38), não se trata “de projetar um universo em outro”, aqui – a Linguística, pela visão discursivo-desconstrutiva, na Literatura, nos estudo sobre categorias da linguagem que tomam corpo na literatura¹³² mas, sim, “de explorar o universo do discurso”, os meios discursivos de que dispuseram o autor e o leitor, para a produção de sentidos, não só sobre personagens marginalizados, mas e, principalmente, na proposição de outra inteligibilidade para o homem, uma vez que, como assegura Barthes (2002, p. 19, grifos nossos), “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que *sabe muito sobre os homens*”.

(efeito entre significantes) - está vinculado a três registros: imaginário, simbólico e real, que fazem nó borromeano. Lacan (2007) afirma que o laço entre os três registros é enigmático, pelo fato de um estar entrelaçado nos outros e vice versa, de modo que solto um, o nó se desfaz. O imaginário é da ordem psíquica que corresponde ao ego (eu) do indivíduo, que busca no *Outro* a sensação de inteireza, é o registro do engodo da identificação orientada por imagens de si que o sujeito faz dele mesmo, construída a partir do outro, num processo especular” (DIAS, 2016, p. 27, grifos nossos).

¹³² Como exemplo, podemos citar os estudos pioneiros e significativos de Roman Jakobson (1926) sobre as funções da linguagem, sobre as propriedades formais das expressões linguísticas na poesia. Na prosa, Chklovski e Bakhtin. Para uma maior discussão do tema ler: TODOROV, T. Linguagem e Literatura. In: TODOROV, T. As estruturas narrativas, 2006.

É, pois, por essa força discursiva do texto literário (HENGE, 2015), que “não é que nos possa ensinar a viver, mas as pessoas que têm dúvidas sobre como viver tendem a recorrer à ela [literatura]”, conforme trouxemos na citação de Judith Butler, que abre esta tese que investigamos os discursos que constroem os processos de formação de subjetividades de personagens marginalizados, na e pela obra de Geovani Martins. Longe, entretanto, de dizer e/ou dar o poder, único, a esses textos literários sobre os modos de ver/olhar para esses sujeitos à margem, o que pretendemos, nessa investigação discursivo-literária é, observar, como as (trans)formações subjetivas interferem em cada produção de sentido (CORACINI, 2005), e inscrevem e deixam inscre(ver) os discursos sobre personagens marginalizados.

A relação transdisciplinar entre Literatura e Linguística é uma realidade de muito tempo (TODOROV, 2005; JAKOBSON, 1987), gozando, como vê Todorov (2006, p. 54):

[...] de um estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela, portanto, não só como o primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem.

Contudo, ao recorrermos a Todorov (2006, p. 54), devemos entender que o sentido de ser ponto de partida e ponto de chegada é para, nas palavras do francês, “lançar nova luz sobre as propriedades da própria linguagem” e não como instrumento, ferramenta elementar de decodificação de estruturas semiológicas, de descrições gramaticais, de fatos da língua, como comumente se possa imaginar e/ou praticar quando do cruzamento analítico desses dois campos do saber, mas, para além, dessa concepção, “tomar a relação entre língua e história na produção dos sentidos” (HENGE, 2015, p. 1)¹³³, interpretando, como diz Coracini (2005) e não apenas compreendendo e é aí que entra a subjetividade.

Ao assinalar esse diálogo como uma outra possibilidade de abordar textos literários, operamos, dentro do arcabouço teórico da perspectiva discursivo-

¹³³Embora ainda não tão numerosos, conforme já apresentamos no estado da arte, na introdução, desta tese, os estudos discursivos e textos literários é, segundo Mello (2005, p. 15), uma realidade, “como mais uma possibilidade de abordar textos literários com conceitos e ferramentas que, até provem o contrário, servem para todo e qualquer tipo de discurso e de texto, inclusive, evidentemente, o discurso e o texto literário.”

desconstrutiva, a noção de sujeito e sua relação com a linguagem, com a exterioridade, com o inconsciente e as relações de poder do discurso, de modo singular que, como ressalta Coracini (2005, p. 23), “não significa unidade”.

Descentrado, portanto, de uma teoria subjetiva que o colocava em seu próprio eu, consciente e passível de controlar a si e ao outro, a noção de sujeito *de e pela* linguagem, na perspectiva discursivo-desconstrutiva, implica, necessariamente, segundo Henge (2015, p. 2) “no deslizamento dos sentidos, na desestabilização das evidências e na incapacidade da onipotência”, pois ao evidenciar a relação direta entre o texto e o contexto, o que se coloca em pauta é a relação existente entre os dizeres e os poderes que constituem todos os sujeitos de linguagem e que acionam, através da memória discursiva, discursivos já existentes, ditos em outro lugar e em outro tempo.

Essa constituição identitária onde os sujeitos, enquanto subjetividade é, nessa perspectiva, sempre, efeito de uma produção, naquilo que Foucault (1999) chamou de modos de subjetivação e que se dão na dispersão e heterogeneidade das palavras, possibilita que, no discurso, os sujeitos possam assumir várias posições. Construída pelo outro, pelas representações que vêm do outro (DERRIDA, 1996; LACAN, 1998; FOUCAULT, 1999), essas posições subjetivas, sempre, ilusórias, permitem que a identidade, ou melhor, flagras de identificações sejam perceptíveis¹³⁴, sensíveis à análise discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2010), como representação do modo como cada um se vê e vê o outro.

Na mesma direção, a língua, também, não é um sistema de decodificação hermenêutico, tomada por base de uma transparência que se traduz em um espelho de significado e significante. Ela é cheia de lapsos, falhas e deslizamentos de significação, com/por Derrida (1991) “incontrolável”, em que sua opacidade e heterogeneidade não são irreduzíveis ao sistema linguístico.

Essas noções apresentadas para se pensar uma investigação discursivo-literário, somadas a tantas outras, muitas vezes, insistem em distanciar os estudos linguísticos dos estudos literários, sobretudo, “nos meios onde a Literatura sofre o peso de uma tradição elitista [há a insistência] em não aceitar nenhum tipo de abordagem que tenha bases na linguística” (MACHADO, 2003, p. 83-84 *apud* MELLO, 2005, p. 14). Desde a Antiguidade, essa separação territorial pesava sobre os textos ditos da retórica, da estilística e da poética, em que a Literatura ficava de um lado e a Linguística e Filologia

¹³⁴ Vale ressaltar que, na e pela perspectiva discursivo-desconstrutiva, a identidade é impossível de representação tal como essa é vista pelos clássicos e pelos cognitivistas.

do outro. A essa, interessava as análises de textos mais pelos fatos da língua e pela investigação histórica e, àquela, mais à estrutura e sentido de uma obra.

As correntes/abordagens de análise e crítica literárias que se desenvolveram ao longo do século XX, para a análise de textos literários, também, são exemplos de perspectivas negativas quanto à aproximação da Linguística na Literatura. Essas correntes¹³⁵, com objetivos de análises, muitas vezes, bem diferentes, ora privilegiando somente a obra, enquanto criação literária, apartada de quaisquer outros mecanismos de observação, sobretudo os linguísticos, ora enfatizando elementos “alheios” a ela, como a Psicologia, a Sociologia, a Teoria da Recepção, entre outros, contribuíram para o fortalecimento de uma crítica/análise literária reducionista e nada abrangente quanto, sobretudo, a quaisquer outros campos de observação.

Dentre essas abordagens/críticas, a que mais procurou uma base interpretativa com certo apoio na Linguística, a fim de elaborar uma ciência do texto literário, foi a Nova Crítica, considerada “uma virada maiúscula nos estudos literários” (MAINGUENEAU, 2009, p. 30), e que buscava, em seu dispositivo de análise, um olhar voltado para o texto (leitura microscópica), para sua materialidade literária, agregando outros olhares que pudessem contribuir para uma crítica da obra, mas, sem, contudo, privilegiar um aspecto, em especial. No Brasil, seu principal divulgador foi Afrânio Coutinho (1968), crítico que teve contato direto/curso nos E.U.A. (1942-1947) com Jakobson (1987), formalista e um dos primeiros a relacionar Linguística e Poética e, que trouxe para nosso país essa nova tendência que tinha como parâmetro principal de observação, a análise e crítica literárias dos fatores intrínsecos ao objeto literário.

Ressalvas as críticas que esse modo de análise e observação das obras foram e ainda são feitas, o fato é que, com a Nova Crítica, a aproximação com a Linguística começou a ser elaborada. Entretanto, como essa abordagem de análise, fechava-se muito na análise intrínseca da obra, em sua linguagem literária, o dispositivo enunciativo, o texto/contexto não era abordado, o que, vai (e foi), sobretudo, na contramão dos estudos emergentes do discurso na mesma década de 1960, ao assinalar a importância da historicidade, da exterioridade na análise de todo e qualquer discurso (PÊCHEUX, 2002).

Ao considerar, portanto, o fato literário como “discurso”, como produtor de discursividades (FOUCAULT, 2002), um terceiro ponto entre a linguagem e a obra

¹³⁵ Para maior conhecimento do assunto, ler RALLO, 2005, referência completa nesse texto, na parte das Referências.

(FOUCAULT, 2016), buscamos, nessa interlocução investigativa, deslocar o caráter central de análise de textos literários como significados, pontos fixos e originários. Diferente de pensar o texto literário como “um documento decifrável” (FOUCAULT, 1987), ou uma investigação histórica¹³⁶, a relação dialógica entre a Linguística e a Literatura, entre uma investigação discursivo-literário, aqui, proposta, visa a ir além das palavras que cobrem a folha branca, fazendo emergir a singularidade discursiva do texto literário de Martins e suas conexões com a linguagem, o tempo, o espaço *de* e *sobre* personagens marginalizados, ao colocar em pauta, a possibilidade de apresentar uma “discursividade nova e interessante” (HOLLANDA, 2014, p. 34).

Ocupando um lugar, tradicionalmente, ocupado pelo intelectual que falava para e pelos sujeitos/personagens marginalizados, o que essa investigação discursivo-literária ocupa-se é, sobretudo, problematizar como esse outro cenário cultural, político e enunciativo, contribui para se pensar leituras, interpretações e, até mesmo, uma educação literária em que as produções de sentido possam dialogar e construir significados para além do texto, ao construir para si e para o outro, identificações, um lugar social.

Nessa instituição discursiva, a análise do texto literário de Geovani Martins e das interpretações dos alunos sobre esse texto, mobiliza sentidos, saberes e poderes, por e sobre personagens marginalizados, que, aqui, não buscam encontrar respostas, análise unívocas e/ou universais sobre os temas e sujeitos que giram em torno das favelas, mas, meios para interpretar os seus sentidos, as combinações, nas quais cada palavra, pode cumprir em sua função discursiva, os modos de realização desses discursos.

Nessa possibilidade de observação¹³⁷ discursivo-literária, as interpretações acontecem, sempre, nos interstícios e porosidade da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1998), que permite que algo do sujeito, assujeitado pela linguagem, em uma formação discursiva represente a si e ao outro/Outro. Assim, nesse alargamento de interpretação, o discurso literário, manifestação da linguagem, lugar de saberes e poderes, revela, no mesmo momento em que vela, na singularidade dessa perspectiva no campo aplicado, que não há nada que não seja produto de uma construção, a partir de algo que já existe, ou seja, que já tenha sido dito.

¹³⁶ Segundo Maingueneau (2009, p. 13), o que a Análise do Discurso “faz” hoje, a filologia “fazia” antes.

¹³⁷ Bem diferente do que se estabeleceu, como já dissemos, na Antiguidade, que o entendia como orgânico, “documento sobre o espírito e os costumes da sociedade” (MAINGUENEAU, 2009, p. 14), apartado dos estudos linguísticos e responsáveis pelos sentimentos e compreensão de pensamentos de um povo.

No entrelaçamento da linguagem com a exterioridade, compreender como o texto se articula com esses dois elementos, simultaneamente, na produção de sentido, na relação *entre* significantes, permite que outros fios discursivos possam ser (re)pensados. Pois, no vocábulo desconstrutivo que denomina a perspectiva discursivo-desconstrutiva, a desconstrução, contida nos sentidos possíveis do termo, não significa destruição, nesta tese, por exemplo, de marcas clássicas de representações sobre os sujeitos/personagens marginalizados, nos e pelos contos de *O Sol na Cabeça*, mas na crítica que tanto Derrida, Foucault e Lacan fazem da completude da linguagem e da realidade objetiva e externa ao homem.

Assim, nesse jogo de diferenças (DERRIDA, 1991), pensar uma análise discursivo-literária possibilita interpretações que vão de encontro à continuidade dos sentidos, de modo que a interpretação dos discursos não se anule em prol de um jogo de leitura, consciente e pacífico, elaborada por sujeitos autores e leitores, igualmente, conscientes, logocêntricos, onde a subjetividade, portanto, não teria lugar. Ela, estrutura no inconsciente, materializada pela linguagem, produzida a partir de discursos e práticas, nessa perspectiva, tem papel protagonista, no intuito de contribuir para se pensar outras inteligibilidades para o humano, para as relações de saber-poder que, no discurso literário, há tempos têm buscando controlar os temas, os autores, enfim, as produções e circulação, compreensão desses textos.

Que “a literatura *pode* ser mais do que o que ela é” (TODOROV, 2006, p. 70, grifos do autor) e que os discursos também podem (re)velar tantas outras possibilidades e subjetividades é algo que, na tentativa de “representar o presente na ausência” (DERRIDA, 1991, p. 31), percorremos aqui. Porém, mais que apenas relacionar estudos discursivos e literatura, o que, buscamos, é mostrar, como na possibilidade de uma análise discursivo-literária, os sujeitos se posicionam, se escrevem e se inscrevem, pensam onde não é e, logo, é onde não pensam (LACAN, 1998).

Passemos, na sequência, à exposição do posicionamento discursivo-desconstrutivo na constituição e interpretação do *corpus*, o qual permite atentar para as incidências subjetivas na construção discursiva dos e sobre os personagens da obra, do e sobre o ato de escrit(ur)a de si, em si e no outro, tanto do autor, quanto dos alunos-leitores.

3.4. O dispositivo analítico da perspectiva dos estudos discursivos: a constituição e interpretação do *corpus*

Conforme entendemos, o discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico. Em vista disso, seja no discurso do cotidiano, seja no discurso literário, ou em outros momentos em que o dizer se materializa, o que a perspectiva discursiva busca é analisar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. Por conta disso, cada análise, por essa perspectiva, é singular, “não única” (CORACINI, 2005), em que o objetivo analítico não é analisar um *corpus* à exaustão, à horizontalidade e/ou à completude, mas, a partir do gesto interpretativo do pesquisador, observar as relações que os eixos temáticos e categorias analíticas se confluem, se (re)atualizam, no percurso da apresentação dos resultados de análise (DA ROSA et. al., 2015, p. 277).

Filiado ao viés teórico-metodológico da Linguística Aplicada¹³⁸ (CORACINI, 2007; PINTO & FABRÍCIO, 2013) em interface com a perspectiva discursivo-desconstrutiva, desenvolvida por Coracini (2003, 2007, 2010), a constituição e interpretação do *corpus* que se orientam por esse viés têm, no questionamento do império do querer-dizer, um dos seus principais movimentos constitutivos e de problematização.

O processo de constituição do *corpus* foi construído em dois momentos diferentes mas, que se imbricam como parte da construção de uma enunciação. Não só, pelo fato de ser os textos de um obra e a leitura, desses textos, por um grupo de alunos-leitores, o processo de constituição do *corpus* mas, e, principalmente, pelo embasamento teórico-metodológico que compreende a leitura como produção de sentido, processo discursivo (CORACINI, 2005), sempre atravessada pelas (trans)formações subjetivas do olhar de si e do outro que interferem em cada gesto de interpretação.

Constitui-se, então, do conjunto de enunciados dos treze contos de Geovani Martins, na obra *O Sol na Cabeça* e pelas leituras/interpretações escritas desses contos por um grupo de vinte e sete alunos-leitores, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio Integrado ao curso de Mecatrônica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, *campus* Avaré.

¹³⁸ “De cunho transdisciplinar, os estudos de LA, desafiando certas classificações hierárquicas binárias, tais como teoria-prática e/ou aplicação de teoria” (PINTO & FABRÍCIO, 2013, p. 12), “no Brasil, desde a década de 1990, têm diálogos muito frutíferos com outras ciências sociais e humanas, com teorias críticas da Análise do Discurso, com a Crítica Literária, os Estudos Culturais, a Antropologia, a Sociologia, perseguindo respostas para as investigações que se ocupam de questões em que a linguagem tem um papel constitutivo nos saberes, nas configurações identitárias e nas relações – feministas, étnico-raciais, sociais – que formam, conformam, deformam, informam, transformam as realidades que construímos” (KLEIMAN, 2013, p. 42-43).

Por examinar e se propor a discutir, teoricamente e de maneira transdisciplinar, práticas sociais de uso de linguagem, os instrumentos de constituição e análise do *corpus*, tanto nos estudos discursivos, quanto nos estudos da LA, não tem uma fórmula do que e de como se deve fazer a pesquisa e/ou um modelo (*template*) de como se deve apresentá-la ou analisá-la. Uma vez que, o que se, busca, é olhar para determinado objeto, aproximando-se dos estudos de Foucault (1987, p. 93), historicizando-o, pensando-o na diferença, como prática, abordando cada determinação histórica em si mesma e, nunca como um caso particular de um problema geral, de uma gênese ou de uma estrutura e/ou antropologismo¹³⁹ (FOUCAULT, 1987, p. 19).

Sendo assim, o que se busca observar e analisar nessa postura metodológica que entende o sujeito como efeito na e da enunciação é rastrear, na medida do possível, “os sistemas de regularidade e dispersão (FOUCAULT, 1987) que atravessam o *corpus*, a partir dos quais se procura estabelecer eixos temáticos e categorias de análise” (DA ROSA et. al. 2015, p. 276, grifos das autoras).

Assim, ao rastrear, no e pelos dizeres do escritor e dos alunos-leitores, como estão (d)enunciados os discursos sobre personagens *à margem*, o olhar para si e para o outro, o saber de uma época e as relações de poder imbricadas nessas práticas discursivas, busca-se, analisar, nas e pelas condições históricas, culturais e políticas, nas e pelas falas, questões de linguagem e de identidade.

Em razão disso, não visando um estudo que percorra o passado, a tradição e o rastro, o fundamento que se perpetua, das produções literárias de adjetivação e discursivização de algum estado de marginalização¹⁴⁰, mas, o recorte e o limite que a dimensão do “acontecimento discursivo” das produções da chamada literatura Marginal renovou, a partir dos anos 2000¹⁴¹, ao passar a tirar a própria foto (FERRÉZ, 2005).

¹³⁹ O que segundo Foucault (1995, p. 07) chama “de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história.”

¹⁴⁰ Os diferentes sentidos e usos do termo marginal na literatura foram abordados no capítulo 2, na seção 2.2.

¹⁴¹ Conforme propõe Patrocínio (2013), foi a partir da obra *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, em 1997 e, de *Capão Pecado*, de Ferréz, de 2002, que os sentidos contemporâneos de ser e se sentir Marginal, nas produções literárias, tomaram os caminhos discursivos que tomamos hoje: “um número expressivo de autores que utilizam o termo marginal como signo identitário e buscam expressar o cotidiano de territórios periféricos a partir de uma escrita fortemente marcada por um teor testemunhal e pela estética realista” (PATROCÍNIO, 2016, p. 149) e que “passou a ser utilizada para designar a literatura produzida por escritores que se sentem marginalizados pela sociedade e trazem para o campo literário temas, termos, personagens e linguajares igualmente marginais” (NASCIMENTO, 2019, p. 21).

Construído em um movimento pendular entre teoria e análise (ORLANDI, 2005; PETRI, 2013), a constituição do *corpus*, nos estudos discursivos, inicia-se por sua descrição, delimitando seus limites e fazendo recortes para interpretar como se dão os processos de sentidos; com o objetivo de compreender como um objeto produz sentidos, transformando a superfície linguística (*corpus* bruto), dado empírico, em um objeto discursivo (materialidade linguística). Assim, por meio dos recortes dos dizeres dos personagens da obra e da interpretação dos alunos, analisamos o que é dito, como se disse e em que condições de produção esses dizeres se materializaram e permitem que possam “ser inscritos em múltiplas possibilidades de leituras” (CORACINI, 2005).

Esses eixos temáticos e categorias de análise, ou seja, o modo como os recortes dos temas a serem trabalhados são selecionados, tem relação direta com o sistema de regularidades e dispersão dos enunciados e, também, na/pela posição do pesquisador¹⁴², também, participante no processo da pesquisa (CORACINI, 1991), na interpretação do outro/pesquisado.

No *corpus* formado pela obra, a análise foi feita a partir da leitura dos treze contos pela pesquisadora. Após a leitura e, identificados os sistemas de regularidade e dispersão (FOUCAULT, 1987) que atravessam o *corpus* foram estabelecidas “as categorias de análise, pequenos conjuntos de representações regulares e/ou dispersos” (DA ROSA et. al. 2015, p. 276). Para constituição desse *corpus*, as representações regulares enunciativas escolhidas foram selecionadas a partir da temática das subjetividades marginalizadas na obra: o olhar de si e do outro que, na/para análise do funcionamento discursivo da obra, também, consistiu em relacionar as materialidades linguísticas com o momento histórico-social em que elas foram produzidas e que, no *corpus* formado pela obra, tem na autoria e territorialidade Marginais, um *lócus* enunciativo, uma inscrição discursiva que contribuem para apontar, nas regularidades enunciativas, para formações discursivas que questionam representações identitárias de sujeitos e culturas periféricas.

Os treze recortes selecionados, em suas regularidades e dispersões, representam, nas categorias de análise propostas, nos recortes de 1 a 7, questões relacionadas à invisibilidade social, representações preconceituosas e criminalização, quando jovens de periferia estão do outro lado do asfalto. Nos recortes 8 e 9, a temática do contato e uso

¹⁴² A posição do pesquisador nas pesquisas desenvolvidas no viés teórico-metodológico da perspectiva discursivo-desconstrutiva como imbricada no olhar para as materialidades significantes que entrecem o objeto de pesquisa, possibilita colocar em xeque a suposta neutralidade do pesquisador, ainda defendida por outras áreas do conhecimento.

de drogas e que nessa representação, permite, nas possibilidades do discurso, dizer sobre a memória discursiva que, frequentemente, associa os personagens e os temas que giram em torno da favela ao uso de drogas, ao tráfico e, por extensão, à criminalidade. E, nos recortes finais, de 10 a 13, são os (des)encontros entre os personagens e os policiais, as categorias discursivas postas em análise, em que são colocadas em discussão as práticas sociais do poder sobre os modos de objetivação desses jovens marginalizados.

Na constituição do *corpus* formado pelas produções escritas dos alunos, por tomar como *corpus* de pesquisa seres humanos, esta pesquisa requereu autorização junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Antes porém, de enviar o projeto e documentos ao Comitê, foi elaborado junto à Direção Geral do *Campus Avaré*, pela figura do professor diretor Sebastião Francelino da Cruz, uma declaração, solicitando autorização para realizar a atividade com as turmas no ambiente escolar. Prontamente, a declaração foi emitida e após seu deferimento, entramos em contato com a coordenação da área de Letras, do IFSP, *Campus Avaré*, a professora Dra. Eva Cristina Francisco, para que ela, também autorizasse nosso contato com os professores responsáveis pelas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, no Ensino Médio e de Crítica Literária, no curso superior em Letras da instituição.

Diante das autorizações concedidas para a realização da atividade no ambiente escolar, elaboramos o projeto final de pesquisa e o encaminhamos ao Colegiado do Programa de Pós-graduação em Letras, da UFMS, campus Três Lagoas para deferimento. Após aprovação, o projeto foi enviado, com ajustes necessários e protocolares exigidos na Plataforma Brasil, pela discente pesquisadora, ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Na primeira versão, o parecer consubstanciado alegou algumas adequações para a aprovação do projeto, principalmente, em padronizações (assinatura, rubrica) nos Termos de Assentimento e Consentimento Livre e Esclarecido que, após, justificativas e adequações, teve a segunda versão, em março de 2020, aprovada¹⁴³.

Para participar da pesquisa, alguns critérios de inclusão foram estabelecidos, dos quais ser aluno regularmente matriculado no terceiro ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico, no ano de 2020, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do

¹⁴³Aprovado em 13 de março de 2020, sob o número de parecer: 3.916.355.

Estado de São Paulo, *Campus Avaré*; ter interesse e disponibilidade para participar da pesquisa e ter concordado em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, este último, para o caso de menor de idade. Já os critérios de exclusão incluem, ao contrário, não ser aluno regularmente matriculado no terceiro ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, *Campus Avaré*; não ter interesse e disponibilidade para participar da pesquisa e não concordar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, no caso de alunos menores¹⁴⁴.

O projeto inicial para a constituição do *corpus* das produções escritas dos alunos foi planejado para ser realizado com um plano de aula que previa 06h/a para realização das atividades de leitura e interpretação dos contos, em cada turma participante. Mais ou menos, 150 alunos, estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, *Campus Avaré*, divididos entre as três turmas de terceiro ano do Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico dos cursos de Agroindústria, Lazer e Mecatrônica e do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, que pela cronologia da grade curricular do curso em questão, tiveram, no semestre passado, a disciplina obrigatória de Crítica Literária, participariam da atividade para constituição do *corpus*.

No primeiro contato, de acordo com o projeto, inicialmente, planejado, seriam apresentados aos alunos características e discursividades dos autores e obras da literatura Marginal, na contemporaneidade, a partir do entendimento proposto por Ferréz (2005, p. 09). Na sequência, realizaríamos, de forma coletiva e oralizada, a leitura do conto de abertura da obra, *Rolézim* que, após ser lido, de maneira dialogada e, ainda, coletiva, os alunos exporiam suas interpretações acerca dos temas, críticas e formas de construção linguística e identitária sobre ele, mediada pela pesquisadora.

Na próxima aula, divididos em agrupamentos produtivos de até cinco alunos, cada grupo ficaria responsável pela leitura de um conto da obra, escolhido, sem critérios de seleção, de acordo, com o gosto pessoal e/ou outros que os grupos julgassem pertinentes, mediado pela pesquisadora, de modo que todos os contos foram escolhidos/lidos. Após a leitura do conto, cada grupo, teria que produzir um pequeno

¹⁴⁴Dos trinta alunos presentes na aula, momento de interação virtual, três não realizaram a atividade; não entregaram a produção interpretativa para o professor, não assinaram os termos e nem informaram o motivo da não realização da atividade que, também, foi uma atividade avaliativa bimestral.

texto sobre suas interpretações acerca das construções identitárias dos personagens do conto lido, em folha devidamente identificada e utilizada para esse fim – *Instrumento de constituição de corpus*. Terminada essa atividade, cada grupo, de forma coletiva e oral, exporia suas interpretações e reflexões sobre como interpretaram a construção identitária dos personagens, utilizando, para isso, o texto produzido, como apoio para leitura ou não. Esse texto produzido pelos grupos, após o aceite da participação voluntária na pesquisa e a entrega dos Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), no caso de menores de idade e do de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente, assinados, comporiam o *corpus* da tese.

O contexto sanitário, porém, da pandemia de COVID-19, não só no Brasil, mas em todo o mundo, impediu que esse planejamento fosse executado e, por causa das adequações no formato da aula, suspensão das aulas presenciais, adoção do ensino remoto, reorganização de calendários e conteúdos, a constituição do *corpus* precisou ser replanejada.

A realização da atividade com os alunos do Ensino Superior, estudantes do curso de Letras Português/Espanhol, no ano de 2020, não foi possível, devido, como já exposto, os desdobramentos em todos os setores da sociedade, inclusive, no ambiente escolar, da pandemia de COVID-19. A falta de carga horária (aula disponível) para a aplicação da atividade e a baixa participação dos alunos nas aulas virtuais, o que poderia comprometer a legitimidade do *corpus*, levaram, em comum acordo, a pesquisadora com a coordenadora do curso, a professora Eva Cristina Francisco e a professora responsável pela disciplina de Teoria Literária, Crítica Literária e Literatura Brasileira, Rafaela Cássia Procknov, postergar a realização da atividade para o próximo ano letivo, que segundo calendário homologado no *campus*, pretendia ser iniciado em 15 de março de 2021. Os agravamentos, contudo, da “segunda onda”, nos primeiros meses de 2021, mais uma vez suspenderam as aulas presenciais e o contato com esses alunos do Ensino Superior, não sendo possível sua realização até a data da defesa de qualificação, marcada para março de 2021, fato que determinou na exclusão desse grupo de alunos-leitores do *corpus* constituído pelas produções escritas dos alunos.

Com a turma do Ensino Médio, o primeiro e único contato aconteceu no dia 20 de agosto de 2020, via plataforma *Moodle*, das 10h às 10h50min, na aula de Literatura, dos alunos do curso técnico integrado de Mecatrônica ao Ensino Médio cedida pelo

professor, o Me. Jean Roveri¹⁴⁵. Antes da aula expositiva, houve uma conversa informal com os alunos, via chat, áudio, para uma maior familiarização com a pesquisa e confiabilidade na participação, uma vez que, a turma já conhecia a pesquisadora, professora de literatura, no primeiro ano do curso da turma. Foram explanados os benefícios esperados pela pesquisa, os riscos e total sigilo e anonimato na participação.

Dos benefícios, expliquei sobre as contribuições do desenvolvimento de uma aprendizagem escolar mais crítica e reflexiva no sentido de aprimorar e produzir conhecimento sobre os discursos de textos literários e, sobre os possíveis riscos, o fato de, em algum momento, sentirem-se expostos, inibidos e receosos quanto às suas interpretações e/ou à incorreções gramaticais, de coesão e coerência, na elaboração da produção escrita, assim que explanei que, esses últimos, não são considerados, no momento da transcrição/reprodução do material.

Dos desconfortos morais, intelectuais, sociais e culturais, imediatos ou não, poderiam me contatar, a qualquer momento e, sendo necessário, como a participação na pesquisa é voluntária, retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo no seu tratamento e/ou rendimento escolar e/ou encaminhamento do pesquisado à Coordenadoria Sócio-pedagógica do *campus*, para atendimento com uma junta multiprofissional, composta por pedagogos, psicólogo e assistente social

Após essas formalidades, abriu-se espaço para que pudessem sanar ainda possíveis dúvidas à respeito da pesquisa, do procedimento metodológico etc, momento em que os alunos não demonstraram muito interesse, talvez pela brevidade da aula, pelo desconforto do formato online (iniciado há menos de um mês, 27/07/2020) e/ou outras questões que aqui não podemos afirmar.

Seguindo o plano de trabalho docente, os alunos estavam estudando sobre a importância e principais legados da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922. A partir, dessa contextualização, abordou-se o quanto essa irrupção temática, estilística e cultural de nossas artes, ainda, mantém grande ligação com aquilo que consideramos moderno hoje e passível de ressignificações e transformações, enquanto bem simbólico e cultural. Em seguida, foi realizada uma breve exposição das principais particularidades do projeto ético e estético da literatura Marginal contemporânea¹⁴⁶, sobretudo, no que diz respeito à questão da autoria e territorialidade (FERRÉZ, 2005), para que pudessem compreender, mesmo que de maneira breve, como essa rubrica

¹⁴⁵ Print do momento de interação virtual, ANEXO F, página 187.

¹⁴⁶ Slides utilizados no momento de interação virtual, ANEXO E, página 183.

buscam significar suas produções, seus discursos, suas vozes e outros enquadramentos para os temas que narram. Terminado o encontro síncrono, os contos foram enviados, em formato PDF, ao professor da turma que se responsabilizou em “subir” o material na sala de aula virtual do grupo.

As leituras dos contos e a produção dos textos sobre como interpretavam a construção discursiva dos personagens dos contos lidos, foram realizadas como atividade extraclasse, que deveria ser entregue no prazo estabelecido de quinze dias. Além dos contos, foi encaminhado aos alunos, a folha de pesquisa, devidamente identificada com o nome do projeto de pesquisa: *Projeto de pesquisa: “Poder e resistência na e sobre a construção da identidade de personagens marginalizados na obra O Sol na Cabeça, de Geovani Martins”* e com a seguinte pergunta aberta para que os alunos respondessem, produzissem um breve texto: *Após a leitura individual e/ou coletiva do conto selecionado, rediga um breve texto sobre suas interpretações e reflexões sobre a construção identitária dos personagens principais do conto lido.*

Abaixo dessa questão, um espaço para colocarem o nome do conto selecionado e as linhas para a produção do texto, conforme discutido no capítulo 1, que discorre das condições de produção, escolhido e, entendido, como muito mais que um instrumento de constituição de *corpus*, mas “um ato de escritura, ou melhor, de in-scrição – numa superfície vazia (do papel em branco ou tela vazia) – de si, em si e no outro (CORACINI, 2010, p. 29), uma escolha teórico-metodológica, que encontra respaldo em Foucault (2004) e Lacan (1998), no sentido de que é também pela escrita que nos *inscrevemos*, (des)velando modos de subjetivação, representações sócio-históricas.

Como o encerramento do bimestre se aproximava, o professor sugeriu que essa atividade ficasse como uma das atividades avaliativas que comporiam a nota do bimestre. Entretanto, vale ressaltar que, embora o professor tornasse obrigatória a entrega da atividade para o cômputo final da nota bimestral¹⁴⁷, os alunos não eram obrigados a participar da pesquisa; aqueles que quisessem contribuir avisariam ao professor, no momento da “entrega” (virtual) da atividade, além de assinar, eletronicamente, os termos de assentimento e consentimento. Optamos por não utilizar um procedimento mais criterioso de seleção, dada à faixa etária dos informantes de

¹⁴⁷ Embora essa questão da atividade avaliativa, sugerida pelo professor, tenha sido explicada aos alunos que não teria relação com a constituição do *corpus*, no intuito de “avaliar” os textos/interpretações produzidos por eles, vale destacar que, no sentido que consideramos as condições de produção, como o modo de localizar os discursos em seu contexto (FOUCAULT, 1998), foi uma condição de produção que, irremediavelmente, tenha agenciado efeitos de sentido na maneira como eles organizaram suas leituras/interpretações/produções.

pesquisa – adolescentes, que tendem a ser bem sucintos e evasivos, quando não se sentem à vontade e/ou obrigados diante de alguma situação.

Depois de 15 dias, as atividades foram entregues para o professor da turma e encaminhadas, em formato ZIP, à pesquisadora. Através da matrícula SUAP, foram enviados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento, para cada aluno que após a leitura e ciência dele e/ou responsável foram reenviados com assinatura digital¹⁴⁸.

Para a apresentação e análise do *corpus* os excertos foram escolhidos e, agrupados, pelo olhar interpretativo da pesquisadora, a partir dos sistemas de regularidade e dispersão (FOUCAULT, 2009), de modo a compreender como as relações travadas entre discurso e subjetividade se materializam na e pela linguagem e se manifestam nas práticas do dizer, tanto do autor quanto dos alunos-leitores.

Assim, nos excertos escolhidos, a análise é pautada nas regularidades enunciativas que, de algum modo, trazem à baila as representações sociais construídas sobre os sujeitos/personagens marginalizados, no modo como cada *corpus* produz sentido acerca das construções identitárias dos personagens. Organizadas em categorias de análise, o *corpus* de análise no item 4.1. Subjetividades marginalizadas *na obra: o olhar de si e do outro*, trata dos resultados de análise nas formas do texto dos contos de *O Sol na Cabeça*, do escritor Geovani Martins e, 4.2. Subjetividades marginalizadas *sobre a obra: o olhar sobre o outro e sobre si*, a partir das produções escritas dos alunos sobre a interpretação discursivo-identitária dos personagens dos contos lidos que, na dimensão interpretativa da perspectiva discursivo-desconstrutiva, entende o discurso como uma construção fundante de subjetividades, sobretudo, das representações de si (dos alunos-leitores).

Com base nas regularidades e nas especificidades do discurso de Geovani Martins sobre questões que envolvem o processo de construção subjetiva dos personagens, em relação ao olhar de si e do outro (do personagem do asfalto) e do olhar do outro sobre si (como os personagens do asfalto objetivam os protagonistas, em face de marcas clássicas e – preconceituosas, de representações sociais), já que a possibilidade de existência do discurso, lugar de produção de sentido, construção fundante de subjetividades, está na relação com o outro, no laço, na prática social (DIAS, 2016, p. 38), os recortes, no item 4.1. são apresentados nos seguintes

¹⁴⁸ Exemplos desses documentos se encontram nos Anexos C e D, nesta tese.

agrupamentos discursivos que discutem, nas categorias de análise, os temas do distanciamento social e geográfico que resulta da brutal exclusão dos personagens, invisibilidades sociais, preconceitos, consumo de drogas, falta de apoio do poder público, e “enfrentamentos” com a polícia.

No *corpus* constituído das produções escritas dos alunos, item 4.2., os excertos são apresentados, também, em agrupamentos discursivos, em torno das seguintes categorias de análise: os recortes de 14 a 28, apontam regularidades discursivas que vinculam a construção identitária dos personagens no nível do visível, em modos de ser desses personagens, em que noções de causalidade como pobreza, drogas, tráfico, espaço geopolítico da favela e preconceitos linguísticos são fatores fundamentais e simplificadores, presentes no intradiscurso. E os recortes de 29 a 37, são os sistemas de dispersão e regularidades na/pela tomada discursiva da palavra, em dizeres perpassados por uma aproximação crítica com os discursos de alteridade da obra, por parte de alguns alunos, as materialidades linguísticas analisadas.

Nesses recortes, são os questionamentos críticos sobre o modo de interpretar a construção dos personagens em modos de problematização de representações sociais o destaque dado, não só por permitir observar uma aproximação com o discurso de alteridade, proposto pelo autor, como e, principalmente, por abrir possibilidades de inscrição de alteridade na/pela subjetividade, também, dos alunos-leitores.

Para orientar na localização do conto lido/representado, apresentamos, no final do excerto, entre parênteses, o nome do conto lido/interpretado pelo aluno. A letra A, que aparece após cada nome do conto, refere-se a aluno-leitor e os números que acompanham essas letras, de 1 a 27, fazem referência ao número de alunos-leitores que participaram da pesquisa, sequenciados de acordo com a ordem com que os contos são apresentados na obra. À medida que vão aparecendo, na análise, os recortes, também, são enumerados de acordo com uma sequência numérica, Recorte 1, Recorte 2, aparecendo, também, no corpo do texto de maneira abreviada (R1) (R2).

Importa assinalar que as análises empreendidas nesta tese, acerca do objeto “do processo de construção subjetiva de personagens marginalizadas no e pelo discurso literário de Geovani Martins”, não são estanques, prontas, acabadas e/ou aqui se esgotam, porque sempre haverá um não-dito e que cumpre uma função enunciativa em seus diferentes domínios e sentidos. Por isso, sem a pretensão de “traduzir” o dito e/ou (re)velar “verdades” sobre o tema das identidades de e sobre personagens marginalizados, passemos, na sequência, à análise do *corpus*, nas (in)certezas de que

apenas estamos apresentando uma (das inúmeras) possibilidade(s) de leitura, em outras palavras, (mais) *um gesto de leitura*.

CAPÍTULO 4

DO OBJETO NARRATIVO AO OBJETO DISCURSIVO

O olhar de si e do outro na constituição do sujeito-personagem marginalizado: um gesto de leitura

Em face dos questionamentos de pesquisa: a) Como se vê e é visto, nas produções literárias Marginais contemporâneas, os personagens marginalizados e que discursos atravessam o seu dizer? b) Quais estratégias linguístico-discursivas utilizam, tanto na linguagem da obra quanto nas produções escritas dos alunos, para interpretar como é construída a constituição identitária dos personagens, em face das marcas clássicas de representações? c) De que modo as representações identitárias dos sujeitos/personagens marginalizados, materializadas nas produções escritas dos alunos, desloca sentidos para o processo de subjetivação desses alunos-leitores? propomos, discutir, como a linguagem do discurso literário do escritor Geovani Martins, em seu primeiro livro de contos, *O Sol na Cabeça* (2018), (des)constrói discursos sobre personagens em cenas cotidianas da favela, a partir da condição de sujeito discursivo e como um grupo de alunos-leitores interpretam essas construções discursivo-identitárias. Na impossibilidade de exaurir as possibilidades de sentido, “o pano envolvendo o pano” (DERRIDA, 2005, p. 07), da leitura e interpretação de um texto, apresentamos, na sequência, o nosso ato de ler os resultados de análise, *um gesto de leitura* acerca do *olhar de si e do outro* na constituição do sujeito-personagem marginalizado na e pela obra *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins.

4.1. Subjetividades marginalizadas na obra: o olhar de si e do outro

*“Ninguém nasce borboleta”
(O Caso da Borboleta, p. 33)*

É pelo enunciado que inicia o quarto conto da obra em investigação que trazemos os resultados de análise, desta seção, que discutem, nas formas do texto/discurso, dos treze contos de *O Sol na Cabeça*, do escritor Geovani Martins, como estão construídos os processos de subjetivação dos personagens.

Ativamente produzidas no contexto de relações sociais e culturais, as marcações subjetivas, nesta tese, não são entendidas como estáveis e/ou imutáveis, “nascidas”, ou seja, travadas, de modo intrínseco, em uma relação racionalista entre subjetividade e verdade. Em decorrência disso, *ninguém nasce borboleta*, homem, mulher, favelado, rico, escritor, mas torna-se, no e pelos discursos que lhes acompanham e, constituem, se materializam na e pela linguagem e se manifestam em práticas sociais (CORACINI, 2007), borboleta, homem, mulher, favelado, rico, escritor, ou seja, construídas nos jogos de verdade produzidos, nas e pelas condições históricas, culturais e políticas (FOUCAULT, 1987).

Sendo assim, ao escolher a epígrafe *Ninguém nasce borboleta*, para iniciar as discussões sobre processos subjetivos, extraída do conto *O Caso da Borboleta* que narra, pela perspectiva de Breno, um garoto de 9 anos, seu desejo de “voar” na vida, o que visamos foi demonstrar, como o texto de Martins questiona, pela voz de seus jovens narradores-personagens, processos identitários totalizantes, sobretudo, os que identificam os sujeitos/personagens *à margem*, de forma preconceituosa e existencialista, em face de marcas clássicas de representações sociais, uma vez que, *Ninguém*, pronome indefinido que, sintaticamente, tem significação invariável em gênero e número (NEVES, 2000, p. 535), deve ser fixado em uma forma de ser, onde não existem invariantes históricas (FOUCAULT, 1987).

Como observado no primeiro capítulo sobre as condições de produção, o texto de Geovani Martins mantém com os sistemas regulatórios e tradicionais de produção literária, condutas e contracondutas temáticas, autorais, linguísticas, perspectiva de observação, dentre outras (AZEVEDO, 2018; CUNHA, 2019), que constituídas na observação e posição sujeito do autor, inscritas em identificações com determinadas formações discursivas (FOUCAULT, 1987), busca, demonstrar, no e pelo seu texto, “as periferias como *algo em movimento*” (CUNHA, 2019, p. 13, grifos da autora). Assim, nos *efeitos de realidade* (SCHOLLHAMMER, 2009), empregados, na obra, a maneira como o autor constrói seu texto, por singularidades na coletividade, permite-nos apontar certas regularidades ancoradas em discursos de alteridade.

Apresentamos, o recorte 01, retirado do parágrafo inicial do conto *Rolézim*, cartão de visita da obra:

Recorte 1: Acordei tava ligado o maçarico! **Sem neurose**, não era nem nove da manhã e a minha **caxanga** parecia que tava derretendo. [...] Tinha dois conto em cima da mesa, que minha coroa deixou pro pão. Arrumasse mais um e oitenta, já garantia pelo menos uma passagem, só

precisava meter o calote na ida, que é mais tranquilo. **Foda** que já tinha revirado a casa toda antes de dormir, catando moeda para comprar um varejo. **Bagulho** era investir os dois conto no pão, divulgar um café e partir pra praia de barriga forrada. **O que não dava era pra ficar fritando em casa. Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte.** (*Rolézim*, p. 09)

Narrado em primeira pessoa, a voz que fala em *Rolézim* é a do garoto de comunidade, com suas gírias e trejeitos: “*Acordei tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo*” (R1). Esta marca identitária (Coracini, 2007) coloca em discussão questões de alteridade a partir de identificações linguísticas, ou seja, o modo como o protagonista de *Rolézim* fala e se deixa falar é essencial para (de)marcar a força linguístico-discursiva presente neste conto/obra, ao considerarmos que os usos que ele faz dos signos linguísticos da linguagem oral, como o emprego das gírias *calote*, *bagulho* e *caxanga*, não significam apenas um instrumento de comunicação de uma coletividade marginalizada, mas um movimento para além ou aquém do dito/escrito (LACAN, 2007).

Segundo padrões estabelecidos pelo discurso canônico literário, o uso da linguagem informal em textos de literatura é lugar comum de exotismos e/ou produção menor “com ares de rascunho” (CANDIDO et.al., 1967). Assim, um descentramento desse padrão, nessa visão literário-tradicional, não só pode conferir não legitimidade e reconhecimento ao texto/obra, como marcar uma não habilidade escritora do autor.

Nas produções Marginais contemporâneas, oriunda dos grandes centros periféricos, o uso da linguagem oralizada com o português canônico é uma força linguístico-discursiva característica. Objetiva, sobretudo, colocar em discussão outras significações acerca da relação língua/linguagem e identidade, linguagem e sociedade, oralidade e Literatura, uma vez que, na multiplicidade dos sentidos e nos atravessamentos discursivos que constituem as identificações do sujeito-autor, também jovem, também morador de comunidades, escritor oriundo das favelas cariocas, participante na/da FLUP¹⁴⁹ esse descentramento, produz sentidos que “só quem está na borda consegue ver” (Evaristo, 2020: informação verbal)¹⁵⁰.

Muito comum no dizer dos jovens cariocas, a expressão “tu tá ligado” (R1), além de ser uma marca da oralidade que testa seu interlocutor, é, conforme Foucault (1987), uma

¹⁴⁹ Vale ressaltar a importância que a FLUP teve e tem como palco de estreia e de visibilidade para a projeção de potências escritoras, como a de Geovani Martins e também das vozes de Ana Paula Lisboa, Jessé Andarilho e Rodrigo Santos.

¹⁵⁰ Fala da escritora Conceição Evaristo, na palestra de abertura do Seminário “A Escrivência de Conceição Evaristo”, iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte, realizado nos dias 11 e 12 de novembro de 2020, na página do Itaú Social no YouTube. Consultado a 11.11.2020, em <https://www.youtube.com/watch?v=gisQ0mWUvU0>.

prática discursiva que contribui para fomentar essa regularidade de temas e termos acerca dos modos de expressão linguística e identidade. Desse modo, o que essa regularidade enunciativa ancorada em formas de expressão oralizada indica, além de marcas de pertencimento local, é a apropriação de outros significados para uma das formas de preconceitos mais naturalizadas na história da sociedade, herdadas de formações discursivas formalistas e sociolinguísticas: os modos de expressão linguística.

Em uma entrevista Martins disse que a palavra “não foi feita para enfeitar, mas para dizer”,¹⁵¹ assim, o modo como o texto diz e os personagens se expressam reafirma o quanto, nessa obra, a língua(gem) e o sujeito de linguagem que dela se constitui e constitui o seu dizer (CORACINI, 2007; FOUCAULT, 1987) são importantes produtores de sentido, já que os dizeres ao vir de outros lugares, de outros modos de existência, outras formações discursivas, podem agregar diferentes saberes, conforme postulou Foucault (1987, p. 140).

Como podemos perceber em R1, já no contexto inicial do conto, o narrador-personagem descreve os conflitos pessoais, sociais e econômicos quando, em uma manhã de muito sol, decide ir com seus amigos para uma praia da zona sul, região nobre da cidade.¹⁵² A atmosfera de tensão e conflito, de escolhas e indecisão – *Bagulho era investir os dois conto no pão, divulgar um café e partir pra praia de barriga forrada. O que não dava era pra ficar fritando em casa* (R1) –, marca o discurso do fragmento.

Esses conflitos sociais (portanto, subjetivos) presentes nesse discurso apontam, dentro de uma visão psicanalítica, com um discurso “não se reduz a um dizer explícito, pois ele é permanentemente atravessado pelo seu avesso que é a pontuação do inconsciente” (BRANDÃO, 1998, p. 43). Assim, nessas significações, pagar ou não a condução, comer ou pagar a condução, comer e não ter dinheiro para comprar varejo¹⁵³, “usufruir” ou não de um lugar público, são questões menores, *calote é lixo*, perto dos

¹⁵¹ Meireles, Maurício (2018), “Morador de favela no Rio, Giovani Martins desponta como escritor”, *Folha de S. Paulo*, 2 de março. Consultado a 23.02.2021, em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/morador-de-favela-no-rio-geovani-martins-desponta-como-escritor.shtml>.

¹⁵² Localizada ao sul do Maciço da Tijuca, na região estão situados os bairros com o metro quadrado mais caro do país e muitos dos principais atrativos turísticos da cidade: a praia de Copacabana, o Bondinho do Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. Fazem parte da região da zona sul do Rio de Janeiro os bairros de Ipanema, Botafogo, Catete, Copacabana, Lagoa, Flamengo, Gávea, Glória, Humaitá, Jardim Botânico, Laranjeiras, Leme, Urca, Vidigal, Cosme Velho, São Conrado, Rocinha e Leblon. Tem uma população de 639 522 habitantes, segundo o censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹⁵³ Gíria que significa maconha.

tantos problemas e *desenrolo forte* que ele, cotidianamente, tem que “desenrolar”/enfrentar (ver R1).

O uso regular dos verbos no passado, no pretérito imperfeito, *tava* [sic], *era*, *tinha* corrobora para esse efeito de sentido que busca ratificar uma situação recorrente e sistêmica de dificuldades que o jovem narrador enfrenta. Iniciadas no passado, de forma que, podemos deslocar para um passado mais distante, histórico, e que mantém com as relações de desigualdades enfrentadas, hoje, pelo narrador, uma crítica aos discursos ancorados em formações discursivas capitalistas e de teorias de representações sociais, o uso do pretérito imperfeito, sinaliza, como as desigualdades e exclusões sociais, de acesso e direito ao lazer, ainda, permanecem no presente, principalmente, quando (toda vez que) ele e seus amigos deixam de ser invisíveis para os frequentadores das praias da zona sul e para os policiais, na capital carioca.

Vejam, nos recortes 02 e 03, como essa questão da invisibilidade social e de criminalização, quando muitos jovens de periferia estão do outro lado do morro, no (des)encontro com os personagens do asfalto e dos policiais, por exemplo, na dispersão dos discursos de Martins, apontam para certas regularidades que permitem que seus dizeres se organizem, de modo a constituírem e, questionarem, determinados discursos (FOUCAULT, 1987):

Recorte 2. Chegando na praia com o sol estalando, várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer. Sai voado pra água, mandando vários mergulho neurótico, furando as onda. A água tava gostosinha. Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu. O bagulho era que tinha uns cana ali parado, **escoltando nós.** (*Rolézim*, p. 12)

Recorte 3. Começou muito cedo. Eu não entendia. **Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos.** Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, **eles tremiam quando meu bonde passava.** Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, com meu uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passava na frente do colégio particular ou **quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua pra não topar comigo.** [...] eu não entendia nada do que estava acontecendo.

[...] Tudo começou do jeito que eu mais detestava: **quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa e, quando via, era eu o motivo, a ameaça.** Prendi a respiração, o choro, me segurei, mais de uma vez, pra não xingar a **velha que visivelmente se incomodava de dividir comigo, e só comigo, o ponto de ônibus.**

[...] **Até que um dia, andava pela rua, era noite alta, um homem virou a esquina no mesmo momento que eu, trombamos. Ele levantou os braços, se rendendo do assalto.** Eu disse: “Fica tranquilo. E vai embora”. Depois de muito tempo sentia mais uma vez aquele ódio primeiro, descontrolado, aquele que enche os olhos d’água. (*Espiral*, p. 17-18 e 20)

Nos recortes 02 e 03 o efeito de sentido relacionado ao direito de ir e vir e, sobretudo, permanecer, (com)viver em ambientes do asfalto, corroboram para que o

discurso presente da obra traga à cena literária outros olhares sobre o modo como determinadas cenas cotidianas (re)produzem sentidos na construção dos processos subjetivos desses jovens.

Além dos obstáculos econômicos e morais, observados em (R1), para chegar à praia, para permanecer nela, segundo (R2), eles são ainda maiores. Cerceados e *escoltados* (R2), pelos olhos do “poder”, nesse recorte, pelo poder do Estado, que instaura certos regimes de verdade e de objetivação (FOUCAULT, 2002), para com esses jovens, sempre determinados no tempo e no espaço, sob um conjunto de regras anônimas, históricas (FOUCAULT, 1987, p. 136) é, no instante em que ele, o favelado, deixa de ser invisível para os frequentadores das praias da Zona Sul e para os policiais, um dos momentos de maior tensão do conto.

Esse modo de dizer e narrar as práticas discursivas e não-discursivas, os olhares “atravessados” do asfalto, nos recortes, pela figura do policial, (R2) e pela senhora e por Mário, moradores da zona sul, em (R3), na tessitura dos textos, representam uma série discursiva recorrente sobre como olhares e movimentos corporais tratam a presença do personagem, suspeito automático em diversas situações.

Desse modo, a prática policial de *escoltar* os jovens personagens na praia, enunciada no recorte *2 os cana ali parado [ficam] escoltando nós* indica como o olhar apreensivo, repreensivo e repressivo do outro/Outro (LACAN, 2007) sobre as presenças e (in)visibilidades sociais desses jovens personagens trazem à cena atravessamentos que o olhar do/pelo outro, inter(fere) no modo como eles são (re)conhecidos, marcados nas/pelas representações sociais, no discurso hegemônico e “verdadeiro” do poder e, constantemente, veiculado pelas mídias.

Marcados, historicamente, por uma homogeneidade de comportamentos, de caráter e de ações (negativas), os jovens devem ser seguidos de perto, acompanhados pelos *cana ali parado*, não no efeito de sentido de seguir junto de alguém/algo, com finalidade de dar proteção, no caso, segurança pública, mas, no fio discursivo que significa o dizer do narrador-personagem, atravessado pela língua, pelo discurso e pelas relações de poder histórico-sociais que envolvem esse contato social – jovens de periferia e policiais, sob uma interpretação de ronda, vigilância, não dele e/ou seus amigos, mas daqueles que estão à sua volta, daqueles que podem ser (e com o discurso da verdade, são) suas vítimas.

Em (R3) destacamos o fragmento enunciado *susto do susto*(R3) para interpretar o modo de dizer do personagem ao ser visto e (re)conhecido de maneira (in)esperada

como *o motivo, a ameaça*, de um possível ato ilícito. Essa repetição do dizer, concebida por um funcionamento metonímico e metafórico, no/pelo espaçamento da letra (DERRIDA, 1988), contribui para deslocar e problematizar sensações que decorrem no/por esse encontro, sistematicamente, estruturado no preconceito velado com os moradores da periferia, principal fio condutor do conto *Espiral*¹⁵⁴.

O uso dos verbos *escoltar, tremer, incomodar, render, segurar (a bolsa), atravessar (a rua)* contribuem para intensificar as ações, os movimentos sociais decorrentes desse preconceito velado, de corporalidade, dos lugares onde frequentam, de onde moram, de como falam, para com os jovens de periferia. Pertencentes à formações discursivas disciplinares, sobretudo, presentes no discurso policial, as significações que permeiam essa materialidade linguística, na obra, deixa resvalar sentidos do jogo discursivo de polícia-ladrão, bandido-vítima, certo-errado que constitui a rede de memórias construída - dentro de uma visão binária, dicotômica, logocêntrica - sobre as identificações de sujeitos/personagens marginalizados. Principalmente, ao cruzarem, *trombarem*, no convívio social (forçado) com esses jovens, *andava pela rua, era noite alta, um homem virou a esquina no mesmo momento que eu, trombamos. Ele levantou os braços, se rendendo do assalto. Eu disse: “Fica tranquilo. E vai embora”* (R3).

O modo como o processo de escrit(ur)a da obra apresenta a construção das cenas “pela perspectiva de quem olha” (CORACINI, 2005, p. 19), não deve ser interpretado, entretanto, dentro de uma ordem de razões, conforme Derrida (1991, p. 37, grifos do autor), como *o* discurso da verdade, agora narrado por outra ótica, sobre modos de objetivação e de subjetivação dos sujeitos/personagem marginalizados, mas como *um* discurso, que busca produzir sentidos, justamente, porque compreende que os sentidos são produzidos nas práticas sociais discursivas, isto é, nas possibilidades de existência na relação com o outro.

No recorte 4, apresentamos como, nessa relação com o outro, a temática da subjetividade como verdade, como representação social está presente na prática social da velha, marcada em representações naturalizadas e preconceituosas e, ancoradas em

¹⁵⁴ Nesse conto, é narrado os desdobramentos da perseguição social e preconceituosa, que esses jovens sofrem, quando estão em espaços fora da favela, marcadas, historicidade, por representações entre o morro e o asfalto, perpassados por discursos de conflitos e preconceitos, principalmente, sobre as formas de ser/estar no mundo, sobre essas populações, reforçadas, por anos de uma narrativa única, de “protagonistas empíricos e/ou coadjuvantes teóricos” (NEVES, 2016), e pelo discurso governamental e midiático que enfatiza e sensacionaliza, em muitas de suas manchetes e na falta de políticas públicas, estereótipos de e sobre essa população.

práticas e instituições que, dentro de uma visão binária e logocêntrica, (con)formam, criminalmente, esses jovens:

Recorte 4: [...] lembrei queaquela velha, que tremia de pavor antes mesmo que eu desse qualquer motivo, com certeza não imaginava que eu também tivera avó, mãe, família, amigos, essas coisas todas que fazem nossa liberdade valer muito mais que qualquer bolsa, nacional ou importada. (*Espiral*, p. 19)

A relação social entre o jovem protagonista e o personagem do asfalto, a velha, apresentada no recorte, de tão “imaginada” e naturalizada, no olhar social, mobiliza, no dizer do narrador-personagem, uma expressão de ressentimento quanto à postura da velha, ressaltada pelas linearidades da ordem de razões, sociais, históricas e políticas que fazem com que mesmo sem dar *qualquer motivo* a senhora *trema de pavor*.

O incômodo visível da “velha” e seus movimentos corporais, como *o de segurar a bolsa contra o peito*, “dissemina e coloca em circulação as relações de poder” (FOUCAULT, 2016) com que as violências, “simbólicas e sistêmicas” (ŽIŽEK, 2014, p. 17), acompanham esses jovens de periferia, de maneira simbólica, “encarnada na linguagem e em suas formas [...] na imposição de um certo universo de sentidos” e de forma “sistêmica, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK, 2014, p. 17-18).

O modo como a cena está apresentada, em um não reconhecimento do personagem em suas individualidades, *com certeza não imaginava que eu também tivera avó, mãe, família, amigos, essas coisas todas que fazem nossa liberdade valer muito mais que qualquer bolsa, nacional ou importada* (R4), mas em uma coletividade marginalizada e que (re)veste de pavor a senhora, pelo simples fato de estar, tão perto, no mesmo ponto de ônibus, permite questionamentos acerca dos ditos e não-ditos que sustentam as práticas sociais da velha, em uma relação social que não se fala, mas se diz com o olhar, com os gestos: “É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros.”¹⁵⁵

O uso do verbo factual “lembrar + que” (NEVES, 2000, p. 32), *lembrei que* (R4), também, age para sustentar como essa atmosfera de preconceitos constitui efeitos de realidade e experiência de si, pela condição autoral da obra e que concorre, na enunciação dos contos, para (d)enunciar as representações *das certezas da velha*, dos

¹⁵⁵ Retirado do segundo parágrafo do conto *Espiral* (p. 18), também transcrito nas epígrafes que abrem esta tese.

efeitos de sentido cristalizados socialmente, aceitos na/pela sociedade hegemônica. Observemos, como nos recortes 5, 6 e 7 o uso dos verbos *lembrar* e *pensar*, também, contribuem para que alguns fatos, vividos e sentidos, pelos personagens, possam, pela leitura dos contos, ser (re)pensados:

Recorte 5: **Muitas vezes, Paulo pensa** em nunca mais mexer no revólver, não fazer mais bagunça na sala de aula, nem responder aos mais velhos na rua. Tudo para não decepcionar o pai. (*Roleta-Russa*, p. 25)

Recorte 6: O morto ia dentro do porta-malas, todo espremido, enquanto o Chevette avançava, “Como será que é nome dele?”, Beto **pensava**. Não tinha identidade, celular, porra nenhuma. “Será que tem família um cara desse? Tomara que não”, continuava pensando. E com isso logo **lembrou da própria mãe**, de como foram se afastando com a chegada de sua adolescência, de como as coisas mudaram depois que largou os cultos e passou a fumar maconha na rua, das discussões que tiveram, ela sonhava que o filho virasse pastor. (*Travessia*, p. 116)

Recorte 7: **Pensei**, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada. (*Rolézim*, p. 15)

A regularidade com que os verbos *lembrar* e *pensar* é usada, nesses recortes, tem como fio narrativo situações conflitantes do personagens, altamente carregados de conflitos, tensões, de fios discursivos que constroem suas subjetividades. Em (R5), a situação contraditória é apresentada diante da ação de mexer ou não na arma do pai; em (R6), de ter que “desovar” o cadáver de um homem e em (R7), de fugir de uma abordagem policial. Altamente carregado de conflitos, tensões, de fios discursivos que constroem suas subjetividades, os sentimentos contraditórios que portam suas subjetividades agregam, diferentes níveis de grau de reflexão, de efeito de sentido.

No fio discursivo da obra, o verbo *pensar* (R5) (R6) (R7) age com uma proposição de significação mais momentânea ao dizer que sugere uma re(ação) ao conflito da cena, atravessada por uma pontuação inconsciente de ação-reação. Já o *lembrar* em (R6) *lembrou da própria mãe* (R6) carrega, nas nuances do dizer um estado de categoria de verbo factual (NEVES, 2000, p. 32) e que, na associação linguístico-discursiva com a expressão *da própria mãe*, deixa emergir efeitos de sentido que indicam um certo grau de comprometimento com aquilo que está sendo *lembrado*, e que emerge na memória, porque traz marcas de subjetividades, nas quais as relações sociais estão inseridas. Em outras palavras, pode-se dizer que, no (dis)curso da obra, o *lembrar* é sentido, o *pensar*, reativo e o modo como foram empregados no funcionamento do texto, possibilita, também, que outros modos de pensar e *reagir* sobre os discursos que abordam sujeitos/personalizados também possam ser *sentidos*, *lembrados* quando em questão estão discursos de alteridade.

Expressão literária das periferias, a obra, questiona, o lugar enunciativo de práticas sociais que, em face das marcas históricas de representação, colocaram o papel narrativo-discursivo dos personagens marginalizados em representações estereotipadas, como objetos naturais. Com base nisso, pode-se observar que, na dispersão e na regularidade, as multiplicidades de vozes presentes na obra, não só dizem respeito, em sentido literal, aos diversos narradores que contam as histórias, mas, também, pela heterogeneidade discursiva que essas vozes alcançam, à presença do outro/Outro na enunciação.

Indubitavelmente, como apontou Pimentel (2020, p. 252), as histórias contadas em *O Sol na Cabeça*, “abandonam a visão estereotipada do favelado que por muito tempo esteve presente na literatura brasileira”. Isso porque, o dizer da obra, construído no jogo discursivo do olhar de si e do outro e do olhar do outro sobre si, imbricado no modo como a possibilidade de existência do discurso acontece na relação com o outro – personagem do asfalto e o Outro – “o registro do engodo da identificação orientada por imagens de si que o sujeito faz dele mesmo, construída a partir do outro, num processo especular” (DIAS, 2016, p. 27), abre caminhos para que outras leituras para além do dito/narrado, possam ser pensadas, para “fazer aparecer o que está muito imediatamente presente e ao mesmo tempo invisível [...] e que nosso olhar atravessa para ver outra coisa” (FOUCAULT, 2016, p. 69).

Nessa direção, não é que a voz literária de Martins, a partir da voz ficcional dos personagens funciona como “um papel de intérprete de coisas aparentemente escondidas, camufladas, esquecidas”(FOUCAULT, 2016, p. 69), mas, compreender que, enquanto produção de sentido, a construção do texto, é constituída por um sujeito, que assume diferentes posições, atravessados por muitos dizeres e que, também, no/pelo discurso reconhecido e legitimado dos textos literários, busca, de alguma forma, trazer a cena outros discursos.

Nos recortes 8 e 9, destacamos o modo como a temática do contato e uso de drogas é apresentada nas possibilidades do discurso da obra e que, permite dizer e, sobretudo, problematizar a memória discursiva, organizadora de discursos e interdiscursos que, nos sentidos cristalizados socialmente, associam os personagens e os temas que giram em torno da memória discursiva da favela ao uso de drogas, ao tráfico e à criminalidade, muitas vezes, nessa ordem:

Recorte 8: Após uns vinte minutos, nossa **euforia** havia passado. Fizemos ainda alguns **comentários rasos sobre viagens psicodélicas**, tentando explicar algumas **ondas**, mas é **sempre impossível descrever o que acontece depois que o ácido bate na gente**.

[...] **Juan me ofereceu uma linha, que recusei em espanhol:** “No, no, muchas gracias”. Em seguida ofereceu a Nanda, com um tom absolutamente gentil. **Não sei como funcionam as coisas lá na Argentina, mas, por aqui, o comum é oferecer drogas (sobretudo as mais pesadas) apenas pras pessoas que temos certeza de que fazem uso regular.** Olhei pra Nanda tentando não comunicar nada com o olhar, tentando não pesar de maneira alguma na sua decisão. Ela me encarou um breve momento antes de aceitar a linha oferecida pelo gringo. (*A Viagem*, p. 62- 63)

Recorte 9: Na época era **proibido fumar crack** na Vintém. **As coisas tinham fugido do controle: muito roubo, briga, perturbação. Crack é foda.** O que traz de dinheiro, traz de **problema** pra quem trabalha na boca. **Pra morador é ainda pior, porque aí é só perrengue, vergonha, preocupação.**

[...] A noite protegia quem tinha medo de explanar o **vício. Quando escurecia**, na linha do trem, **ninguém tinha mais nome, nem rosto pra quem passasse de fora, era tudo um único monte de viciado.**

[...] – **Vocês só falam de droga, nunca vi.**

- **Isso é porque o mundo tá drogado, irmão. Até parece que tu não sabe. Já te falei, vou falar de novo: uma semana sem drogas e o Rio de Janeiro para.** Não tem médico, não tem motorista de ônibus, não tem advogado, não tem polícia, não tem gari, não tem nada. Vai ficar todo mundo surtando de abstinência. Cocaína, Rivotril, LSD, balinha, crack, maconha, Novalgina, não importa, mano. **A droga é o combustível da cidade.**

O Alan adorava falar isso, a gente adorava ouvir:

- **A droga e o medo** – concluí. (*Estação Padre Miguel*, p. 75)

No discurso institucional do Estado veiculado, também, pelas diversas mídias, as representações identitárias da população periférica estão, muitas vezes, ancoradas em formações discursivas filiadas às teorias de representações sociais. Nessa ordem do discurso, entendido como o discurso da classe dominante do poder, das relações sociais, econômicas e culturais, na literatura, pelo discurso da historiografia clássica literária, essas representações, comumente, associam a identidade social dos sujeitos/personagens marginalizado com criminalidade, resultado, principalmente, do consumo e tráfico de drogas nos morros.

Essa subjetividade *prêt-à-porter* (MARIANI, 2006; ANDRADE & AMARANTE, 2015), condicionada e condicionante de um olhar de fora, marcada por uma historicidade de preconceitos e exclusões é que o discurso literário de Geovani Martins busca questionar, em (R8) e (R9), por exemplo, tratando o tema do contato de uso de drogas tanto sob forma de relatos (R9) como a de experiências sensoriais ficcionais (R8), em que o olhar do autor trabalha muito mais com a experiência e a imaginação, na *apresentação* e promoção de reflexões, que em sua *representação* (grifos nossos).

Em (R8) a descrição do *impossível efeito depois que o ácido bate na gente* é sustentada, por Rafa, narrador-personagem do conto *A viagem* a partir das reflexões e

experiências com drogas na “viagem” dele e de seus amigos para Arraial do Cabo. Os vocábulos *euforia*, *comentários rasos*, *viagens psicodélicas* e *ondas* sinalizam, no discurso, um efeito de sentido, supostamente, positivo quanto ao uso do entorpecente.

Na multiplicidade de vozes do dizer, esse mesmo sistema material questiona este estado de boas sensações, quando observamos o modo como esses vocábulos vão aparecendo no texto, vão produzindo sentidos, indicando uma gradação decrescente dessa sensação, no início, *eufórica*, no final, uma *onda*, agitada, porém, passageira. Esse efeito contraditório do dizer, nas sensações do personagem Rafa, contribui para apontar rastros da matéria complexa que o tema absorve, não só nas páginas literárias.

Os discursos da obra acerca da temática abrangem o conjunto das formações discursivas de responsabilidade social e que agregam discursos que questionam as drogas não, somente, como um problema social, mas, e, principalmente, como um (des)caso de políticas de saúde pública, *todo mundo está drogado*, *droga é o combustível da cidade*¹⁵⁶ (R9).

Assim, as materialidades linguísticas e discursivas no trato com o tema, *vício*, *As coisas tinham fugido do controle: muito roubo, briga, perturbação. Crack é foda. [...] ninguém tinha mais nome, nem rosto pra quem passasse de fora, era tudo um único monte de viciado* conhecidas, pertencentes, ao discurso do senso comum, indicam, por esse uso semelhante, como o uso de algumas palavras, para tratar determinados temas, podem ser parecidas, às vezes, até as mesmas, mas o discurso, os sentidos que elas vão estabelecer, vão depender de quem as enunciam, por que as enunciam e para quem. Como diz Foucault (1987, p. 142), “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade”.

Os efeitos de sentido que emanam do enunciado *Ninguém mais tinha nome... era tudo um monte de viciado* (R9) questionam como o personagem se vê pelo olhar do outro e que, nessa relação, é possível estabelecer, com outros fios discursivos, os conflitos, as tensões e o mal-estar da sociedade diante da dependência/presença dessas pessoas.

Referindo-se, constitutivamente, à outras palavras, a outros sentidos, já que o uso de uma palavra não é inerente à sua estrutura, quando (R9), sinaliza sua posição contrária ao uso do Crack, não só enuncia os efeitos nocivos individuais e de saúde,

¹⁵⁶ Essa representação social sobre essa realidade enfrentada na cidade do Rio de Janeiro encontra respaldo, não só no discurso do senso comum, como em dados de pesquisas governamentais, como o IBGE, ONGS e mídia sobre questões relacionadas às drogas na capital fluminense. Disponível em: http://www.crack.cnm.org.br/observatorio_crack/ Acesso em: 22 de fev. de 2021.

invisibilidades e preconceitos sociais quanto ao seu uso, *ninguém tinha mais nome, nem rosto pra quem passasse de fora, era tudo um único monte de viciado*, mas, e, principalmente, denuncia os problemas de um preconceito social e sistêmico para com aqueles que, automaticamente, segundo o narrador de (R9), são os que mais são prejudicados por essa situação, por essa identificação de homogeneidade que compreende sujeitos e discursos sem a existência de invariantes históricas e sociais, os moradores, *Pra morador é ainda pior, porque aí é só perrengue, vergonha, preocupação*.

Como produção de sentido, o discurso literário de Martins mantém com o olhar do outro – os personagens do asfalto, sobre os personagens principais e do Outro sobre si, materialidades enunciativas que apontam para discursos que visam a problematizar essas representações sociais que marcam os sujeitos/personagens por uma perspectiva da filosofia da existência, da essência da verdade e da totalidade (LÉVINAS, 1997, p. 29). Nessa linha, ao narrar o “barato” do baseado por esses *jovens usuários* e não *traficantes* essa materialidade linguística aponta para a problematização da memória discursiva que (de)marca uma identificação criminal, moral e normalizadora que associa usuários com/como traficantes, dentro de um mesmo ilícito.

Embora não esteja comprovado que apenas e, exclusivamente, o uso de drogas seja causa isolada de comportamentos violentos na esmagadora maioria de seus consumidores (MISSE, 2011), a recorrente associação e tratamento social de usuários como traficantes, principalmente, para justificar ações do poder de segurança pública¹⁵⁷ é um discurso cristalizado e, por isso, recorrente e problematizado nos contos. Dessa associação, resulta um dos principais conflitos da obra, o (des)encontro entre os jovens personagens e os polícias: Observemos o recorte 10:

Recorte 10: Quando nós viu já era quase de noite. Uma larica que, sem neurose, era papo de quarenta mendigo mais vinte crente. Tava na hora de meter o pé. E fô aí que rolou o **caô**. Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, **aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem para voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente.**

Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue

¹⁵⁷ Segundo Governo do Rio de Janeiro, o principal objetivo da política de implementação das UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora, foi para combater e desarticular o crime organizado do tráfico de drogas nas comunidades e favelas.

ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada. (*Rolézim*, p. 15)

No recorte 10, apresentamos os parágrafos finais do conto *Rolézim*, quando os jovens estão voltando para casa e encontram com policiais – *E foi ai que rolou o caô* (R10). Momento de maior tensão, o clímax da história é, também, o desenlace, *depois de um dia inteiro do cana escoltando nós*(R2)¹⁵⁸, quase sempre, habitual, desse (des)encontro – a abordagem policial: *A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem para voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente* (R10). Ao destacarmos o conjunto de dizer, proceder e pensar (FOUCAULT, 1987), pelos vocábulos, que sustentam o discurso do narrador, nesse fragmento: *merda, os cana, devendo nada, flagrante, terror nenhum* observamos como, na dispersão e na regularidade, os efeitos de sentido que emergem desse dizer está associado a uma prática social conflitante, perigosa e cheia de excessos.

Os (des)mandos da polícia, na cena, deixa resvalar sentidos de uma prática preconceituosa, racista, *armada*, no sentido de encenação *quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também* uma vez que, o ilícito, o *flagrante tava todo na mente*. Assim, a não ser uma seletividade penal e preconceitos sociais, pela corporalidade, de como se vestem, agem e falam, classe e territórios em que circulam (SINHORETTO, 2021), nada justificaria a abordagem e, muito menos, destino final diante das (im)possibilidades, diante das regras (im)postas a ele e a seus amigos: quem tivesse sem dinheiro de passagem *ia pra delegacia*, quem tivesse com muito mais que o da passagem *ia pra delegacia*, quem tivesse sem identidade *ia pra delegacia*.

Através da moral, dos hábitos ou da lei, os jovens de periferia, os jovens da narrativa, sempre estão *devendo* (algo), o que deixa resvalar sentidos de uma obrigatoriedade, de uma regra social que contribui para marcar, também, uma assimetria social, de quem sempre deve, mas, quase, sempre, não tem direitos. O modo como a cena é descrita enfatiza esse efeito de sentido discriminatório, de preconceito estrutural e uma orientação racial de possíveis contraventores, advindos da formação discursiva herdada da herança discriminatória da escravidão, influenciados, na contemporaneidade,

¹⁵⁸ Cabe lembrar que, até chegar, nesse momento, os personagens, na praia, recorte 02, ficaram o tempo todo sob a “escolta” dos policiais.

pela corporalidade, pelo discurso policial e, sobretudo, pela mídia, que veicula tais discursos.

Como não existe um sentido único, literal, em si mesmo, “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1988, p. 160), o uso do substantivo *passagem*, em quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, (R10), além de referir-se ao bilhete de transporte público, também, indica, no e pelos não-ditos e memória do dizer, no e para além do dito/narrado, no espaçamento da letra, nesse espaço *entre*, conforme assinalou Lacan (2008), que se definem valores e se constituem sentidos, uma significação quanto ao direito de ir e vir e frequentar lugares, para além dos morros, desses jovens. Via memória discursiva, identificados com marcações de criminalidade, devem ser/estar separados da sociedade, “dos cidadãos de bem”.

Nesse jogo narrativo e discursivo que produz sentidos na historicidade, na relação com o outro e do outro sobre si, o modo como os personagens nomeiam os policiais *filho da puta, cana, vermes* contribui para compor o fio discursivo conflitante dessa relação.

Seja de forma visível, (violência) “subjéctiva” (ŽIŽEK, 2014), exercida por um agente claramente identificável – o policial, inscrito no discurso da lei, do Estado, seja de forma “simbólica” e “sistêmica”, encarnada na linguagem, no discurso utilizado com os jovens e “nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político”, o que os contos narram, acerca das relações sociais entre os personagens e a figura do policial são relações verticais de poder, em modos de ataque e maneira de ver o problema que segundo Žižek (2014) é um dos menos ineficazes para combater a violência e promover a tolerância, já que “precisamos ser capazes de perceber os contornos dos cenários que engendram essas explosões”, dar um passo para trás e ver a violência para além do aparente.

As propriedades discursivas da obra, pelas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e utilização, sem dúvidas, possibilitam sentidos de significar e ser significada a construção identitária dos personagens (de) que se falam. Sobremaneira, porque ao narrar suas “presenças” nas cenas, narram, também, os traços de historicidade sobre formas de ser/estar no mundo, marcadas por invisibilidades sociais, olhares preconceituosos, constituídos por tantos (inter)discursos de marginalização, como por exemplo, da postura policial, observada no recorte 10 e a do

personagem Mário e a da velha segurando a bolsa contra o corpo, do conto *Espiral*, já discutidos nos recortes 3 e 4.

Assim que, problematizar os direitos de soberania dos discursos e das práticas sociais do poder sobre os modos de subjetivação de jovens marginalizados, pelo avesso do olhar, posições discursivas que indicam um lugar singular na enunciação e, pelo avesso do discurso que, na visão psicanalítica, diz-se de não reduzir um discurso a um dizer explícito, uma vez que ele é permanentemente atravessado pelo seu avesso que é a pontuação do inconsciente (BRANDÃO, 1998, p. 43) foi *um*¹⁵⁹ dos modos de significação que corroboram para compor a atmosfera de ressignificações e desestabilizações de saberes e poderes, acerca de como “o sol carioca esquentava a prosa realista dos treze contos que retratam a infância e a adolescência dos moradores da favela como jamais foram retratados” (PRATA, 2018).¹⁶⁰

Nos recortes 11 e 12, mais um encontro entre policiais e os personagens:

Recorte 11: O PM apontou a pistola pra minha cara. Não foi a primeira e nem a seria a última vez que alguém apontava pra mim uma arma.

- Levanta os braços – ele disse.

Levantei, outro PM veio botando a mão na minha cintura, conferindo se eu estava armado.

A .40 encarando de frente.

- Tá limpo – o outro falou.

- Tá com droga aí?

Percebi que estava cercado por quatro PMs.

- Tô, **sim, senhor**. Cinco de dez.

Peguei uma por uma nos bolsos e entreguei pro policial.

- **Tu mora onde?**

- **No Leblon – eu disse. Mas, percebendo que ele parecia não acreditar, completei: - Meu pai é porteiro de um prédio.**

Nessas horas é sempre melhor dizer que mora na pista, ainda mais se rodar numa favela de outra facção. Se deixar os canas descobrirem, pode se preparar pra cair num terror fodido.

- Tem mais o que, aí nessa mochila?

Tinha só um casaco, um livro e, dentro dele, cem reais, o resto do meu pagamento. Os olhos do verme brilharam quando viu a grana, no entanto fingiu seriedade...

[...]

- Tu tem certeza que tu vai querer ir pra delegacia com dez trouxas de maconha?

- **Só te entreguei cinco.**

- **Quantas têm aí, capitão?**

E o capitão que portava uma doze, respondeu:

- **Dez.**

Nessa hora percebi que nenhum deles usava a identificação na farda, fiquei bolado deles forjarem um flagrante para mim e me fazerem assinar o 12. (*Sextou*, p. 109)

¹⁵⁹ Na perspectiva discursiva, aponta-se gestos interpretativos, gestos de leitura e não o gesto, no sentido de decodificação de sentidos, únicos. Citamos Derrida (1991, p. 37): não se trata de falar do discurso, mas de *um* discurso. “Não se caracteriza como o discurso, enquanto verdade transcendental acima dos discursos, mas como *um* discurso, que se constrói e opera “a partir de um princípio, de postulados, de axiomas ou de definições ou deslocando-se segundo a linearidade de uma ordem de razões”.

¹⁶⁰ Escrito por Antonio Prata que assina a orelha e contracapa do livro. Contracapa disponível no FIGURA 01, p. 37-38.

Recorte 12: *Pra quem veste a capa da justiça nesse tipo de situação, o pichador e o ladrão têm quase sempre o mesmo valor e o mesmo destino. (O Rabisco, p. 53)*

Como observamos no recorte 10, nos recortes 11 e 12 é, também, a partir do encontro entre a favela e o poder público, entre a favela e o asfalto, os apontamentos discursivos suscitados que, por essa regularidade cênica, possibilita (re)pensar implicações subjetivas, produzidas e reproduzidas no/pelo *continuum* da História, ao colocar outras histórias/sujeitos dentro da História e questionar os perigos de uma história única¹⁶¹.

Vale ressaltar que, ao deslocar, apresentar papéis, possibilitar outras vozes e discursos para relações, tão marcadas socialmente, o texto de Martins e as cenas narradas, nos recortes 11 e 12 e, em tantos outros momentos da obra, como uma “farmacéia” (DERRIDA, 2005, p. 11-18), na dissimulação da textura, “na inesgotável adversidade de seu fundo e de sua ausência de fundo”, não deve ser entendido como um *phármakon*, ao mesmo tempo, remédio e veneno, como o discurso, “enquanto verdade transcendental acima dos discursos, mas como *um* discurso” (DERRIDA, 1991, p. 37), uma produção de sentido, atravessado pelo inconsciente (LACAN, 2007; CORACINI, 2007) e, por isso mesmo, múltiplos, contraditórios e instaurados por um arquivo histórico.

Em (R11), de iminente contraventor, usuário, traficante... o jovem narrador, no (dis)curso do enredo, passa à vítima, nessa dimensão interpretativa, à vítima de um sistema social e simbólico, inscrito em formações discursivas que determinam por sua roupa, fenótipo, lugar onde mora e lugar onde está quem deve ou não ser abordado. Assim, não importa os diferentes tipos de situação (R11) (R12), os discursos parciais e unilaterais, que explicam e combatem a violência de maneira individualista, culpando, “abordando”, atacando de maneira pontual (ŽIŽEK, 2014) determinados grupos de indivíduos, a representação e destino de um ladrão/traficante é sempre a mesma, *Pra quem veste a capa da justiça nesse tipo de situação, o pichador e o ladrão têm quase sempre o mesmo valor e o mesmo destino*(R12).

Esse enquadramento, na obra, sublinhado por um fenômeno sociológico e que marca as desigualdades sociais, é realizado, conforme vimos discutindo, a partir de um outro olhar para a produção de sentido. Voltado para uma realidade social, enquanto tentativa estética de possibilidade de mudança e de transformação (BOTTON,

¹⁶¹ Referência linguística e discursiva com a obra *O perigo de uma história única*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

2019), não é o exame da relação do texto com o autor, com a realidade concreta e observável o que singulariza a produção de Martins, mas os *efeitos de realidade*, a maneira, como realidade e ficção se misturam, na construção discursiva do texto e, com isso, deixa emergir sua subjetividade e os processos de subjetividades que buscam desaprisionar os personagens, crianças e jovens, moradores de comunidades e que, no trânsito de suas vidas, enfrentam, em sua realidade cotidiana, violências, de muitas ordens.

Nem mesmo a “pacificação” das comunidades, foi acontecimento discursivo e social para mudar, na escrit(ur)a do discurso social (e, nos contos), esses modos de subjetivação históricos que atravessam o olhar sobre si e sobre o outro, na relação entre morro e asfalto, moradores de comunidades e policiais. Ao contrário, já que, segundo a percepção desses jovens personagens, as implantações das UPPs¹⁶², no Rio de Janeiro, só tornou ainda mais hostil essa relação e os inúmeros processos de minorização, desigualdade e subjugação que marcam, profundamente, a história dessa realidade social brasileira. Vejamos o recorte 13:

Recorte 13: Bagulho ficou doido, os polícia sufocando, invadindo casa, esculachando morador por qualquer bagulho. [...] Pergunta lá quantos fuzil eles achou, quantas carga grande, quantos bandido quente eles prendeu. Eu fico de bobeira quando dou um rolé na pista e vejo **quenego não sabe nada que acontece aqui dentro.** (*A história do Periquito e do Macaco*, p. 37-38)

Ao trazer à cena ficcional sua perspectiva de leitura sobre a implantação da UPP na comunidade, o narrador de (R13), apresenta um outro ângulo, em: *aqui dentro*, para narrar os acontecimentos, *vejo que nego não sabe nada que acontece aqui dentro* e questionar como os discursos atravessa(ra)m as vidas, as existências do infames, marginalizados da História que, segundo Foucault (2003), tiveram suas vidas “efetivamente riscadas e perdidas nas palavras”, sobretudo, no fio discursivo da obra, pelo discurso de segurança pública, disseminado, amplamente, pela mídia.

Ao propor uma experiência de si, que busca abandonar a condição de objeto de escrita e alçar a condição de sujeito do próprio discurso (PATROCÍNIO, 2013), o

¹⁶² UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora, uma política implementada pelo Governo do Rio de Janeiro, a partir do ano de 2008, com o objetivo de combater e desarticular o crime organizado do tráfico de drogas nas comunidades e favelas do referido estado. Atualmente, janeiro de 2022, uma espécie de reformulação do programa está sendo anunciada, a “Cidade Integrada”, que prevê patrulhamento, investigações contra organizações criminosas e intervenções sociais. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/19/governo-do-rj-ocupacao-jacarezinho.ghtml> Acesso em: 27 de jan. de 2022.

discurso literário de Geovani Martins, no uso da primeira pessoa, em (R13), contribui para os apontamentos e questionamentos discursivos, *pergunta lá*, acerca não só da efetividade da ação de política pública da implantação das UPPs, *quantos fuzil eles achou, quantas carga grande, quantos bandido quente eles prendeu*, como e, principalmente, para além do narrativo, as relações do discurso e do poder na vida cotidiana desses jovens moradores, *Bagulho ficou doido, os polícia sufocando, invadindo casa, esculachando morador por qualquer bagulho* e, que, seguramente, ainda, têm muito que ser discutidas, para além dessas e das páginas do conto.

A partir dos recortes que discutimos, nessa seção, e da problematização que empreendemos quanto ao modo como o texto de Geovani Martins constrói, nas cenas narrativas e discursivas, as representações subjetivas dos seus personagens, permite-nos afirmar que as marcas estabelecidas entre as amarras do linguístico, do histórico (FOUCAULT, 1987, 2002) e do simbólico (LACAN, 2007; CORACINI, 2007), na construção dos contos, depreendem efeitos de sentido que possibilitam ampliar a dimensão interpretativa da obra, a partir de importantes elementos identificadores de temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público Marginais.

“Inteiramente impregnado por sua subjetividade, que se constitui no/do exterior, por sua historicidade [...] pelas relações sociais que nos inserem [pelas relações que se inserem o dizer de Martins]” (CORACINI, 2005, p. 23), o discurso literário da obra promulga um discurso próprio de resistência, sem, pela perspectiva que adotamos, controlar o seu dizer, mas, também, sem esquivar-se da ordem do discurso à qual pertence – autoria e voz narrativa Marginais, não porque pensam (como Marginais), mas, sobretudo, porque *existem/resistem* no e pelo discurso Marginal: “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1998).

Ao, portanto, afirmarmos que o texto de Geovani Martins, perpassado por discursos da alteridade, possibilita outros modos de significar e ser significado da/na construção identitária dos personagens, em face das marcas clássicas de representações, a partir da análise, apontamos que a relação estabelecida entre representação e identidade está, na obra, sistematizada por identificações construídas na/pela tensão, decorrente do modo como cada personagem se vê e vê o outro – o personagem do asfalto.

Ancorados em discursos críticos das relações sociais de poder, o modo como os personagens são construídos, se veem e são vistos, mantém relação com sua inscrição em um arquivo e percurso histórico e também, no/pelo arquivo histórico do outro e que,

na materialidade do texto e, nas brechas que o momento histórico e social permite, podem assumir papéis, escrever outros finais, uma vez que, “ninguém nasce borboleta. A borboleta é um presente do tempo” (Espiral, p. 33).

Vejamos, na sequência, como as (outras) construções identitárias dos personagens são (re)lidas e interpretadas por um grupo de alunos-leitores e o alcance que o *olhar com outros olhos* pode significar para além do que pode ser visto, lido e (ins)escrito sobre os contos de *O Sol na Cabeça* e, também, sobre o processo de escrita como produtor de sentidos e produção/manifestação de subjetividades.

4.2. Subjetividades marginalizadas sobre a obra: o olhar sobre o outro e sobre si

“Nesse conto eu vejo como os personagens são parecidos com os da vida real na favela, ele mostra o qual difícil é a vida da pobreza e que até crianças são colocadas para vender drogas nos pontos...”
(Recorte 14, *A história do Periquito e do Macaco*, A9, negritos meus)

Nesta seção, analisamos o funcionamento discursivo das produções escritas dos alunos-leitores sobre os contos da obra *O Sol na Cabeça*, interpretando, nos fios discursivos do dizer, dessas escritas, como esse grupo de alunos-leitores significa o olhar sobre o outro e sobre si, ao interpretar como estão construídas no (dis)curso da obra as representações identitárias dos personagens e outras matérias histórico-sociais acerca dos modos de vida e costumes dos sujeitos/personagens marginalizados.

Instigadas pela compreensão de que os textos das produções Marginais promulgam um discurso próprio de resistência, catalisador de discussões sobre questões sociais e coletivas (NASCIMENTO, 2006), o objetivo é identificar quais estratégias linguístico-discursivas os alunos-leitores utilizam em suas produções para interpretar como é construída a constituição identitária dos personagens, em face das marcas clássicas de representações. Também, perpassamos como questionamento o modo as representações identitárias dos sujeitos/personagens marginalizados, materializadas nas produções escritas dos alunos, desloca sentidos para o processo de subjetivação desses alunos-leitores.

De caráter interpretativista, a análise das produções escritas, imbricada na relação linguagem, discurso e subjetividade, ocupou-se das materialidades enunciativas que resultam na evocação de (inter)discursos sobre os modos de subjetivação dos jovens

personagens da obra e que nessa escrita do/sobre o outro, deixa rastros, também, na inscrição de si (FOUCAULT, 2004; CORACINI, 2010).

Conforme relatado no capítulo 1, das condições de produção e na seção 3.4., no capítulo 3, sobre a constituição e interpretação do *corpus*, a composição do *corpus* dos alunos deu-se após a leitura e interpretação, em duplas ou individualmente, de um dos contos da obra em que eles tiveram que redigir um pequeno texto sobre como interpretavam a construção identitária dos personagens principais do conto selecionado.

Na epígrafe que abre esse eixo e que incluímos como recorte, (R14), (A9) ao interpretar o conto *A história do Periquito e do Macaco* que narra, a partir de um olhar de dentro, de um narrador-personagem, acontecimentos que se desenrolam após a instalação da UPP na Rocinha, escreve e inscreve (FOUCAULT, 2004) sua visão, *eu vejo* sobre os personagens da obra, aproximando de discursos de teorias de representações sociais, visões clássicas de representações – dentro de uma ordem binária, racionalista, onde as invariantes históricas não existem, *os personagens são parecidos com os da vida real na favela*.

Ancorado em formações discursivas cartesianas sustentadas por práticas sociais que compreendem a realidade (sobre)vivida nos morros, como observável e concreta, (A9) (R14) interpreta a construção identitária dos personagens, a partir de discursos que concebem o realismo praticado na literatura como uma imitação do real. Assim que, para (A9), tornar visível o que já é de conhecimento *eu vejo* e *ele mostra* resultam como expressão de algo, reflexo de uma realidade, correspondente a um estado de coisas existentes (BRANDÃO, 1998, p. 37), que se pode ver.

Sem desabituar o olhar daquilo que de, tão imediato e conhecido, é visto, (A9) indica sentidos racionalistas quanto ao emprego argumentativo¹⁶³ desses verbos, distanciando-se de um *olhar*¹⁶⁴, dirigido, que observa, examina e analisa para *ver*, de forma reta, sintética e imediata: “Ver é reto, olhar é sinuoso. Ver é sintético, olhar é analítico. Ver é imediato, olhar é mediado” (TILBURI, 2004, s/p).

Reforçando estereótipos advindos, sobretudo, dos discursos regulatórios do poder, como os discursos institucionalizados do Estado e veiculados pelas mídias, (A9) atribui como principal marca identitária dos personagens a pobreza como condição geradora da criminalidade *o qual difícil é a vida da pobreza e que até crianças são*

¹⁶³Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 04 de fev. de 2021.

¹⁶⁴ Lacan (2008, p. 76) ao distinguir *ver* do *olhar* cita: olhar é “algo [que] escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau eludido – é isso que se chama o olhar”.

colocadas para vender drogas nos pontos. Reproduzindo sentidos de leitura que condicionam os personagens em modos de *ser*, “objetos naturais” da pobreza, da exposição ao crime e aos vícios das drogas, o modo como esses alunos-leitores interpretam os contos, está ancorado em uma memória discursiva e reducionista, de representação mimética de uma realidade. Vejamos os recortes 15 e 16:

Recorte 15: O conto traz a **dura realidade** de ambos os personagens **tanto como** é ser cego dentro da sociedade, **tanto como** é viver nas favelas. [...] Matias **se vê sem saída**. [...] Agora focando no menino apelidado Desenho, **é mostrado no conto a vida de muitos garotos quem moram nas favelas**. (*O cego*, A19)

Recorte 16: O conto apresenta como personagem principal, Matias, um **homem cego de nascença, habitante de um morro, onde vivia exposto ao crime, às drogas**. A personagem apresenta **além de** suas dificuldades físicas, uma família conturbada e financeiramente precária. [...] podemos **associar** tal desfecho **com as dificuldades apresentadas durante a vida das personagens**. (*O cego*, A20)

Para (A19) e (A20), (R15) (R16), respectivamente, que interpretaram o conto *O Cego*¹⁶⁵ que narra a história de Matias, cego de nascença e que precisa lidar com a falta de oportunidades e exclusões sociais – cego, idoso e morador de favela, para se sustentar, uma visão classificatória, edificada em causalidades sociais, biológicas, cristãs, sígnicas, de representação mental¹⁶⁶ formam os seus dizeres.

A regularidade da argumentação racionalista do verbo *mostrar*; *é mostrado no conto a vida de muitos garotos quem moram nas favelas* (R15), assim como visto em (R14), contribui para sustentar os efeitos de sentido preconceituosos, nos quais as representações identitárias dos sujeitos/personagens de periferias mantém, por esses fios discursivos, vínculos com uma representação por semelhança, sempre, no nível do visível, da representação mimética *A dura realidade (d)a vida de muitos garotos quem moram nas favelas* (A19) (R15) herdada, tanto do interdiscurso limitado e demarcado do realismo clássico (SCHOLLHAMMER, 2009) quanto de instituições que restringem fortemente outras formas de enunciação, como a jurídica, o Estado, por exemplo.

¹⁶⁵ Neste conto, Matias para se sustentar conta, nos ônibus, sua história, em troca “dos trocados que lhe davam pessoas comovidas ou incomodadas com seu discurso”. Quando essa “experiência de repetir dia após dia sua própria história foi se tornando cada vez mais dolorosa, e viver da caridade passou a ser um inferno”, aproxima-se de um menino “que todos chamavam de Desenho e garantiam que seria bandido”, terminando todos os seus finais de dias, em parceria com o garoto, “a noite inteira fumando e cheirando, num papo angustiante em que não se olha no olho” (MARTINS, 2018, p. 88-89).

¹⁶⁶ Para maior discussão de alguns conceitos de representação, ler: CORACINI, 2015. Representações de professor: entre o passado e o presente. Referência completa na parte de referências.

Esses efeitos de sentido de desnudamento e revelação, também, emergem nas/pelas expressões *o conto traz* (R15); *o conto apresenta* (R16) e que corrobora para manter com a produção escrita e interpretativa desse contos, por esses alunos, um olhar racionalista e legível de linguagem e identificação.

No fio do discurso de (A20), o contexto imediato de Matias, cego e morador de uma favela, sugere um mesmo grau de conflito com o contexto mediato dessa dupla exclusão social, no modo como ele, no intradiscurso, utiliza-se da conjunção subordinativa adverbial comparativa, *tanto como; tanto como é ser cego dentro da sociedade, tanto como é viver nas favelas* (R15) que aponta e coteja esses contextos.

Deixando resvalar, via linguagem, efeitos de sentido de privação, de visão e de direitos, as possibilidades, de “enxergar” um futuro melhor para quem vive nas favelas, possibilita relacionar no dito, *Matias se vê sem saída*, ancorado em uma memória enunciativo-discursiva que está na base desse discurso, o impasse que a representação identitária, o modo como cada um se vê e vê o outro (CORACINI, 2015) sempre construída pelo outro, pelas representações que vêm do outro (DERRIDA, 1996; LACAN, 1998; FOUCAULT, 1999), causa, é consequência em Matias, em uma sociedade como a nossa que “não se olha no olho” (MARTINS, 2018, p. 89) ou se vê e não (quer) olha(r).

A invisibilidade social, uma das principais críticas da obra, conforme discutimos na seção anterior, para muitos alunos-leitores, está associada, sobretudo, à invisibilidade geopolítica, no modo como o lugar geográfico da favela é representado/apresentado na/para sociedade. Isso porque, para esses alunos-leitores, dentre os inúmeros fatores que conduzem à questão da invisibilidade social, o espaço geográfico e social em que esses personagens estão inseridos – a favela, coloca-se como um dos principais fatores de marginalização.

Recorte 17: [...] é perceptível ver que ele está em um local com uma situação financeira precária. Possivelmente devido a esse meio em que ele está inserido e as personagens próximas a ele influenciaram-lhe a ter más maneiras, como por exemplo a utilização de entorpecentes. (Rolézim, A1)

Recorte 18: [...] no decorrer do conto ele fala da relação tão próxima com as drogas que quem mora na favela tem e do filtro que alguns possuem para não acabar morrendo de overdose. (Rolézim, A2)

Recorte 19: Ao analisar o conto Travessia, de Geovani Martins, percebe-se que a construção da identidade do personagem principal, Beto, se dá em um contexto das comunidades cariocas, onde Beto reside, um ambiente humilde, comandado por traficantes e sem o apoio de policiais, que se vendem e fazem vista grossa para os crimes praticados nessa comunidade.

Tendo em vista esse ambiente, vários jovens entram na vida do crime buscando ganhar dinheiro e mudar de condição econômica, com é o caso do Beto. (*Travessia*, A26)

Recorte 20: Pode-se notar uma marginalização daquele povo (*Travessia*, A27)

Recorte 21: [...] o narrador vive em uma comunidade marcada pelo tráfico e o uso de drogas, dessa forma ele retrata situações de conflitos entre policiais e amigos usuários e traficantes dele.

[...] **Em conclusão, percebe-se** ao longo da leitura que, **além da retratação do ambiente**, o próprio narrador-personagem fala com uma linguagem informal e cheia de palavrões com marcas típicas da oralidade e, juntamente às ações das demais personagens, **constrói-se um estereótipo de “favela”**. (*A história do Periquito e do Macaco*, A11, grifos do aluno)

Recorte 22: Narrada em primeira pessoa, a história se passa em Bangu, no Rio de Janeiro, fato importante para construção da linguagem coloquial dos personagens. **Cheia de gírias e expressões que apenas um morador de Bangu entenderia com naturalidade, a mesma naturalidade que demonstra ao lidar com o mundo das drogas**. (*Estação Padre Miguel*, A18)

Como observado nos recortes, ora apresentados, o modo como a questão do espaço narrativo da favela é interpretado, nas produções dos alunos, revela como sombras de um passado (e um presente) de preconceitos, apagamentos e criminalização pairam na construção discursiva dos textos discentes ao relacionar os sujeitos e temas que giram em torno desse espaço social: *constrói-se um estereótipo de “favela”* (A11) (R21), *Pode-se notar uma marginalização daquele povo* (A27) (R20). Também denominadas, em sentido dicionarizado e, pelo discurso do senso comum, de assentamentos e/ou habitações populares, morro, bairro, gueto, maloca, comunidades¹⁶⁷, a maneira como os alunos, nesses recortes, (d)escrevem-na é dentro de uma ordem de representações sociais, como um fenômeno psicossociológico e que relaciona o ambiente com atitudes e comportamentos negativos dos personagens. O meio social em que um indivíduo nasce determina sua vida e suas ações.

De acordo com dados do IBGE, nos últimos dez anos, o número de aglomerados subnormais, como favelas e palafitas, dobrou, de 6.329 em 323 municípios para 13.151 em 743 cidades, ganhando força, principalmente, no ano de 2020, em razão da pandemia e do aumento do desemprego¹⁶⁸. Reflexo da desigualdade social no Brasil, na região metropolitana do Rio de Janeiro¹⁶⁹, por exemplo, 1.702.073 pessoas moram em favelas, o que corresponde a 14,4% da população que vive nessa região.

¹⁶⁷ Dicionário de sinônimos. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/favela/>> Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

¹⁶⁸ *Aumento do número de favelas no Brasil é reflexo da desigualdade crescente, afirma Denise Morado*. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/aumento-do-numero-de-favelas-no-brasil-e-reflexo-da-desigualdade-crescente-afirma-denise-morado>> Acesso em: 03 de janeiro de 2022.

¹⁶⁹ Fonte: IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais-2010.html>> Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

Representada, por um realidade concreta e material, lugar estatístico de violências¹⁷⁰ a favela para (A26) (R19) e (A11) (R21) está/é associado a um ambiente de práticas de crimes, resultado de ações de grupos que tem origem na ineficiência da implantação das políticas públicas¹⁷¹, *um ambiente humilde, comandado por traficantes e sem o apoio de policiais, que se vendem e fazem vista grossa para os crimes praticados nessa comunidade* (R19); *uma comunidade marcada pelo tráfico e o uso de drogas* (R21).

Inscritas em formações discursivas hegemônicas do poder, da instância jurídica, social, governamental, religiosas, literárias... o modo como os alunos representam-na é, sob um (sempre) repetível do dizer em significações em que o espaço – favela é marcado pela falta da participação do Estado, que vem da formação discursiva da ciência política, pela precariedade de serviços públicos, poucas oportunidades de trabalho e pouco investimento em programas culturais e de assistência, da pobreza, *ambiente humilde, uma situação financeira precária*.

Ancorado no discurso capitalista e da ação-relação do tráfico, essa representação simples e consensual da favela expressa e reforça o discurso associativo, desabonador e preconceituoso que se dá na relação social e identitária entre a favela e os sujeitos/personagens *influenciados a ter más maneiras, como por exemplo a utilização de entorpecentes* (A1) (R17) *Tendo em vista esse ambiente vários jovens entram na vida do crime buscando ganhar dinheiro e mudar de condição econômica, com é o caso do Beto* (A26) (R19); *da relação tão próxima com as drogas que quem mora na favela* (R18); *Possivelmente devido a esse meio* (R17).

Esse distanciamento dos fatores sociais, de políticas públicas de saúde, *daquele povo* pelo dizer de (A27) (R20) concorre para a naturalização de comportamentos e processos de subjetivação que contribuem para marcar *a marginalização daquele povo* (A27) (R20). O vício, tão *natural* quanto falar traz a marca da representação social e identitária dos sujeitos/personagens para (A18) (R22) lidos como viciados e, para além, *traficantes*¹⁷².

¹⁷⁰Morte por causas violentas nas favelas do Rio de Janeiro são similares aos que se registram em guerras. Disponível em: < <http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/favelas-cariocas>> Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

¹⁷¹ Como o PCC, Primeiro Comando da Capital, para citar um exemplo, que surgiu em São Paulo e, rapidamente, se espalhou por outros lugares do Brasil.

¹⁷²Amplamente divulgada nas mídias, que comumente adota o discurso institucional do Estado, a implantação das UPPs, projeto da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, foi enunciada por sujeitos discursivos das classes dominantes do poder e que produziram, por meio de suas verdades discursivas (FOUCAULT, 1995), isto é, verdades construídas historicamente e capazes de

Na dispersão e na regularidade com que interpretam os personagens, os alunos, nos recortes de 15 a 22, (re)tomam no dito, um olhar parametrizado e aprisionador da favela onde marcas históricas de preconceitos e discriminações perpassam os enunciados e contribuem para construir *a identidade*, ênfase no singular, estabelecendo sempre vínculos identitários unitários, dos sujeitos/personagens que ali moram.

Ancorados em formações discursivas das teorias de representações sociais, filiadas a discursos de homogeneização, de determinismo social, é dentro de um ambiente com uma *dura realidade, pobre, marginalizado, de drogas, dificuldades* (de todas as ordens), *comandada pelo tráfico, de conflitos policiais, overdose, palavras de baixo calão, gírias* que os personagens são inscritos¹⁷³, duplamente, pelos alunos.

Observemos, também, como para (A16) (R23) a identificação como viciados, usuários de drogas é uma pontualidade, uma *mostra* identitária desses jovens, reatualizando, conforme apontou Foucault (2003), como a história construiu discursos sobre a vida dos homens infames “ao que foi dito um dia e que improváveis encontros conservaram até nós” [...] “por sua natureza, sem tradição; rupturas, apagamento, esquecimentos, cancelamentos, reaparições”.

Recorte 23: O conto possui quatro personagens principais, que vão sendo construídos durante o texto, **mostrando suas características** conforme ocorre a “viagem”, metáfora usada no conto para falar sobre a viagem para Arraial do Cabo e também a “viagem” após o uso das drogas. [...] Rafa, o personagem principal [...] **se mostra usuário de drogas**, utilizando maconha e LSD; [...] Nanda, namorada de Rafa [...] **se mostra usuária de drogas**; [...] Gabriel, amigo mais antigo de Rafa, **se mostra mais tranquilo em relação as drogas** [...] Juan, o argentino e primo de Gabriel, dono da casa de Arraial do Cabo [...] **mostra-se usuário de drogas também**, maconha, LSD e cocaína. (*A viagem*, A16)

Neste conto, é o personagem Rafa, universitário, quem narra a história da viagem e das “viagens”, reflexões e experiências com drogas dele, de sua namorada Nanda, do amigo Gabriel e do argentino Juan durante as festas de final de ano. Marcado por uma linguagem sinestésica, a discussão sobre o tema, aborda questões voltadas para

produzir discursos poderosos, à exclusão de outras formas de discurso, a expressão, a retratação de/do poder, das “verdades” sobre esse “projeto de segurança pública” cujo objetivo principal, segundo discurso oficial, foi instituir polícias comunitárias em favelas, principalmente na capital do estado, como forma de desarticular quadrilhas que, antes, controlavam estes territórios como verdadeiros estados paralelos. “UPPs, mais uma história de esperança e fracasso na segurança pública do Rio.Prestes a completar 10 anos, programa apresenta resultados opostos ao que foi previsto”. Março de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/11/politica/1520769227_645322.html> Acesso em: 17 de dezembro de 2021.

¹⁷³ Vale ressaltar, que esse modo de inscrição é, nesse gesto de interpretação, uma inscrição do aluno, que acredita, pela materialidade de suas interpretações que o *conto retrata*, o *conto apresenta*, o *conto traz*, a vida real das pessoas que moram na favela.

uma realidade social enfrentada por muitos jovens – o consumo de drogas. Entretanto, para (A16) (R23) que interpretou esse conto, “o discurso, enquanto verdade transcendental” (DERRIDA, 1991, p. 37, grifos do autor), conhecido e reconhecido sobre a relação desses jovens e o consumo de drogas foi bem *mostrado*, permeado de demonstrações de características marcantes e marcadas dos personagens, usuários de drogas, enquanto efeito de identidade social, *se mostra usuário de drogas; mostra-se usuário de drogas também*.

O uso do pronome *se* como partícula apassivadora, reafirma, por indicação, dessa voz passiva sintética, a posição subjetiva, paciente, com que (A16), interpreta, nas representações de si e do outro, os personagens, constituídas, segundo Coracini (2015), na relação que se estabelece com o outro, a partir de si e do outro. Via discurso de exclusão e preconceitos, de subjetividades *prêt-a-porter* (MARIANI, 2006; ANDRADE & AMARANTE, 2015), a construção identitária dos personagens é (re)conhecida, (re)tratada e marcada, pronta para ser consumida e reproduzida e que dá *mostras* de sua marginalidade.

Ao, portanto, entender o texto de Martins a partir de uma relação de produção de sentido factual, com uma visão (ilusória) de um dizível e visível, *mostrado*, em outras palavras, como um texto que imita e representa a realidade, os alunos-leitores, por essa regularidade enunciativa, conforme pudemos observar nos recortes, parecem manter, com o modo como a linguagem do texto foi construída, uma concepção de texto/leitura, como observa Coracini (2005, p. 20), de “des-vendar sentidos”. Nessa concepção, o autor é “o centro de onde partem e para onde convergem os sentidos” (CORACINI, 2005, p. 21), cabendo, ao leitor, de modo consciente, revelar as marcas impressas no texto, desvendando sua verdade¹⁷⁴, seu saber-poder.

Assim que, ao interpretarem os personagens como *parecidos com a vida real* (A9) (R14); *vivia exposto ao crime, às drogas [...] dificuldades apresentadas durante a vida das personagens* (A20) (R16); *local com uma situação financeira precária [...] que ele está inserido e as personagens próximas a ele influenciaram-lhe a ter más maneiras, como por exemplo a utilização de entorpecentes* (A1) (R17); *relação tão próxima com as drogas que quem mora na favela tem e do filtro que alguns possuem para não acabar morrendo de overdose* (A2) (R18), *um ambiente humilde, comandado por traficantes e sem o apoio de policiais* (A26) (R19) e *Pode-se notar uma*

¹⁷⁴ Empregada, no singular para enfatizar o sentido cartesiano de unidade, verdade única.

marginalização daquele povo (A27) (R20), esses alunos subjetivam esses sujeitos/personagens como um dado *a priori*, em que sujeito e espaço se constituem num processo único de significações, onde “manifestações de verdade que toma a forma da subjetividade e que tem efeitos que vão muito além das relações, digamos, utilitárias do conhecer” (FOUCAULT, 2009, p. 30), não tem lugar, assim que, perceber o outro como alteridade não seria/é possível.

Vejamos, como nos recortes de 24 a 28, a questão da linguagem, informal, utilizada na obra, uma marca identitária de pertencimento¹⁷⁵ e que é interpretada pelos alunos, nesses recortes, com marcas de preconceito, que significam um “não ideal” de língua e um “não ideal” de sujeito falante dela:

Recorte 24: Primeiro vamos contextualizar, dá para perceber que o ambiente é uma comunidade simples [...] as crianças na rua e a forma de linguagem que usam, muito informal. (*Roleta-russa*, A5)

Recorte 25: É notável a linguagem informal utilizada por Beto e diversas gírias e palavras de baixo calão, característicos de sua linguagem. (*Travessia*, A25)

Recorte 26: Beto falava palavras de baixo calão, com o povo da sua terra. (*Travessia*, A27)

Recorte 27: [...] como um todo não trata-se de uma obra realizada ou idealizada pela elite ou para o consumo da mesma, mas sim elabora (*sic*) pelos cidadãos comuns e para o consumo dos mesmos. [...] Com isso essa obra encontra-se livre de preconceitos ou de uma visão exterior (geralmente elitista) daquela realidade. [...] No texto é possível identificar uma linguagem coloquial, apresentando até mesmo o uso de algumas gírias tanto na fala dos personagens envolvidos quando (*sic*) pelo narrador, não há presença de figuras de linguagem tornando a leitura do mesmo mais simples e explícita, sendo que o mesmo pode ser lido por cidadãos comuns uma vez que não exige um alto conhecimento da língua portuguesa. (*Primeiro dia*, A12)

Recorte 28: A obra “O Sol na Cabeça” em um todo, tem o objetivo de representar de uma maneira não elitista ou preconceituosa como é o dia a dia de quem mora nas regiões mais carentes do Rio de Janeiro. [...] O texto é escrito por uma linguagem simples, com uma narração não complexa e explícita, contendo uma quantidade significativa de gírias e expressões populares, usadas tanto pelas personagens quanto pelo narrador. (*Primeiro dia*, A13)

A questão linguística da obra, em muitas produções dos alunos, destacou-se mais, por uma questão gramatical, de desvios de norma culta e estilística, no caso da concepção clássica de texto literário, que interpretações que visassem seu aspecto discursivo-identitário. Nesse sentido, o modo como a língua é/está empregada no texto, para esses jovens leitores é, segundo Haroche (1992, p. 13, grifos da autora), de uma relação “em que o “ideal da gramática” seria o “ideal de completude” que participa de

¹⁷⁵ Conforme discutimos na seção anterior, 4.1..

um “ideal do sujeito mesmo de suas palavras” (HAROCHE, 1992, p. 13, grifos da autora). Assim que, no momento em que, desviam-se desse “ideal”, constitui-se “erro”, uma lógica racionalista de que o que não está certo, está errado.

Ao afirmar que escrever literatura é também “fixar outro modo de ser do discurso” (FOUCAULT, 2016, p. 17), outro gesto de produção que contribui para a construção de um campo de batalha contra a hegemonia do sentido, porque não se trata apenas de olhar para o texto, mas também de olhar para o gesto que o produz. Foucault (2016a, p. 81) acrescenta que “a literatura de modo algum é feita de um inefável”, ao contrário, ela é feita de um não inefável, de coisas para serem ditas e:

[...] no momento em que as palavras são transcritas sobre essa superfície ainda virgem, nesse momento, *cada palavra é, de algum modo, absolutamente decepcionante em relação à literatura, pois não há nenhuma palavra que pertença por essência, por direito natural, à literatura* (FOUCAULT, 2016a, p. 82-83, grifos nossos).

Para os alunos-leitores, entretanto, nos recortes de 24 a 28, o uso de marcas de oralidade, linguagem informal, na obra e no modo como os personagens se expressam “é absolutamente decepcionante em relação à literatura”. Isso porque, o destaque que eles deram à (língua)gem da obra está permeado de sentidos negativos e preconceituosos, não só com relação ao estilo literário, herdado de formações discursivas clássicas da literatura¹⁷⁶, *não há presença de figuras de linguagem tornando a leitura do mesmo mais simples e explícita, sendo que o mesmo pode ser lido por cidadãos comuns uma vez que não exige um alto conhecimento da língua portuguesa.* (A12) (R27), *usadas tanto pelas personagens quanto pelo narrador*(A13) (R28) como, e, principalmente, como forma de preconceito linguístico social, *É notável a linguagem informal utilizada por Beto e diversas gírias e palavras de baixo calão, característicos de sua linguagem* (A25) (R25).

Ancorados em formações discursivas do campo da Linguística¹⁷⁷ e da Literatura, os alunos-leitores mantêm com esses discursos formalistas e regulatórias dos sistemas tradicionais de língua e de produção literária, uma visão preconceituosa e negativa dos

¹⁷⁶ Literatura: construção e reprodução de sentidos; efeito ilusório

¹⁷⁷ Entende-se por Linguística Estruturalista: Corrente teórica da linguística baseada nos princípios do Curso de Linguística Geral (1916) de Ferdinand de Saussure, que se desenvolveu na Europa e nos Estados Unidos da América, a partir dos anos 30 do século XX, em teorias, nas quais, a linguagem é concebida como um sistema independente e autorregulado, sendo os elementos linguísticos definidos de acordo com o tipo de relacionamento que possuem com os demais elementos.

usos linguísticos e, portanto, não reconhecem, as marcas de oralidade da obra, enquanto produção histórica de sentido e identificação.

O destaque dado ao emprego das gírias, *quantidade significativa de gírias e expressões populares* (A13) (R28) e da linguagem informal, *as crianças na rua e a forma de linguagem que usam, muito informal* (A5) (R24); *É notável a linguagem informal utilizada por Beto e diversas gírias e palavras de baixo calão, característicos de sua linguagem* (A25) (R25), características marcantes, “pulsante que perpassa toda a obra de Martins” (CUNHA, 2019), na relação entre linguagem e identidade (CORACINI, 2007), na produção de sentidos para a construção discursiva dos contos (CARVALHO CASTILHO; NASCIMENTO, 2020), no tecido das enunciações dos alunos, trata-se apenas de uma *questão de linguística*, no sentido de estudos de estrutura, e não *de linguagem*, enquanto funcionamento, enquanto produção de sentidos subjetivos e sociais.

Compreendida, desse modo, dentro de uma categoria linguística, (re)conhecida, popularmente, como palavrão, as gírias, por seu emprego, significam, na tessitura do dizer desses alunos, chulos e impróprios¹⁷⁸, *Beto falava palavras de baixo calão, com o povo da sua terra* (A27) (R25) e que, por estarem presentes na obra, tornam-na literatura menor, literatura marginal¹⁷⁹, “com ares de rascunho” (CANDIDO *et. al.*, 1967), centrada em “erros”¹⁸⁰, herança de um dizer e fazer literários clássicos.

Essa contraconduta literária e social, no uso da coloquialidade na construção do texto e das representações linguístico-identitárias dos personagens, indica no/pelo dizer de (A12) (R27), além do preconceito linguístico, um dos mais importantes propagadores da exclusão social, também um reducionismo, uma exclusão de alcance, circulação e crítica da obra que, na materialidade do dizer de (A12), fica condicionada a

¹⁷⁸ Dicionário informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/baixo%20cal%C3%A3o/> Acesso em 15 de dezembro de 2021.

¹⁷⁹ Conforme já abordado no capítulo 2, grafadas com iniciais minúsculas, literatura marginal, entendemos os movimentos tradicionais de e sobre marginalização na/da literatura no decorrer de nossa historiografia literária, que rotulavam como *marginalas* produções que não eram enquadradas no *corpus* artístico tradicional de linguagem e temáticas, “fora dos padrões”, dos sujeitos dominantes do discurso.

¹⁸⁰ Em pesquisa acerca da reprodução de erros quanto o texto ou o desenho de um personagem pede coloquialidade, Hollanda (2014, p. 37-38, grifos da autora), atraída por essa questão relatou: “fui procurar com lente de aumento, na escrita e na fala marginais, quais seriam esses erros tão agressivos à norma culta do português brasileiro. E, para meu espanto, o mais frequente, o grande, e talvez mesmo o único, problema gramatical “marginal” é a concordância verbal [...] Me assustei. Esse é o nó da questão. Esse é o nó dessa estética”.

determinados espaços e leitores, *para o consumo de cidadão comuns*¹⁸¹, *uma vez que não exige um alto conhecimento da língua portuguesa* que aponta para um discurso de marginalidade à essa obra *Marginal*, a essa literatura lida, considerada (ou tolerada) apenas para as margens¹⁸².

Em postagem em uma rede social, no dia 05 de fevereiro de 2022, Geovani Martins, ao mostrar fotos de pelo menos quatro cadernos com escritos à mão, provavelmente, resultantes de seu mais novo projeto, a escrita de um romance, (d)escreveu assim na legenda: “Ontem me despedi dos personagens com quem convivi por dois anos. Hoje acordei pensando que daqui a pouco *eles vão ganhar o mundo*”¹⁸³.

Como produção de sentido, o discurso só existe na relação com o outro (FOUCAULT, 1987; LACAN, 2008), por isso que, a leitura de um texto e os efeitos de sentido produzidos por ele, nunca serão a mesma leitura e/ou o mesmo texto/discurso, devido, às (trans)formações subjetivas que interferem em cada gesto de produção de sentido (CORACINI, 2005). Enquanto, para uns, pode-se (e deve-se) ganhar o mundo, para outros, o limite do visível, do local, parece que nunca será ultrapassado, porque ler, produzir sentidos, produzir discursos, compreender discursos “pode ser definido pelo olhar, perspectiva de quem olha” (CORACINI, 2005, p. 19).

Expressão literária das periferias, com seus enredos e construções narrativas, ancoradas em cenas cotidianas, práticas sociais e discursos sobre sujeitos/personagens marginalizados, a obra não trata do discurso sobre esses jovens de periferia, pelo olhar de quem também está na margem, mas, de *um* discurso (DERRIDA, 1991), outras compreensões para um mesmo objeto.

Nos gestos de leitura de nove (09) alunos, apresentados nos recortes de 29 a 37, destacamos, como algumas estratégias linguístico-discursivas materializadas nos modos como escreveram/inscreveram suas interpretações, apontam para efeitos de sentido de *um* discurso próximo ao discurso de alteridade presente na obra de Martins¹⁸⁴, em face

¹⁸¹ Antonio Prata, João Moreira Salles, o escritor e compositor Chico Buarque, que assim descreveu a leitura dos contos, “Fiquei chapado”. Caetano Veloso, Pedro Bial, foram alguns dos nomes que leram e teceram críticas públicas à obra.

¹⁸²Vale (re)lembrar a cadeia editorial autorizada, segundo apontou Linhares (2020), para enunciar *O Sol na Cabeça*, principalmente, pela recomendação, de vozes da cena literária brasileira, da publicação da obra, pela maior companhia editorial do Brasil, as traduções e cessões de direito para o cinema; “o estrondo editorial causado com a chegada do livro no mercado editorial”, segundo o colunista Eder Alex (CUNHA, 2019).

¹⁸³ Postagem reproduzida no ANEXO B, pg. 178, grifos nossos.

¹⁸⁴ Enquanto constatamos como resultado de análise, na seção 4.1.

das representações clássicas sobre os personagens e cenas que envolvem esses personagens. Vejamos:

Recorte 29: O autor também ressalta no final do conto a ineficiência e a corrupção dos policiais [...] na volta os policiais barraram o protagonista, revistando até que encontra a droga e cem reais que ele iria ajudar nas despesas, ficando com o dinheiro invés da droga terminando o conto. (*Sextou*, A23)

Recorte 30: Depois de receber o primeiro pagamento ele decide gastar com drogas, é demonstrado que não é algo novo para ele, que em caso algo de errado ele já saberia o que fazer tranquilamente, e no momento em que está voltando para casa é abordado por policiais que levam seu dinheiro mas o deixam ficar com a droga. (*Sextou*, A24)

Recorte 31: O rabisco fala de Fernando, um pichador que foi confundido com um ladrão e correu para o terraço do prédio. [...] Nesse conto, o autor nos coloca diante da irreversível condição humana: é preciso existir para se sentir vivo. Além disso, notamos o preconceito que esses artistas de rua sofrem. (*Rabisco*, A14)

Conforme abordamos no item 4.1., as representações de si e do outro e do outro sobre si, nas cenas que envolvem os personagens e os policiais são nos contos, marcadas, como um dos momentos de maior tensão. Esse clímax indicia, diretamente, na construção identitária dos personagens, atravessadas por uma série de discursos que evocam interdiscursos, os quais se caracterizam por sustentar representações organizadas em torno de dicotomias: bem X mal, favela X asfalto, polícia X ladrão, polícia X moradores de periferias.

Em *Sextou*, recortes 29 e 30, Geovani Martins narra os conflitos e humilhações do narrador-personagem para conseguir e se manter em subempregos para ajudar em casa e comprar algumas coisas para si. Elaborado a partir de um discurso marcado por palavras que indicam sensações de revolta do protagonista diante dessas injustiças sociais, culmina em uma sexta-feira, depois da primeira semana de trabalho, como entregador de panfletos, em que o personagem, depois de receber o primeiro pagamento, vai ao Jacarezinho comprar maconha. Na volta para casa, na estação de trem, é abordado, humilhado e roubado por um grupo de policiais.

Nesse encontro, marcado por desmandos e corrupção, (A23) e (A24) destacam na relação negativa e conflituosa que resulta dessa relação (de poder) entre drogas, polícia e violências (ŽIŽEK, 2014), a questão da corrupção policial, *na volta os policiais barraram o protagonista revistando [...] ficando com o dinheiro invés da droga terminando o conto* (R29); *no momento em que está voltando para casa é abordado por policiais que levam seu dinheiro mas o deixam ficar com a droga* (R30). A utilização de

uma construção adversativa, em ambos os enunciados *invés* e *mas* organiza e aproximam, intra e interdiscursivamente as interpretações dos dois alunos que veem, na situação narrada, efeitos de sentido marcados por uma indignação, uma negação entre os segmentos coordenados, entre a ação do policial de ficar com dinheiro e não com a droga.

Retirado *ipsis litteris* do conto *O Rabisco*, o enunciado de (A14) em (R31) *nos coloca diante da irreversível condição humana: é preciso existir para se sentir vivo*, apoia-se, na materialidade da obra, para construir, também o seu sistema material. Essa estratégia linguístico-discursiva aponta efeitos de sentido que (com)forma com o discurso do autor. Nesse sentido, não se trata apenas de reproduzir o dito, o dizer da obra, mas, nos fios do discurso, reverberar, junto com a voz do autor, a qual traz no fio da enunciação, como um interlocutor, indicado, no intradiscorso com o pronome *nose* o verbo na primeira pessoa do plural, *notamos*, os preconceitos sistêmicos sofridos por esses jovens, no caso, da narrativa lida, os artistas de rua, *um pichador que foi confundido com um ladrão* (R31), *Pra quem veste a capa da justiça nesse tipo de situação, o pichador e o ladrão têm quase sempre o mesmo valor e o mesmo destino* (*O Rabisco*, p. 53)(R12).

Diferentemente de muitos outros alunos-leitores que indeterminaram os seus dizeres, (A14) ao utilizar-se do plural de “modéstia”, também, coloca-se como um dos enunciadorees, na produção dos sentidos inaudíveis do “querer-dizer” e “poder-dizer”, da obra, da construção do discurso que não somente *nota* o preconceito ou *nota-se* o preconceito e, sim, *notamos*.

Esse entrelaçamento do dizer, na e pela “presença” fragmentada do discurso do autor, também, se materializa nas construções *o autor também ressalta* (R29), *o autor nos coloca* (R31) em que esses alunos-leitores, na heterogeneidade constitutiva e mostrada do dizer, marca na /pela “presença”, sempre na ausência, na morte, autoral, conforme escreveu Foucault (1992/ 1987, p. 142, grifos do autor), “‘não importa quem fala’, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade”. De modo diferente de outros alunos, que na materialidade do dizer, personificaram o substantivo conto, *o conto traz, o conto apresenta*, recortes 15 e 16, anteriormente, analisados, nesses enunciados, são os entrecruzamentos que indicam um lugar singular do autor que é evocado.

Na sequência, os recortes 32 e 33:

Recorte 32: No conto *Espiral*, escrito por Geovani Martins é retratado uma **discriminação social e a violência psicológica que as pessoas das favelas vivenciam infelizmente até hoje, em pleno século XXI**, o personagem protagonista do conto **desde pequeno sempre percebeu que avia olhares estranhos para ele, olhares de julgamento, medo, pois sempre as pessoas que estavam andando na rua desviavam dele**, mas como era muito novo não entendia ainda o porquê de tal atitude, porém com o decorrer do tempo e do amadurecimento, ele **foi percebendo que aquelas atitudes se tratavam de preconceito por sua origem e por quem ser ele era**, como muitas das vezes ele reparou que **as pessoas pensavam que estava sendo seguidas por ele mesmo não estando [...]** as pessoas que **olham com indiferença para ele** (*Espiral*, A4)

Recorte 33: No conto, a autor Geovani Martins relata a **discriminação social, racial e a violência psicológica que as pessoas das favelas sofrem [...]** Porém com o passar do tempo o personagem começa a entender os comportamentos e que ele é a causa, com essa percepção ele começa a brincar de perseguir as pessoas que o olhavam com indiferença (*Espiral*, A3)

No dizer de (A4) e (A3), recortes 32 e 33, que interpretaram o conto *Espiral*, um dos contos mais conhecidos da obra¹⁸⁵ os efeitos de sentido emanados pela materialidade do dizer, apoia-se em um discurso crítico e contundente, acerca dos *olhares de indiferença; discriminação social, violência psicológica e preconceito* que o jovem protagonista sofre no encontro (forçado) entre os personagens do asfalto e ele. De maneira mais horizontalizada, (A4) historiciza o preconceito sofrido pelo personagem, em uma postura crítica que remonta às possíveis raízes do problema, para mostrar sua indignação com o fato dele, ainda, permanecer no presente, *em pleno século XXI* e, que, por sua materialidade e significação, *por sua origem e por quem ser ele era; pessoas da favela* (R32).

A questão do olhar¹⁸⁶ enunciada por (A4), ainda, em (R32) *olhares estranhos, olhares de julgamento, de medo, olhares de indiferença*, corrobora para ampliar a dimensão interpretativa com que esse aluno sustenta sua interpretação crítica do conto e que aponta, conforme postulou Lacan (2008, p. 76), algo que ultrapassa “nossa habitual interação com o mundo das coisas [...] tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação”.

Gradativos, mas não menos preconceituosos, os olhares percebidos e *sofridos* (R32), *desde pequeno* (R33), apreende como, nessas interpretações, o discurso do preconceito social é, constitutivamente, atravessado no dizer desses alunos, como um corte, que exclui e fere, que faz *sofrer* (R32) os personagens, sobretudo, à medida que, *com o decorrer do tempo e do amadurecimento*, ele passa a entender, “Começou muito

¹⁸⁵ Junto com *Rolézim*, conto que abra a obra, *Espiral* é um dos contos mais conhecidos e analisados pela crítica, conforme sinalizado no capítulo sobre as condições de produção da obra.

¹⁸⁶ Para Lacan (2008, p. 76): olhar é “algo [que] escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau eludido – é isso que se chama o olhar”.

cedo. Eu não entendia” (*Espiral*, p. 17), *perceber, quem ele era; que ele é a causa* (R33).

A ocorrência indicativa no tempo presente do verbo *sofrer*, por (A3), *que as pessoas das favelas sofrem*, também, contribui para aproximar o olhar, a interpretação e a crítica ao momento presente, ao padecimento das pessoas da favela, diante da *discriminação social, racial e a violência psicológica*. A enunciação de pesar e de envolvimento à situação, na/pela materialidade do advérbio modalizador *infelizmente*, “estado de espírito do falante em relação ao conteúdo da asserção” (NEVES, 2000, p. 238), também aponta, de maneira assumida, o posicionamento de (A3) diante da realidade social, ainda, muito vivenciada pelas pessoas da favela: *discriminação social e a violência psicológica [...] infelizmente, até hoje em pleno século XXI*.

Recorte 34: [...] *é uma história interessante de ler*, engraçada para muitos que não ligam para as informações e críticas sociais nela, mas **terrivelmente triste** para aqueles que interpretam todos os detalhes e veem o **quão injusto** é a vida dessas pessoas que todos preferem evitar por “medo” e desgosto **deixando de ver as raízes do por quê**. (*A história do Periquito e do Macaco*, A10, grifos do aluno)

O conjunto de pequenas narrativas ficcionais que integram a obra *O Sol na Cabeça* tem como principal temática, as aventuras e desventuras de crianças e jovens, moradores de comunidades que, no trânsito de suas vidas, enfrentam, em sua realidade cotidiana, violências, de muitas ordens. Trazendo à cena literária um outro ângulo a essa temática, multiplica na/pelas vozes dessas crianças e jovens, efeitos de realidade que, embora, para alguns, possa parecer *engraçada*, cumpre um papel social de (trans)form(ação), não de uma realidade, mas de modos de olhar essa realidade, como escreve (A10), *terrivelmente triste*.

Para (A10) (R34) a depender do olhar, do gesto de leitura, a história de *A história do Periquito e do Macaco* pode constituir-se como uma “farmacéia”, veneno e remédio (DERRIDA, 2005, p. 17), isso porque, os efeitos do contraditório, segundo (A10) podem costurar muitas das interpretações das (possíveis) leituras/leitores: *interessante de ler – não ligam para informações e críticas sociais; engraçada – triste; preferem evitar por medo e desgosto – deixando de ver as raízes do por que*.

A antítese materializada pelos adjetivos *engraçado* e *triste*, segundo (A10), possíveis sensações de leitura, evoca marcas de uma historicidade literária e social que

por muito tempo (re)conheceu o tratamento do tema das margens com características de exótico, uma produção burlesca¹⁸⁷, curiosa, um realismo digerível¹⁸⁸.

A conjunção adversativa *mas, mas terrivelmente triste* que liga as duas orações do enunciado de (A10), ao negar o sentido da primeira asserção, ratifica, pelo dizer desse aluno, seu posicionamento contrário à maneira de ler/interpretar a obra de alguns *para muitos de não ligar, achá-la engraçado*. Intradiscursivamente relacionada ao adjetivo *triste* e intensificado pelo advérbio de modo *terrivelmente* posiciona (A10) em direção de discursos que questionam práticas sociais que (per)seguem o preconceito enraizado e, tampouco, buscam entender, *ver as raízes do por quê*, as injustiças, *aqueles que interpretam todos os detalhes e veem o quão injusto é a vida dessas pessoas que todos preferem evitar*. Sem responsabilidade com as discussões históricas que envolvem “não só o que está impresso como texto, mas também as vozes, os silêncios, os corpos e os ambientes em que essa produção se insere” (DALCASTAGNÈ & TENNINA, 2019, p. 9).

Dentro dos discursos, as posições sujeito assumidas são instauradas por um arquivo histórico (FOUCAULT, 1987) que não deixa de considerar que a possibilidade de existência dos discursos também está na relação com o outro (LACAN, 1992). Nesse sentido, “Ninguém nasce borboleta”, são as (trans)formações discursivas e os modos de produção dos discursos que permitem que outros sentidos identitários possam ser (re)pensados. Observemos os dois últimos recortes:

Recorte 35:O autor expressa a vida de uma criança marcada pela ingenuidade, refletindo na sua escrita coloquial e em seu português padrão com intuito de relacionar com simplicidade e a pureza. Ao decorrer do conto, **temos um acúmulo de imaginações e realismo que se passa a história**, da relação do neto com avó e a borboleta que entra pela janela da cozinha, com **tamanha leveza o conto é descrito**. (*O caso da borboleta*, A7)

Recorte 36:É um conto singelo e simples, onde não foi necessário criar enredos para os personagens, pero da mesma forma **consegue nos conectar** a esta história, pode-se imaginar cada detalhe, **isso por parecer que já aconteceu algo parecido conosco**.

¹⁸⁷ Termo proveniente do latim *burrula* = *gracejo, brincadeira, farsa*; em italiano *burla* e em francês *burlesque*. Rotula as obras literárias ou teatrais que visam à comédia de obras clássicas de assunto sério como as epopeias, por meio do ridículo, da zombaria ou da paródia. Na Espanha, no chamado *Siglo de Oro* (Renascimento do século XVI até o Barroco do século XVII) essas produções foram muito comuns, justamente por combater o preciosismo temático e estilístico, além de uma sátira social.

¹⁸⁸Nos anos 90, o tema da violência urbana e das desigualdades sociais, tornaram-se enredos exóticos de mídia e comercialização editorial, com imagens exacerbadas de um realismo sanguinolento, mais palatável para o leitor urbano branco e de classe média e que identificava ali as representações com as quais estava habituado (HOLLANDA, 2014).

“Ninguém nasce borboleta”, **me levou a pensar** que ninguém nasce como realmente é e virá a ser, que **todos passamos** por transformações que são necessárias, e que com o tempo **nos adaptamos a** mudança.

Quando **ele diz** “Ninguém nasce borboleta” e “A borboleta é um presente do tempo” fez com que **eu me visse**, mas não só quando criança, onde descobrimos as primeiras coisas, **mas sim a toda minha vida até aqui** e todo o resto dela, que **sempre terá algo que não conhecemos ou sabemos, mas que ao conhece-los me transformará de alguma forma.** (*O caso da borboleta*, A8)

O conto *O Caso da Borboleta*, quarto conto da obra que serviu de leitura para as interpretações de (A7) (A8), recortes 35 e 36, respectivamente, narra, pela perspectiva de Breno, um garoto de 9 anos, os desdobramentos e reflexões de seu desejo de voar na vida, a partir da observação de uma borboleta que entrou na cozinha de sua casa, caiu em uma panela de óleo quente, debateu-se e morreu e, de um velho ditado de sua vó: “Lagarta queima o dedinho e come planta, mas vira borboleta. Ninguém nasce borboleta” (p. 33)

Ao dar às crianças e jovens a voz para desempenhar as ações de cada enredo, os “acontecimentos” discursivos, Martins, não só cria um universo ficcional para provocar reflexões sobre a infância nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros (DUPONT, 2020), como também, amplia e busca descontinuar, na série histórica e natural dos textos literários essas vozes, duplamente marginalizadas, “deixando vazar aqueles discursos para que falem por si” (FOUCAULT, 2003). Embora o foco narrativo e os personagens da obra sejam crianças e adolescentes, foi somente, neste conto e com (A7), que essa referência foi marcada, de forma direta, na materialidade do enunciado, *o autor expressa a vida de uma criança* (R35).

Adjetivos como *leveza, ingenuidade, pureza, singelo e simples* acompanham a descrição e impressão de (A7) e (A8) acerca da interpretação do conto e da construção discursiva subjetiva atribuída à Breno, uma criança imaginativa e reflexiva quanto ao seu presente e cheia de dúvidas e sonhos quanto ao futuro. O que abre caminhos para que, no trabalho de interpretação desses alunos, outros discursos, imagens e afetos possam ser estabelecidos.

Os questionamentos acerca da mutabilidade das coisas e, sobretudo, das pessoas, é a marca temática principal do conto, simbolizado por questões que vão muito além da transformação em que passam as borboletas, contribuindo para evocar uma rede de sentidos, das palavras e dos discursos e que buscam questionar as identidades fixas, ontológicas, fora de sua historicidade, “do mundo das significações que somos” (CORACINI, 2005, p. 25).

Resultado de uma rede constituída de fragmentos sempre vinculados à história e à ficção, nesses recortes, percebemos como o dizer desses alunos está fortemente marcado por um modo de ler, escutar e interpretar, esse conto, com um olhar que vem de dentro, impregnado por sua subjetividade e, também, pela interpretação das relações sociais e subjetivas acerca do outro, do personagem Breno e, em maior amplitude, dos outros personagens da obra. O uso da primeira pessoa no singular e no plural marcou essas produções, subjetivações, *me transformará; sempre terá algo que não conhecemos ou sabemos, mas que ao conhece-los me transformará de alguma forma* (R35); *eu me visse, todos passamos* (R36), demonstrando para além da marca sintática, o envolvimento discursivo e enunciativo desses alunos quanto à leitura e interpretação desse conto, que produz o efeito de aproximação com relação à matéria histórico-social e a denúncia/reflexão de um sistema que exclui.

Colocando-se, também, como agentes do discurso, (A7) e (A8), refletem as práticas dos processos de subjetivação de si e dos outros – do personagem Breno, levando-os a pensar e pelos desdobramentos do dizer, a repensar, *me levou a pensar* (R35), nas significações discursivas acerca de conhecimentos e reconhecimentos de si, de *toda minha vida até aqui*, e dos outros, *ninguém nasce como realmente é e virá a ser, que todos passamos por transformações que são necessárias; isso por parecer que já aconteceu algo parecido conosco* (R36) e que revela um outro *olhar sobre o outro*, que nos inaudíveis do discurso marcam também um novo *olhar sobre si*.

Ao explorar a força discursiva da obra de Geovani Martins e interpretar os temas e as construções identitárias dos personagens para além de uma retratação e/ou uma grafia identitária e/ou uma forma de ser social, os alunos, conforme observamos, a partir do recorte 29, apropriando-se do discurso de alteridade da obra, produziram sentidos que na/pela heterogeneidade de vozes da enunciação literária Marginal, olham a alteridade não como uma unidade, mas como uma forma de dizer sobre e a partir do sujeito discursivo marginalizado.

Essa tomada discursiva da palavra, por parte desse grupo de alunos, é representada/apresentada nos momentos enunciativos em que eles estabelecem com o discurso literário de *O Sol na Cabeça* uma interlocução enunciativa, seja pelas marcas em primeira pessoa, seja ao estabelecer com o autor/autoria, também, uma responsabilidade crítica ao perceber o outro como diferente. Isso, inclui, necessariamente, uma outra disposição para ler, escutar e interpretar essas narrativas, porque nem tudo que está escrito e/ou falado, está dito (DERRIDA, 1998), nem tudo é

veneno ou remédio (DERRIDA, 2005) já que produzir sentido “é uma questão de ângulo, de percepção ou de posição enunciativa” (CORACINI, 2005, p. 25), é *um* gesto de leitura. Uma forma de repensar e manifestar as subjetividades.

(IN)CONCLUSÕES

*[...] sempre terá algo que não conhecemos ou sabemos,
mas que ao conhecê-los
me transformará de alguma forma. (O caso da borboleta, A8)*

Esta pesquisa se desenvolveu a partir da investigação sobre como a linguagem do texto literário do escritor Marginal Geovani Martins, em seu primeiro livro de contos, *O Sol na Cabeça* (2018), constrói discursos sobre personagens em cenas cotidianas da favela e como um grupo de alunos-leitores interpretam essas construções discursivas.

A problematização engendrada diz respeito à maneira como o texto de Geovani Martins, perpassado por discursos de alteridade de uma autoria e territorialidade marginais (FERRÉZ, 2005), possibilita outros modos de significar e ser significada a construção identitária dos personagens, em face de marcas clássicas de representações, edificadas em causalidades sociais, biológicas, cristãs, sígnicas, de representação mental, dentre outras.

Para, portanto, entendermos como a linguagem da obra faz sentido frente a essa problematização, a análise partiu do par intradiscurso/interdiscurso (ORLANDI, 2004). Gesto analítico que nos permite relacionar no dito (intradiscurso) o já dito (interdiscurso), para buscar compreender como a memória discursiva inscreve traços no enunciador, deixa suas marcas no intradiscurso e aponta para propriedades do interdiscurso.

O aporte teórico da perspectiva discursivo-desconstrutiva, assim denominada para distingui-la de outras concepções discursivas, desenvolvida por Coracini (2003, 2007, 2010) e outros autores da Linguística Aplicada, no Brasil, respaldou a temática da tese na problematização do pensamento logocêntrico-cartesiano sobre a constituição identitária de personagens marginalizados.

As contribuições filosóficas, para além da compreensão ontológica do ser, propostas por Lévinas (1997; 2002) e pelos (du)elos dos pensadores que sustentam a perspectiva discursivo-desconstrutiva, Foucault, Derrida e Lacan e os estudos de crítica da literatura Marginal contemporânea brasileira (DALCASTAGNÉ, 2017; PATROCÍNIO, 2013, 2016; FERRÉZ, 2005, NASCIMENTO, 2006, 2019), também, foram importantes constructos teóricos que, na análise das condições de funcionamento

das práticas discursivas (FOUCAULT, 1987) no e pelo texto *O Sol na Cabeça*, somaram-se ao nosso gesto de leitura.

As noções de linguagem, subjetividade e discurso que sustentam a temática da pesquisa são destituídas de sentidos dados *a priori*. Entendidas em funcionamento, como lugares constantes de produção de sentidos, em síntese, nem a linguagem, nem a subjetividade e nem o discurso pode ser apreendido em totalidade. Desse modo, por língua(gem), não concebemos que há relação de dependência entre forma e conteúdo, fundamentalmente, objetivante pois, ela é opaca. Nas questões que envolvem a subjetividade, não se trata de análise/manifestação do pensamento, do comportamento e do saber dos homens (FOUCAULT, 2009), mas de como a subjetividade se constitui do/no exterior, por sua historicidade, como aponta Coracini (2005, p. 23), “das relações sociais que nos inserem, desde que nascemos”. E, discurso, não é a manifestação de um ser pensante, “um tesouro inesgotável de uma atitude exegética” (FOUCAULT, 1987, p. 139), mas como um conjunto de modos de dizer, proceder e pensar (enunciados).

Assim, ao problematizar os processos de construção discursiva identitária de personagens marginalizados, a partir de um texto da literatura Marginal brasileira, o que se visou foi, compreender como, nos conflitos e nos impasses do sujeito *de e pela* linguagem, constituído dentro de uma fala heterogênea e no despoder do discurso literário (DERRIDA, 2014) outras possibilidades de produção de sentido, manifestação de subjetividade, na alteridade, podem ser (re)pensadas, *transformada de alguma forma*, como no dito de A8, epígrafe que abre estas (in)conclusões.

Organizamos os resultados em duas seções de categorias de análise. A primeira, “Subjetividades marginalizadas *na obra: o olhar de si e do outro*” trata dos resultados de análise nas formas do discurso dos treze contos da obra e a segunda, “Subjetividades marginalizadas *sobre a obra: o olhar sobre o outro e sobre si*”, a partir das produções escritas de um grupo de alunos-leitores sobre como interpretaram a construção discursivo-identitária dos personagens.

No total, apresentamos 36 recortes discursivos, escolhidos na/pela posição da pesquisadora, também, participante no processo da pesquisa, na interpretação do outro/pesquisado (CORACINI, 1991), de acordo com o sistema de regularidades e dispersão dos enunciados sobre as representações identitárias dos personagens. Entendidas, nesta tese, segundo Coracini (2015), na articulação do pensamento de Derrida (1996), Lacan (1998) e Foucault (1999) no modo como cada um se vê e vê o outro, pelas representações que vêm do outro.

Desses 36 recortes, os 13 primeiros trazem categorias de análise a partir das práticas discursivas que envolvem o funcionamento da linguagem, no modo como o discurso literário de Geovani Martins constrói discursos sobre personagens em cenas cotidianas da favela. A regularidade enunciativa observada permite-nos afirmar que as marcas de subjetividade do autor, estabelecidas as amarras entre o linguístico, o histórico (FOUCAULT, 1987, 2002) e o simbólico (LACAN, 2007; CORACINI, 2007) depreendem efeitos de sentido de formas de experiência, a partir de outro ângulo, que contribui para distanciar do lugar comum de objetos do discurso os sujeitos/personagens à margem.

Isso, porque, ao estabelecer uma relação entre os dizeres e os poderes que constituem todos os sujeitos de linguagem, o discurso literário de Geovani Martins, na relação crítica com o conjunto de saberes discursivos sobre os temas do distanciamento social e geográfico que resulta da brutal exclusão dos personagens, das invisibilidades sociais, dos preconceitos, consumo de drogas, falta de apoio do poder público e “enfrentamentos” com a polícia, coloca em pauta, a possibilidade de apresentar uma outra discursividade, outros modos de realização desses discursos, a partir de importantes elementos identificadores de temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público *Marginais*.

O discurso literário da obra “inteiramente impregnado por sua subjetividade, que se constitui no/do exterior, por sua historicidade [...] pelas relações sociais que nos inserem [pelas relações que se inserem o dizer de Martins]” (CORACINI, 2005, p. 23), promulga um discurso próprio de resistência, não só por trazer a observação de vozes, silêncios e ambientes, como e, sobretudo, compreender o fazer literário e a linguagem como ação intersubjetiva, capaz de *existir/resistir* não porque pensam (como *Marginais*), mas, porque no e pelo discurso *Marginal*: “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1998).

Em síntese, o que observamos é que o enquadramento da obra, sublinhado por um fenômeno sociológico, marca e problematiza as desigualdades sociais não como o exame da relação do texto com o autor, com a realidade concreta e observável das periferias. Ao contrário, pois o que singulariza a produção de Martins são os *efeitos de realidade* da cenas narradas que buscam desaprisionar os personagens – crianças e jovens, moradores de comunidades, ao propor um outro ângulo/discurso.

Os 23 recortes restantes, também, agrupados em temáticas e que são discutidos na seção 4.2. compreendem as categorias de análise das produções do alunos sobre o

processo de construção discursiva dos personagens e teve por objetivo identificar e analisar como esse grupo de alunos interpreta as representações identitárias dos personagens e que, irremediavelmente, também fazem emergir efeitos de sentido de marcas de subjetividade de si (CORACINI, 2015).

De modo geral, essas interpretações resultaram de leituras ancoradas em regularidades históricas de representação identitária como pura representação, em uma correferencialidade de uma realidade concreta e observável, racionalista e preconceituosa. Isto posto, poderíamos constatar que a hipótese assumida de que o discurso de alteridade da obra não é apropriado pelo grupo de alunos-leitores, pelo fato de interpretarem o texto sobre/dos sujeitos/personagens marginalizados, enquanto não constituído histórico e ideologicamente pelo outro, ou seja; compreendem pela lógica da legibilidade (HAROCHE, 1992), da predominância da racionalidade, do logocentrismo, foi confirmada.

Entretanto, conforme apresentamos nos recortes de 29 a 36, alguns alunos, ao interpretarem os contos, apropriaram em seus dizeres, alguns discursos críticos da obra, sobretudo, no que diz respeito à questão das invisibilidades sociais, em que a noção de causalidade social não é fator fundamental e simplificador, mas formas de se pensar relações de poder, *raízes de um porquê* (R34, A10). Essa observação, portanto, permite-nos, afirmar, então, que, em parte, a hipótese foi refutada, uma constatação, entretanto, que contribui de maneira positiva aos propósitos da tese que buscou, pela investigação discursivo-literária, discutir os meios de realização dos discursos e como esses podem, na relação crítica com os saberes discursivos, propor outros modos de pensar as relações sociais, os sujeitos e os discursos que nos constituem e constituem o outro.

Ao indagarmos como se vê e é visto, nas produções literárias Marginais contemporâneas os personagens marginalizados e que discursos atravessam o seu dizer, podemos dizer que muitos do atravessamentos discursivos, na obra, ancoram-se em discursos críticos das relações sociais de poder. Nesse sentido, o modo como os personagens são construídos, se veem e são vistos, mantém relação com uma heterogeneidade constitutiva do dizer sobre os modos de representação identitária de personagens marginalizados que problematiza como a memória discursiva pode e deve ser questionada quando em destaque estão outros ângulos, outros sujeitos produtores de sentido manifestando suas subjetividades.

Sobre a segunda pergunta de pesquisa: Quais estratégias linguístico-discursivas utilizam, tanto na linguagem da obra quanto nas produções escritas dos alunos, para

interpretar como é construída a constituição identitária dos personagens, em face das marcas clássicas de representações, na obra, elas consistiram da utilização de uma escrita apoiada a partir de um realismo imaginativo, que descreve cenas e fatos de uma realidade social, não como uma manifestação objetiva, mas com um olhar realista que trabalha com a experiência e a imaginação, apresentando conflitos sociais e não detalhando-os.

Construídos ao longo da narrativa, os conflitos e as identidades dos personagens, nunca estão/são prontas e, é por meio dos conflitos sociais que os conflitos pessoais são apresentados, em um constante jogo de representação de si e do outro. A identidade linguística é outro recurso que possibilita à obra uma importante dimensão histórico-social dos usos linguísticos, não só na literatura, já que, também, estabelece com a língua(gem) empregada pressupostos críticos com uma das formas de racismo mais institucionalizada em nossa sociedade— a do preconceito (social) linguístico.

No *corpus* formado pelas produções escritas dos alunos, sobretudo, nos recortes de 15 a 28, os usos regulares de verbos de referencialidade como *apresentar, retratar, mostrar* e vocábulos como *pobreza, criminalidade, drogas, dificuldades (de todas as ordens), tráfico, conflitos policiais, overdose, palavras de baixo calão* apresentam/representam como, no dizer desses jovens-leitores, formações discursivas afetadas por uma memória histórica (clássica) de marginalização associa a *identidade*¹⁸⁹ dos personagens ao crime e à violência. Uma descrição evidente e natural de atestados sociais e discursivos de *lettre de cachet* (FOUCAULT, 2003) resultado de atravessamentos discursivos racionalistas, racistas, discriminatórias, decorrentes de teorias existencialista, deterministas de representações sociais.

Já nas produções dos alunos, identificadas como recortes de 29 a 36, as estratégias linguístico-discursivas como: o uso de termos filiados a discursos de responsabilidade social, envolvimento enunciativo e discursivo, para além da marca sintática, com o uso da primeira pessoa no singular e no plural, modalizadores discursivos e marcas de uma heterogeneidade constitutiva e mostrada do dizer (“presença” fragmentada do discurso do autor) reforçam a observação de uma aproximação crítico-discursiva com o discurso de alteridade obra.

E sobre a terceira pergunta de pesquisa, os resultados de análise deixaram entrever que as representações identitárias dos sujeitos/personagens marginalizados, nas

¹⁸⁹ No singular, para referir-se à singularidade, homogeneidade.

produções escritas dos alunos, desloca sentidos para o processo de subjetivação desses alunos-leitores, no momento que ao interpretarem as construções discursivas identitárias dos contos, produzem sentidos para além do dito/narrado, manifestando subjetividades na e pela voz do outro/Outro.

Enfim, constatamos, pelos resultados de análise que embora, nem todos os alunos-leitores tenham interpretado os discursos de alteridade, assinalados na obra, que (re)conhece nas singularidades das situações narradas/vivenciadas, uma relação entre representação e identidade na/pela alteridade, àqueles que, de certa forma, aproximaram-se dos discursos críticos da obra, observadas as amarras na linguagem, no discurso e na subjetividade, demonstram que ainda há muito o que se percorrer, mas os passos estão sendo dados.

Que os estudos sobre discursos e subjetividades constituem, hoje, um importante mecanismo para se pensar os sujeitos contemporâneos, já que possibilitam, colocar em discussão, algumas situações naturalizadas pelo hábito e que, por isso mesmo, parecem, inquestionáveis (CORACINI, 2003) é uma constatação. Entender a produção e a interpretação literárias dentro de *uma ordem do discurso* é uma dessas situações naturalizadas, assim que trazer *outra ordem* para o debate, contribui para a ampliação de um “outro olhar” para “velhas verdades”. Eis nosso gesto de leitura.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luzia. *Escrita e Marginalidade: o (des)velamento do discurso de alunos de nível de Ensino Médio*. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2010. 119f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2010.
- ALVES, Rôssi. Resistência e empoderamento na literatura urbana carioca. In: *Revista de Estudos Literários Brasileiro Contemporâneo*. Universidade de Brasília, n.49, set/dez. 2016, p.183-202. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S231640182016000300183&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 26 de jan. de 2021.
- AMARAL, Pauliane; RODRIGUES, Rauer Ribeiro. As memórias de si: a subjetividade na Literatura Brasileira Contemporânea. In: *Scripta Uniandrade*, Curitiba, PR, v. 12, n. 1, 2014. (p. 85-105)
- ANDRADE, Eliane Righi; AMARANTE, Maria de Fátima Silva. O sujeito *prêt-à-porter*: Consumo e construção de subjetividades na contemporaneidade. *Agália. Revista de Estudos na Cultura*, 2015. (p. 73-98)
- ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo : Cultrix, 2000.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas/SP: Pontes, 2006.
- BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- BOTTON, André Natã Mello. *Realismo e violência em romances da literatura marginal-periférica brasileira: a representação da favela*. Porto Alegre: PUCRS, 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- BUTLER, Judith *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. la ed. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- BRANDÃO, Helena N. Subjetividade, representação e sentido. In: BRANDÃO, Helena H. Naganmine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.(p. 33-45)

CALEGARI, Lizandro Carlos. O cânone literário e as expressões de minorias : implicações e significações históricas. In : FOSTER, David W. (Orgs). *Excluídos e marginalizados na literatura : uma estética dos oprimidos*. Santa Maria : Editora da UFSM, 2013.

CANDIDO, Antonio. ROSENFELD, Anatol Rosenfeld. PRADO, Decio de Almeida. GOMES, Paulo Emílio Sales. *A Personagem de Ficção*. 2ª ed. São Paulo :Editora Perspectiva, 1967.

CARVALHO CASTILHO, Élide Cristina de. NASCIMENTO, Celina Aparecida Garcia do. Um olhar discursivo sobre sujeitos e subjetividades negras na literatura brasileira. In: *Revista Metalinguagens*. v. 7, n. 2, Novembro de 2020.(p. 219-242)

CARVALHO CASTILHO, Élide Cristina de; LIMA, Danuza; PROCKNOV, Rafaela; RODRIGUES, Sandra Salavandro; MARINHO, Márcio Vidal. Mesa redonda 3: Vozes periféricas na literatura brasileira. In: *III Jornada de Letras do IFSP Campus Avaré e II Congresso Nacional de Ensino-aprendizagem de Línguas*. Avaré, de 23 a 25 de setembro de 2020 [evento online]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=87DVb-Gun6w&t=539s>>. Acesso em: 18 de março de 2021.

CARVALHO CASTILHO, Élide Cristina de. *Olhar discursivo sobre língua e sujeito: alunos de língua espanhola do Mato Grosso do Sul*. Três Lagoas: UFMS, 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2016.

CORACINI, Maria José de Faria. Representações de professor: entre o passado e o presente. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.132-161, jan./jun.2015. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>. Acesso em: 04 de março de 2022.

CORACINI, M. J. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a impossibilidade de ensinar. In: CORACINI, M. J.; ECKERT-HOFF. B. M. (orgs.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 17-50.

CORACINI, Maria José de Faria. *Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, 11 (1), 2010a. (p. 91-112)

CORACINI, Maria José de Faria. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira)*. Plurilingüismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, Maria José de Faria. Concepções de leitura na (pós-) modernidade. In: LIMA, R. C. de C. P.(org.). *Leituras: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Inifeob, 2005. (p. 15-44)

CORACINI, Maria José de Faria. BERTOLDO, Ernesto Sérgio. (Orgs). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discurso sobre e na sala de aula*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

CUNHA, Vanessa Augusta Cortez dos Santos. *O sol na cabeça e os campos de força da bios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019. 69 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. São Paulo: 2018. *Revista CULT*, São Paulo, Edição 231, 5 de fevereiro de 2018. Entrevista concedida a Amanda Massuela. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> Acesso em 15. maio. 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina (org). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre/RS: Zouk, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, 2007 (p. 18-31)

DA ROSA, Marluza. RONDELLI, Daniella Rubbo R. PEIXOTO, Mariana B. S. Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada: (du)elos e (des)caminhos. *Revista Delta* [online]. 2015, vol.31, n.spe, pp.253-281. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/delta/v31nspe/1678-460X-delta-31-spe-00253.pdf>> Acesso em: 04 de jan. de 2021.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad.: Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad.: Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução de Rogério Costa. 3ª ed. São Paulo: Editora Iluminas, 2005.

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. Trad. Érica Lima. In: OTTONI, Paulo (Org). *Tradução – a prática da diferença*. Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp/ Fapesp, 1998. (p. 19-25)

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Costa e António Magalhães. Campinas/SP: Papirus, 1991.

DIAS, Silvelena Cosme. *Simulacros desterritorializados: uma análise do discurso sobre as novas tecnologias em materiais didáticos de LI*. Campinas:UNICAMP, 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

DOMINGOS, Ricardo Ibrhaim Matos. Mal de cooperifa: a criação de um arquivo na literatura marginal. In: *Revista Landa*. Revista do Núcleo Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos Universidade Federal de Santa Catarina, vol. 3, n. 2, 2015.(p. 129-142)

ENEDINO, Wagner Corsino. Em torno do conceito de marginalidade. In: ENEDINO, Wagner Corsino. *Entre o limbo e gueto: literatura e marginalidade em Plínio Marcos*. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2009. (p. 39-47)

FERNANDES, Rinaldo de. O conto brasileiro do século XXI. In: *Revista Graphos*, vol. 14, nº 1, UFPB/PPGL, 2012. (p. 173-188)

FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ (Org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. (p. 9 -13.)

FERRÉZ. “Manifesto de Abertura: literatura marginal”. *Caros Amigos: literatura marginal - A cultura da periferia - Ato I*. Ago., 2001.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Objetiva, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro, Forense, 1987.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995. (p.01-14)

FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (p. 03 – 21).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 2003 (p. 89-128).

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, Manuel Barros da. (Org). *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004 (p. 144-162) (Coleção Ditos& Escritos V).

FOUCAULT, Michel. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). *Michel Foucault: estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004a, (p. 338-339) (Coleção Ditos & Escritos V)

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980). Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Tradução de Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A grande estrangeira: sobre literatura*. Tradução de Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a.

GONÇALVES, Evanilton. *Com O sol na cabeça, Geovani Martins se revela uma das vozes mais promissoras da literatura brasileira contemporânea*. Notícias. Blog da Companhia, abril de 2018. Disponível em: <<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Com-O-sol-na-cabeca-Geovani-Martins-se-revela-uma-das-vozes-mais-promissoras-da-literatura-brasileira-contemporanea>> Acesso em: 29 de junho de 2019.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Tradução Eni P. Orlandi. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

HENGE, Gláucia da Silva. Texto e interpretação: aproximações entre análise do discurso e literatura. In: *Revista Interletras*, v. 03, edição número 20, Outubro, 2014Março, 2015.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Crônica Marginal. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÓ, Ettore (org.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

KLEIMAN, Ângela. Agenda de pesquisa ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L.P. (org) *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonietta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. (p. 39-58)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: O sinthoma*. Trad.: Sergio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidad e infinito: Ensayo sobre la exterioridade*. Salamanca/Espanha: Ediciones Sígueme, [1961] 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Tradução de Pergentino Stefano Pivetto; Evaldo Antônio Kuiava; José Nedel; Luiz Pedro Wagner e Marcelo Luiz Pelizolli. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

LINHARES, Vinícius Lourenço. Capa, orelhas e quarta capa como espaços enunciativos de promoção de obras literárias. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 3, p. 517-532, set./dez. 2020.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, Eni. P. (Org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2014, (p. 17-30).

MARIANI, Bethania. MAGALHÃES, Belmira. Lacan. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org). *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. (p. 101-121)

MARIANI, Bethania. Sentidos de Subjetividade: imprensa e psicanálise. In: *Revista Polifonia*, Cuiabá, v. 12, n. 01, 2006. (p. 21-45)

MARTINS, Geovani. *O Sol na Cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MELLO, Renato de. *Análise do Discurso & Literatura* (Org). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte: 2005.

MISSE, Michel. As drogas como problema social. *Revista Periferia*, Dossiê “Drogas”, vol. 3, número 2., jul/dez. 2011.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. Prosa I. 21ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. (p. 29-101)

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano. In: DALCASTAGNÈ, Regina. TENNINA, Lúcia. *Literatura e periferias*. Porto Alegre/RS: Zouk, 2019. (p. 15-38)

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *“Literatura marginal”*: os escritores de periferia entram em cena. (Dissertação de Mestrado), Universidade de São Paulo, 2006.

NETO, João Leite Ferreira. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. In: *Revista Polis e Psique*, 7(3), 2017. (p. 7 – 25). Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v7n3/n7a02.pdf>> Acesso em: 24 de jan. de 2021.

NEVES, Lais Mendes Botelho das. NEVES, Jonas Anderson Simões das. A marginalidade enquanto identidade: a literatura de periferia e o empoderamento cultural de seus sujeitos. *Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, v. 02, nº 01, 2016, p. 213-228. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/312478339_A_Marginalidade_Enquanto_Identidade_A_Literatura_de_Periferia_e_o_Empoderamento_Cultural_de_Seus_Sujeitos> Acesso em: 15 de dez. de 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Introdução. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org). *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. (p. 7-15)

ORLANDI, Eni. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas/SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas/ SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. P. (Org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2014.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Subalterno, periférico e marginal. Os novos sujeitos da enunciação no cenário cultural brasileiro. In: ALMEIDA, Júlia. SIEGA, Paula (Orgs). *Literatura e voz subalterna*. Espírito Santo: Edufes, 2016, (p. 149-170)

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Só há causa naquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da análise de discurso. In: DIAS, Cristiane; PETRI, Verli (Orgs.). *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 39-48.

PIMENTEL, Davi Andrade. O sol na cabeça, de Geovani Martins: a literatura do morro. In: *Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 252-273, 2020

PINTO, Joana Plaza. FABRÍCIO, Branca Falabella (Orgs.). Introdução – Inclusão e exclusão em práticas discursivo-identitárias: microrresistências e possibilidades de agenciamento. In: PINTO, Joana Plaza. FABRÍCIO, Branca Falabella. *Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cânone Editorial, 2013, p. 11-31.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: CAMPUS AVARÉ. Agosto de 2020. Disponível em: <<https://avr.ifsp.edu.br/images/pdf/documentosinstitucionais/PPP%20AVR%20-%202020-2024.pdf>> Acesso em: 19 de fev. de 2021.

RALLO, Elisabeth Ravoux. *Métodos de Crítica Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RESENDE, Beatriz. Possibilidades da escrita literária no Brasil. In: RESENDE, Beatriz. Finazzi-Agró, Ettore. *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014. (9-24)

ROCHA, Décio. DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. In: *Revista Alea*. V.7, nº 2 (julho-dez de 2005), p. 305-322.

ROCHA, João César de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a “dialética da marginalidade”. In: *Revista Letras*. Nº 32 (jan - jun de 2006).Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r32/revista32_2.pdf> Acesso em: 16 de dez. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. In: DALCASTAGNÈ, Regina (org). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre/RS: Zouk, 2017.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. Marginalidade: exclusão e identidade autoral. In: MOITA LOPES, Luis Paulo de; BASTOS, Liliana Cabral. *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. (p. 167-179).

SILVA, Jonathan Chasko da Silva; ARAÚJO, Alcemar Dionet de. A metodologia de pesquisa em Análise do Discurso. *Grau Zero — Revista de Crítica Cultural*, v. 5, n. 1, 2017 (17-31)

SILVA, Denise Almeida. Entre imposição e proposição: reflexões sobre a literatura marginal brasileira. In: FOSTER, David W. (Orgs). *Excluídos e marginalizados na literatura : uma estética dos oprimidos*. Santa Maria : Editora da UFSM, 2013. p. 271-306.

SINHORETTO, Jacqueline. Comunicação pessoal, na palestra: Juventude, controle do crime e racismo institucional, no evento *Jovens, racialização e criminalização*, promovido em formato digital pelo CES/Coimbra em 21 de junho de 2021.

TODOROV, Tzvetan. Linguagem e Literatura. In: TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. [tradução Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Perspectiva, 2006

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística* [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2002.

geovani martins

O sol na cabeça

Contos



Copyright © 2018 by Geovani Martins

¹⁹⁰ Disponível em: <<https://cdl-static.s3-sa-east-1.amazonaws.com/trechos/9788535930528.pdf>> Acesso em: 12 de jan. de 2021.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Marise Leal Fernando Nuno

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, então não emitimos opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip) (Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Martins, Geovani

O sol na cabeça : contos / Geovani Martins. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

isbn 978-85-359-3052-8

1. Contos brasileiros i. Título.

17-11337

cdl-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32 04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Rolézim,	9
Espiral,	17
Roleta-russa,	23
O caso da borboleta,	33
A história do Periquito e do Macaco,	37
Primeiro dia,	45
O rabisco,	51
A viagem,	59
Estação Padre Miguel,	71
O cego,	85
O mistério da vila,	91
Sextou,	99
Travessia,	113

Rolézim

Para Matheus, Alan e Gleison

Acordei tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava der- retendo. Não dava nem mais pra ver as infiltração na sala, tava tudo seco. Só ficou as mancha: a santa, a pistola e o dinossauro. Já tava dado que o dia ia ser daqueles que tu anda na rua e vê o céu todo embaçado, tudo se mexendo que nem alucinação. Pra tu ter uma ideia, até o vento que vinha do ventilador era quente, que nem o bafo do capeta.

Tinha dois conto em cima da mesa, que minha coroa deixou pro pão. Arrumasse mais um e oitenta, já garantia pelo menos uma passagem, só precisava meter o calote na ida, que é mais tranquilo. Foda é que já tinha revirado a casa toda antes de dormir, catando moeda pra comprar um varejo. Bagulho era investir os dois conto no pão, divulgar um café e partir pra praia de barriga forrada. O que não dava era pra ficar fritando dentro de casa. Calote pranósélixo, tutáligado, o desenrolo é forte.

Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco. Até então tava geral na merma meta: duro, sem maconha e querendo curtir uma praia. A salvação foi que o Teco tinha virado a noite dando uma moral pros amigo na endola, aí ganhou uns baseado. Uns farelo que sobrou do quilo. Arrumou até uma cápsula. O caô era que ele queria ficar morgando em casa invés de partir com nós. Teco é maluco. Até parece que ia conseguir dormir com aquela lua. Geral falou que na praia ele ia ficar tranquilão, só palmeando as novinha, dando uns mergulho pra refrescar a carcaça. Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir que nem criança. Ele disse que deixava um baseado com nós, mas que ia marcar em casa mermo. Sorte foi que o Vitim conseguiu instigar ele a dar um belengo pra ficar na atividade. Acho que era isso mermo que ele queria, um parceiro pra meter o nariz com ele, pra não ficar sozinho na onda. Oprimido. Esses moleque gosta muito, papo reto, nunca vi! Dez da manhã, um sol da porra, e eles metendo a nareba.

Eu nunca cherei. Lembro de quando meu irmão chegou do trabalho boladão, me chamou pra queimar um com ele nos acessos. Queria ter uma conversa de homem pra homem co- migo, senti na hora. A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. Tava pancadão na bike, se pá até indo de missão comprar mais, quando caiu no chão. Já caiu duro. Overdose. Tinha a idade do meu irmão na época, pô. Vinte dois! Nunca tinha visto meu irmão daquele jeito, eles era fechamento mermo. Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado. Nada de pó, nem crack, nem balinha, esses bagulhos. Até loló ele falou que era pra eu não usar, que loló derrete o cérebro. Sem contar os neguim que já rodaram com parada cardíaca porque se

derramaram na loló. Naquele dia prometi pra ele e pra mim que nunca que ia cheirar cocaína. Fumar crack muito menos, tá maluco, só derrota. Loló eu até dou uns puxão às vez, no baile, mas me controlo. Hoje eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda. Pra tu ver, no meu aniversário fiquei doidão, vacilando. Por causa de quê? Cachaça! O pior é que eu nem lembro de nada. Tava bebendo lá na treta do Tico e do Teco, jogando ronda, quando vi tava acordando em casa, todo sujo. Noutra dia é que me contaram o caô. Falaram que fiquei mexendo com as mina na rua, até segui uma novinha no beco. Mó papo de vacilação. Se vagabundo me pega numa dessa tomo um coro. Pega a visão.

O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado. Tava osso. O que salvou a viagem foi ficar marolando, vendo o Vitim e o Teco, os dois tava trin- cadão, mordendo as orelha. Papo reto, eu não entendo pra que que nego usa droga pra ficar oprimido, batendo neurose com tudo. Que nem no dia que tava eu e o Poca Telha quei- mando um na laje da tia. Do nada brotou o Mano de Cinco com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha. Caralho, menó... Se derramaram legal, uma linha atrás da outra, os paraíba ficou tudo como, com uns olho desse tamanho, se mordendo todo. Aí um dos pancados já começou ouvir barulho onde não tinha e nós rindo à vera. O Mano de Cinco, que é mó piada também, deu trela, cismou que era os polícia entocado na laje ali do lado, preparando pra dar o bote neles. Mano, os pará peidou na hora, saíram voado, descendo a laje. Foi muito engraçado! Eles andando lá embaixo na rua, tudo escaldado, se escondendo nos muro, com medo dos polícia brotar.

Operação mermo só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do Jean. Sem neurose, gosto nem de lembrar, tu tá ligado, o menó era bom. Só queria saber de jogar o futebol dele, e jogava fácil! Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional. Já tava na base do Ma- dureira, logo iam acabar chamando ele pra um Flamengo, um Botafogo da vida. Pronto! Tava feito! Mó saudade daquele filho da puta, na moral. Até no enterro o viado tirou onda, ti- nha umas quatro namorada chorando junto com a mãe dele. Esses polícia é tudo covarde mermo, dando baque no feriado, com geral na rua, em tempo de acertar uma criança. Tem mais é que encher esses cu azul de bala. Papo reto.

Chegamo na praia com o sol estalando, várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer. Saí voado pra água, mandando vários mergulho neurótico, furando as onda. A água tava gostosinha. Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu. O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e os cana ali. Esses polícia de praia é foda. Tem dia que eles fica sufocando legal. Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá. Sei é que quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado. Coisa boa num é!

Quando finalmente os filho da puta decidiu meter o pé, outro perrengue: ninguém tinha seda! Mó parada, né não, menó? Vários pulmão de aço no bagulho e nenhuma seda. Pior é que perdemos um tempão só pra decidir quem ia na missão de arrumar a roupa. Ninguém queria pedir pros maconheiro playboy lá da praia, tudo mandadão, cheio de marra. Quando eles tão sozinho, olha pra tu tipo que com medo, como se tu fosse sempre na intenção de roubar eles. Aí quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu. É foda.

O Tico e o Poca Telha tentaram a sorte e não deu outra. Tinha dois menó ali perto de nós com mó cara de quem dá um dois. Desde que nós chegou que eles tava ostentando. Passava mate eles comprava, passava biscoito eles comprava, açai comprava, sacolé comprava. Deviam tá mermo era numa larica neurótica. Eu já tinha palmeado pelo menos uns dois menózim que tavam

escoltando eles, só no aguarde pra dar o bote. E eles lá, panguando, achando que o bagulho é Disneylândia. Sem contar os camuflado de trabalhador, que ficam só de olho em quem tá de malote, esperando a boa. O que me deixa mais putó é isso, menó. Tava os dois lá, de boqueira. Aí, quando chegou o Tico mais o Poca Telha pra pedir um bagulho pra eles, na humilde, ficaram de neurose, meio que protegendo a mochila, olhando em volta pra ver se num vinha polícia. Num fode! Tem mais é que ser roubado mermo, esses filho da puta. Não fosse minha mãe eu ia meter várias paradas na pista, sem neurose, só de raiva. Foda é que a coroa é neurótica. Ainda mais depois do bagulho que aconteceu com meu irmão. Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no Padre Severino ela nunca mais olha na minha cara. Bagulho é doido! Num fosse eu pra desenrolar, nós tava fodido. Os menó ainda deram mais um rolé, mas não arrumaram nada. Só um sedanapo com o amigo da barraca que tava na intenção de dar um dois com nós. Foda é que ninguém mais quer saber de napo, bagulho agora é só smoking. Antigamente vagabundo fumava até na folha de caderno, no papel de pão. Agora é essa memeia. Ganhei pro calçadão e estourei a boa: arrumei foi uma da vermelha. Tu tá ligado que se apertar no talento dá até pra cortar no meio e fazer duas. Os menó ficaram de boqueira comigo.

Pior que foi tranquilão pra arrumar a seda, pedi pra um rasta que tava vendendo pulseira do reggae. Maluco resposta, me salvou até um cigarro! Me deu o papo pra ficar na atividade, que os verme tava de maldade naqueles dias. Mataram um boliviano na areia, aí os cana tava sufocando na praia, com medo de morrer mais gente, se pá até um morador ou um gringo, e aí ia dar merda braba, tá ligado? Manchete no jornal, Balanço Geral, esses caô.

Mas os verme tavam de boqueira no bagulho, não ia morrer mais ninguém ali não. Tava tranquilo, a parada tinha sido papo de cobrança e o maluco que passou o boliviano tinha dado até um tempo da praia. O rasta mandou ficar na atividade se fosse fazer qualquer correria, mas eu disse pra ele que tava de boa, só queria curtir mermo uma praia, fumar meu baseadinho na humilde. Ele falou pra eu não perder nunca minha fé em Deus. Era um maluco maneiro, o rasta. Cria lá do Maranhão, ele. Disse que a maconha lá é arregada, que geral fuma, que ele começou a fumar com dez anos, que nem eu.

Depois do baseado fiquei viajando, olhando as gaivota voando no céu. Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola. Quando não dava mais pra aguentar o calor, fui gastar minha onda na água. Foi a melhor parte: peguei vários jacaré bolado, ficava marolando rodando o corpo todo até a onda me deixar na areia. Depois ficamo geral disputando quem conseguia ficar mais tempo debaixo da água, mó perrengue! Só fumante no bagulho!

Mas a onda máxima foi quando nós tava já saindo da água: os playboy que fez miserinha de seda tavam tirando foto, pagando de divo no bagulho. Quando foram ver, não viram nada. Dois menó passou voado e levaram as mochila com tudo dentro. Depois se enfiaram no meio da praia lotada. Os play ficou de bucha, com o celular na mão, panguando. Aí passou mais um menó e levou o celular também. Achei foi bem feito pra deixar de ser otário. Eu e os menó rimo pra caralho da cara deles. Os comédia meteu o pé, levando só a canga. Depois fiquei pensando nos menózim que saíram no pinote. Os menó era tudo rataria, mas o rasta já tinha dado o papo que a praia tava lombrada. Fiquei torcendo pra eles não cair na mão dos verme, tá ligado?

Quando nós viu já era quase de noite. Uma larica que, sem neurose, era papo de quarenta mendigo mais vinte crente. Tava na hora de meter o pé. E foi aí que rolou o caô. Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente.

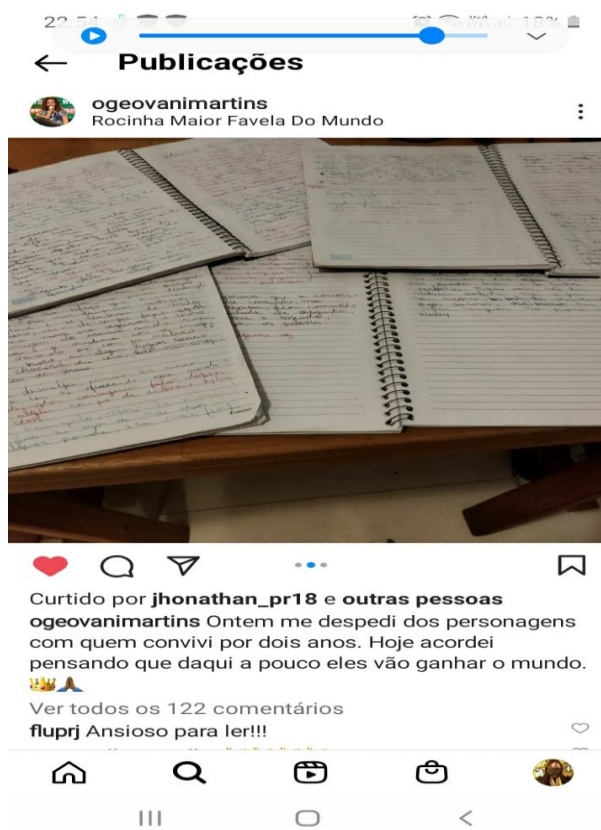
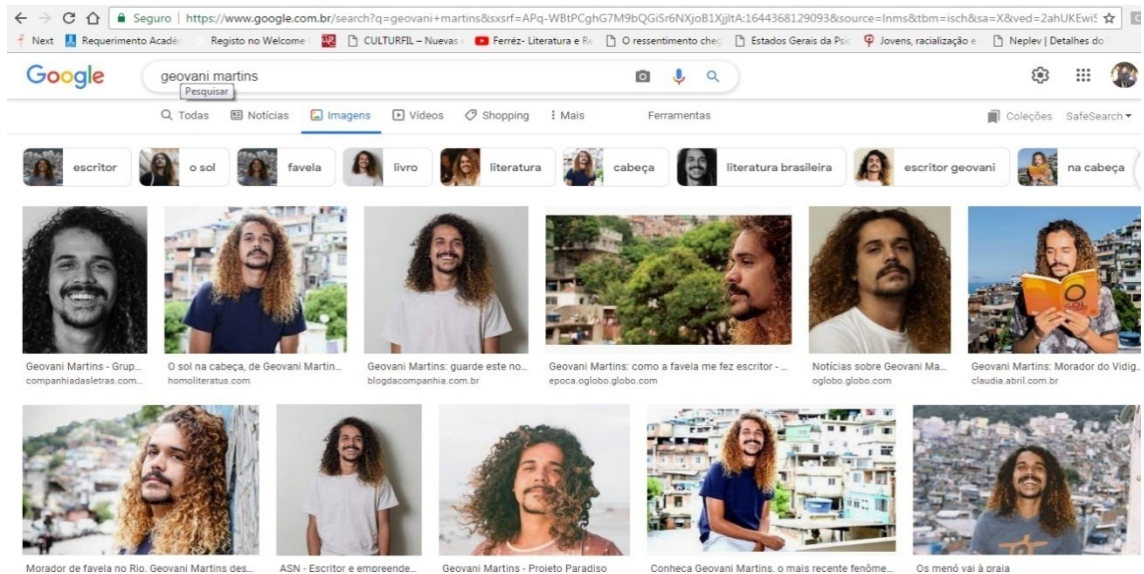
Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro,

o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me en- goliu na porrada.

Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voado. O cana gritou na hora que ia aplicar. Passei mal, papo reto, fui correndo com o cu na mão, queria nem olhar pra ver qual ia ser. Lembrei do meu irmão, de nós jogando golzinho na rua. Ele era sempre o mais rápido, era neurótico na corrida. Eu tava correndo quase que nem ele, no desespero. Quase chorei de raiva. Eu sei que o Luiz não era X9, meu irmão nunca que ia xisnovar ninguém, morreu foi de bucha, no lugar de um vacilão desses daí que o mundo tá cheio. Isso sempre me enche de ódio.

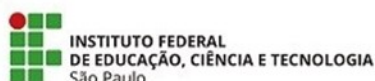
Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua que protege minha avó, de- pois o Jesus das minhas tias. Eu não sei como conseguia correr, menó, papo reto, meu corpo todo parecia que tava trava- do, eu tava todo duro, tá ligado? Geral na rua me olhando. Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menó. Passe
batido.

ANEXO B: Geovani Martins na/pelas lentes da mídia



¹⁹¹ Postagem do autor no dia 07/02/2022

ANEXO C



TERMO 61/2020 - CLL-AVR/DAE-AVR/DRG/AVR/IFSP

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Título do Projeto: Poder e resistência na e sobre a construção da identidade de personagens marginalizados na obra "O Sol na Cabeça", de Geovani Martins

Pesquisador responsável: Élide Cristina de Carvalho Castilho

Orientadora responsável: Profª. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento

Local da Pesquisa: Instituto Federal de São Paulo, campus Avaré

Endereço: Av. Prof. Celso Ferreira da Silva - Jardim Europa II, Avaré - SP, 18707-150

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer. Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

I - Pesquisa e procedimentos

Informação ao Participante:

O que é uma pesquisa?

Uma pesquisa é um conjunto de ações e práticas que visam descobrir e coletar dados sobre um assunto, com o intuito de ampliar o conhecimento, possibilitando desenvolver estudos para atender a uma demanda específica.

Objetivo desta pesquisa: Analisar como os alunos interpretam o funcionamento discursivo das falas dos personagens marginalizados e, sua consequente representação identitária, do livro de contos "O Sol na Cabeça", de Geovani Martins.

Para que fazer a pesquisa?

A pesquisa tem por finalidade verificar e discutir, nas condições de emergência da obra e em torno da prática de leitura e consumo da mesma, como os alunos-leitores constroem as representações identitárias desses personagens; analisando, quais problematizações do pensamento logocêntrico-cartesiano sobre esses personagens são desestabilizados e, desse modo, refletir e problematizar as representações sócio-históricas sobre personagens marginalizados no campo literário e social.

Como será feita?

Você precisará assistir a 1 aula ministrada pela pesquisadora e, após a leitura de um dos contos do livro, responder por escrito, a uma pergunta sobre a construção identitária dos personagens do conto lido. A pesquisa será durante as aulas do 3º ano do curso integrado ao Ensino Médio do IFSP, Campus Avaré, no ano letivo de 2020. Tais atividades acontecerão no decorrer do 2º semestre de 2020.

A pesquisa apresenta riscos e/ou desconforto?

Embora se trate de uma pesquisa estritamente didática e pedagógica, contribuindo assim para a formação do aluno, bem como seu aprimoramento dos conhecimentos dos discursos dos textos literários contemporâneos, acredita-se que as atividades propostas possam trazer alguns riscos, como exposição, inibição e/ou constrangimento à presença do pesquisador, bem como ao receio à incorreções gramaticais, de coesão e coerência, na elaboração da produção escrita.

Quais os procedimentos que serão tomados caso a pesquisa apresente riscos e/ou desconforto?

Em caso de qualquer desconforto de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual imediato ou tardio, será atendido prontamente pelo pesquisador responsável, cabendo a ele as medidas necessárias para a resolução do problema, incluídas, caso necessário, encaminhamento do pesquisado à Coordenadoria Sócio-pedagógica do campus, para atendimento com uma junta multiprofissional, composta por pedagogos, psicólogo e assistente social.

Quais os benefícios esperados com a pesquisa?

Espera-se contribuir, acadêmica e socialmente, na problematização das representações identitárias de minorias, sejam elas nas brancuras das páginas literárias, sejam na sociedade em geral, além do desenvolvimento de um trabalho pedagógico-escolar mais crítico e reflexivo, no sentido de aprimorar e produzir conhecimento sobre os discursos de textos literários.

II - Sigilo/Anonimato

O pesquisador assegura o total sigilo e anonimato dos sujeitos investigados, uma vez que a intenção não será avaliar nem coletar dados a respeito da aprendizagem individual e nem coletiva, assim como também não serão tiradas fotos e nem realizadas gravações. A intenção é apenas verificar como, na percepção dos contos, os alunos interpretam a construção discursiva identitária desses personagens marginalizados.

III- Liberdades/Garantias

A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar não terá nenhum prejuízo no seu atendimento e/ou tratamento e/ou rendimento escolar, podendo retirar-se da pesquisa a qualquer momento, estando apenas obrigado a frequentar normalmente as aulas ministradas pelo(a) professor(a) da turma, que permanecerá em outro local/sala dentro das dependências do IFSP, Campus Avaré, dando continuidade ao conteúdo programático planejado ou na realização de outra atividade que julgar pertinente. Além disso, fica garantido ao participante não responder à pergunta norteadora ou não participar de momentos que possam causar-lhe constrangimentos de qualquer natureza.

IV – Procedimentos

Que devo fazer se eu concordar voluntariamente em participar da pesquisa?

Caso você aceite participar, será necessário sua assinatura, assentindo a pesquisa, bem como a assinatura do Termo de Consentimento dos responsáveis legais. Quanto as atividades didáticas e de pesquisa, você as desenvolverá normalmente, em sala de aula, conforme já mencionado. Tais atividades estão atreladas a um aprimoramento dos seus conhecimentos sobre os discursos de textos literários.

Se você ou os seus responsáveis tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o pesquisador responsável pelo estudo Élide Cristina de Carvalho Castilho ou sua orientadora Profa. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, pelo telefone (XX) XXXXX-XXXX.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, órgão consultivo, educativo e fiscalizador, constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos, que está localizado na Cidade Universitária, Avenida Costa e Silva Pinheiros, S/N, Bairro Universitário, CEP 79.070-110, Campo Grande, MS, telefone (67) 3345-7187, e-mail: bioetica@propp.ufms.br, ou diretamente com a pesquisadora no telefone (XX) XXXXX-XXXX ou e-mail elida.castilho@ifsp.edu.br.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu li e discuti com o pesquisador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste TERMO DE ASSENTIMENTO.

Data

Assinatura do Adolescente

Data

Assinatura do Pesquisador Responsável

Documento assinado eletronicamente por:

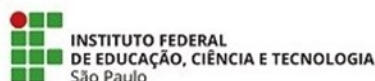
- Discente, em 05/10/2020 07:30:12.
- Elida Cristina de Carvalho Castilho, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 03/10/2020 14:48:35.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/10/2020. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifsp.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 102064
Código de Autenticação: 70587f626f



ANEXO D



TERMO 60/2020 - CLL-AVR/DAE-AVR/DRG-AVR/IFSP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (folha 1)

Seu filho(a) está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa, a princípio intitulado: “Poder e resistência *na e sobre* a construção da identidade de personagens marginalizados na obra “O Sol na Cabeça”, de Geovani Martins”, de responsabilidade da pesquisadora *Élida Cristina de Carvalho Castilho* e sua orientadora Profª. *Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento*. A pesquisa tem por objetivo geral descrever e interpretar o funcionamento discursivo das falas de personagens marginalizados na Literatura Contemporânea, tendo como referência os personagens jovens e adolescentes do livro de contos “O Sol na Cabeça”, do escritor periférico Geovani Martins.

Este estudo é necessário, porque embora existam alguns trabalhos na área dos estudos literários, estes são em sua maioria quantitativos e voltados a elementos estruturais narrativos e, por isso, há a escassez de pesquisa pelo viés discursivo, aqui proposto, que possa “(re)construir identidades” de personagens/sujeitos marginalizados em contraponto com uma memória/discurso social.

A participação de seu(s) filho(a) se dará por meio da *produção de um texto escrito* sobre um dos contos lidos da obra “O Sol na Cabeça”, entretanto, constará dos seguintes procedimentos para esse produto final: assistir à 01h/a de Língua Portuguesa e Literatura cuja temática será sobre Literatura Contemporânea – a Literatura Marginal e participar das atividades propostas de leitura e interpretação de um conto, que acontecerão durante as aulas do 3º ano do curso integrado em que está regularmente matriculado. Após a leitura, cada aluno/grupo deverá(ão) redigir um pequeno texto sobre a representação identitária de cada personagem/referente principais, respondendo, para tanto, a seguinte pergunta norteadora: *Após a leitura individual/coletiva do grupo, redigam breve texto sobre suas interpretações e reflexões sobre a construção identitária dos personagens principais do contolido.*

Caso seu(a) filho(a) aceite participar, os benefícios são contribuições para problematizar os discursos sobre as representações identitárias de personagens marginalizados, sejam elas nas brancas das páginas literárias, sejam na sociedade em geral, além do desenvolvimento de uma aprendizagem escolar mais crítica e reflexiva nos sentidos de aprimorar e reproduzir conhecimentos sobre os discursos de textos literários.

Os possíveis riscos à pesquisa poderão ser a exposição, inibição e/ou constrangimento à presença do pesquisador, bem como ao receio à incorreções gramaticais, de coesão e coerência, na elaboração da produção escrita. Caso esses riscos e/ou desconforto ocorram, serão orientados quanto à cientificidade da pesquisa que no momento da reprodução do material coletado, não leva em consideração desvios de normas e, que ao sinal de qualquer desconforto de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual imediato ou tardio, será atendido prontamente pela pesquisadora responsável, cabendo a ela as medidas necessárias para a resolução do problema, incluídas, caso necessário, encaminhamento do pesquisado à Coordenadoria Sócio-pedagógica do campus, para atendimento com uma junta multiprofissional, composta por pedagogos, psicólogo e assistente social.

A participação do seu(a) filho(a) é voluntária. Caso ele(a) opte, poderá retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo no seu atendimento e/ou tratamento e/ou rendimento escolar, estando apenas

obrigado a frequentar normalmente as aulas ministradas pelo(a) professor(a) da turma, que permanecerá em outro local/sala dentro das dependências do IFSP, Campus Avaré, dando continuidade ao conteúdo programático planejado ou na realização de outra atividade que julgar pertinente. Além disso, fica garantido ao participante não responder à pergunta norteadora ou não participar de momentos que possam causar-lhe constrangimentos de qualquer natureza. Quanto ao acesso aos resultados da pesquisa e ao registro do consentimento, sempre que solicitados, poderão ser requeridos pelos participantes.

A pesquisadora assegura o total sigilo e anonimato dos alunos participantes, uma vez que a intenção não será avaliar nem coletar dados a respeito da aprendizagem individual e nem coletiva, assim como também não serão tiradas fotos e nem realizadas gravações. A intenção é apenas descrever e analisar os discursos/textos produzidos pelos alunos sobre a representação identitária desses personagens marginalizados, possibilitando com isso, um olhar mais concreto e reflexivo sobre os personagens/sujeitos literários/sociais.

A presente pesquisa não terá nenhum custo ao participante e os dados coletados comporão o *corpus* da tese acadêmica da pesquisadora para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas, além de serem publicados pela pesquisadora em meio científico, na publicação de artigos e apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos, tanto no Brasil, quanto no exterior. Todos os dados ficarão na responsabilidade da pesquisadora, armazenados por até 05 (cinco) anos; findo este prazo, serão destruídos.

Este termo apresenta-se em três folhas, todas nomeadas e assinadas e impresso em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em poder do PARTICIPANTE ou de seu representante legal e a outra via em poder da pesquisadora responsável.

Vale ressaltar, que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, localizado na Cidade Universitária, Avenida Costa e Silva Pinheiros, S/N, Bairro Universitário, CEP 79.070-110, Campo Grande, MS. O CEP é um órgão consultivo, educativo e fiscalizador, composto por especialistas de áreas diferentes e representantes da população, cujo objetivo é proteger o bem-estar dos indivíduos pesquisados, estando credenciado para exercer suas finalidades junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde desde o dia 18 de março de 1997. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidos no telefone (67) 3345-7187, e-mail: bioetica@propp.ufms.br, ou diretamente com a pesquisadora no telefone (XX) XXXX-XXXX ou e-mail elida.castilho@ifsp.edu.br.

Penápolis, 03 de outubro de 2020

Assinatura do Pesquisador
Responsável

Assinatura do Participante da
Pesquisa

Documento assinado eletronicamente por:

- - Discente, em 05/10/2020 13:07:01.
- Elida Cristina de Carvalho Castilho, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 03/10/2020 14:30:05.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/10/2020. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifsp.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 102063
Código de Autenticação: 0fa2371b81



ANEXO E: Slides utilizados no momento de interação virtual:

A Literatura Contemporânea Brasileira: um olhar sobre a Literatura Marginal

**Semana de Arte Moderna
quase 100 anos depois...**

Quais as novas vozes literárias
hoje?

**A Literatura Contemporânea Brasileira:
um olhar sobre a Literatura Marginal**

“Quando o sistema, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa”. (FERREIRA)

EXCLUSÃO

palavra

SOL NA CABEÇA

GÉYRAS MARTINS

que é LITERATURA MARGINAL?

Muito obrigada!

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa, a princípio intitulado: "Poder e resistência na e sobre a construção da identidade de personagens marginalizados na obra "O Sol na Cabeça", de Geovani Martins", de responsabilidade da pesquisadora Elida Cristina de Carvalho Castilho e sua orientadora Profa. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento. A pesquisa tem por objetivo geral descrever e interpretar o funcionamento discursivo das falas de personagens marginalizados na Literatura Contemporânea, tendo como referência os personagens jovens e adolescentes do livro de contos "O Sol na Cabeça", do escritor periférico Geovani Martins.

Este estudo é necessário, porque embora existam alguns trabalhos na área dos estudos literários, estes são em sua maioria quantitativos e voltados a elementos estruturais narrativos e, por isso, há a escassez de pesquisa pelo viés qualitativo e discursivo, aqui proposto, que possa "(re)construir identidades" de personagens/sujeitos marginalizados em contraponto com uma memória/discurso social.

Outros olhares, outros discursos, novos conhecimentos!

Sua participação se dará por meio de produção de um texto/comentário escrito sobre um dos contos lidos da obra "O Sol na Cabeça", de Geovani Martins.

Caso aceite participar, os benefícios são contribuições para problematizar os discursos sobre as representações identitárias de personagens marginalizados, sejam elas nas brancuras das páginas literárias, sejam na sociedade em geral, além do desenvolvimento de uma aprendizagem literária mais crítica e reflexiva no sentido de aprimorar e produzir conhecimento sobre os discursos de textos literários.

A pesquisadora assegura o total sigilo e anonimato de todos alunos participantes, uma vez que a intenção não será avaliar nem coletar dados a respeito da aprendizagem individual e nem coletiva, assim como também não serão tiradas fotos e nem realizadas gravações. A intenção é apenas descrever e analisar os discursos/textos produzidos pelos alunos sobre a representação identitária desses personagens marginalizados, possibilitando com isso, um olhar mais concreto e reflexivo sobre os personagens/sujeitos literários/sociais.

- Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética/Parecer nº 4.006.574
- Contato: elida.castilho@ifsp.edu.br
- 18-99742-6395

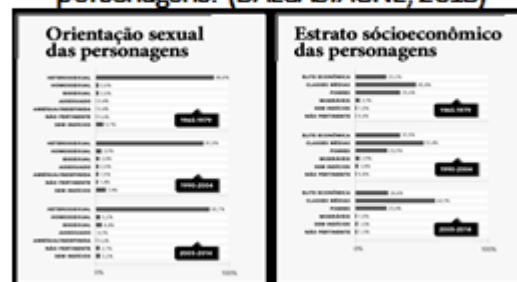
Em tempos de rupturas democráticas e de recrudescimento dos discursos fascistas – que se estabelecem contra os direitos dos trabalhadores, mas também das mulheres, dos negros, dos índios, dos moradores de periferia, da população LGBT, contra sua inserção social e contra suas formas de expressão – refletir sobre as possibilidades da literatura é um gesto mais do que urgente. Não porque se acredite ingenuamente que a literatura possa, por si mesma, promover a transformação da sociedade e da política, mas porque ela contribui, com sua força expressiva e com a legitimidade simbólica de que ainda desfruta, para construir o universo de discursos em que ocorrem nossos embates e nos quais fazemos nossas escolhas.

Por isso é tão necessária a discussão sobre os significados que a literatura pode adquirir quando manuseada por outras mãos e usada para contar outras experiências que não as da elite ou da classe média intelectualizada no Brasil. (DALCASTAGNE, 2017)

Você sabe quem é o sobre o que escreve o escritor brasileiro contemporâneo? (DALCASTAGNÈ, 2018)



Quem e como são representadas as personagens? (DALCASTAGNÈ, 2018)



A literatura brasileira e as novas vozes sociais: representação e legitimidade

LITERATURA MARGINAL

Entendida como a demarcação de um território no âmbito das produções artísticas, "uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas" (PERREZ, 2002).

Ocupando a margem, entre imposições e proposições: A LITERATURA MARGINAL CONTEMPORÂNEA

Mas, afinal, o que se entende aqui por "marginal"?

Consoante Dalcastagnè (2007, p. 20), marginalizados "são todos aqueles que, em sentido amplo, vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério".

O que é Literatura Marginal/Periférica?

Marco inicial: Publicação de obra "Cidade de Deus", de Paulo Lins (1997)

A LITERATURA MARGINAL caracteriza-se como a produção literária de obras/temas representativas de uma identidade e cultura periféricas que lhes é de pertencimento. Narrando experiências vividas, os autores lançam mão de sua própria vivência marginal para a produção de um discurso que une testemunho e ficção, resultando em um novo olhar, novas identidades, novos problemas para a representação, enfim, outros e tão importantes discursos.

Representatividade de grupos marginalizados: não se resume à honestidade da busca ao olhar do outro ou o respeito por suas peculiaridades, mas à diversidade de percepção do mundo/foco de pluralidade num campo discursivo marcado pela uniformidade na posição social de seus integrantes.

REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS MARGINALIZADOS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

"O SOL NA CABEÇA", A VOZ DE GEOVANI MARTINS

O sol carioca esquentou a prosa dos 13 contos que retratam a infância e adolescência de moradores de favelas cariocas como jameis foram retratados. O prazer dos banhos de mar, as brincadeiras de rua, a adrenalina da picheação, as paqueras são modulados tanto pela violência da polícia e do tráfico quanto pela discriminação racial indiferente no olhar da classe média amedrontada. Com a estreia de Geovani Martins (2018), a literatura brasileira encontra a voz de seu novo realismo.

Chegou a sua vez...

Após a leitura individual e/ou coletiva do conto selecionado, redija um breve texto sobre suas interpretações e reflexões sobre a construção identitária das personagens principais do conto lido. Como eles são apresentados/representados discursivamente?

ANEXO F: *Print* no momento de interação virtual

The screenshot displays a virtual meeting interface. On the left, a chat window titled "Bate-papo público" shows a list of participants and their messages. The messages include:

- Claudemir Moraes (10:07): Quanto tempo em prof
- Lorena (10:07): Bom dia
- Izabelle Borges Zeferino (10:07): bom dia
- maravilhososs
- Elida Cristina de Carvalho Castilho (10:08): Bom dia, pessoal!
- Elida Cristina de Carvalho Castilho (10:08): Vou precisar da ajuda e conhecimento de vcs!
- Jean Carlos da Silva Roveri (10:12): se quiserem, podem ligar
- Gabriel Natal (10:49): siim
- Marcos Bage (10:49): Agora sim kkk
- Pedro Colognesi (10:49): Sim

The main window shows a video conference with two participants: Elida Cristina de Carv... and Jean Carlos da Silva Roveri. A document titled "TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)" is displayed in the center of the screen. The document text includes:

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Título de Projeto: Poder e resistência na e sobre a construção da identidade de personagens masculinizadas na obra "O Sol na Cabeça", de Giovanni Marras
Pesquisador responsável: Elida Cristina de Carvalho Castilho
Orientadora responsável: Profa. Celina Aparecida Garcia de Souza Nogueira
Local do Projeto: Instituto Federal de São Paulo, campus Anápolis
Endereço do Prof. Celina Ferreira de Azeiteiro - Jardim Europa II, Jd. Anápolis - SP, 13.173-150

O que significa assentimento?
O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de sub-avontas, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações que você precisa para tomar decisões.
Pode ser que este documento descreva o TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contendo palavras que você não entende. Por favor, peça ao pesquisador pelo projeto ou a equipe do estudo para explicar quaisquer palavras ou informações que você não entenda claramente.

I. Pesquisa e procedimentos
Informação ao Participante

MEMORIAL DESCRITIVO

Em tempos de incertezas e de isolamentos... as “certezas” vem de velhos sonhos e boas companhias

Com este memorial descritivo, pretendo relatar minha trajetória profissional e acadêmica, no tocante ao que considero como os acontecimentos mais significativos desta minha caminhada até a culminância deste sonho profissional e pessoal – a tese de Doutorado.

Mas, antes de começar esse percurso, gostaria de situar minha vida familiar, por ser eles os responsáveis por entender minhas ausências, desejar-me boa sorte, entender minha necessidade de reclusão de horas e horas sentada em frente a um computador ou com algum livro na mão. Sou a filha caçula de duas irmãs, Elen e Elaine, essa última também professora, no nível da Educação Infantil. Meus pais, José e Rosineide, mesmo sem entender ao certo o tanto que estudo, sei que se orgulham de mim e vibram comigo em quaisquer de minhas conquistas e realizações acadêmicas.

A família que formei, meu esposo Ricardo e meu filho Heitor, é certamente a que mais sentiu essas minhas ausências. Como ninguém, respeitaram o meu tempo, por tantas vezes, sem a presença deles... Peço infinitas desculpas pelas ausências e momentos de nenhuma paciência... na certeza de que eles saibam o quanto os amo!

Sempre fui aquela da turma dos “bons alunos”. Sempre gostei de estudar e “brincar de escolinha”. Tanto eu quanto minhas irmãs ministrávamos aulas para nossas bonecas, com direito a caderneta de chamada, avaliações e tudo como manda o protocolo escolar.

Foi no Ensino Médio, na escola E.E. Adelino Peters, em Penápolis, que uma certa inclinação aos estudos de Linguagens e Ciências Humanas começaram a me subjetivar. Sobretudo pela presença de um professor de História, Jader, que pelo exemplo incondicional de profissional pela competência e postura, tornou-se, para mim, um exemplo a ser seguido. Na escola, acho que era a única aluna que esperava ansiosamente por suas aulas – ele era simplesmente maravilhoso. Dava aulas de maneira inovadora, bem diferente das cópias intermináveis de livros dos outros professores da área. Escrevia tópicos na lousa e os explicava de maneira genial. Lembro-me que meu caderno era cheio de anotações, não perdia uma única palavra que saia de sua boca, pois achava que tudo que ele falava era interessante. Com sua metodologia diferente para a época, é certo que os alunos acostumados com avaliações de perguntas e respostas

simplórias, objetivas, se viram perdido diante de avaliações que nos pediam mini dissertações. Adorava escrever em suas provas e eram raras, às vezes, em que não tirava nota máxima. Recordo-me que na última prova, já no final do terceiro ano, tomei coragem e fui até a sala dos professores perguntar se ele tinha corrigido a prova final e se poderia entregá-la a mim. Enquanto procurava minha prova, perguntou-me de maneira bem seca se já sabia qual profissão iria escolher. Respondi-lhe que estava pensando em cursar Letras. Nesse momento ele me entregou a prova – mais outro A, e com um leve sorriso me disse: “Boa escolha, pelo menos escrever você sabe.” Dada à origem dessa afirmação – o seu Jader – fiquei mais confiante em minha escolha profissional, embora no momento da escolha do curso, no ato da inscrição do vestibular, titubeei – Letras ou História, essa, com certeza, por causa dele. O campo profissional e meu desejo de aprender/conhecer línguas falaram mais alto e optei, sem arrependimentos, pelo curso de Letras, Campus de Assis, da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Convocada na primeira chamada era agora uma “unespiana” e, orgulhosa de minha conquista, parti para cidade de Assis. Lá, tive meu primeiro contato com a língua espanhola e “*de pronto me enamoré de ella*”. Aprendi a gostar da cultura, da sonoridade do idioma e me encantava pronunciá-la. Com os estudos de literatura, também, sempre tive muito prazer em conhecê-los e, com relação aos estudos de linguística, naquele momento, não me chamavam muito atenção.

Inicialmente, foram os estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas os que mais me atraíam na graduação, embora, hoje tenha consciência do quanto trabalhávamos e estudávamos sobre o ponto de vista de uma Linguística Aplicada de aplicação de teoria. No final do terceiro ano, fomos a um congresso sobre língua espanhola na cidade de Rosário, Argentina. O congresso principal, o *III Congreso Internacional de la Lengua Española*, organizado pelos Instituto Cervantes e a Real Academia Española, inclusive com a presença do rei espanhol Juan Carlos.

Esse congresso contou com centenas de especialistas em língua e cultura e por esse motivo era bem caro para participar. Nós, estudantes, participamos de um congresso paralelo a esse, o *I Congreso de laS LenguaS*, que tinha como principal objetivo promover a questão da pluralidade linguística e cultural das línguas espanholas. Aberto ao público, mostrou-se uma resistência ao famoso *Congreso Internacional* e contou com a participação ilustre do prêmio Nobel de Literatura, José Saramago, convidado de honra do congresso internacional, mas que ao saber dos propósitos do

Congreso de laS LenguaS falou aos convidados sobre a importância de um pluralismo linguístico e cultural. Já adorava literatura e, agora, podendo escutar e ver Saramago, fiquei ainda mais encantada.

Ao retornar desse congresso, comecei a participar ativamente de outros eventos, nesse primeiro momento acadêmico e profissional, mais voltados ao ensino de língua espanhola, sobretudo, os cursos e palestras oferecidos pelo Instituto Cervantes de São Paulo. Depois de formada, continuei a participar de cursos voltados ao ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), tanto nacionais quanto internacionais – Argentina e Uruguai. Essa curiosidade por aprender sempre mais, estar em contato com a produção científico-acadêmica de minha área de atuação, fez com que eu estabelecesse como meta profissional e pessoal a participação em, pelo menos, dois eventos da minha área por ano, sobretudo, pela necessidade do momento de profissionais capacitados, diante do amplo mercado de professores de língua espanhola, pela promulgação da lei, em 2005, ano da conclusão do meu curso de graduação, da Lei do Espanhol¹⁹².

Essas participações despertaram em mim o desejo de dar continuidade aos meus estudos e, depois de dois anos de formada, decidi participar do processo de seleção para um curso de especialização, modalidade *Lato Sensu*, de Ensino de Línguas Estrangeiras pela Universidade Estadual de Londrina. Aprovada, iniciei o curso em 2008. Foi um ano de muita aprendizagem e determinação, já que o curso acontecia todos os sábados, depois de uma semana inteira de trabalho, em uma jornada de 40 horas entre escola particular, rede pública de ensino e Centro de Estudos de Línguas, também estadual. Claro, tudo isso trabalhando a cinquenta quilômetros de casa – na vizinha cidade de Araçatuba e “pegando” estrada para Londrina, só a 340 quilômetros para ir e mais 340 quilômetros para voltar. Um esforço totalmente recompensado.

Aprovada em concurso público no Centro Paula Souza, exonerei meu cargo na Secretaria de Educação, deixei de ministrar aulas em escolas particulares e passei a dedicar-me ao novo desafio profissional, agora, sobretudo, ministrando aulas de língua portuguesa. Nesse período, trabalhando mais de perto com a língua e literatura brasileira, o desejo de conhecer mais sobre o funcionamento da linguagem fez com que em mim, reacendesse o desejo de aperfeiçoar-me ainda mais. Percebi, novamente, que

¹⁹² Conhecida como a Lei do Espanhol, a Lei 11.161/05 tornava a oferta de língua espanhola obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, nos currículos plenos do ensino médio. Foi revogada pela Lei 13.415/2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm> Acesso em: 23 de fev. de 2021.

estava na hora de dar continuidade em meus estudos e partir para um desafio, um sonho, para mim, naquele momento, muito desejado – o *Strictu Sensu*.

Inicialmente pensei em tentar a seleção na UEL, universidade em que tinha realizado a especialização, inclusive fui bem incentivada pelos meus antigos mestres e doutores, mas a distância era um fator negativo, principalmente, que não disporia de muito tempo, uma vez que teria que conciliar o trabalho, os estudos, a família e meu pequenino – Heitor, de apenas dois anos. Conversando com uma amiga – também professora de língua espanhola, falei sobre meu desejo de “tentar o mestrado” e ela, aluna regularmente matriculada no Programa de Três Lagoas, sugeriu que cursasse na modalidade de aluno especial.

Acessando a página do curso, vi que as inscrições para o processo seletivo de 2014 estavam abertas e resolvi tentar participar da seleção como aluna regular. Listei os livros da referência sugerida e, após as compras dos exemplares, iniciei uma leitura exaustiva e fichada de quase todos eles. Foram quarenta dias de muitas leituras, muito conhecimento novo – principalmente os relacionados à Análise do Discurso, e no final, uma enorme conquista. O sonho do Mestrado estava se tornando uma realidade.

Durante os dois anos do Mestrado, procurei participar de eventos na área para que pudesse estar mais próxima possível dos estudos relativos aos meus interesses de pesquisa, como a Linguística Aplicada e a Análise do Discurso. Ficava muito feliz quando, no envio de algum trabalho, sempre vinha a carta de aceite, indicando-me que estava no caminho certo. Num total foram sete participações com apresentação de trabalhos em eventos nacionais e internacionais, com direito a conhecer e apresentar meu primeiro trabalho na USP, no II CIED, em agosto de 2014, com a presença de Patrick Charaudeau. A apresentação em espanhol na VII Jornadas Internacionales de Investigación en Filología y Linguística, em La Plata, Argentina, em abril de 2015 e a participação no VII SEAD, Recife, em outubro de 2015, também foram acontecimentos acadêmicos do Mestrado, para mim, muito importantes.

Em março de 2016, sob a orientação da professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, defendi a dissertação, intitulada *Olhar discursivo sobre língua e sujeito: alunos de língua espanhola do Mato Grosso do Sul*.

Após a defesa, pelo fato de meu filho ser pequeno, os deslocamentos diários para trabalhar e pela carga horária de trabalho aumentada agora pelo cargo de coordenadora na escola onde trabalhava, decidi “encerrar” minhas aspirações às outras titulações. Como já dito, o título de Mestra, era um sonho, uma realização, talvez até mais pessoal

que profissional e/ou acadêmica.

Mas os caminhos são incertos, muitas “(in)certezas” de um dado momento histórico, podem ser repensadas. Trabalhando há oito anos nessa escola, com cargo efetivo, em um ambiente de trabalho e alunos maravilhosos, nunca imaginaria que pudesse partir para outro desafio e, que desafio!

Em 2014, mais por insistência de um colega de trabalho, um senhor que tinha um filho que trabalhava no Instituto Federal de Rondônia que, por vontade e/ou desejo de trabalhar na rede federal, prestei, o concurso público para o cargo de professor de educação básica, técnica e tecnológica (EBTT), na vaga de língua espanhola, para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. A prova foi em Presidente Epitácio e, aprovada, para a segunda fase, fui para o campus Reitoria em São Paulo para prestar a prova didática e de títulos.

Confesso que estava muito nervosa, não tinha muita noção do que seria trabalhar em uma rede federal de educação e, diante, no dia da prova em São Paulo, de tantos concorrentes, com tantas titulações, dei uma maior dimensão para esse concurso. Confesso que não fui nada bem na prova didática, estava muito nervosa e fiquei muito insegura, principalmente, quando percebi que a grande maioria dos candidatos tinham preparado aulas com recursos audiovisuais e eu, com lousa e giz.

Mesmo com a insegurança da prova didática, fui aprovada, mas como só tinha uma vaga para o cargo, imediatamente, fui para uma lista de espera geral. Em junho de 2016, exatamente, quase dois anos após a aprovação do concurso, fui convocada para assumir o cargo. A decisão teria que ser imediata, pois o concurso “caducaria” em menos de 20 dias. Foi uma mistura de sentimentos, já que, como já dito, não me imaginava não mais trabalhando na ETEC de ARAÇATUBA.

Com o apoio de minha família, sobretudo de minha mãe e de meu marido, tomei a decisão de assumir o cargo, em 23 de junho de 2016. Trabalharia no campus Avaré, distante 290km da minha casa. Nesse primeiro ano, saía de Penápolis às segundas-feiras e retornava na quinta, na hora do almoço. A distância e a saudade, sobretudo, do meu filho, com cinco anos à época, foram obstáculos que, muitas vezes, pensei que não conseguisse transpor, além das inseguranças iniciais, de não achar que estaria preparada para assumir tal cargo.

O ambiente de trabalho e as condições oferecidas para toda a comunidade escolar no IFSP são únicas, diferente de todas as instituições em que trabalhei, principalmente, no que diz respeito à valorização da capacitação profissional do corpo

docente, formado, em sua maioria, por mestre e doutores. A organização curricular dos cursos oferecem muitas oportunidades para que se desenvolva pesquisas, projetos de ensino e de extensão com os alunos. Dava aulas para os alunos do Ensino Médio integrado aos cursos técnicos de Agroindústria, Lazer e Mecatrônica. Com a implantação do curso superior em Letras, Português/Espanhol, em 2017, ministrei por dois semestres as disciplinas de Teoria Literária e Crítica Literária.

A direção do campus, sempre que solicitada pelos professores, autorizava atividades de capacitação externa docente. Esse apoio à capacitação e o contato com professores doutores, encorajou-me a dar mais um passo – tentar a prova do doutorado. Decidi concorrer a uma vaga (única ofertada pela docente) sob a orientação de minha professora do mestrado, a professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento. Ao pensar no projeto, não consegui pensar em nada que não fosse na união de dois velhos amores acadêmicos e profissionais – os estudos discursivos, que eu aprendi a amar, sobretudo, no Mestrado e a literatura, que desde a graduação já me encantava.

Propus como tema de projeto um estudo sobre as identidades de personagens marginalizados pelo texto/discurso literário da escola Romântica Brasileira, uma vez que pensava em trabalhar com algo relacionado entre subjetividades e texto literário. Após a aprovação, meses depois, em um encontro de orientação e da realização de algumas pesquisas sobre o estado da arte do tema proposto, decidimos que talvez trabalhar com textos da contemporaneidade pudesse ser algo mais original e significativo para pensar os sujeitos, os discursos e a sociedade atuais.

Nessas pesquisas sobre o estado da arte de personagens marginalizados na literatura, deparei-me com o lançamento do livro *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins, recém lançado, em março de 2018. No site da editora estava (e ainda está) disponível o primeiro conto da obra, *Rolézim*, fiz a leitura e, de imediato, dado a temática que abordava, os dilemas humanos de jovens de uma comunidade carioca e as formas de subjetivação desses jovens pela perspectiva de um autor, também Marginal¹⁹³, percebi que poderia ser um objeto de investigação bem pertinente e, sobretudo, atual.

Falei sobre a obra para a orientadora e, juntas, decidimos que o objeto investigativo estava escolhido, agora, só nos restava estabelecer como o analisáramos. Depois de alguns dias, decidimos também que o corpus também se constituiria de interpretações, produções escritas sobre esses contos, pela perspectiva de um grupo de

¹⁹³ Com letra maiúscula para fazer referência a considerada Literatura Marginal contemporânea da qual o autor faz parte.

alunos-leitores. Nessa constituição do corpus, o objetivo investigativo, desde o início, foi de analisar como as formações subjetivas eram construídas no e pelo dizer de seus enunciadores.

No ano de 2017 e no início de 2018, cursei disciplinas como aluna especial na Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, com a professora Dra. Vanice Sargentini, pesquisadora com larga experiência na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Análise do Discurso. A disciplina *Tópicos Especiais: Presenças de Foucault na Análise do Discurso* foi ministrada de maneira multidisciplinar, com a presença de outros professores pesquisadores da área da AD com diálogos muito próximos com os estudos a partir de Foucault, dentre eles Claudio Piovezan (UFSCAR), Luzmara Curcino (UFMG), Pedro Navarro (UEM) e a professora Dra. Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara). Essa última, com quem, agora como aluno vínculo cursei uma “disciplina condensada” *Tópicos Especiais: Teorias do discurso: língua, sujeito, histórico-social*, em março de 2018. A professora Gregolin dispensa apresentações, considerada, no Brasil, uma das grandes pesquisadoras dos Estudos Foucaultianos do Discurso, com produções que muito contribuem para entender como os poderes se emaranham pelas malhas do discurso.

Como ainda estava trabalhando em Avaré, no primeiro ano do doutorado não consegui, por conta da distância, 550km (ida e volta) e de Penápolis a Três Lagoas, 400km, conciliar os horários para a realização das disciplinas. Como tinha os créditos das disciplinas cursadas em outros programas, matriculei-me, no primeiro semestre, apenas na disciplina ofertada pela professora Dra. Vânia Lescano Guerra: *Tópicos Especiais: A perspectiva discursivo-desconstrutiva em Linguística Aplicada - Foucault, Derrida e Lacan*, em que pude ter um maior contato com as discussões articuladas desses três pensadores desconstrutores e que de maneira teórico-metodológica embasaram o meu trabalho de tese.

No segundo semestre, cursei a disciplina ministrada pelas queridas professoras Dra. Celina e Dra. Claudete Cameschi de Souza, *Seminários Avançados em Estudos de Linguagem: Marcas de Subjetividade na Linguagem*. A disciplina foi um divisor de águas para minhas reflexões sobre as questões de subjetividade na linguagem, com a apresentação e discussão de textos teóricos sobre o tema que começaram a pautar muitas de minhas produções e reflexões. No final desse ano, em 17 de dezembro, fui contemplada em processo interno no IFSP, com o afastamento para capacitação em nível de Doutorado, afastando-me de minhas atividades docentes para dedicar-me aos

estudos, com previsão de retorno para março de 2022, assim que defender a tese.

Ao longo desse percurso de obtenção de créditos em disciplinas, mantive meu empenho e gosto pessoal, profissional e, sobretudo, acadêmico de estar, sempre que possível, em contato com as discussões sobre os estudos discursivos da linguagem e também sobre temas relacionados à Linguística Aplicada. Mesmo antes de ingressar no Doutorado, no ano de 2017, continuava a apresentar alguns desdobramentos de minha dissertação de Mestrado tanto em eventos no Brasil, quanto em outros países, com destaque para os trabalhos apresentados na Argentina, *Las prácticas discursivas periodísticas sobre Lengua y Sujeto: aprender lengua extranjera em Brasil*, uma adaptação de um artigo produzido na disciplina de Análise do Discurso, no Mestrado e um trabalho no Chile, *Literatura y cine – relaciones de sentido de lectura para la enseñanza secundaria*, mais voltado para discutir o discurso literário na e sobre a minha prática docente como professora coordenadora de um projeto de ensino – Literatura e Cinema, desenvolvido no IFSP, Campus Avaré onde era professora.

Já no Doutorado, em 2018, participei como comunicadora na apresentação de desdobramentos iniciais de meu projeto em diversos eventos no Brasil e um em Portugal, propondo reflexões sobre questões relacionadas aos sujeitos e subjetividades no e sobre o discurso literário de Geovani Martins. Com trabalhos apresentados e publicações de artigos completos em Anais de eventos como: V Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários – CIELLI, em Maringá/PR; III Simpósio de Educação e Inovação e III Simpósio em Currículo e Inovação, organizado pelo IFPR, Campus Jacarezinho/PR; IX Seminário de Pesquisa – SEPIDIS, IEL/Unicamp; V Colóquio Internacional de Análise do Discurso, em São Carlos/SP e III Jornadas Internacionais de Análise do Discurso e III Congresso Internacional de Estudos do Discurso, realizado na Universidade do Porto, em Portugal.

Além da apresentação desses trabalhos, também, participei como organizadora, professora orientadora e palestrante em três eventos das Jornadas de Letras do IFSP Campus Avaré, que no último ano, em 2020, devido à pandemia, em seu formato online recebeu mais de 2000 inscritos e mais de 500 apresentações. No primeiro ano da realização do evento, ministrei o minicurso *Análise do Discurso três épocas: passado, presente e futuro*, em 2019, o minicurso *Literatura e Exclusão: representações de personagens marginalizados na Literatura Brasileira Contemporânea* e em 2020, como membro da mesa redonda intitulada *Vozes periféricas na literatura brasileira*, discutindo com outros colegas professores do campo literário, estudantes da USP e

Universidade de Coimbra e o poeta convidado, Marginal, Márcio Vidal Marinho, como os estudos discursivos são um campo fecundo de aproximações para entender os discursos de textos de autoria marginal/periférica.

Para concluir os créditos, cursei as disciplinas nos anos seguintes, 2019 e 2020 de *Teorias da Linguagem, Tópicos de Teoria e Análise Linguística e Trabalho de Campo*. Em todas elas, o conhecimento e contato com as teorias linguísticas só contribuíram para que essa tese fosse realizada.

Com a colaboração de outros colegas de profissão e de afinidades acadêmicas, publicamos, em 2019, os membros do grupo de pesquisa formado no IFSP, Campus Avaré, o livro *Interdisciplinaridade: pesquisa e ensino*, com selo da editora Pedro & João, com o capítulo *Análise do Discurso e Ensinoaprendizagem de línguas: a emergência atual de sujeitos e subjetividades nas pesquisas*. Também em 2019, pude contribuir com o artigo *Mídia e Subjetividade: as representações de sujeitoaprendiz de línguas*, na publicação *Práticas de Linguagens e Ensino de Línguas e Literatura*, pela editora CRV, de Curitiba.

Em 2019, em companhia de minha orientadora, a professora Celina, apresentamos o trabalho *Sujeitos e subjetividades no e pelo discurso literário* no Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, em Porto de Galinhas/PE. Além dessa apresentação e evento memoráveis, também apresentei os estudos realizados até aqui do meu projeto no *Arqueologia do saber: 50 anos - (Re)Ler a Arqueologia do Saber nos Estudos Discursivos da Linguagem*, em Maringá/PR e a apresentação de pôster no *IX - SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, em Recife/PE.

As publicações na revista *Metalinguagens*, do IFSP, Campus São Paulo e na *Linguasagem*, periódico da UFSCAR, também, foram momentos acadêmicos de grande alegria para mim.

Enfim, chegamos ao ano de 2020, o ano atípico, de grandes desafios para toda a população mundial devido à pandemia de COVID-19. Com os eventos presenciais cancelados, os eventos online entraram em cena e pude participar de muitos deles: sobre literatura (Seminário A Escrivência de Conceição Evaristo; Semana Literária PUCPR; O papel do campo literário na BNCC: problematizações e ações didáticas e PROLER 2020 Ler, ver e ouvir literatura hoje) e, sobretudo, de Linguística (XXXV Encontro Nacional da ANPOLL ENANPOLL; Discurso, Sujeito e (Pós) verdade nas mídias contemporâneas; urso de curta duração em XXXV Encontro Nacional ANPOLL Materialismo lacaniano aplicado à literatura e Literatura e Psicanálise: o torto da

escrita.). Participei também de forma remota e como avaliadora do Integra Online UFMS e da apresentação de trabalho no evento *Latinidades - Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços: Cultura, arte, literatura e educação*, promovido pelo Centro Latino-Americano de Estudos da Cultura/Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Com as incertezas dos novos tempos, do novo normal, no ano de 2020, começava a etapa mais solitária – a escrita da tese. Em meio a pedidos de ajuda com atividades online de meu filho, telefonemas e reuniões de meu marido, também, trabalhando remotamente em casa e a companhia inseparável de minha companheirinha de 15 aninhos, a Neguinha, que no ano passou por três cirurgias, estou eu mais uma vez, sobretudo, nas madrugadas e nas tardes reclusas no escritório, realizando um sonho, na certeza de que a carreira acadêmica não só me faz uma profissional melhor, mas, e, principalmente, uma pessoa melhor, que busca compreender que os discursos, os efeitos do dizer, sobretudo, na sociedade, não são apenas expressões linguageiras.